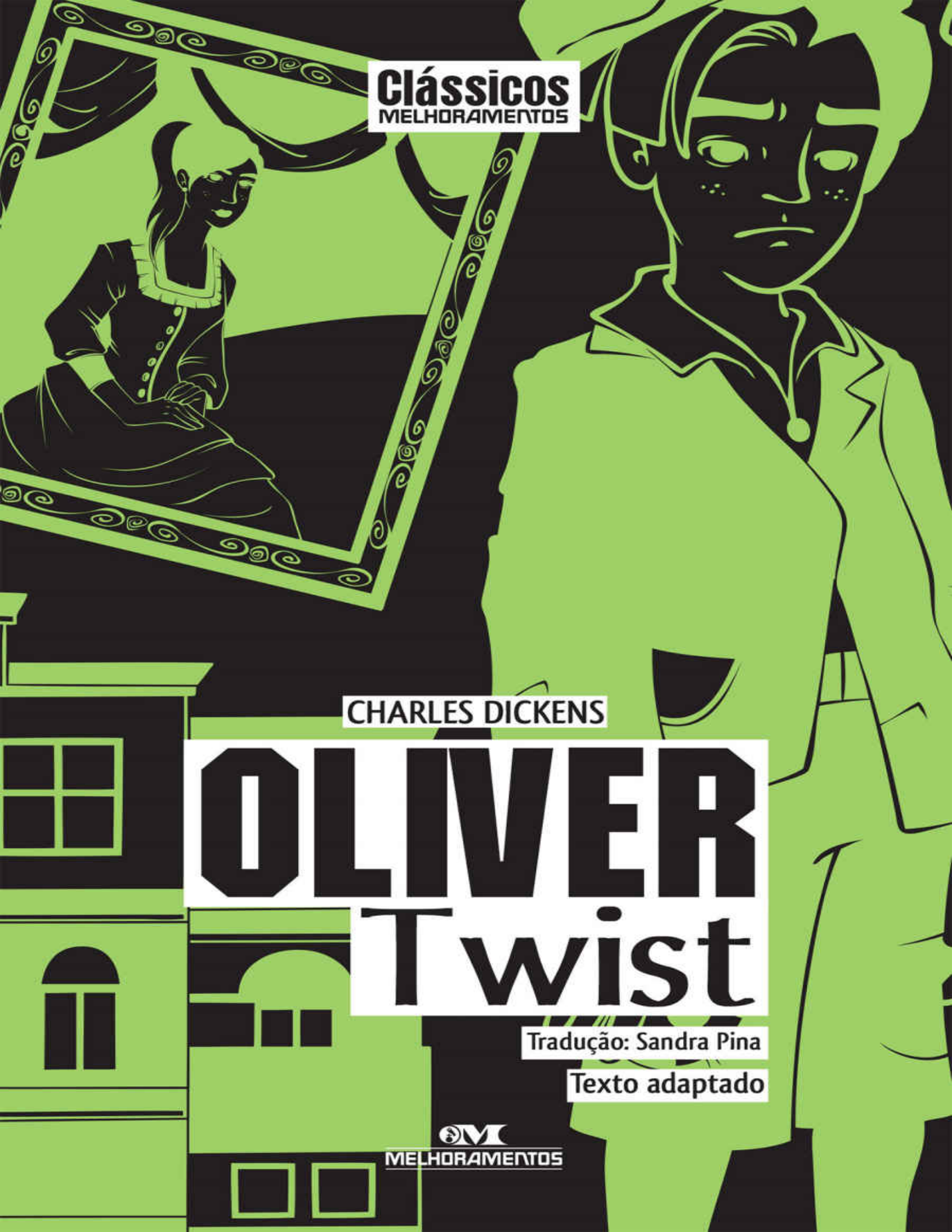


CHARLES DICKENS

OLIVER Twist

Tradução: Sandra Pina

Texto adaptado

MELHORAMENTOS

CHARLES DICKENS

OLIVER TWIST

Sumário

1. Sobre o lugar e as circunstâncias do nascimento de Oliver Twist

2. Sobre a infância, educação e alimentação de Oliver Twist

3. Conta como Oliver Twist estava muito perto de conseguir um trabalho

4. Sendo oferecido em outro lugar, Oliver entra na vida pública

5. Oliver conhece novos parceiros e vai a um funeral pela primeira vez

6. Oliver irrita-se com as provocações de Noah e parte para a ação

7. Oliver continua insubmisso

8. Oliver vai para Londres e encontra na estrada um estranho jovem

9. Algumas particularidades sobre o cavalheiro e seus prestativos pupilos

10. Oliver conhece melhor seus novos amigos e paga um alto preço por isso: um Capítulo curto, mas importante

11. Sobre o magistrado Sr. Fang e uma mostra de seu modo de aplicar a justiça

12. Quando Oliver foi tratado como nunca antes em sua vida; e a narrativa volta para o velho e seus jovens amigos

13. Alguns novos personagens são apresentados ao leitor

14. Informações sobre a estadia de Oliver na casa do Sr. Brownlow e a previsão feita pelo Sr. Grimwig quando o menino saiu em uma missão

15. Mostra o quanto o Judeu e Nancy estavam afeiçoando-se a Oliver

16. O que aconteceu a Oliver Twist após ter sido capturado por Nancy

17. O destino desfavorável de Oliver traz um grande homem a Londres para manchar sua reputação

18. Como Oliver passou o tempo na companhia de seus respeitáveis amigos

19. Onde um plano notável é discutido e traçado

20. No qual Oliver é entregue ao Sr. William Sikes

21. A expedição

22. O assalto

23. Relata uma conversa entre o Sr. Bumble e uma senhora

24. Um assunto breve e que talvez seja importante para esta história

25. Onde esta história volta para o Sr. Fagin e companhia

26. Um misterioso personagem aparece e muitas coisas, imprescindíveis, acontecem

27. Repara a indelicadeza de um Capítulo anterior em que uma senhora saiu sem a menor cerimônia

28. Cuida de Oliver e prossegue com suas aventuras

29. Faz uma apresentação dos moradores da casa onde Oliver se refugiou

30. Relata o que os novos conhecidos de Oliver pensam sobre ele

31. Envolve uma situação crítica

32. Sobre a vida feliz que Oliver começa a levar com seus bondosos amigos

33. Quando a felicidade de Oliver e seus amigos é posta à prova

34. Algumas particularidades do jovem cavalheiro que agora chega à cena e uma nova aventura que aconteceu com Oliver

35. O resultado insatisfatório da aventura de Oliver e uma conversa importante entre Harry Maylie e Rose

36. É bem pequeno e pode parecer sem importância, mas é uma chave para o que se seguirá quando chegar a hora

37. Em que o leitor poderá perceber um contraste não incomum no matrimônio

38. O que aconteceu entre o Sr. e a Sra. Bumble e o Sr. Monks durante seu encontro noturno

39. Mostra como Monks e Fagin associaram-se

40. Uma conversa estranha que é sequência do Capítulo anterior

41. Contém novas descobertas e mostra que surpresas, assim como infortúnios, nunca vêm sozinhas

42. Um velho conhecido de Oliver torna-se uma figura pública na metrópole

43. Onde é mostrado como o Trapaceiro Astuto meteu-se em problemas

44. Chega a hora de Nancy cumprir sua promessa a Rose Maylie, e ela falha

45. Noah Claypole é usado por Fagin em uma missão secreta

46. O encontro mantido

47. Consequências fatais

48. A fuga de Sikes

49. Monks e o Sr. Brownlow finalmente se encontram: a conversa e a informação que a interrompeu

50. Perseguição e fuga

51. A explicação para mais de um mistério e uma proposta de casamento sem dote ou dinheiro

52. A última noite de Fagin

53. Finalmente

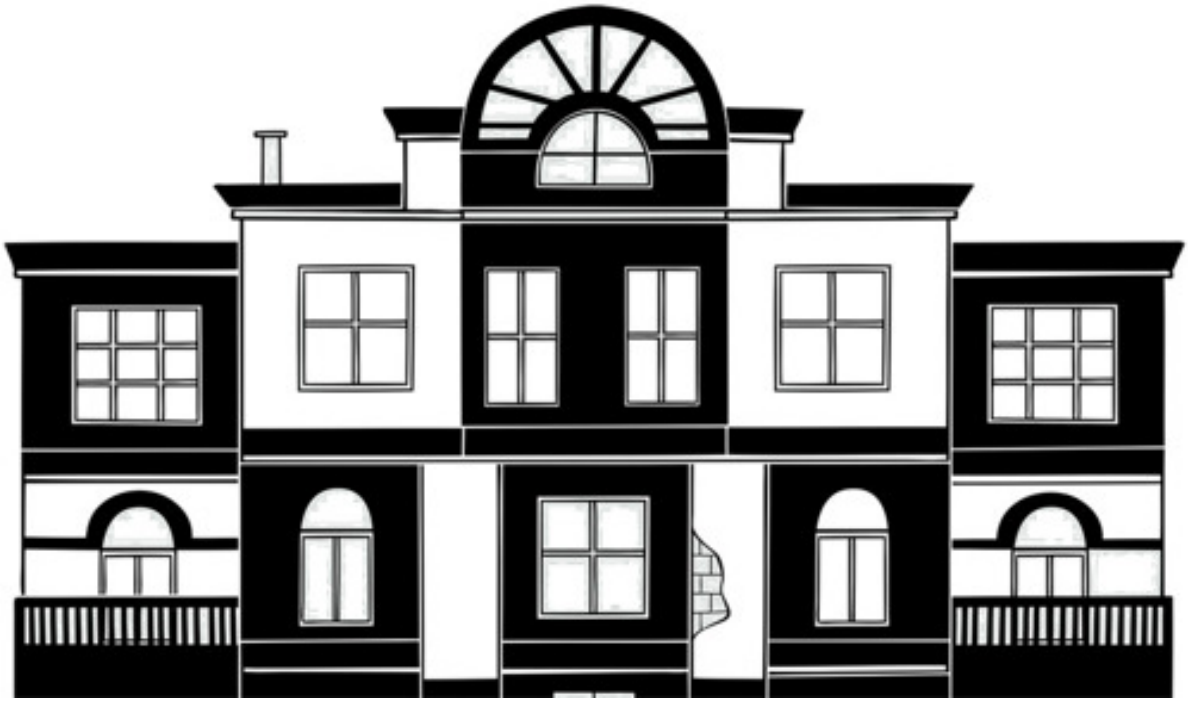
Notas da tradução

Momento histórico

Momento literário

Créditos

CAPÍTULO 1
Sobre o lugar e as circunstâncias do nascimento de Oliver Twist



Entre os prédios públicos de determinada cidade havia um abrigo, uma casa de cuidados onde nasceu o ser cujo nome se encontra no título deste capítulo.

Por muito tempo depois de ter chegado a este mundo pelas mãos do médico da paróquia, permaneceu a dúvida se a criança iria sobreviver, pois houve dificuldade para induzir Oliver Twist a respirar por si mesmo. Mas Oliver acabou respirando, espirrando e alertando para o fato de que um novo fardo estava se impondo à paróquia ao chorar mais alto do que seria esperado de um bebê.

Então o rosto pálido de uma jovem mulher ergueu-se com dificuldade do travesseiro, e uma voz fraca articulou com dificuldade: “Deixe-me ver a criança e morrer”.

– Ah, você não deve falar sobre morte – disse o médico.

– Santo Deus, não! – completou a enfermeira.

O médico colocou a criança em seus braços. A moça tocou seus lábios frios na testa do bebê, acariciou sua face, estremeceu e caiu para trás, morta. Eles massagearam seu peito, mãos e têmporas, mas o sangue estava parado para sempre.

– Está acabado, Sra. Thingummy! Era uma garota bonita, de onde veio?

– Foi trazida ontem à noite – respondeu a velha. – Encontraram-na caída na rua. Deve ter andado muito, porque seus sapatos estavam em pedaços, mas, de onde veio, ninguém sabe.

O médico se inclinou sobre o corpo e ergueu a mão esquerda.

– A velha história – disse, balançando a cabeça. – Sem aliança de casamento. Boa noite!

O cavalheiro saiu para jantar, e a enfermeira, depois de dar um gole numa garrafa verde, sentou-se numa cadeira baixa em frente ao fogo e começou a vestir a criança.

Embrulhado no cobertor, Oliver poderia ser o filho de um nobre ou de um mendigo. Mas, agora que estava vestido com roupas de chita amareladas pelo uso, marcadas e etiquetadas, fora colocado de vez em seu lugar: um órfão de um abrigo a ser maltratado pelo mundo.

Oliver chorou com força. Se soubesse que era um órfão deixado à mercê dos curadores da igreja, talvez tivesse chorado com mais força ainda.

CAPÍTULO 2
Sobre a infância, educação e alimentação de Oliver Twist

Oito ou dez meses depois, as autoridades paroquiais resolveram que Oliver Twist deveria ser despachado para uma sucursal do abrigo a umas três milhas de distância, onde ficaria sob a custódia de uma mulher que recebia as crianças em troca de sete *pence*[1] e meio por semana por cabeça. Esse valor semanal representa uma boa alimentação para uma criança.

Mas a senhora era uma mulher de sabedoria, então apropriava-se da maior parte da contribuição em benefício próprio, e fazia as crianças subsistirem com a menor porção possível da comida mais rala imaginável. E, a cada oito entre dez casos, adoeciam de fome e frio, ou caíam no fogo por fraqueza.

Em seu nono aniversário, Oliver Twist estava pálido e magro, mas fez uma pequena festa no depósito de carvão com outros dois jovens onde haviam sido trancados pela Sra. Mann, após uma terrível surra. Entretanto, a boa senhora foi surpreendida pela aparição do Sr. Bumble, o bedel.

– Santo Deus! É o Sr. Bumble? – disse a Sra. Mann, colocando a cabeça para fora da janela com uma falsa expressão de alegria. – Que satisfação!

O Sr. Bumble era um homem gordo e mal-humorado.

– Sra. Mann – falou –, venho a trabalho.

A Sra. Mann levou o bedel até uma pequena saleta, ofereceu-lhe assento e, com uma atitude serviçal, colocou seu chapéu de três pontas e bengala sobre a mesa em frente.

– O senhor fez uma longa caminhada, não precisa de algo para beber, Sr. Bumble? – falou a Sra. Mann docemente. – Apenas um gole, com um pouco de água gelada e um torrão de açúcar.

– O que é isso?

– É algo que dou aos queridos meninos quando não estão bem, Sr. Bumble – ela respondeu. – É gim.

– A senhora dá gim às crianças? – questionou o homem.

– Ah, louvado seja Deus, dou, sim – respondeu a enfermeira. – Não poderia vê-los sofrendo, o senhor sabe.

– É uma mulher humanitária, Sra. Mann... Vou mencionar isso ao conselho na primeira oportunidade. A senhora parece uma mãe. – Ele mexeu o gim com água e engoliu metade. – E agora ao trabalho. O garoto Oliver Twist completa nove anos de idade hoje. E, apesar da oferta de recompensa de dez libras – falou o Sr. Bumble –, nunca conseguimos descobrir quem é o seu pai, a origem, o nome ou a condição de sua mãe.

A Sra. Mann levantou as mãos com surpresa, mas acrescentou, após um momento de reflexão:

– Como pode então ter um nome?

– Eu inventei. Damos nomes aos nossos órfãos em ordem alfabética. O último tinha sido um S, dei-lhe o nome de Swubble. E então era o T, de Twist. Eu escolhi o nome dele.

– O senhor é tão letrado, Sr. Bumble! – comentou a Sra. Mann.

– Bem – replicou, satisfeito com o elogio –, talvez eu seja. – E acrescentou. – Sendo Oliver agora muito velho para permanecer aqui, o conselho determinou que deve voltar à casa. Vim para levá-lo.

– Vou buscar o menino – disse a mulher saindo.

Tendo Oliver já conseguido remover o máximo possível da sujeira que estava incrustada em sua face e mãos, foi levado para a sala.

– Irá comigo, Oliver? – disse o Sr. Bumble, com voz majestosa.

Oliver estava pronto a dizer que iria com qualquer um, quando viu o punho da enfermeira balançando furiosamente. Entendeu a ameaça, pois aquele punho tinha muitas vezes deixado impressões em seu corpo.

– Ela vai? – perguntou o pobre Oliver.

– Não, ela não pode – respondeu o Sr. Bumble. – Mas irá visitá-lo quando puder.

Isso não era um grande consolo para a criança, mas teve bom-senso suficiente para se fingir triste por partir. Não foi difícil ao garoto provocar lágrimas em seus próprios olhos. A fome e os maus-tratos eram de grande utilidade quando se quer chorar. A Sra. Mann deu-lhe milhares de abraços e um pedaço de pão com manteiga para não parecer tão faminto quando chegasse ao abrigo. E o menino foi levado pelo Sr.

Bumble para longe daquela casa miserável, onde nunca ouviu uma palavra amiga ou um olhar bondoso. Desolado por deixar para trás seus pequenos companheiros de miséria, um sentimento de solidão encheu o coração da criança pela primeira vez.

Oliver estava dentro dos muros do abrigo não havia nem um quarto de hora e já tinha devorado completamente a segunda fatia de pão, quando o Sr. Bumble disse que era noite do conselho e que queriam vê-lo imediatamente.

Não tendo uma noção do que seria o tal conselho, Oliver foi sem saber se deveria rir ou chorar. O Sr. Bumble conduziu-o para uma sala grande e branca, onde oito ou dez cavalheiros gordos estavam sentados ao redor de uma mesa. Na ponta, em uma cadeira mais alta que as outras, havia um homem com um rosto muito redondo e vermelho.

– Incline-se para o conselho – disse Bumble. Oliver limpou duas ou três lágrimas que estavam quase caindo de seus olhos e se curvou.

– Qual o seu nome, garoto? – disse o cavalheiro da cadeira mais alta.

Oliver estava amedrontado com tantos cavalheiros e respondeu com a voz muito baixa e hesitante, o que motivou um cavalheiro de colete branco a dizer que ele era um tolo.

– Garoto – começou o homem da cadeira mais alta –, escute. Você sabe que é um órfão?

– O que é isso, senhor? – perguntou o pobre Oliver.

– Sabe que não tem pai nem mãe e que foi trazido para cá pela paróquia, não é?

– Sim, senhor – respondeu, chorando.

– Por que está chorando? – perguntou o homem de colete branco. – Espero que ore todas as noites pelas pessoas que o alimentam e cuidam de você.

– Sim, senhor – gaguejou o menino.

– Bem, você veio para cá para ser educado e aprender uma profissão útil – disse o homem de rosto vermelho da cadeira mais alta.

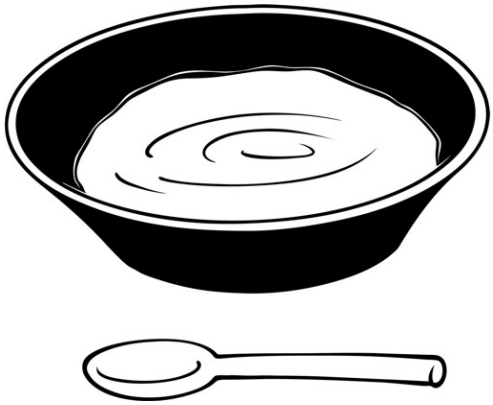
– Então, vai começar a desfiar estopa amanhã de manhã, às seis horas – acrescentou o mal-humorado de colete branco.

E pelas bênçãos de um simples processo de desfiar estopa, Oliver fez reverência em agradecimento e foi levado para uma grande ala, onde, numa cama dura, chorou até dormir.

Pobre Oliver! Mal sabia que naquele mesmo dia o conselho tomara uma decisão que iria exercer grande influência material em todo o seu futuro. E foi assim.

Os membros desse conselho eram homens sábios e descobriram que os pobres gostavam do abrigo! Era um lugar de entretenimento: não pagavam pelas refeições durante todo o ano, um paraíso onde tudo era diversão e nenhum trabalho.

– Oh! – disse o presidente do conselho. – Somos nós que devemos acabar com isso rapidamente. – Então determinaram a regra de que todos os pobres deveriam ter a opção de entrar em um processo gradativo de fome dentro da casa, ou em um rápido processo fora dela. Firmaram contrato para o fornecimento ilimitado de água e para o suprimento periódico de pequenas quantidades de farinha de aveia; fornecendo três refeições diárias de mingau ralo, com uma cebola duas vezes por semana e meio pãozinho aos domingos.



Durante os seis primeiros meses o sistema funcionou plenamente. O número de pessoas que procuravam o abrigo diminuiu, e o conselho

ficou radiante.

A sala em que os garotos comiam era grande e de pedra, com um caldeirão de cobre em uma ponta, de onde o cozinheiro distribuía o mingau na hora das refeições com a ajuda de uma ou duas mulheres. Cada menino tinha direito a uma tigela e nada mais, exceto em ocasiões de festividades, quando recebiam pouco mais de setenta gramas de pão.

Geralmente garotos têm um excelente apetite. Oliver Twist e seus companheiros sofreram a tortura da lenta inanição por três meses. Finalmente se reuniram e tiraram na sorte quem deveria ir até o cozinheiro após o jantar daquela noite e pedir mais comida. E Oliver Twist foi o escolhido.

Criança que era, desesperado de fome, ele levantou, avançou até o cozinheiro, tigela e colher nas mãos, e disse, assustado com sua própria ousadia:

– Por favor, senhor, eu quero mais.

O cozinheiro era um homem gordo e saudável, mas ficou pálido. Olhou perplexo para o pequeno rebelde. As assistentes estavam paralisadas de surpresa; os garotos, de pavor.

– O quê? – indagou o cozinheiro, finalmente, com a voz fraca.

– Por favor, senhor – respondeu Oliver. – Eu quero mais.

O cozinheiro deu uma pancada na cabeça de Oliver com a concha, agarrou-o pelo braço e gritou pelo bedel.

O conselho estava reunido quando o Sr. Bumble entrou apressadamente na sala e se dirigiu ao cavalheiro da cadeira alta:

– Sr. Limbkins, Oliver Twist pediu mais comida.

Todos ficaram assustados.

– Ele pediu por mais depois de recebido o jantar? – respondeu o Sr. Limbkins.

– Sim, senhor – confirmou Bumble.

– Aquele menino ainda será enforcado – comentou o cavalheiro de colete branco. – Tenho certeza de que será.

Oliver foi enviado para confinamento imediato, e na manhã seguinte uma nota foi colocada no portão, oferecendo cinco libras a qualquer um que levasse Oliver Twist como aprendiz para qualquer tipo de serviço.

CAPÍTULO 3
Conta como Oliver Twist estava muito perto de conseguir um trabalho

Uma semana após a ofensa de pedir por mais comida, Oliver continuava trancafiado no quarto escuro e solitário. Chorava amargamente o dia todo e, quando a noite chegava, cobria os olhos com as mãos para afastar a escuridão e, encolhido no canto, tentava dormir.

Mas, mesmo durante o período de encarceramento solitário, Oliver teve acesso a exercício, ao prazer da sociedade ou aos benefícios do consolo religioso. O exercício era lavar-se todas as manhãs sob o belo clima frio na bomba de água do jardim de pedra, sempre na presença do Sr. Bumble, que evitava que pegasse um resfriado aplicando-lhe repetidas bengaladas. No que dizia respeito à sociedade, era levado em dias alternados ao salão onde os garotos jantavam e recebia uma surra publicamente, servindo de exemplo e alerta. E, sobre os benefícios do consolo religioso, era levado todas as noites para ouvir a oração dos meninos, que, obrigados pelo conselho, pediam para serem resguardados dos pecados e vícios de Oliver Twist.

Então aconteceu que numa manhã o Sr. Gamfield, o limpador de chaminés, desceu pela rua pensando em formas de saldar suas dívidas e, em meio ao seu desespero aritmético, açoitando alternadamente seu cérebro e seu jumento, passou pelo abrigo e seus olhos vislumbraram a nota no portão.

– Eia! – disse o Sr. Gamfield ao jumento.

O animal não ouviu a voz de comando e continuou andando.

O Sr. Gamfield rogou uma praga contra o jumento e, segurando bem o arreio, deu um puxão, lembrando-lhe de que não era seu próprio dono e fazendo-o dar meia-volta. Então se aproximou para ler a nota.

O cavalheiro do colete branco estava de pé ao portão e, tendo testemunhado a pequena disputa entre o homem e o jumento, sorriu ao

perceber que o Sr. Gamfield seria exatamente o tipo de dono que queria para Oliver Twist.

– Esse garoto aqui, senhor, a paróquia quer que aprenda, e tô bem no negócio de limpar chaminés – começou o Sr. Gamfield, dirigindo-se humildemente ao cavalheiro de colete branco. – Quero um aprendiz e tô pronto a levar ele.

– Entre – falou o homem de colete branco.

O Sr. Gamfield seguiu o cavalheiro e viu Oliver pela primeira vez.

– É um negócio desagradável – comentou o Sr. Limbkins quando Gamfield terminou de falar.

– Crianças já morreram sufocadas em chaminés – disse outro cavalheiro.

– Era porque molhavam a palha antes de descer – respondeu Gamfield. – Não adianta acender palha molhada para o garoto descer. Isso só faz ele ficar sonolento.

O cavalheiro do colete branco parecia estar se divertindo com essa explicação, mas sua alegria foi controlada com um olhar do Sr. Limbkins. Os membros do conselho conversaram entre si por alguns minutos em voz baixa e, quando o sussurro acabou, o Sr. Limbkins disse:

– Consideramos sua proposta, e não a aprovamos.

Como o Sr. Gamfield fora acusado de ter espancado três ou quatro garotos até a morte, ocorreu-lhe que o conselho talvez tivesse levado isso em consideração.

– Então, os senhores não me deixarão levá-lo? – falou o Sr. Gamfield, dando uma parada perto da porta.

– Não – respondeu o Sr. Limbkins. – Pelo menos, para esse trabalho sujo, achamos que deveria aceitar um pouco menos do que o oferecido.

O semblante do Sr. Gamfield iluminou-se e, com passadas rápidas, voltou para perto da mesa e disse:

– O que darão, cavalheiros? Por favor! Não sejam tão duros com um pobre homem.

– Eu diria três libras e dez *pence* no total – respondeu o Sr. Limbkins.

– Por favor! – retrucou Gamfield. – Que tal quatro libras, senhores? Digam quatro libras e se livrarão dele para sempre.

– Três libras e dez – repetiu o Sr. Limbkins com firmeza. – Nem um *farthing*[2] a mais.

– Os senhores estão sendo muito duros comigo.

– Ora, ora! Deixe de bobagem – falou o homem do colete branco. – Já seria um bom negócio sem prêmio algum. Leve-o, seu tolo! Vez ou outra lhe dê uma boa surra: será bom para ele. E sua alimentação não será muito cara, já que nunca comeu muito mesmo. Ha! Ha! Ha!

O Sr. Gamfield, vendo que todos riam, foi, gradualmente, também abrindo um sorriso. O negócio estava consumado. O Sr. Bumble foi instruído a levar Oliver Twist e o contrato até o juiz para assinatura e aprovação naquela mesma tarde.

Em cumprimento a essa determinação, o garoto foi liberado do cativeiro e instruído a vestir uma camisa limpa. O Sr. Bumble lhe trouxe, com as próprias mãos, uma tigela de mingau e um pedaço de pão. Ao ver isso Oliver começou a chorar, achando, não sem motivos, que o conselho havia decidido matá-lo.

– Não vá ficar com os olhos vermelhos, Oliver. Coma a sua comida e fique grato – disse o Sr. Bumble. – Você será um aprendiz, Oliver.

– Um aprendiz, senhor – respondeu o menino tremendo.

– Sim, Oliver. Os bondosos cavalheiros que foram como um pai para você vão lhe dar um ofício. Ajeitarão a sua vida e farão de você um homem, embora o custo para a paróquia seja de três libras e dez! E tudo por um garoto malvado que ninguém consegue amar.

A caminho do encontro com o juiz, o Sr. Bumble instruiu Oliver, dizendo que deveria parecer muito feliz e dizer que desejava muito ser um aprendiz. O garoto prometeu obedecer, principalmente quando o Sr. Bumble deu a entender que, se falhasse, não precisava dizer o que iria lhe acontecer. Chegando ao cartório, foi colocado em uma pequena sala e instruído pelo bedel a permanecer ali até que viessem buscá-lo.

E lá ele ficou, com o coração aos pulos, por meia hora. Então, o Sr. Bumble fez um sinal com a cabeça e disse em voz alta:

– Agora, Oliver querido, venha falar com os cavalheiros. – O bedel abriu um sorriso e acrescentou em voz baixa: – Lembre-se do que eu disse, seu pequeno cafajeste!

Oliver olhou inocentemente para ele e foi para uma sala adjacente cuja porta estava aberta. Atrás da mesa, sentavam-se dois senhores com cabeleiras empoadas: um lia o jornal, enquanto o outro examinava, com a ajuda de um par de óculos, um pedaço de papel. O Sr. Limbkins se encontrava de pé em frente à mesa de um lado, e, do outro, estava o Sr. Gamfield com o rosto parcialmente lavado.

A cabeça do cavalheiro de óculos foi caindo lentamente sobre o papel, e Oliver foi colocado em frente à mesa pelo Sr. Bumble.

– Este é o garoto do acordo – disse o bedel.

O cavalheiro que estava lendo o jornal levantou a cabeça por um momento e puxou o outro pela manga.

– Ah! Este é o garoto? – disse o homem.

– Sim, senhor – respondeu o Sr. Bumble, – Incline-se para o juiz, querido.

Oliver levantou-se e fez sua melhor reverência.

– Bem – começou o juiz –, suponho que ele goste de limpar chaminés, não é?

– Ele adora, excelência – respondeu Bumble beliscando Oliver às escondidas.

– E este homem será seu mestre. O senhor tratará bem dele e o alimentará, não é? – perguntou o juiz.

– Quando digo que vou, quero dizer que farei – respondeu Gamfield com determinação.

– O senhor é áspero ao falar, meu amigo, mas parece um homem honesto e de bom coração – disse o juiz voltando seus óculos na direção do candidato ao prêmio de Oliver, cujo semblante de vilão era um recibo de sua crueldade. Mas o juiz era meio cego, então não se poderia esperar que percebesse o que o outro faria.

– Espero que sim, senhor – respondeu o Sr. Gamfield com um olhar malicioso.

– Não tenho dúvida, meu amigo – falou o juiz, ajeitando seus óculos melhor no nariz e procurando o tinteiro.

Foi um momento crítico no destino de Oliver. Se o tinteiro estivesse onde o juiz achava que estava, ele teria molhado sua pena, assinado a

petição, e Oliver teria fugido imediatamente. Mas, como precisou buscar pelo tinteiro, e seu olhar encontrou o rosto aterrorizado de Oliver Twist, que olhava para seu futuro mestre com uma expressão de horror e medo, ele parou, pousou a pena e falou:

– Meu rapaz – disse o juiz –, você está pálido e assustado. Qual o problema?

– Afaste-se dele, bedel – disse o outro magistrado. – Agora, garoto, nos diga qual o problema. Não tenha medo.

Oliver caiu de joelhos e implorou que o mandassem de volta para o quarto escuro, que lhe deixassem passar fome, que lhe batessem, que o matassem se quisessem, em vez de o entregar àquele terrível homem.

– Ora! – disse o Sr. Bumble, elevando as mãos num impressionante ato solene. – Ora! De todos os órfãos ardilosos e astutos que eu já vi, Oliver, você é um dos mais atrevidos.

– Cuidado com a língua, bedel – alertou o segundo juiz.

– Perdão, excelência, falou comigo?

– Sim. Cuidado com sua língua.

O Sr. Bumble estava surpreso. Um bedel recebendo ordens para tomar cuidado com a língua! Uma revolução moral!

O juiz de óculos olhou para o companheiro e acenou em concordância.

– Recusamo-nos a sancionar esta petição – disse o juiz, colocando de lado o papel enquanto falava.

– Espero – gaguejou o Sr. Limbkins –, espero que os magistrados não culpem as autoridades por qualquer conduta imprópria, a partir do testemunho sem provas de uma criança.

– Os magistrados não foram chamados a se pronunciar sobre o assunto – respondeu o juiz com aspereza. – Leve o garoto para o abrigo e o tratem com bondade. Parece que é disso que está precisando.

Na manhã seguinte o público foi informado de que Oliver Twist estava novamente *À Disposição* e que as cinco libras seriam pagas a quem tomasse conta dele.

CAPÍTULO 4
Sendo oferecido em outro lugar, Oliver entra na vida pública

Em boas famílias, quando o jovem não consegue um lugar vantajoso, é costume enviá-lo para o mar. O conselho, imitando esse exemplo, resolveu despachar Oliver Twist em um pequeno navio mercante o mais rápido possível.

O Sr. Bumble tinha sido enviado a fazer pesquisas preliminares sobre a questão e voltava ao abrigo para comunicar o resultado de sua missão, quando encontrou no portão o Sr. Sowerberry, o agente funerário.

Ele era um homem alto e magro. Seus traços não condiziam com o jeito sorridente.

– Acabei de tirar as medidas de duas mulheres que morreram noite passada, Sr. Bumble.

– O senhor ficará rico, Sr. Sowerberry – disse o Sr. Bumble.

– O senhor acha? Os preços permitidos pelo conselho são muito baixos.

– Assim como os caixões – replicou o bedel com um meio sorriso.

O Sr. Sowerberry achou graça e riu por um bom tempo sem parar.

– Ora, Sr. Bumble – falou finalmente. – Não há como negar. Desde que o novo sistema de alimentação começou, os caixões ficaram mais estreitos e mais rasos, porém precisamos ter algum lucro.

– Ora, todo negócio tem seus inconvenientes. Um lucro justo é permitido, claro.

– Claro, claro – replicou o comerciante. – E, se eu não fizer o meu lucro sobre um ou outro artigo em particular, faço-o a longo prazo. He! He! He! Embora eu deva observar – continuou – que as pessoas gordas vão primeiro. Elas estiveram em melhor situação e pagaram impostos, e são as primeiras a afundar quando entram na casa. E aqueles oito ou dez centímetros a mais podem causar um rombo nos lucros.

O Sr. Bumble decidiu mudar de assunto, e o tema mais fresco em sua mente era Oliver Twist.

– A propósito – falou –, conhece alguém que queira um garoto? Um aprendiz paroquial.

Enquanto falava, o Sr. Bumble levantou sua bengala para apontar a nota presa ao portão e bateu três vezes sobre as palavras "cinco libras", impressas em tamanho gigante.

– Puxa! – exclamou o agente funerário. – Era exatamente sobre isso que queria lhe falar. Sabe que eu pago uma taxa para os pobres.

– Sim! – disse o Sr. Bumble. – E?

– Bem – retrucou o agente funerário –, estava pensando que se pago tanto em benefício deles, tenho o direito de explorá-los o máximo, Sr. Bumble, então acho que vou pegar o garoto para mim.

O Sr. Bumble levou o homem para dentro do prédio. O Sr. Sowerberry ficou em uma sala fechada com o conselho por cinco minutos e decidiu-se que Oliver deveria ir com ele naquela tarde "como experiência", o que significava que se o garoto lhe rendesse mais lucros do que o seu custo de alimentação, o Sr. Sowerberry ficaria com ele definitivamente para fazer o que quisesse.

Quando Oliver foi levado perante o "cavalheiro" naquela mesma tarde e informado que à noite passaria a ser ajudante do construtor de caixões, ouviu em silêncio e, com a trouxa nas mãos (que era leve, já que tudo o que possuía cabia em uma caixa de papelão de quinze centímetros quadrados por um centímetro de altura), cobriu os olhos com o boné e, mais uma vez segurando o casaco do Sr. Bumble, foi levado para um novo lugar de sofrimento.

Quando chegaram perto do destino, o Sr. Bumble achou por bem conferir se o garoto estava apresentável.

– Oliver! Tire o boné dos olhos e erga a cabeça.

O Sr. Bumble viu a lágrima rolar pela bochecha do garoto. E foi seguida de outra, e outra. O menino fazia um enorme esforço, mas não conseguia segurá-las, então cobriu o rosto com as duas mãos, e chorou.

– Ora! – exclamou o Sr. Bumble – Ora! De todos os garotos ingratos e problemáticos que eu conheci, Oliver, você é o...

– Não, senhor – soluçou Oliver. – Eu quero ser bom, de verdade, senhor! Sou muito pequeno e tão... tão...

– Tão o quê? – perguntou o Sr. Bumble com espanto.

– Tão sozinho, senhor! – chorou o menino. – Todo mundo me detesta. Ah, senhor! Não brigue comigo!

O Sr. Bumble fitou por alguns segundos o olhar indefeso de Oliver com algum espanto. Então mandou Oliver secar os olhos e ser um bom menino.

O agente funerário, que tinha acabado de fechar as janelas de sua loja, estava fazendo algumas anotações em seu livro diário, quando o Sr. Bumble entrou.

– Ah! – disse o homem levantando os olhos do livro. – É você, Bumble?

– Ninguém mais, Sr. Sowerberry – respondeu o bedel. – Trouxe o garoto.

Oliver fez uma reverência.

– Sra. Sowerberry, teria a bondade de vir aqui um momento, querida?

A Sra. Sowerberry veio de uma pequena sala atrás da loja. Era uma mulher pequena, magra, com um olhar maléfico.

– Minha querida – disse o Sr. Sowerberry –, este é o menino do abrigo, do qual lhe falei.

Oliver se inclinou novamente.

– Querido meu! – respondeu a mulher. – Ele é muito pequeno.

– É pequeno – respondeu o Sr. Bumble. –, não posso negar, mas crescerá, Sra. Sowerberry.

– Ah! Sim – respondeu a senhora com um tom rabugento –, com nossa comida. Não vejo proveito nas crianças da paróquia. Custa mais mantê-las do que valem. Mas os homens acham que sabem tudo. Ei! Vá

para baixo, pequeno saco de ossos. – A esposa do agente funerário abriu uma porta lateral e empurrou Oliver escada a baixo, para uma cela de pedra, escura e úmida, que era a antessala do depósito de carvão e que também era chamada de "cozinha". Lá encontrava-se uma garota maltrapilha.

– Ei, Charlotte – disse a Sra. Sowerberry, que tinha descido –, dê a esse garoto os restos que guardamos para o Trip. Ele não voltou, então ficará sem. O garoto não vai se incomodar, vai, menino?

Oliver respondeu que não. E um prato cheio de restos de carne foi colocado à sua frente.

– Ora – disse a mulher do comerciante quando Oliver terminou o jantar –, acabou?

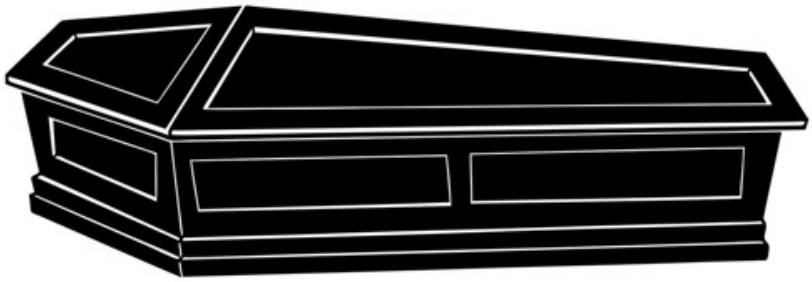
Não tendo nada mais comestível ao seu alcance, Oliver respondeu que sim.

– Então, venha comigo – falou, pegando um lampião e subindo as escadas. – Sua cama é sob o balcão. Suponho que não se incomode de dormir entre os caixões. Mas não importa se tem medo, pois não há outro lugar. Venha, não vou esperar a noite toda!

Oliver não demorou e humildemente seguiu sua nova senhora.

CAPÍTULO 5
Oliver conhece novos parceiros e vai a um funeral pela primeira vez

Ao ficar sozinho na funerária, Oliver colocou o lampião em uma bancada e olhou à sua volta com espanto e pavor. Um caixão preto inacabado estava no meio da loja e parecia tão sombrio e com a cara da morte que o menino sentiu um arrepio, com medo que saísse dali alguma coisa que o iria enlouquecer. Contra a parede, estavam arrumadas várias tábuas cortadas no mesmo formato. Ao olhar com a luz fraca, eram como fantasmas com ombros altos e mãos nos bolsos. A parede atrás do balcão era enfeitada com uma representação bem viva de dois *mudos*[3] trabalhando em uma porta e um coche funerário puxado por quatro cavalos negros se aproximando. A loja estava fechada e abafada. O espaço sob o balcão onde fora colocado seu colchão parecia um túmulo.



Não foi isso que deprimiu Oliver. Ele estava sozinho em um lugar estranho e não tinha amigos. Então rastejou para sua cama e deitou para um sonho calmo e duradouro.

Oliver foi acordado de manhã por um barulhento pontapé na porta pelo lado de fora, que foi repetido umas vinte vezes. Quando começou a abrir a corrente, a perna parou, e uma voz começou.

– Vai abrir a porta ou não?

– Estou indo, senhor – respondeu Oliver, desenrolando a corrente e girando a chave.

– Suponho que você seja o garoto novo, não é? – disse a voz através do buraco da chave. – Quantos anos você tem?

– Dez, senhor – respondeu Oliver.

– Então vou te espancar quando entrar, seu malandro! – e, fazendo essa promessa, a voz começou a assoviar.

Oliver ouvira tantas vezes esse tipo de ameaça que tinha certeza de que o dono da voz cumpriria o prometido. Deu a volta na chave com as mãos trêmulas e abriu a porta.

Durante um segundo ou dois, Oliver olhou para um lado e outro da rua e não viu ninguém a não ser um garoto grande, com uniforme de uma escola de caridade, sentado sobre uma coluna em frente à casa comendo uma fatia de pão com manteiga.

– Perdão, senhor – falou Oliver. – Foi o senhor quem bateu?

– Eu chutei – respondeu o menino.

– Precisa de um caixão, senhor? – perguntou Oliver inocentemente.

– Você não sabe quem eu sou, não é, seu malandro?

– Não, senhor – replicou Oliver.

– Sou o senhor Noah Claypole, e você é meu subalterno. Abra as janelas, seu bandidinho preguiçoso! – dessa forma, o Sr. Claypole deu um chute em Oliver e entrou na loja com ar de respeitabilidade, o que lhe deu muito crédito.

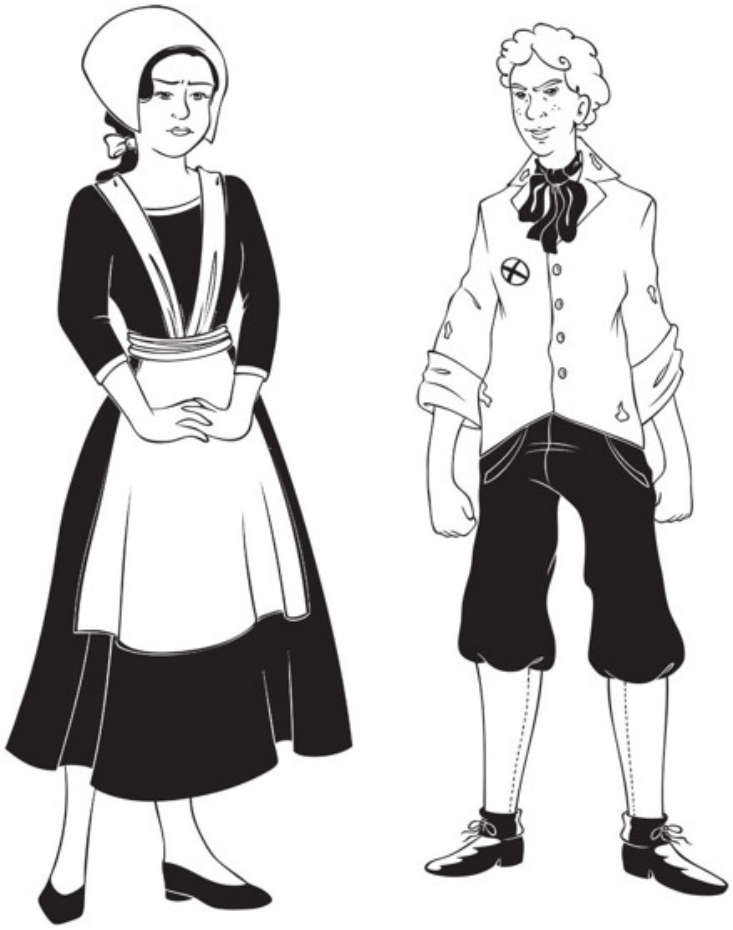
Oliver tirou as proteções das janelas e quebrou uma vidraça no esforço de levar a primeira proteção pesada até o pequeno espaço ao lado da casa, onde eram guardadas durante o dia, ouvindo Noah garantir que teria de "pagar por isso". O Sr. Sowerberry desceu em seguida e, logo depois, apareceu a Sra. Sowerberry. Então, tendo Oliver "pago por aquilo", em cumprimento à previsão de Noah, seguiu o garoto pela escada para o café da manhã.

– Venha para perto do fogo, Noah – disse Charlotte. – Guardei um bom pedaço de bacon para você do desjejum da senhora. Oliver, feche a porta atrás do Sr. Noah e pegue os pedaços que coloquei na tampa do tacho do pão. Aí está o seu chá. Pegue essa caixa e o beba lá. E seja rápido porque o querem na loja, ouviu?

– Você ouviu, malandro? – falou Noah Claypole.

– Santo Deus, Noah! – exclamou Charlotte. – Por que não deixa o garoto em paz?

– Deixá-lo em paz! – respondeu Noah. – Porque todo mundo o deixa em paz o suficiente. Nem seu pai, nem sua mãe jamais vão mexer com ele. Não é, Charlotte? He! He! He!



– Ah, que alma esquisita! – falou Charlotte dando uma gargalhada, e os dois olharam desdenhosamente para o pobre Oliver Twist, que estava no canto mais frio da sala e comia os pedaços velhos que tinham sido reservados especialmente para ele.

Noah vivia de caridade, mas não era órfão de um abrigo. Tinha pais que viviam a duras penas. A mãe era lavadeira, e o pai, um soldado bêbado, dispensado com uma perna de madeira e uma pensão de dois *pence* e meio. Os garotos da vizinhança perseguiam Noah nas ruas, gritando insultos, e ele corria deles sem responder. Mas agora que a sorte

tinha posto em seu caminho um órfão sem nome, ele descontaria com juros.

Oliver estava na casa do agente funerário havia três semanas ou um mês. Os patrões jantavam no pequeno salão dos fundos, quando o Sr. Sowerberry disse:

– Querida...

– Sim – ela respondeu secamente.

– Nada, querida, nada – falou o Sr. Sowerberry.

– Ah, seu estúpido! – ela disse.

– É sobre o pequeno Twist. É um garoto bonito, querida.

– Deve ser, pelo tanto que come – observou a senhora.

– Mas há uma expressão de melancolia em seu rosto – retomou o Sr. Sowerberry – que é muito interessante. Seria um ótimo *mudo*, meu amor.

A Sra. Sowerberry levantou os olhos surpresa. O marido percebeu e, sem deixar tempo para qualquer observação, prosseguiu.

– Não digo um *mudo* normal para enterros de adultos, querida, mas apenas para os velórios de crianças. Seria uma coisa nova ter um *mudo* proporcional. Pode ter um ótimo efeito.

A Sra. Sowerberry, que tinha um bom faro para os negócios, ficou impressionada com a ideia, e foi determinado que Oliver deveria ser iniciado nos mistérios do negócio na primeira chance.

A oportunidade não demorou a chegar. Meia hora depois do desjejum da manhã seguinte, o Sr. Bumble entrou na loja e pegou o bloco de couro de onde tirou um pequeno pedaço de papel e entregou a Sowerberry.

– Ah! – disse o agente funerário. – Uma encomenda para um caixão.

– Um caixão e um funeral paroquial – respondeu o Sr. Bumble.

– Bayton – disse o homem, desviando o olhar do pedaço de papel, para o Sr. Bumble. – Nunca ouvi esse nome.

Bumble balançou a cabeça e respondeu.

– Gente teimosa, Sr. Sowerberry. Creio que orgulhosa também. Tomamos conhecimento da família apenas anteontem à noite, porque uma mulher que vive na mesma casa veio pedir um médico ao comitê paroquial para examinar uma mulher que parecia estar muito doente. O

médico havia saído para jantar, mas seu aprendiz enviou um remédio caseiro em uma garrafa escura.

– Ah! Que presteza – comentou o agente funerário.

– Muita presteza! – respondeu o bedel. – Mas sabe qual foi o comportamento ingrato desses rebeldes, senhor? Pois o marido mandou a garrafa de volta dizendo que o remédio não era indicado para o problema de sua esposa e que ela não o tomaria! Um remédio bom, forte e salutar, que fez muito bem a dois lavradores irlandeses e a um carvoeiro apenas uma semana atrás, enviado de graça, incluindo a garrafa, senhor!

Conforme ia ficando furioso, o Sr. Bumble bateu com força no balcão com sua bengala e ficou vermelho de indignação.

– Bem – disse o comerciante –, eu nunca...

– Nunca, senhor! – bradou o bedel. – Nem ninguém. Mas agora ela está morta e temos de enterrá-la. Eis o endereço; quanto mais cedo, melhor.

E, falando isso, o Sr. Bumble saiu da loja.

– Ele estava tão zangado, Oliver, que até se esqueceu de perguntar por você! – disse o Sr. Sowerberry, olhando o bedel descer a rua.

– Sim, senhor – respondeu Oliver, que tivera o cuidado de se manter fora de vista durante a visita.

– Bem, quanto mais cedo esse trabalho for feito, melhor. Noah, cuide da loja. Oliver, coloque seu boné e venha comigo.

Andaram por algum tempo através da parte mais movimentada e densamente habitada da cidade. Então, entrando por uma rua estreita, mais suja e miserável do que as por onde haviam passado, pararam para procurar a casa que era o objetivo de estarem ali.

Não havia campainha na porta aberta onde os dois pararam. Então, entrando cuidadosamente pela passagem escura, subiram o primeiro lance de escadas. Havia uma porta, e o comerciante bateu.

Uma garota de uns treze ou quatorze anos de idade abriu. O agente funerário olhou a sala e percebeu que era o apartamento que procurava. Entrou. Oliver o seguiu.

Não havia fogo na sala, mas um homem estava agachado em frente à uma lareira apagada. Uma velha senhora puxou um banquinho e sentou-

se ao seu lado. Algumas crianças esfarrapadas estavam em outro canto, e, em um pequeno quarto oposto à porta, jazia no chão algo coberto com um velho cobertor. Oliver estremeceu quando olhou para o lugar e, involuntariamente, chegou mais perto de seu mestre. Mesmo estando coberto, o garoto sentiu que era um cadáver.

O rosto do homem era magro e muito pálido, seu cabelo e barba eram grisalhos, e os olhos, vermelhos. O rosto da velha senhora era enrugado; seus dois dentes remanescentes se projetavam sobre o lábio inferior, e os olhos eram brilhantes e penetrantes. Oliver teve medo de olhar tanto para ela quanto para ele. Pareciam muito com os ratos que vira lá fora.

– Ninguém chega perto dela – disse o homem quando o agente funerário chegou perto do quarto. – Para trás! Maldito, para trás se tem uma vida a perder!

– Não seja tolo, meu bom homem – respondeu o comerciante, que estava acostumado com aquilo.

– Já disse – retrucou o homem, fechando as mãos e batendo furiosamente com os pés no chão – que não vou enterrá-la. Ela não descansaria lá, e está tão cansada.

O agente funerário não respondeu àquele delírio, mas, tirando uma fita métrica do bolso, ajoelhou-se ao lado do corpo.

– Ah! – disse o homem explodindo em lágrimas e caindo de joelhos aos pés da mulher morta. – Ela morreu de fome. Não percebi como estava mal até que veio a febre, e seus ossos começaram a aparecer através da pele. Não havia fogo nem vela. Ela morreu no escuro. Não pôde nem ver o rosto dos filhos, ficou apenas dizendo o nome deles. Pedi esmolas nas ruas e me mandaram para a prisão. Quando voltei, estava morrendo. Eu juro perante Deus que eu vi! Eles a mataram de fome!

As crianças aterrorizadas choravam, mas a velha senhora, que até então permanecia quieta, as calou com uma ameaça.

– Ela era minha filha – falou a velha. – Senhor! Ora, é estranho que eu, que a trouxe à luz, esteja viva agora, e ela ali deitada, tão fria e morta! Senhor!

Enquanto a criatura resmungava e ria estranhamente de sua própria sorte, o agente funerário virou-se para ir embora.

– Pare! – disse a velha. – Ela será enterrada amanhã, depois ou esta noite? Mande-me um manto bem quente, porque está muito frio. Precisamos de bolo e vinho também antes de irmos! Não se preocupe, mande um pouco de pão e um copo de água. Podemos receber pão, querido? – ela falou, segurando o casaco do comerciante.

– Sim, sim – respondeu o homem –, é claro. Qualquer coisa que queira! – Ele se desvencilhou da velha e, puxando Oliver, saiu rapidamente.

No dia seguinte (a família havia recebido nesse meio-tempo a metade de um pão e um pedaço de queijo deixado pelo próprio bedel), Oliver e seu mestre voltaram à miserável residência onde o Sr. Bumble já havia chegado acompanhado de quatro homens do abrigo, que iriam trabalhar como coveiros. Um velho manto preto cobria os farrapos da velha senhora e do homem, e o caixão simples e fechado foi colocado nos ombros dos quatro homens e levado pela rua.

– Agora, ande, velha! – sussurrou Sowerberry no ouvido da senhora. – Estamos atrasados e não queremos deixar o padre esperando. Andem homens, o mais rápido que puderem!

Assim, os carregadores trotaram levando seu fardo leve, e os dois enlutados se mantinham perto deles o quanto podiam. O Sr. Bumble e o Sr. Sowerberry andavam a uma boa distância, e Oliver, cujas pernas não eram tão longas, corria ao lado deles.

Entretanto não havia necessidade de correr, pois, quando alcançaram a esquina do cemitério, o padre ainda não havia chegado. O sacristão, que estava sentado perto do fogo na sacristia, disse achar improvável que ele chegasse logo. Então, eles depositaram o caixão perto da cova, e os dois enlutados esperaram pacientemente na lama, sob um chuva fina e fria, enquanto crianças brincavam de esconde-esconde entre os túmulos. O Sr. Sowerberry e o Sr. Bumble sentaram-se perto do fogo com o sacristão e ficaram lendo o jornal.

Um pouco mais de uma hora depois, o Sr. Bumble, o Sr. Sowerberry e o sacristão correram em direção à cova. Imediatamente em seguida, apareceu o padre. O Sr. Bumble deu um tapa em um ou dois meninos para manter as aparências, e o padre, tendo lido a oração dos mortos,

entregou sua batina ao sacristão e foi embora. Tudo durou quatro minutos.

– Agora, Bill! – falou o Sr. Sowerberry para o funcionário. – Pode completar!

Não era uma tarefa difícil, pois a cova estava tão cheia que o último caixão ficou a poucos pés da superfície. O funcionário jogou algumas pás de terra e a comprimiu com os pés. Botou a pá nos ombros e foi embora seguido pelas crianças, que reclamavam pela brincadeira ter acabado.

– Venha, amigo! – disse o Sr. Bumble dando um tapinha nas costas do homem. – Eles querem fechar o cemitério.

O homem andou alguns passos e caiu desmaiado. A velha estava ocupada reclamando a perda do manto (que o comerciante havia tirado), então jogaram uma lata de água fria sobre ele, e, quando voltou a si, estava fora do cemitério. E eles seguiram em direções diferentes.

– Então, Oliver, como se sente?

– Bem, obrigado, senhor – respondeu Oliver hesitante. – Não muito, senhor.

– Ah! Você se acostuma com o tempo, Oliver – disse o homem. – E não vai mais ligar, garoto.

Oliver ficou pensando se teria levado muito tempo para o Sr. Sowerberry se acostumar com aquilo. Mas achou melhor não perguntar e voltou para a loja pensando sobre o que tinha visto e ouvido.

CAPÍTULO 6
Oliver irrita-se com as provocações de Noah e parte para a ação

O mês de experiência acabara, e Oliver se tornou, formalmente, um aprendiz. Foi uma boa temporada de doenças. Em termos comerciais, os caixões estavam voando, e, em algumas semanas, Oliver tinha adquirido uma boa experiência. O sucesso da engenhosa ideia do Sr. Sowerberry foi maior do que o esperado. Os mais idosos não tinham lembrança de um período em que o sarampo tivesse sido tão frequente e tão fatal às crianças. E muitas foram as procissões a que Oliver compareceu para a indescritível admiração e emoção de todas as mães da cidade. Ao acompanhar o mestre na maior parte dos enterros de adultos, também para que pudesse aprender a serenidade de comportamento e o controle emocional essenciais a um agente funerário profissional, Oliver teve a oportunidade de observar e se surpreender com a forma como as pessoas lidavam com suas perdas.

Mas Oliver continuou a submeter-se humildemente à dominação e aos maus-tratos de Noah Claypole, que abusava ainda, pois tinha inveja de sua promoção. Charlotte o tratava mal porque Noah o fazia. E a Sra. Sowerberry o via como inimigo, pois o marido dava demonstrações de gostar dele. Então, entre os três de um lado, e um excesso de funerais do outro, Oliver sentia-se muito pouco à vontade.

E agora chegou a uma parte muito importante da história de Oliver, pois é preciso relatar um acontecido que talvez pareça pequeno e sem importância, mas que possibilitou uma mudança no futuro do menino.

Um dia Oliver e Noah desceram para a cozinha na hora do jantar. Charlotte não estava e, nesse breve intervalo de tempo, apesar de faminto, Noah Claypole resolveu atormentar o jovem Oliver Twist.

Em sua inocente diversão, Noah colocou os pés sobre a toalha da mesa, puxou os cabelos de Oliver e torceu suas orelhas, implicando como

garoto pobre e maldoso que era. Mas, como Oliver não chorou, Noah tentou ser ainda mais jocoso.

– Bastardo, como está sua mãe?

– Está morta – respondeu Oliver. – Não fale dela!

Oliver ficou vermelho, sua respiração acelerou, e começou a tremer pela boca e narinas, o que o Sr. Claypole interpretou como o indício de uma crise violenta de choro. O homem prosseguiu:

– Do que ela morreu, bastardo?

– De tristeza, foi o que a enfermeira me contou – Oliver parecia estar falando consigo mesmo.

– Tolo de corda, zangadinho, bastardo – falou Noah quando uma lágrima rolou pelo rosto de Oliver. – O que te fez ficar choroso agora?

– Chega – respondeu rispidamente. – Não diga mais nada sobre ela. Acho melhor não!

– Melhor não! Ora! Bastardo, não seja imprudente – continuou Noah, encorajado pelo silêncio do outro. – Fique sabendo que sua mãe era uma aventureira das piores.

– O que você disse?!

– Uma aventureira das piores, bastardo – respondeu Noah tranquilamente. – E foi melhor que tenha morrido, senão estava trabalhando duro em Bridewell[4], ou mandada nos navios[5], ou enforcada, o que é mais ou menos a mesma coisa, né?

Vermelho de raiva, Oliver se levantou, jogou mesa e cadeira para o lado, agarrou Noah pela garganta, o sacudiu com violência e, juntando todas as suas forças, derrubou-o no chão.

Um minuto atrás, o garoto parecia uma criança quieta, branda, abatida pelo tratamento duro que recebera. Mas seu vigor finalmente aflorou. O insulto cruel à sua mãe morta fez seu sangue ferver.

– Ele vai me matar! – soluçava Noah. – Charlotte! Senhora! Socorro! Oliver ficou maluco! Charlotteee!

Os berros de Noah foram respondidos por um grito de Charlotte, que correu para a cozinha, e um mais alto da Sra. Sowerberry, que ficou parada na escada até ter certeza de que ninguém tinha morrido.

– Oh, desgraçado! – gritou Charlotte, empurrando Oliver com toda a sua força, que era bastante. – Seu in-gra-to, as-sas-si-no, bandido! – E, entre cada sílaba, Charlotte dava um forte soco em Oliver, acompanhado de um grito.

A Sra. Sowerberry entrou na cozinha e ajudou a segurá-lo com uma mão, enquanto arranhava seu rosto com a outra. Aproveitando-se da situação, Noah levantou-se e o espancou por trás.

Durou pouco tempo, e, quando estavam todos cansados de bater, levaram Oliver, debatendo-se e gritando, mas nem um pouco amedrontado, para o sujo porão e lá o trancaram. Feito isso, a Sra. Sowerberry afundou em uma cadeira e começou a chorar.

– Ah! Charlotte – falou a Sra. Sowerberry –, que bênção não termos morrido todos!

– Realmente, madame – foi a resposta. – Só espero que isso ensine o senhor a não acolher mais nenhuma dessas horríveis criaturas que nasceram para ser assassinos e ladrões. Pobre Noah! Estava quase morto quando eu entrei.

– Pobre garoto! – disse a Sra. Sowerberry, olhando com pena para o menino.

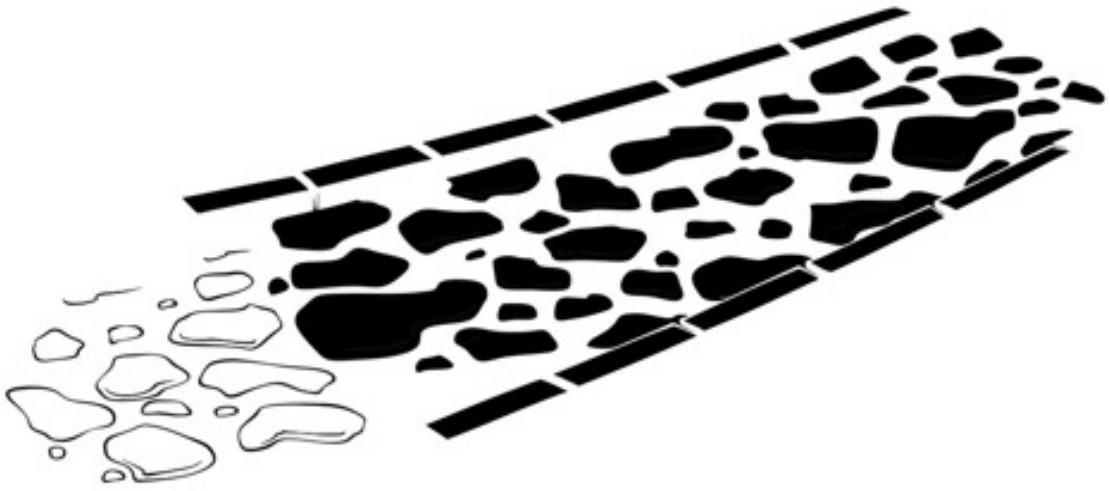
Noah esfregou os olhos com os punhos e fingiu algumas lágrimas e fungadas.

– Eis o que será feito! – exclamou a senhora. – O senhor não está em casa, não há um homem aqui, e ele pode derrubar aquela porta em dez minutos.

As batidas vigorosas de Oliver contra o pedaço de madeira em questão faziam dessa afirmação algo altamente provável.

– Corra até o Sr. Bumble, Noah, e diga-lhe que venha aqui rápido!

Noah não contestou e foi correndo o mais que pôde.



CAPÍTULO 7
Oliver continua insubmisso

Noah Claypole correu o mais rápido que conseguiu até chegar ao portão do abrigo. Parou por um minuto ou dois se preparando para um show de lágrimas, então bateu forte na cancela e fez uma cara triste para o pobre velho que veio abrir.

– Qual o problema, garoto?!

– Sr. Bumble! Sr. Bumble! – gritou Noah, tão convincente, que se fez ouvir pelo próprio bedel, que veio correndo. – Oh, Sr. Bumble! É Oliver, senhor... Ele não...

– O quê? – interrompeu o Sr. Bumble. – Ele não fugiu, fugiu, Noah?

– Não fugiu, não senhor, mas ficou louco. Tentou me matar e tentou matar Charlotte e a senhora. Ah! Que dor terrível!

E, nessa hora, Noah contorceu o corpo, mostrando ao Sr. Bumble os sérios ferimentos que a furiosa ação de Oliver Twist lhe tinha causado. E, quando percebeu que o homem do colete branco cruzava o jardim, foi mais trágico ainda, com a finalidade de provocar a indignação do cavalheiro.

– É um garoto pobre da escola de caridade, senhor – explicou o Sr. Bumble –, que quase foi morto pelo jovem Twist.

– *Cáspite!* – exclamou o cavalheiro do colete branco. – Eu sabia!

– Ele também tentou matar a empregada – informou o Sr. Bumble.

– E a senhora – interrompeu Sr. Claypole. – E, por favor, a senhora quer saber se o Sr. Bumble pode ir lá agora para açoitá-lo, porque o senhor não está.

– Certamente, meu rapaz – respondeu o homem de colete branco. – Você é um bom garoto. Tome um *penny*[6]. Bumble, vá até a casa dos Sowerberry com sua bengala e faça o melhor. Não o poupe, Bumble!

O Sr. Bumble e Noah Claypole se puseram, a toda velocidade, em direção à loja do agente funerário. Ali, a situação não havia mudado. Sowerberry ainda não retornara, e Oliver continuava chutando com a mesma força a porta do porão. O Sr. Bumble julgou prudente negociar

antes de abrir. Assim, aproximando a boca do buraco da fechadura, falou, em um tom profundo e grave:

– Oliver!

– Deixe-me sair! – respondeu Oliver, lá de dentro.

– Você conhece a minha voz? – perguntou o Sr. Bumble.

– Sim.

– Não está com medo? – falou o bedel.

– Não! – Oliver respondeu audaciosamente.

A resposta, muito diferente da que estava habituado a receber, deixou o Sr. Bumble confuso.

– Ah, Sr. Bumble, ele só pode estar louco – disse a Sra. Sowerberry. – Nenhum garoto ousaria falar assim com o senhor.

– Não é loucura, madame – respondeu o Sr. Bumble. – É carne. A senhora deu-lhe comida demais. Fez crescer nele uma alma artificial e um espírito impróprios para uma pessoa em sua condição. Se tivesse mantido o garoto com mingau, madame, isso jamais teria acontecido.

– Meu Deus! – exclamou a Sra. Sowerberry. – Esse é o preço de ser liberal!

Tal liberalidade consistia em dar a Oliver os restos que ninguém mais iria comer, por isso, era um bom negócio mostrar resignação ante a pesada acusação do bedel.

– Ah! – exclamou o Sr. Bumble. – Agora, o melhor é deixá-lo no porão por um dia ou dois, até que fique faminto. E então alimentá-lo com mingau. Ele vem de uma família ruim. Tanto o médico quanto a enfermeira disseram que a mãe dele conseguiu chegar até aqui com dificuldades que teriam matado, muito antes, qualquer mulher saudável.

Oliver apenas ouviu o suficiente para saber que alguma alusão à sua mãe havia sido feita e recomeçou a chutar com violência. Sowerberry chegou nesse momento. O ocorrido foi-lhe explicado com tanto exagero quanto as senhoras acharam necessário para atiçar sua ira. Ele destrancou a porta e puxou seu aprendiz rebelde pelo colarinho.

Oliver tinha o rosto ferido e arranhado, e o cabelo desgrenhado na testa. Entretanto, o rubor da raiva não havia desaparecido e, quando foi

retirado de sua prisão, fez uma careta corajosa para Noah, que permaneceu impávido.

– Então você é um garoto bonzinho, não é? – falou Sowerberry, dando-lhe um tapa na orelha.

– Ele xingou a minha mãe.

– Ela merece o que ele disse, e até mais do que isso – afirmou a Sra. Sowerberry.

– Ela não merece – respondeu Oliver. – É mentira!

A Sra. Sowerberry explodiu em lágrimas.

O Sr. Sowerberry estava inclinado a defender o garoto, entretanto as lágrimas o deixaram sem escolha. Então, deu-lhe uma surra que satisfez a esposa e tornou desnecessário o uso da bengala paroquial do Sr. Bumble. Pelo resto do dia, Oliver ficou preso nos fundos da cozinha, e, à noite, a Sra. Sowerberry mandou que subisse para sua cama.

Quando ficou sozinho no silêncio da oficina, Oliver caiu de joelhos no chão e, escondendo a face nas mãos, chorou.

Permaneceu imóvel por muito tempo. Então se levantou. Aproveitou o resto de luz da vela para juntar em um lenço as poucas peças que tinha e sentou-se para esperar a manhã.

Com o primeiro raio de luz que entrou pelas frestas das janelas, Oliver se levantou e destrancou a porta. Um olhar tímido ao redor; um momento de hesitação; fechou a porta atrás de si. Estava na rua.

Olhou para a direita e para a esquerda e lembrou-se de ter visto uns vagões avançando para cima da montanha. Seguiu nessa direção e, chegando a uma trilha no campo que cortava caminho até a estrada, entrou por ela e andou bem rápido.

Havia passado por ali com o Sr. Bumble quando veio da fazenda para o abrigo. O caminho o levava diretamente para lá. Era cedo demais e, como havia muito pouca possibilidade de ser visto, seguiu.

Chegou até a casa. Parou e espreitou o jardim. Uma criança arrancava capim de um dos canteiros. Era um de seus antigos companheiros, e Oliver ficou contente ao vê-lo. Tinham apanhado, passado fome e sido trancados juntos muitas vezes.

– Ei, Dick! – falou Oliver, enquanto o garoto corria até o portão. – Tem alguém acordado?

– Ninguém. Só eu.

– Você não pode dizer que me viu, Dick – recomendou. – Estou fugindo. Eles me bateram e me exploraram, e vou em busca da minha sorte bem longe daqui. Como você está pálido!

– Ouvi o médico dizer que estou morrendo – respondeu a criança. – Estou muito feliz em ver você, mas não pare, não pare!

– Sim, sim. Só vim dizer adeus para você – respondeu Oliver. – Nos veremos de novo, Dick.

– Assim espero – replicou a criança. – Adeus, amigo! Deus te abençoe!

A bênção veio dos lábios de uma criança, mas foi a primeira que Oliver tinha recebido. E jamais esqueceria aquele momento.

CAPÍTULO 8
Oliver vai para Londres e encontra na estrada um estranho jovem

Oliver chegou ao fim do atalho e seguiu pela estrada principal. Eram oito horas da manhã. Como estava a umas cinco milhas da cidade, correu e escondeu-se algumas vezes atrás de arbustos, temendo que pudessem estar procurando-o para levá-lo de volta. Então, sentou para descansar ao lado de um marco da estrada e começou a pensar, pela primeira vez, para onde deveria ir e tentar viver.

Na pedra ao lado de onde estava, havia a informação de que até Londres eram apenas setenta milhas.

Londres! Aquele lugar enorme! Ninguém, nem mesmo o Sr. Bumble, jamais poderia encontrá-lo lá! Ouvira várias vezes os mais velhos dizerem que havia tantas formas de viver naquela vasta cidade, que quem crescera no interior não fazia ideia. Era um lugar para um menino sem casa, então ficou de pé e voltou a andar.

Tinha andado mais de quatro milhas quando percebeu quanto ainda precisaria sofrer antes de chegar ao seu destino. Então, diminuiu o passo e pensou sobre os meios que possuía para chegar lá. Tinha uma crosta de pão, uma camisa grossa e dois pares de meias em sua trouxa, além de um *penny*, que Sowerberry lhe dera após algum funeral onde tinha trabalhado extraordinariamente bem. "É pouco", pensou Oliver, "para uma caminhada de sessenta e cinco milhas durante o inverno." Mas, apesar disso, trocou sua trouxa de ombro e seguiu adiante.

Andou vinte milhas naquele dia, e não comeu nada além da crosta de um pão velho e uns goles de água que mendigou à porta de algumas cabanas à beira da estrada. Quando a noite chegou, arrastou-se sobre um monte de feno, determinado a ficar ali até de manhã. Primeiro sentiu medo. Estava com frio, com fome e mais sozinho do que nunca. Cansado da caminhada, entretanto, pegou no sono e esqueceu seus problemas.

Estava frio quando acordou na manhã seguinte, e tinha tanta fome que se viu obrigado a trocar o *penny* por um pãozinho no primeiro vilarejo que encontrou. Andara não mais do que doze milhas, quando a noite chegou novamente. Seus pés estavam doloridos, e suas pernas, tão fracas que tremiam. Quando retomou sua jornada na manhã seguinte, mal podia rastejar.

Uma diligência parou. Pediu esmola aos passageiros que saíram, mas eram poucos e não lhe deram a mínima atenção.

Em algumas aldeias, grandes cartazes avisavam que quem mendigasse iria para a cadeia. Em outras, rondava as estalagens, mas era logo enxotado. Se pedisse em uma fazenda, soltavam os cachorros para pegá-lo; e, quando mostrou seu nariz em uma loja, falaram-lhe sobre o bedel, o que fez o coração de Oliver quase sair pela boca.

Não fosse um guarda-barreiras de bom coração e uma senhora caridosa, Oliver seguramente iria cair morto na estrada. Mas o homem lhe deu uma refeição, e a senhora, cujo neto havia morrido, ficou com pena do pobre órfão e deu-lhe o pouco que podia, além de palavras gentis e doces.

Logo cedo, na sétima manhã desde que havia fugido, Oliver entrou mancando lentamente na pequena cidade de Barnet e se sentou com o pés sangrando e coberto de poeira no degrau de uma porta.

Aos poucos as janelas e as cortinas se abriram, as pessoas começaram a passar para um lado e para o outro. Algumas poucas pararam para olhá-lo por uns segundos, mas ninguém o ajudou. E continuou sentado até que sua atenção foi desviada para um menino que o estava observando. O garoto atravessou a rua, andou até Oliver e exclamou:

– Oi, camarada! Como está?

O garoto devia ter mais ou menos a sua idade, mas era muito estranho. Parecia com os garotos que costumava ver, porém se portava como um homem. Usava um casaco de homem que chegava até quase seus calcanhares. Havia dobrado os punhos para que suas mãos não ficassem escondidas sob as mangas, mas mantinha-as nos bolsos da calça de veludo. No todo, parecia um jovem cavalheiro arrogante em suas botas de couro.

– Faminto e cansado – respondeu Oliver. – Estou andando há sete dias.

– Sete dias! – disse o jovem – Ah, sei. Ordem do bico, né? Mas – acrescentou, percebendo que Oliver parecia surpreso – suponho que você não saiba o que é um bico, companheiro.

Oliver não respondeu, pois sempre tinha ouvido aquela palavra para descrever a boca de um pássaro.

– Caramba! Como é verde! – exclamou o garoto. – Um bico é um magistrado. Mas venha, você quer comida, então vai ter. Vou arranjar alguma coisa. Vamos!

O garoto o levou a uma loja próxima, onde comprou um pouco de presunto e de pão, e Oliver, encantado com o novo amigo, fez uma longa e saudável refeição.

– Está indo para Londres? – perguntou o garoto.

– Sim.

– Tem onde ficar? Dinheiro?

– Não.

O estranho garoto assobiou e colocou as mãos nos bolsos.

– Você vive em Londres? – perguntou Oliver.

– Sim – respondeu o menino. – Suponho que você precise de um lugar para dormir esta noite, não é?

– Preciso sim – disse Oliver. – Não durmo sob um teto desde que saí do interior.

– Não queime as pestanas por isso. Preciso estar em Londres esta noite e conheço um bom senhor que lhe dará abrigo de graça. Isto é, se alguém que ele conheça apresentar você.

A oferta inesperada era tentadora demais para ser dispensada, e Oliver descobriu que o nome do novo amigo era Jack Dawkins, e que era um protegido do cavalheiro de quem havia falado.

A aparência do Sr. Dawkins não condizia com os favores que contava receber de seu protetor, mas, como era conhecido entre os amigos mais próximos pelo apelido de "O Trapaceiro Astuto", Oliver concluiu que ele não seguia os preceitos morais de seu benfeitor.

John Dawkins se recusou a entrar em Londres antes do anoitecer, e eram quase onze horas quando chegaram à barreira de Islington. O Trapaceiro caminhava a passos rápidos por entre pequenas vielas, orientando Oliver a segui-lo bem de perto.

Embora estivesse concentrado em não perder seu líder de vista, ficou impressionado com os lugares sujos e miseráveis por onde passavam.

Oliver estava pensando se não seria melhor fugir, quando chegaram à base de uma ladeira. Seu condutor o pegou pelo braço e empurrou a porta de uma casa perto de Field Lane.

– Quem está aí? – gritou uma voz em resposta ao assobio de Jack.

– Plummy e Slam! – foi a resposta.

Parecia ser algum tipo de senha. Então a luz fraca de uma vela brilhou, e o rosto de um homem apareceu.

– São dois de vocês. Quem é o outro?

– Um novo amigo – respondeu Jack Dawkins, puxando Oliver para a frente.

– De onde ele veio?

– Groenlândia. Fagin está?

– Sim. Suba! – A vela andou para trás, e o rosto desapareceu.

Jack abriu a porta de uma sala nos fundos da casa e puxou Oliver para entrar atrás dele.

As paredes e o teto da sala eram completamente negros de velhice e sujeira. Havia uma mesa em frente ao fogo e, em cima dela, uma vela presa em uma garrafa de cerveja, dois ou três potes de estanho, pão, manteiga e um prato. Na frigideira algumas salsichas cozinhavam, e, de pé, com um garfo na mão, estava um homem velho e enrugado, cujas feições maldosas se escondiam pelo emaranhado de cabelo ruivo. Usava uma bata de flanela engordurada e parecia dividir sua atenção entre a frigideira e um varal, onde estavam pendurados muitos lenços de seda. Diversas camas feitas de velhos sacos enfileiravam-se no chão. Sentados ao redor da mesa estavam quatro ou cinco garotos, nenhum mais velho que o Trapaceiro, fumando e bebendo com ares de homens de meia-idade. Todos cercavam seu benfeitor. O Trapaceiro sussurrou algumas palavras para o homem. Então virou-se e olhou para Oliver.

– É ele, Fagin – falou Jack Dawkins –, meu amigo Oliver Twist.

O Judeu[7] sorriu, pegou Oliver pela mão e desejou ter a honra de sua amizade.

– Estamos felizes em vê-lo, Oliver – disse o velho. – Trapaceiro, tire as salsichas do fogo e puxe um banco para perto da lareira para Oliver. –

Ah, você está olhando para os lenços! É, meu caro, são muitos e bons, né? Estão aí para serem lavados, apenas isso. Ha! Ha! Ha!

A última parte dessa fala veio acompanhada de um grito de todos os pupilos do divertido velho. E, então, jantaram.

Oliver comeu sua parte, e Fagin fez para ele uma mistura de gim quente com água. O menino bebeu. Logo depois, sentiu que o carregavam gentilmente para um dos sacos e caiu em sono profundo.

CAPÍTULO 9
Algumas particularidades sobre o cavalheiro e seus prestativos pupilos

Já era tarde na manhã seguinte quando Oliver acordou de um longo e profundo sono. Não havia mais ninguém na sala além do velho, que fervia um pouco de café e assoviava baixinho. Parava de vez em quando para prestar atenção se havia ruído lá embaixo. E então voltava a assoviar.

Embora Oliver não estivesse mais dormindo, também não estava totalmente desperto. Via o velho com os olhos semifechados, ouvia seu assovio, e, ao mesmo tempo, os mesmos sentidos estavam mentalmente envolvidos em ligeiro sonho.

Quando o café ficou pronto, Fagin colocou a panela perto da lareira, olhou em volta, viu Oliver e o chamou pelo nome. O menino não respondeu.

Após assegurar-se de que ele não estava acordado, o velho trancou a porta, se abaixou e, pelo que Oliver pôde perceber, abriu um tipo de esconderijo no chão, tirou de lá uma pequena caixa e a colocou sobre a mesa. Seus olhos brilharam quando levantou a tampa e olhou o seu interior. Puxou uma velha cadeira para perto da mesa, sentou-se e tirou da caixa um magnífico relógio de ouro cravado de pedras preciosas.

– Ah! – disse o velho. – Cães espertos! Firmes até o fim! Nunca roubaram o velho Fagin! Bons companheiros!

Murmurando essas e outras expressões, o velho depositou o relógio de volta na caixa e tirou dela pelo menos mais meia dúzia de relógios semelhantes, além de anéis, broches, braceletes e outros artigos de joalheria magníficos e valiosos.

Finalmente, como que desesperado de sucesso, encostou na cadeira e murmurou:

– Que coisa boa é a pena capital! Mortos nunca desencavam histórias desagradáveis. Ah, que bom para o comércio!

Quando proferiu essas palavras, os olhos brilhantes do velho, que vagavam pelo ambiente, caíram sobre o rosto de Oliver, que o olhava fixamente em uma curiosidade muda.

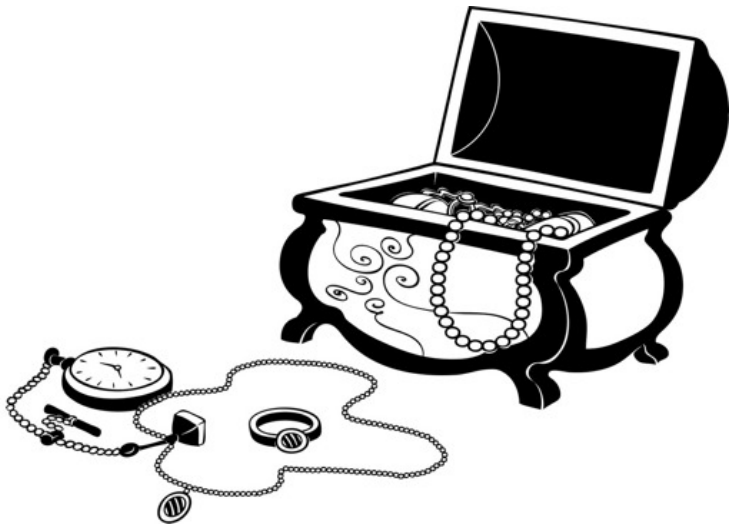
Fechou a tampa da caixa com força e, com a mão sobre a faca do pão que estava sobre a mesa, levantou-se furiosamente. Tremia de terror, e Oliver viu que a caixa balançava no ar.

– O que é isso? – indagou Fagin. – Está me espreitando? O que viu? Desembucha, garoto! Rápido, se tem amor à vida.

– Não consegui dormir mais – respondeu Oliver. – Desculpe se o perturbei, senhor.

– Estava acordado há uma hora?

– Não! Juro que não! Palavra de honra, senhor – Oliver disse com sinceridade. – Eu não estava.



– Ora, ora, meu caro! – falou o velho, repentinamente retomando seu antigo jeito. – É claro que sei. Apenas estava tentando amedrontá-lo. Você é um garoto corajoso. Ha! Ha! – Ele esfregou as mãos, deu uma risada, mas olhou inquieto para a caixa. – Você viu alguma dessas belas coisas, querido?

– Sim, senhor – respondeu Oliver.

– Ah! – falou o velho, empalidecendo. – Elas... elas são minha pequena propriedade. Tudo o que tenho para me sustentar. E os companheiros me chamam de avarento.

Oliver pensou que ele deveria ser mesmo um avarento para viver naquele lugar imundo com tantos relógios guardados. Mas, ao imaginar que a bondade dele para com Jack e os outros meninos lhe custava um bom dinheiro, passou a olhar diferente o homem e perguntou se podia se levantar.

– Certamente, meu caro – respondeu o velho. – Olhe, há um jarro de água no canto perto da porta. Pegue-o e lhe darei uma bacia para se lavar.

Oliver se levantou e cruzou a sala para pegar o jarro. Quando virou a cabeça, a caixa já havia desaparecido.

Mal acabara de se lavar e de arrumar tudo, o Trapaceiro voltou acompanhado de um garoto alegre, chamado Charley Bates. Os quatro se sentaram para o desjejum com café e alguns pãezinhos quentes e presunto que Jack havia trazido dentro de seu chapéu.

– Bem – começou Fagin, olhando para Oliver, mas se dirigindo a Jack –, espero que vocês tenham trabalhado agora de manhã, queridos.

– Duro – respondeu o Trapaceiro.

– Como pregos – acrescentou Charley Bates.

– Bons garotos! E o que trouxe, Trapaceiro?

– Duas carteiras forradas – respondeu o garoto.

– Não tão pesadas quanto deveriam estar – comentou o velho após olhar seu interior –, mas muito limpas e benfeitas. E o que tem aí, meu caro? – perguntou a Charley Bates.

– Lenços – respondeu Mestre Bates.

– Ora, são dos bons. Contudo estão marcados, Charley, e as marcas precisam ser tiradas com uma agulha. Vamos ensinar Oliver a fazer isso. Pode ser? Ha! Ha! Ha!

– Se o senhor quiser – falou Oliver.

– Você gostaria de fazer lenços tão bem quanto Charley, não é?

– Claro, senhor; se me ensinar – respondeu Oliver.

Charley Bates explodiu em gargalhadas, e o Trapaceiro apenas disse que ele aprenderia aos poucos. O Judeu mudou de assunto e perguntou se havia um grande público na execução daquela manhã. As respostas dos dois garotos indicaram que ambos haviam estado lá, e Oliver ficou imaginado como poderiam ter tido tempo de trabalhar tanto.

Quando terminaram o desjejum, os três jogaram um jogo bem curioso e incomum, que consistia no seguinte: o velho colocou diversos artigos nos bolsos de suas calças, do colete e do casaco, e andou de um lado a outro da sala com uma bengala. Algumas vezes parava em frente à lareira, e outras, perto da porta, fingindo estar olhando uma vitrine. Nessas horas, olhava ao seu redor com medo de ladrões e batia nos bolsos para conferir se não havia perdido nada. Todo esse tempo, os dois garotos o seguiam de perto, saindo de seu campo de visão com tanta agilidade, que era impossível acompanhar seus movimentos. Finalmente, o Trapaceiro pisava em seus pés ou o chutava acidentalmente, enquanto Charley Bates trombava com o homem por trás, e, nesse instante, eles tiravam-lhe, com extraordinária rapidez, quase todos os artigos. Se ele sentisse uma mão em qualquer um dos bolsos, gritava, e então o jogo recomeçava.

Tinham repetido o jogo diversas vezes, quando duas garotas chegaram: eram Bet e Nancy.

As visitantes ficaram ali bastante tempo. Uma reclamou estar com frio, então foram servidas bebidas, e a conversa ficou bastante animada. Depois de um tempo, Jack, Charley e as meninas, saíram, tendo recebido do amigável velho algum dinheiro para gastar.

– Essa, meu caro – falou Fagin –, é uma boa vida, não é? Eles não voltam pelo resto do dia.

– Eles já terminaram o trabalho, senhor? – perguntou Oliver.

– Sim. A menos que, inesperadamente, cruzem com algo para fazer na rua. Tome-os como exemplo, meu caro. Faça o que mandarem e peça o conselho deles para tudo, especialmente do Trapaceiro. Meu lenço está caindo do meu bolso, rapaz? – disse, mudando a conversa.

– Sim, senhor.

– Veja se consegue tirá-lo sem que eu sinta, como os viu fazer quando estávamos jogando nesta manhã.

Oliver o fez.

– Conseguiu? – perguntou Fagin.

– Aqui está, senhor – Oliver mostrou o lenço.

– Você é um garoto esperto. Tome um xelim. Se continuar assim, será um grande homem. E agora, venha aqui que vou lhe mostrar como tirar as marcas dos lenços.

Oliver ficou se questionando que relação teria o fato de tirar o lenço do bolso de um velho com suas chances de ser um grande homem. Mas, achando que o velho devia saber das coisas, seguiu-o até a mesa e logo estava envolvido com sua nova tarefa.

CAPÍTULO 10
Oliver conhece melhor seus novos amigos e paga um alto preço por isso: um capítulo curto, mas importante

Durante muitos dias, Oliver permaneceu no quarto do velho tirando as marcas dos lenços e participando algumas vezes do jogo praticado por Fagin e pelos dois garotos, todas as manhãs. Por fim, começou a sentir falta de ar fresco e pediu que o deixasse sair para trabalhar com os outros.

Finalmente obteve a permissão que esperava. Os três garotos saíram. O Trapaceiro com as mangas do casaco arregaçadas; Mestre Bates vagando com as mãos nos bolsos; e Oliver entre eles, imaginando para onde estariam indo e que tipo de trabalho aprenderia a fazer primeiro.

O ritmo que seguiam era tão preguiçoso que Oliver logo começou a achar que eles iriam decepcionar o velho não indo trabalhar. Jack jogava longe os bonés dos garotos pequenos, enquanto Charley Bates roubava maçãs e cebolas das quitandas por onde passavam e colocava-as em seus bolsos, que pareciam não ter fundo. Essas atitudes pareciam tão ruins que Oliver estava a ponto de avisar que voltaria para casa, quando percebeu subitamente uma mudança de comportamento no Trapaceiro.

Estavam saindo de um beco estreito, não muito longe da praça, em Clerkenwell, quando Jack deu uma parada brusca e, colocando o dedo nos lábios, puxou os companheiros para trás com muito cuidado.

– Qual o problema? – perguntou Oliver.

– Shhh! – respondeu o Trapaceiro. – Vê aquele cara na banca de livros?

– Sim, vejo.

– Será ele – avisou o Trapaceiro.

– O alvo – observou Charley Bates.

Oliver olhou um e outro com grande surpresa, mas os dois garotos seguiram furtivamente pela rua e se esgueiraram logo atrás do cavalheiro idoso. Oliver estava alguns passos atrás e, sem saber se avançava ou se voltava, ficou observando silenciosamente.

O cavalheiro tinha um ar muito respeitável. Pegou um livro da banca e ficou folheando-o, absorto.

O que horrorizou e alarmou Oliver, que estava a poucos passos de distância, foi ver o Trapaceiro colocar a mão no bolso do cavalheiro, tirar de lá um lenço e entregá-lo para Charley Bates – e, em seguida, os dois fugiram correndo o mais rápido que podiam!

Em um instante, o mistério dos lenços, dos relógios e das joias do velho foi desvendado na mente do garoto. Confuso e amedrontado, saiu dali o mais rápido que seus pés permitiram.

Tudo aconteceu no espaço de um minuto. Assim que Oliver começou a correr, o cavalheiro, sentindo falta do lenço, olhou à sua volta, viu o garoto e começou a gritar "Parem o ladrão!", e foi atrás dele, com o livro na mão.

Mas o cavalheiro não foi a única pessoa que gritou. O Trapaceiro e Mestre Bates, percebendo a situação, começaram a gritar também "Parem o ladrão!" e juntaram-se à perseguição, como bons cidadãos.

Parem o ladrão! Há uma mágica nesse som. Todos largam o que estão fazendo e correm, desordenada e desenfreadamente, espalhando lama e chacoalhando as calçadas, dando novo vigor ao grito: *Parem o ladrão! Parem o ladrão!*

Detido finalmente! Caído na calçada, a multidão ansiosa ao seu redor.

Afastem-se! Deixem-no respirar um pouco! Onde está o cavalheiro?

Lá vem ele pela rua. Deem espaço para o cavalheiro! É o garoto, senhor?

Sim.

Oliver estava deitado, coberto de lama, sangrando na boca e olhando freneticamente os rostos que o cercavam, quando o cavalheiro foi empurrado para dentro do círculo por um dos perseguidores.

– Sim – disse o cavalheiro –, acho que é o garoto.

– Acha! – murmurou a multidão. – Essa é boa!

– Pobre garoto! – falou o cavalheiro. – Está machucado.

Então chegou um policial (que geralmente é o último a chegar nesses casos), cruzou a multidão e puxou Oliver pelo colarinho.

– Levante-se – falou.

– Não fui eu, senhor. Juro, foram dois outros garotos – disse nervosamente. – Estão em algum lugar por aqui.

– Ah, não, eles não estão – falou o policial ironicamente, mas era verdade. O Trapaceiro e Charley Bates já haviam escapulido na primeira oportunidade.

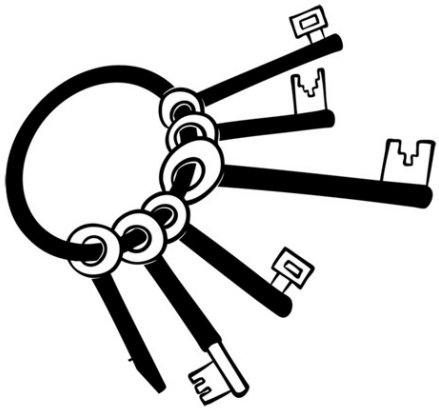
– Não o machuque – disse o cavalheiro.

– Ah, não. Não vou machucá-lo. Não vai ficar de pé, seu diabinho?

Oliver, que mal conseguia se levantar, fez um enorme esforço e foi arrastado pelo colarinho. O cavalheiro seguiu ao lado do policial; os garotos gritaram de triunfo e foram embora.

CAPÍTULO 11
Sobre o magistrado Sr. Fang e uma mostra de seu modo de aplicar a justiça

O crime fora praticado perto de uma delegacia muito conhecida. Havia um pequeno pátio onde o policial entrou com Oliver, e ali estava um homem robusto com um molho de chaves na mão.



– O que temos agora?

– Um ladrãozinho – respondeu o policial.

– O senhor é quem foi roubado? – perguntou o homem das chaves.

– Sim, sou eu – respondeu o cavalheiro. – Mas não estou certo de que é esse o garoto e prefiro não prestar queixa.

– Agora tem que ser perante o magistrado, senhor – falou o homem. – Sua excelência estará disponível em meio minuto. Venha, jovem candidato à forca!

Isso era um convite para que Oliver entrasse numa cela, onde foi revistado e nada foi achado com ele.

O cavalheiro parecia quase tão triste quanto o garoto. Olhou para o livro que tinha sido a causa de toda essa confusão.

– Há algo no rosto do menino – pensou alto. – Algo que me intriga. Será inocente? Ele parecia… meu Deus. Onde já vi aquele olhar?

Depois de pensar por alguns minutos, o cavalheiro andou até uma antessala que se abria para o pátio e ali, se recolhendo em um canto, buscou em sua mente por rostos que os anos o fizeram conhecer.

– Não, só pode ser imaginação.

O cavalheiro não conseguia lembrar-se de ninguém que tivesse os traços de Oliver.

Sentiu um toque no ombro. O homem das chaves o chamava a comparecer perante a imponente presença do renomado Sr. Fang, um homem severo de rosto sério.

Era uma sala grande, e o Sr. Fang sentava-se atrás de um púlpito na parte superior, ao lado de uma espécie de cercado, onde o pobre Oliver já estava tremendo de terror.

O cavalheiro inclinou-se respeitosamente e, avançando sobre a mesa do magistrado, disse:

– Este é o meu nome e endereço, senhor.

Então deu um passo ou dois para trás educadamente, esperando ser interrogado.

Acontece que o Sr. Fang estava lendo um artigo no jornal da manhã que alertava sobre alguma recente decisão sua. Ficara irritado e olhou para cima com raiva.

– Quem é você? – perguntou.

O cavalheiro apontou, com surpresa, seu cartão.

– Oficial! – falou o Sr. Fang, jogando o cartão e o jornal para longe com desprezo. – Quem é esse camarada?

– Meu nome, senhor – respondeu o homem –, é Brownlow. Permita-me perguntar o nome do magistrado que insulta gratuitamente uma pessoa respeitável, sob a proteção da lei.

– Oficial! – falou o Sr. Fang. – Do que ele é acusado?

– Não é acusado, excelência. É o queixoso contra este menino.

Sua excelência sabia disso, mas era uma forma de aborrecer o homem.

– Queixoso contra o menino, não é? – disse examinando o Sr. Brownlow. – Que preste juramento!

– Antes de prestar juramento, peço licença para dizer uma palavra. É que na verdade eu nunca teria acreditado...

– Cale-se, senhor! – ordenou o juiz.

– Não, senhor! – respondeu o cavalheiro.

– Como ousa desafiar um magistrado? – disse o Sr. Fang.

– Como?! – exclamou o homem.

– Faça essa pessoa prestar juramento! – ordenou Fang ao oficial de justiça. – Não vou ouvir nem mais uma palavra.

O Sr. Brownlow ficou mais indignado ainda, porém, refletindo melhor, achou que talvez apenas piorasse a situação do menino se continuasse com aquilo. Então, recolheu seu sentimento e prestou o juramento de uma vez.

– Agora – disse Fang –, qual é a acusação contra este garoto?

– Eu estava de pé em uma banca de livros... – começou o Sr. Brownlow.

– Cale-se, senhor – replicou o juiz. – Policial! Onde está o policial? Ei-lo. Faça-o prestar juramento. Agora, policial, o que houve?

O policial, em uma postura de humildade, relatou como havia recebido a acusação, contou que havia revistado Oliver e que não tinha encontrado nada.

– Alguma testemunha? – inquiriu o Sr. Fang.

– Nenhuma, excelência – respondeu o policial.

O Sr. Fang ficou em silêncio por alguns minutos e então virou-se para o acusador e falou.

– Quer apresentar queixa contra esse menino ou não? Lembre-se de que prestou juramento.

Entre interrupções e insultos, o Sr. Brownlow tentou relatar seu caso, deixando claro que, na surpresa do momento, havia corrido atrás do garoto porque o vira fugindo.

– Ele já está ferido – concluiu – e realmente temo que esteja doente.

– Ah, sim! – respondeu o Sr. Fang com sarcasmo. – Olhe, aqui nenhum dos seus truques, vagabundo, vai funcionar. Qual o seu nome?

Oliver tentou responder, mas o lugar parecia estar girando.

– Oficial de justiça, qual o nome dele? – indagou ordenando o juiz.

O oficial inclinou-se sobre Oliver e repetiu a pergunta, mas, percebendo que o garoto era incapaz de compreender e, sabendo que a

ausência de resposta iria enfurecer o magistrado ainda mais, arriscou um palpite.

– Diz que seu nome é Tom White, excelência – respondeu o generoso oficial de justiça.

– Ah, ele não fala, não é? – disse o Sr. Fang. – Onde vive?

– Onde consegue, excelência – respondeu o oficial, novamente fingindo ser uma resposta de Oliver.

– Tem pais? – perguntou o juiz.

– Disse que morreram quando era pequeno, excelência – o oficial de justiça arriscou a resposta mais comum.

Nesse ponto do interrogatório, Oliver levantou a cabeça e implorou por um gole de água.

– Bobagem! – respondeu o juiz.

– Acho que ele realmente está doente, excelência – avisou o oficial.

– Conheço isso muito bem – falou o Sr. Fang.

– Cuide dele, oficial – pediu o cavalheiro. – Ele vai cair.

– Deixe que caia, oficial – gritou Fang.

Oliver caiu desmaiado no chão.

– Deixem-no aí, logo se cansará da farsa – falou Fang.

– Como propõe tratar o processo, senhor? – perguntou o escriturário.

– Sumariamente. Ele fica detido por três meses de trabalho pesado, é claro. Saiam todos.

Então a porta abriu, e um homem mais velho, de aparência pobre, porém decente, entrou correndo na sala e se dirigiu ao púlpito.

– Não o levem! – gritou o recém-chegado, sem fôlego.

O Sr. Fang não ficou satisfeito ao ver um convidado inesperado entrar com tamanha irreverência.

– O que é isso? Quem é esse? Esvaziem a sala!

– Eu vou falar – gritou o homem. – Não vou sair. Vi tudo. Sou o dono da livraria. Quero prestar juramento, Sr. Fang, o senhor precisa me ouvir. Não pode se recusar.

O homem estava certo. Sua postura era determinada, e o assunto estava ficando sério demais.

– Que preste juramento – rosnou o irritado juiz.

– Eu vi três garotos: outros dois e o prisioneiro, vadiando do outro lado da rua enquanto este senhor estava lendo – começou o homem. – O roubo foi cometido pelo outro garoto. Eu vi que este menino ficou horrorizado e assustado. – O livreiro prosseguiu com o relato exato do ocorrido.

– Por que não veio antes? – perguntou Fang.

– Não tinha quem cuidasse da loja. Só consegui cinco minutos atrás, e então corri até aqui.

– O queixoso estava lendo, não é? – perguntou Fang.

– Sim – concordou o homem. – Aquele livro que tem nas mãos.

– Ah! Aquele livro? Está pago?

– Não, não está – respondeu o homem.

– Oh céus, acabei esquecendo – exclamou o cavalheiro inocentemente.

– Uma boa pessoa que prefere acusar um pobre garoto! – comentou Fang, fazendo um esforço cômico para parecer humano. – Senhor, considero que tomou posse do livro sob circunstâncias vergonhosas. O garoto está liberado. Esvaziem a sala!

– Maldito! – gritou o cavalheiro, liberando toda a raiva que tinha segurado até então. – Maldito! Eu vou...

A ordem foi obedecida, e o indignado Sr. Brownlow foi levado para fora. Quando chegou ao pátio, sua fúria desapareceu. O pequeno Oliver Twist estava deitado no chão com o rosto muito branco e trêmulo de frio.

– Pobre garoto! – falou o Sr. Brownlow. – Alguém, por favor, chame uma carruagem. Agora!

Oliver foi colocado cuidadosamente no banco da carruagem. O cavalheiro entrou e sentou-se no outro.

– Posso acompanhá-lo? – perguntou o livreiro.

– Sim, por favor, meu caro senhor – respondeu o Sr. Brownlow. – Entre. Pobre garoto!

O livreiro entrou na carruagem e foram embora.

CAPÍTULO 12
Quando Oliver foi tratado como nunca antes em sua vida; e a narrativa volta para o velho e seus jovens amigos

A carruagem parou na frente de uma casa perto de Pentonville. Ali, o garoto foi colocado cuidadosa e confortavelmente numa cama e cuidado com gentileza e atenção sem limites.

Durante muitos dias, Oliver continuou definhando sob o calor e a secura da febre.

Fraco, magro e pálido, finalmente acordou do que parecia ter sido um longo e turbulento sonho. Levantando-se na cama com dificuldade, a cabeça apoiada nos braços, olhou à sua volta.

– Que lugar é esse? – perguntou.

Falou com uma voz trêmula, pois estava muito fraco, mas foi ouvido. A cortina da cabeceira da cama se abriu e uma senhora maternal, muito limpa e bem-arrumada, levantou-se de uma poltrona próxima.

– Shhh, querido – disse suavemente. – Você precisa descansar. Esteve muito mal. Deite-se. – O menino não se conteve e segurou a mão dela. – Que bênção! – falou a senhora com lágrimas nos olhos. – Que pequeno agradecido! Como sua mãe ficaria feliz se pudesse estar aqui ao seu lado!

– Talvez ela possa me ver – sussurrou Oliver juntando as mãos. – Talvez esteja ao meu lado.

– Isso foi a febre, querido – disse a senhora.

– Deve ter sido – respondeu Oliver. – Se soubesse como me batiam, teria ficado triste, mas seu rosto parecia doce e feliz quando eu sonhava

com ela.

A senhora secou os olhos e trouxe algo fresco para Oliver beber. Depois, fez um carinho em sua bochecha e disse que deveria ficar deitado e bem quieto para não adoecer novamente.

Ele ficou bem quieto porque queria obedecer à bondosa senhora e também porque ficara exausto com o esforço de falar. Logo sentiu-se sonolento. Acordou com a luz de uma vela lhe mostrando um homem com um grande relógio barulhento nas mãos, que mediu seu pulso e disse que estava bem melhor.

– Você está se sentindo melhor, não está, meu rapaz? – falou o homem.

– Sim, obrigado senhor – respondeu Oliver.

– E também está com fome?

– Não, senhor.

– Hum! Ele não está com fome, Sra. Bedwin – falou o homem, parecendo muito sábio.

– Está sonolento rapaz? – perguntou.

– Não, senhor.

– Não – falou o médico, com um olhar perspicaz e satisfeito. – Nem com sede, está?

– Sim, senhor. Com muita sede – confirmou Oliver.

– Como eu imaginava – disse o médico. – É natural que esteja com sede. Pode dar a ele um pouco de chá e algumas torradas sem manteiga. Não o deixe quente demais, madame, mas tenha cuidado para que não sinta frio.

Oliver dormiu novamente. Quando acordou, era quase meia-noite. Ficou desperto durante algum tempo, virou a cabeça no travesseiro e orou fervorosamente.

Gradualmente caiu em sono profundo e tranquilo. O dia estava claro há horas quando abriu os olhos. Sentiu-se feliz. Pertencia ao mundo novamente.

A Sra. Bedwin mandou que o levassem para baixo até a pequena sala dos empregados e, feliz por vê-lo tão melhor, começou a chorar.

– Não ligue, querido – falou. – Este é um choro bom.

– A senhora foi muito, muito boa comigo, madame – disse Oliver.

– Já passou, meu querido – respondeu. – Não é nada com você, foi o momento difícil que teve. O doutor disse que o Sr. Brownlow deve vir vê-lo esta manhã, e você deve estar bem para que ele fique contente. – E com isso, a senhora começou a aquecer uma pequena panela cheia de um caldo tão forte que Oliver logo pensou que daria para alimentar trezentos e cinquenta pobres.

– Gosta de pinturas, querido? – perguntou a senhora, vendo que Oliver olhava fixamente para um quadro pendurado na parede em frente à sua cadeira.

– Não sei, madame. – respondeu sem tirar os olhos da tela. – Que rosto bonito tem essa moça!

– Ah! – falou a senhora. – Os pintores sempre deixam as damas mais belas do que são, criança.

– É... É muito semelhante, madame? – perguntou Oliver.

– Sim. É um retrato.

– De quem, madame?

– Não sei, meu rapaz – respondeu a senhora de um jeito bem-humorado. – Não é ninguém que você ou eu conhecemos. Parece que ficou impressionado.

– É tão bonito – explicou Oliver.

– Tem certeza de que não está com medo? – comentou a senhora.

– Ah, não, não – Oliver respondeu rapidamente. – Mas os olhos parecem tristes e olham fixamente para mim. Faz meu coração bater – acrescentou em voz baixa –, como se estivesse viva e quisesse falar comigo, mas não pudesse.

– Santo Deus! – exclamou a senhora. – Não fale assim, criança. Deixe-me virar a sua cadeira, assim não ficará olhando para ele. Pronto! – falou a senhora, acompanhando as palavras com ação. – Agora não o vê.

Ainda o via em sua mente bem claramente, mas achou melhor não preocupar a boa senhora. Oliver tomou o caldo com extraordinária rapidez. Mal tinha engolido a última colherada quando ouviu uma leve batida na porta.

– Entre – ela disse. E o Sr. Brownlow entrou.

O cavalheiro levantou os óculos e deu uma boa olhada no garoto, que tentou, sem sucesso, ficar em pé, em respeito ao seu benfeitor.

– Como se sente, meu rapaz? – perguntou o homem.

– Muito feliz, senhor – respondeu Oliver. – E muito agradecido mesmo, por sua bondade.

– Muito bom – falou o Sr. Brownlow satisfeito. – Alimentou-o, Bedwin? Com um consomê?

– Ele acabou de tomar uma tigela de um belo caldo suculento, senhor – respondeu a senhora.

– Ah! – disse o homem. – Alguns cálices de vinho do Porto lhe fariam muito bem, não é, Tom White?

– Meu nome é Oliver, senhor – respondeu com surpresa. – Oliver Twist.

– Que nome estranho! Por que disse ao magistrado que seu nome era White?

– Eu não disse, senhor – falou assustado.

O homem olhou para Oliver com um ar sério, mas havia sinceridade em suas expressões magras e castigadas.

– Algum engano – respondeu.

Mas a impressão de que suas feições o faziam lembrar alguém voltou com muita força.

– Ora! O que é isso? – falou o cavalheiro. – Bedwin, olhe ali!

Enquanto falava, apontou para o quadro e então para o rosto do garoto. Era uma cópia viva. A expressão era tão precisamente semelhante que todos os mínimos detalhes pareciam ter sido copiados!

Oliver não soube a causa da exclamação, pois não estava forte o suficiente para levantar-se e olhar. A fraqueza do menino dá à narrativa a oportunidade de aliviar a curiosidade do leitor sobre o que aconteceu com os dois pupilos do Judeu e então...

O Trapaceiro e Mestre Bates juntaram-se à multidão que perseguia Oliver por causa do furto à propriedade do Sr. Brownlow, como já foi descrito, atuando para se preservarem. Então, após terem percorrido com rapidez uma série de ruas estreitas e vielas, resolveram diminuir o passo. Ficaram em silêncio tempo suficiente para recobrar o fôlego, e Bates explodiu em uma incontrolável gargalhada.

– O que foi? – perguntou o Trapaceiro. – Não faça barulho! Quer ser pego, idiota?

– Não consigo parar – falou Charley. – Ver ele correndo pela rua e dobrando as esquinas, e tudo de novo; e eu com o lenço no meu bolso, correndo e gritando atrás dele... Ah!

– O que Fagin vai dizer? – perguntou o Trapaceiro.

O Trapaceiro não respondeu. Apenas desceu a rua. Mestre Bates seguiu-o preocupado com a apreensão do amigo.

O barulho de passos na escada minutos após esta conversa fez o alegre velho levantar-se e encostar o ouvido na porta.

– O que é isso? – murmurou. – Apenas dois? Não podem ter se metido em problemas.

Os passos chegaram mais perto. A porta foi aberta lentamente. O Trapaceiro e Charley Bates entraram.

CAPÍTULO 13
Alguns novos personagens são apresentados ao leitor

– Onde está Oliver? – perguntou Fagin, ameaçador. O que aconteceu com o garoto? Desembuchem!

O Sr. Fagin parecia sério demais.

– Os tiras o pegaram, e foi isso – falou Jack com raiva. – Vai descontar na gente, é?

O velho deu um passo para trás e, com mais agilidade do que se esperaria de um homem tão decrépito, pegou um pote e preparou-se para jogar na cabeça de seu adversário. Mas Charley Bates desviou sua atenção com um grito, e o arremesso errou o garoto.

– Que diabos é isso! – gritou uma voz rouca. – Quem jogou aquilo em mim? Demônios, meu lenço está molhado de cerveja! Entre, pequeno verme, não fique parado aí fora como se tivesse vergonha de seu amo!

O homem que rosnou essas palavras era um cara robusto de uns trinta e cinco anos, com a barba por fazer há mais de três dias e olhos sinistros. Um cão branco felpudo, com o focinho arranhado, entrou timidamente na sala atrás dele.

– Deite!

Essa ordem foi acompanhada de um chute que jogou o animal para o outro lado da sala. Ele parecia estar acostumado, pois se encolheu em um canto, sem emitir um som.

– Está maltratando os garotos, velho avarento? – falou o homem ao sentar-se. – Espero que não os mate! Se fosse eu...

– Quieto! Sr. Sikes – falou o velho tremendo –, não fale tão alto!

– Sempre há problemas quando começa assim!

– Ora, ora! – falou Fagin com ares de humildade. – Você parece de mau humor, Bill.

– Talvez esteja – respondeu Sikes. – E devo pensar que você também está aborrecido, a menos que goste de jogar potes nos outros como faz quando fala demais e...

– Está louco? – disse o velho, apontando em direção aos garotos.

O Sr. Sikes contentou-se em fazer um nó imaginário em sua orelha e sacudir a cabeça para o lado, em uma alusão a algo que Fagin parecia conhecer muito bem. Então, em uma linguagem cheia de jargões numa conversa toda partilhada, pediu um cálice de licor.

– E espero que não o envenene – falou o Sr. Sikes.

Isso foi dito num tom de zombaria, mas, se o homem pudesse ver o olhar diabólico do velho quando se virou para o guarda-louça, tomaria cuidado.

Após engolir dois ou três copos de bebida, o Sr. Sikes dignou-se a ouvir os garotos sobre o motivo e a maneira como Oliver havia sido capturado.

– Temo – falou Fagin – que ele diga algo que nos traga problemas.

– É bem possível – respondeu Sikes. – Você está em apuros, Fagin.

– E temo – acrescentou o velho, como se não tivesse notado a interrupção – que poderá ser pior para você do que para mim, meu caro.

Houve uma longa pausa. Cada membro do respeitável grupo parecia estar absorto em suas próprias reflexões.

– Alguém precisa descobrir o que aconteceu no tribunal – falou o Sr. Sikes. – Se não delatou e está preso, não há o que temer até que saia.

O velho balançou a cabeça concordando.

A prudência dessa linha de ação era óbvia, mas, infelizmente, havia um obstáculo muito forte: os quatro cultivavam profunda antipatia pela ideia de ir a uma delegacia.

Então Bet e Nancy chegaram, e o assuntou ganhou um novo caminho.

– Isso! Bet irá, não é, querida? Só até a delegacia – falou Fagin de forma persuasiva.

É justo dizer que a garota não afirmou que não iria, mas expressou desejo de ser "abençoada" se o fizesse.

Fagin virou-se então para a outra.

– Nancy, querida – falou o velho de forma suave –, o que me diz?

– Que não vale nem tentar, Fagin – respondeu Nancy.

– O que quer dizer? – perguntou o Sr. Sikes de forma grosseira.

– O que eu disse, Bill – respondeu a garota calmamente.

– Você é a pessoa indicada – ponderou Sikes. – Ninguém aqui a conhece.

– E também não quero que conheçam. Minha resposta é não, Bill.

– Ela irá, Fagin – disse Sikes.

– Não, ela não irá, Fagin – falou Nancy.

– Sim, ela irá, Fagin – insistiu Sikes.

E o Sr. Sikes estava certo. À custa de alternadas ameaças, promessas e subornos, Nancy acabou aceitando a missão.

Então, com um avental branco limpo sobre o vestido e fitas amarradas em um chapéu de palha, a senhorita Nancy preparou-se.

– Um minuto, querida – falou o velho, entregando-lhe uma pequena cesta coberta. – Leve isso. Confere um ar mais respeitável.

– Oh, meu irmão! Meu pobre, querido, doce e inocente irmãozinho! – exclamou Nancy, desatando em choro. – O que aconteceu? Para onde o levaram? Oh, tenham piedade e digam-me o que foi feito do meu querido menino, senhores, por favor!

Ao dizer aquelas palavras da forma mais lamuriosa e triste para o deleite de seus ouvintes, a Srta. Nancy parou, piscou para os companheiros, acenou sorridente e desapareceu.

– Ah, é uma garota esperta – falou o velho.

– Ela é um orgulho – disse o Sr. Sikes enchendo o copo. – À sua saúde, que todos sejam como ela!

Enquanto isso, a garota seguia em direção à delegacia.

Entrando pela porta dos fundos, bateu suavemente em uma das celas e ficou ouvindo. Nenhum som veio de lá. Então ela falou.

– Nolly, querido? – murmurou com voz gentil.

Não havia ninguém além de um criminoso, que foi preso tocando flauta, cuja ofensa contra a sociedade havia sido devidamente castigada pelo Sr. Fang, condenando-o à Casa de Correção por um mês.

E, na cela seguinte, estava um homem que tinha ido para a prisão por mendigar nas ruas e não fazer nada pelo seu sustento. Na próxima, outro homem que ia para a mesma prisão por vender panelas de estanho sem licença, ou seja, por ter feito algo pelo seu sustento e desafiado o Escritório de Finanças.

Mas, como nenhum deles era Oliver, Nancy foi falar com o oficial de justiça. E, com as mais piedosas lamentações, perguntou por seu querido irmão.

– Eu não o levei, minha cara – disse o homem. – O cavalheiro o levou – respondeu o oficial.

– Graças aos céus! Mas que cavalheiro? – exclamou Nancy.

Então o homem informou o que acontecera no tribunal e que o menino fora levado pelo queixoso para algum lugar em Pentonville, pois tinha escutado dizerem esse nome ao cocheiro.

A triste garota seguiu para o portão. E voltou por caminho complicado até o domicílio de Fagin.

Tão logo ouviu o resultado da expedição, o Sr. Bill Sikes chamou o cão e saiu.

– Precisamos saber onde ele está – falou o velho bastante alterado. – Charley, fique fuçando por aí até trazer alguma notícia! Nancy confio em você e no Trapaceiro! – ele destrancou uma gaveta. – Aqui tem dinheiro. Vou fechar este lugar hoje. Vocês saberão onde me encontrar! Não venham aqui!

Ele os empurrou para fora e deu duas voltas na chave. Então, tirou do esconderijo a caixa que revelara sem querer a Oliver e rapidamente

começou a encher os bolsos com os relógios e as joias.

Uma batida na porta o assustou.

– Quem está aí? – gritou em tom estridente.

– Nancy quer saber se devemos levá-lo para o outro esconderijo – perguntou o Trapaceiro.

– Sim – respondeu Fagin. – Apenas encontrem o menino!

O garoto murmurou uma resposta e foi embora.

– Ele ainda não delatou – disse o velho sozinho. – Mas se pretende, precisamos fechar a sua boca já.

CAPÍTULO 14
Informações sobre a estadia de Oliver na casa do Sr. Brownlow e a previsão feita pelo Sr. Grimwig quando o menino saiu em uma missão

Oliver logo se recuperou, e tanto o Sr. Brownlow como a Sra. Bedwin evitaram falar sobre o retrato. O garoto ainda estava muito fraco, mas quando chegou nos aposentos da empregada no dia seguinte ficou desapontado, pois o quadro havia sido removido.

– Ah! – falou a empregada percebendo. – Não está mais aí, viu?

– Vi, madame – respondeu. – Por que o tiraram?

– Porque o Sr. Brownlow achou que talvez não estivesse deixando você ficar bom, sabe? – explicou a senhora.

– Ah, não, de modo algum. Gostava de olhar para ele, madame – falou Oliver. – Quase que o amava.

– Ora, ora – disse a senhora de um jeito bem-humorado –, fique bom logo e será pendurado de volta. Eu prometo! Agora vamos falar de outra coisa.

Em respeito à senhora, decidiu não pensar mais no quadro. Passou a ouvir as muitas histórias que ela contava sobre sua família. E, depois do chá, começou a aprender a jogar *cribbage*[8].

Foram dias felizes aqueles. Tudo era tão tranquilo, limpo e organizado. Todos eram tão bons e gentis, que parecia o próprio paraíso. O Sr. Brownlow mandou que lhe dessem roupas novas e, quando lhe perguntaram o que queria fazer com as velhas, pediu que as vendessem a um mercador e que ficassem com o dinheiro. E, quando viu o mercador levando as roupas embora, sentiu-se bem em pensar que não teria de vesti-las novamente. Era a primeira vez que Oliver tinha uma roupa nova.

Uma tarde, cerca de uma semana após o incidente do retrato, quando estava com a Sra. Bedwin, veio um mensageiro dizer que o Sr. Brownlow gostaria de vê-lo em seu escritório.

– Santo Deus! Lave as mãos e deixe-me pentear seus cabelos, criança – falou a Sra. Bedwin.

Oliver obedeceu e foi bater na porta do escritório. O Sr. Brownlow, estava em uma pequena sala cheia de livros. O menino ficou maravilhado em pensar como uma pessoa poderia ter lido tantos.

– São muitos livros bons, não são, meu rapaz? – disse o Sr. Brownlow observando a curiosidade com que Oliver vistoriava as prateleiras. – Você os lerá se se comportar bem. Gostaria de ser um adulto inteligente e escrever livros?

– Acho que vou preferir lê-los, senhor – respondeu o garoto.

– Ora! Não gostaria de ser um escritor? – perguntou o cavalheiro.

Oliver pensou um pouco e finalmente disse que achava que seria um melhor livreiro, ao que o homem riu.

– Bem, bem – falou o Sr. Brownlow. – Não fique com medo! Não faremos de você um autor enquanto houver um ofício honesto a ser aprendido, quem sabe um pedreiro.

– Obrigado, senhor – respondeu o menino.

– Agora – falou o Sr. Brownlow de uma forma delicada, mas séria –, quero que preste atenção. Serei direto, porque sei que você é capaz de me entender.

– Ah, não diga que vai me mandar embora, senhor, por favor! Deixe-me ficar aqui, e eu serei seu empregado. Não me mande de volta para o lugar miserável de onde eu vim. Tenha piedade, senhor!

– Minha querida criança – falou o homem, tocado pelo desespero do menino. –, não precisa ter medo, a menos que me dê motivos.

– Nunca darei, senhor – interrompeu Oliver.

– Não acho que dará. E estou mais interessado em você do que posso explicar até mesmo para mim. Mas você diz que é um órfão e todas as investigações que fiz confirmam. Quero saber de onde veio, quem o trouxe, como se meteu com aquelas companhias. Fale a verdade e você terá um amigo enquanto eu viver.

Quando Oliver ia começar o relato de sua vida, uma impaciente batida foi ouvida na porta da rua, e o serviçal anunciou a chegada do Sr. Grimwig.

– Ele está subindo? – perguntou o Sr. Brownlow.

– Sim, senhor – respondeu o serviçal. – E falou que iria ficar para o chá.

O Sr. Brownlow sorriu e disse a Oliver que o Sr. Grimwig era um velho amigo e que não devia se importar com a pequena aspereza de suas maneiras, pois era uma pessoa digna.

– Devo descer, senhor?

– Prefiro que fique – respondeu o homem.

Nesse momento entrou na sala, apoiando-se em uma bengala grossa, um homem corpulento, mancando de uma perna, que tinha a mania de torcer a cabeça para um lado quando falava. Assim parou quando fez sua entrada e, segurando um pequeno pedaço de casca de laranja na mão, exclamou com voz forte e irritada.

– Olhe aqui! Veja isso! Já fui ferido por uma casca de laranja certa vez e sei que uma casca de laranja me matará, ou serei capaz de comer minha própria cabeça!

Essa era a frase com que o Sr. Grimwig terminava quase todas as suas afirmações.

– Ora, ora. O que temos aqui? – falou olhando para o garoto.

– Este é o jovem Oliver Twist, de quem lhe falei – respondeu o Sr. Brownlow.

Oliver inclinou-se.

– Então este é o garoto, não é? – finalmente falou o Sr. Grimwig.

– Este é o garoto.

Parecendo apreensivo que seu amigo fosse dizer algo desagradável, o Sr. Brownlow pediu a Oliver que descesse e dissesse à Sra. Bedwin que estava pronto para o chá.

– É um garoto simpático, não é? – perguntou o dono da casa.

– Não sei – respondeu Grimwig de um jeito rabugento. – Nunca vejo diferença alguma nos garotos. Só conheço dois tipos de meninos: os que têm cara de farinha e os que têm cara de carne.

– E qual deles é Oliver?

– De farinha. Tenho um amigo que tem um filho com cara de carne, com bochechas vermelhas e olhos brilhantes. Um garoto terrível!

– Ora – falou o Sr. Brownlow –, o jovem Oliver Twist não é assim.

– Não é – respondeu Grimwig. – Pode ser pior. De onde ele veio? Quem é? Teve uma febre. Febres não são exclusivas das boas pessoas. As ruins também têm febre, não têm?

Contudo, o fato é que, no fundo de seu coração, o Sr. Grimwig estava inclinado a admitir que a aparência e o comportamento de Oliver eram cativantes. E quando o Sr. Brownlow admitiu que ainda não tinha nenhuma resposta satisfatória, ele riu. E perguntou com escárnio se a empregada contava os pratos à noite, porque se descobrisse uma colher ou duas faltando, provavelmente teria sido ele, e assim por diante.

A tudo isso o Sr. Brownlow, embora sendo de certo modo impetuoso, encarou com bom humor, pois conhecia as peculiaridades do amigo. Enquanto Grimwig expressava sua aprovação aos bolinhos na hora do chá, o assunto tornou-se bem mais leve. E Oliver, que os acompanhava, começou a sentir-se mais à vontade na presença do cavalheiro.

– E quando você ouvirá a completa e verdadeira versão das aventuras de Oliver Twist? – perguntou o visitante.

– Amanhã de manhã – respondeu o Sr. Brownlow. – Prefiro estar sozinho com ele. Venha me ver amanhã de manhã, às dez horas, meu garoto.

– Sim, senhor – Oliver respondeu e saiu.

– Ele não virá – sussurrou o cavalheiro para o Sr. Brownlow. – Vi-o hesitante.

– Respondo pela sinceridade do garoto com a minha vida – disse o Sr. Brownlow, batendo na mesa.

– E pela falsidade dele com a minha cabeça! – retrucou Grimwig, também batendo na mesa.

– Veremos – respondeu o cavalheiro controlando sua crescente raiva.

– Veremos – respondeu o amigo, com um sorriso provocador.

O destino fez que a Sra. Bedwin trouxesse, naquele momento, um pacote de livros que o Sr. Brownlow havia comprado na mesma livraria que já apareceu nesta história.

– Chame o menino, Sra. Bedwin! Há algo para ele levar.

– Ele já foi, senhor.

– Vá atrás dele – disse o patrão –, é importante. E eis alguns livros para devolver.

Oliver correu para um lado da rua, e uma serviçal correu para o outro, porém os dois voltaram sem fôlego, dizendo que não havia sinal dele.

– Que pena – exclamou o Sr. Brownlow. – Gostaria muito de que esses livros fossem devolvidos hoje.

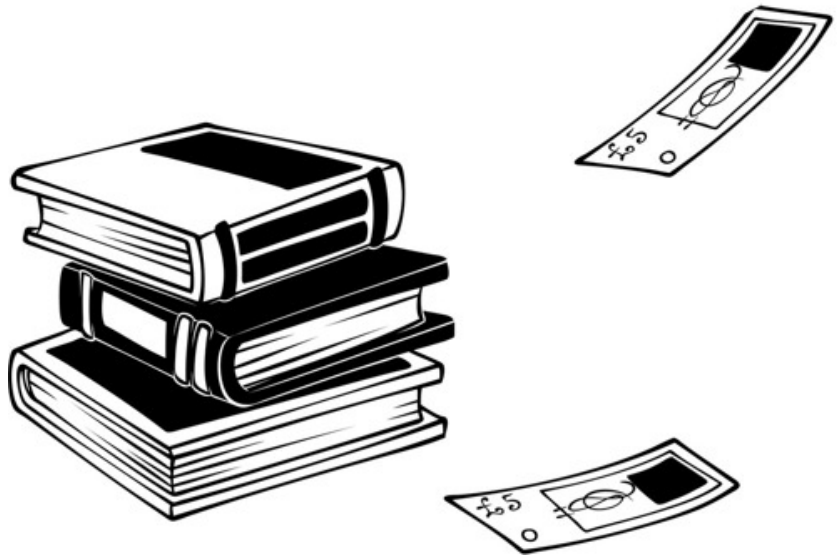
– Mande Oliver devolvê-los – falou Grimwig com um sorriso irônico.

– Sim. Deixe-me levá-los se quiser, senhor – disse Oliver. – Vou correndo.

O cavalheiro já ia dizer que não, quando um pigarro malicioso do Sr. Grimwig determinou que deveria. E que o cumprimento apropriado da tarefa provaria a injustiça de suas suspeitas, em sua cabeça, pelo menos.

– Você deve ir, meu rapaz. Os livros estão sobre uma cadeira perto da minha mesa.

Oliver, feliz por estar sendo útil, colocou os livros sob o braço e esperou para ouvir o recado que deveria levar.



– Você deve dizer – falou o Sr. Brownlow olhando para Grimwig – que está devolvendo esses livros e que foi pagar as quatro libras e dez que devo. Eis uma nota de cinco libras, então deve me trazer dez xelins de troco.

– Não demoro dez minutos, senhor – disse Oliver ansioso.

Colocou a nota no bolso do casaco e os livros debaixo do braço, fez uma reverência e deixou a sala. A Sra. Bedwin seguiu-o até a porta da rua, indicou o caminho mais curto, disse o nome do livreiro e da rua.

– Vá com Deus, meu querido! – disse.

Nessa hora, Oliver olhou sorridente em volta e acenou antes de virar a esquina.

– Deixe-me ver, ele estará de volta em vinte minutos, no máximo – falou o Sr. Brownlow tirando o seu relógio e colocando-o sobre a mesa. – Estará escuro.

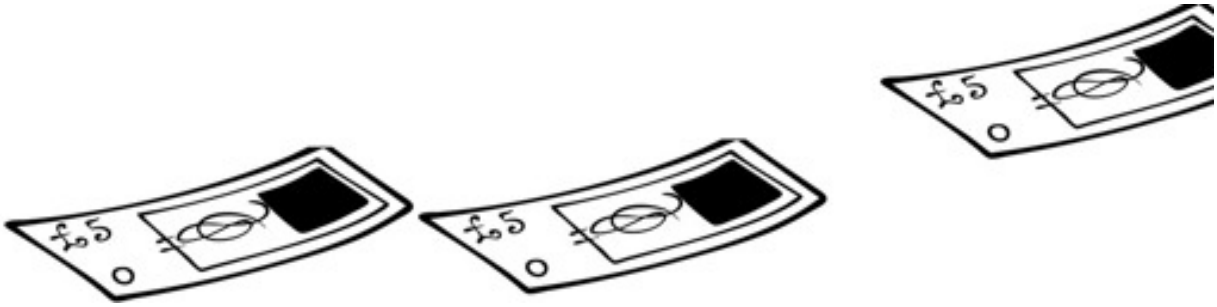
– Ah! Você realmente espera que ele volte? – perguntou Grimwig.

– Você não? – retrucou Brownlow sorrindo.

O espírito de contradição era muito forte no Sr. Grimwig e ficou mais forte ainda por causa do sorriso confiante do amigo.

– Não – falou batendo na mesa com o punho. – O garoto está com roupa nova, um pacote de livros valiosos e uma nota de cinco libras no bolso. Irá se juntar aos ladrões e rir de você. Se aquele garoto algum dia voltar a esta casa, meu amigo, eu como a minha cabeça.

Com essas palavras, ele puxou sua cadeira para mais perto da mesa, e os dois amigos ficaram sentados, em uma expectativa silenciosa, com o relógio entre eles.



CAPÍTULO 15
Mostra o quanto o Judeu e Nancy estavam afeiçoando-se a Oliver

Na sala obscura de uma taverna, na parte mais miserável de Little Saffron Hill, um antro sombrio, estava o Sr. William Sikes. Aos seus pés, um cão branco de olhos vermelhos, que se ocupava alternadamente de piscar para seu dono e lamber um grande corte recente no canto da boca.

– Quieto, seu verme! Fique quieto! – falou Sikes quebrando o silêncio e chutando o animal.

Cães geralmente não reagem aos maus-tratos infligidos por seus donos, mas o cachorro do Sr. Sikes não fez menos do que cravar os dentes em uma de suas botas.

– Vai me morder? – falou Sikes segurando um tição. – Venha, seu demônio! Não ouviu?

Sem dúvida o cão ouvira, mas ficou onde estava e rosnou com mais ferocidade, ao mesmo tempo que agarrava a ponta do tição com os dentes.

A porta foi aberta subitamente, e o cão correu para fora, deixando Bill Sikes com o tição na mão.

É preciso haver duas partes para uma briga, diz o velho ditado. Desapontado com a participação do cachorro, Sikes transferiu sua parte na briga para o recém-chegado.

– Que diabos você vem se meter entre mim e meu cachorro? – gritou.

– Eu não sabia, meu rapaz – respondeu o recém-chegado Fagin.

– Não ouviu o barulho?

– Nem um som, Bill.

– Oh, não! Você não ouve nada, não é? – replicou Sikes zombeteiramente.

O velho esfregou as mãos e sentou-se à mesa

– O que tem a me dizer? – perguntou Sikes.

– Tudo passou com segurança pelo caldeirão – respondeu Fagin. – E aqui está a sua parte. É mais do que deveria, meu caro, mas sei que me dará um bom retorno da próxima vez e...

– Pare com esse jogo – interrompeu o ladrão impacientemente. – Onde está? Entregue!

– Sim, sim, Bill. Aqui está! Tudo! – Enquanto falava, tirou um velho lenço de algodão do bolso e, desamarrando o nó de uma ponta, retirou um pequeno pacote de papel. Sikes abriu-o e começou a contar as coroas que continha.

– Você não abriu o pacote e engoliu uma ou duas quando estava vindo, não é? – suspeitou Sikes, tocando a campainha, que seria respondida por um outro malandro.

Bill Sikes apenas apontou para o jarro vazio. O homem, entendendo o gesto, retirou-se para enchê-lo.

– Tem alguém aí, Barney? – perguntou Fagin.

– Nem uma alma – respondeu Barney, cujas palavras percorriam um caminho pelo nariz.

– Ninguém? – falou Fagin em tom de surpresa, o que talvez significasse que Barney podia dizer a verdade.

– Só a Srta. *Dancy* – respondeu.

– Nancy! – exclamou Sikes. – Onde?

– Está no *dalcão*, comendo – informou Barney.

– Mande para cá – mandou.

Barney olhou timidamente para Fagin, como se pedisse permissão, então saiu e retornou trazendo Nancy, que ainda vestia a touca, o avental e a cesta.

– Você está no rastro, não é, Nancy? – perguntou Sikes.

– Sim, estou, Bill. E também estou cansada disso. O pirralho tem estado doente e confinado ao berço, e...

– Ah, Nancy, querida! – falou Fagin, olhando para cima.

Ora, se a peculiar contração das sobrancelhas ruivas do velho alertou Nancy de que estava falando mais do que devia, não é tão importante. O fato é que, de repente, ela se ajeitou e mudou o rumo da conversa. E em pouco mais de dez minutos, colocou o xale sobre os ombros e declarou

que era hora de ir embora. O Sr. Sikes resolveu acompanhá-la, e Fagin ficou lendo o jornal.

Enquanto isso, Oliver Twist seguia seu caminho até a livraria. Quando chegou na Clerkenwell, acidentalmente virou em uma rua lateral, mas só descobriu o erro quando já tinha andado bastante. Então, achou que não valia a pena voltar e apressou o passo.

Pensava sobre o quanto estava feliz e como gostaria de ver o pequeno Dick. De repente, foi interpelado por uma garota que gritava muito alto: *Oh, meu querido irmão!* E nem teve tempo de ver quem era quando foi agarrado.

– Não! – gritou Oliver se debatendo. – Me larga. Quem é você? Por que está me agarrando?

– Oh, meu querido! – disse a garota. – Eu o encontrei! Oh, Oliver! Garoto levado! Fazendo-me sofrer tanto! Vamos para casa, querido, graças aos céus, eu o encontrei! – Com essas exclamações a garota demonstrou tanta histeria, que duas mulheres que passavam naquele momento perguntaram se ela precisava de um médico.

– Ah, não, não se incomode – disse a garota, segurando a mão de Oliver. – Estou melhor agora. Ele fugiu há cerca de um mês de seus pais e juntou-se a um grupo de maus elementos.

– Jovem patife! – disse uma das mulheres.

– Eu não a conheço. Não tenho irmã. Eu sou um órfão. Moro em Pentonville. – E, finalmente conseguindo ver o rosto da garota, gritou: – Ei, é Nancy!

– Viram? Ele me conhece! – gritou Nancy apelando para os passantes.

– Que diabos é isso? – disse um homem com um cachorro branco. – Jovem Oliver! Vá para casa agora!

– Eu não os conheço. Socorro! – gritou Oliver debatendo-se.

– Sim, vou ajudá-lo, seu pequeno malandro! Que livros são esses? Andou roubando, é? Dê-me isso – o homem bateu com os volumes na cabeça do menino.

– Isso mesmo! – gritou alguém que assistia de uma janela.

– Vai lhe fazer bem! – disseram as duas mulheres.

– E vai mesmo! – retrucou o homem. – Venha, seu vilãozinho! Aqui, Bull-Eye, tome conta dele!

Fraco com a recente doença, atordoado pelos safanões e pela rapidez do ataque, aterrorizado pelo rosnado do cachorro e pela brutalidade do homem, subjugado pelos passantes que achavam que era o pequeno vilão que tinham descrito, o que uma pobre criança poderia fazer? Resistir era inútil. E logo estava sendo arrastado por um labirinto de ruas escuras e estreitas.

. . . . . .

As lamparinas a gás estavam acesas. A Sra. Bedwin esperava ansiosamente por algum sinal de Oliver. E os dois cavalheiros ainda estavam sentados, perseverantes, na escura sala, com o relógio entre eles.

CAPÍTULO 16
O que aconteceu a Oliver Twist após ter sido capturado por Nancy

Finalmente as estreitas ruas e becos terminaram em um lugar amplo, que parecia ser um mercado de gado. Sikes diminuiu o passo e mandou que Oliver segurasse a mão de Nancy.

Como viu que resistir não ajudaria, esticou a mão, que Nancy apertou bem forte.

– Dê-me a outra – falou Sikes. – Aqui, Bull-Eye!

O cachorro olhou para cima e rosnou.

– Olhe aqui! – disse o homem colocando a outra mão na garganta de Oliver. – Se ele falar qualquer palavra, ataque!

O cachorro rosnou novamente, como se estivesse ansioso para atacar.

Apressaram-se alguns passos quando o sino da igreja anunciou a hora. À primeira badalada, os dois condutores pararam e viraram suas cabeças na direção de onde vinha o som.

– Oito horas, Bill – falou Nancy.

– Eu também ouvi, não foi? – respondeu Sikes.

– Será que eles ouviram? – disse a garota.

– É claro que sim – retrucou o homem. – Quando eu estava preso lá, era possível ouvir até os trompetes da feira. Durante a noite, o barulho de fora faz que o silêncio da cadeia seja ainda pior.

A garota ajeitou o xale e continuaram andando. Mas Oliver sentiu a mão dela tremer e, olhando para seu rosto quando passaram sob um poste de luz, viu que tinha ficado pálida.

Andaram por caminhos ainda mais ermos e sujos por meia hora. Então pararam em frente à porta de uma loja fechada e aparentemente desocupada.

– Certo – disse Sikes, olhando em volta com cuidado.

Nancy curvou-se sobre as persianas e tocou a campainha. Atravessaram a rua e ficaram parados sob um poste de luz por alguns momentos. Um barulho foi ouvido. O Sr. Sikes segurou o aterrorizado garoto pelo colarinho, e os três entraram rapidamente na casa.

Estava escuro. Esperaram até que a pessoa que os havia deixado entrar abrisse a porta.

– Alguém aí? – perguntou Sikes.

– Não – respondeu uma voz, que Oliver achava já ter escutado antes.

– O velho está aí? – perguntou o ladrão.

– Sim. Ficará feliz em vê-lo?

– Traga uma vela – disse Sikes – ou vou aí quebrar seu pescoço!

– Espere um pouco que vou pegar uma – respondeu a voz. Ouviram os passos de quem falava e, logo em seguida, o Sr. John Dawkins apareceu.

Cruzaram uma cozinha vazia e, abrindo a porta de um quarto baixo com cheiro de terra, foram recebidos com uma gargalhada.

– *Oh meus sais!* – gritou Charles Bates. – Ei-lo! Fagin, olhe bem para ele!

O Trapaceiro vasculhou os bolsos de Oliver.

– Olhe as roupas dele, Fagin! – disse Charley. – Finas, bem cortadas. Oh, que diversão! E livros também! Um cavalheiro!

– Estou satisfeito em vê-lo tão bem, meu caro – disse o velho, curvando-se com zombeteira humildade. – O Trapaceiro dar-lhe-á outra roupa para que não estrague essa.

Trapaceiro deu um sorriso ao puxar a nota de cinco libras do bolso do casaco.

– Ei, o que é isso? – gritou Sikes. – É minha.

– Não, não, meu caro – respondeu Fagin. – É minha, Bill. Você fica com os livros.

– Se não for minha e de Nancy, levo o garoto de volta.

O velho levantou-se. Oliver levantou-se também, embora por um motivo muito diferente, pois esperava que a disputa realmente pudesse terminar com ele sendo levado de volta.

– Ande, me entregue. Não pense que Nancy e eu não temos mais o que fazer, além de sequestrar e escoltar cada garotinho que foge de você. Dê-me aqui, seu velho avarento, dê-me!

Com esse gentil discurso, o Sr. Sikes arrancou a nota dos dedos do velho, dobrou-a e guardou-a em seu bolso.

– Essa é a nossa parte pelo problema – falou Sikes. – Você pode ficar com os livros se quiser ler ou vender.

– São muito bonitos – comentou Charley.

– Eles pertencem ao cavalheiro – falou Oliver. – Ao bom e gentil cavalheiro que me acolheu e que cuidou de mim quando quase morri de febre. Por favor mandem os livros e o dinheiro de volta. Podem me deixar aqui para o resto da vida, mas devolvam as coisas dele. Ele vai pensar que eu roubei. A boa senhora e todos os que foram tão bons para mim vão pensar que eu os roubei. Por favor, tenham piedade de mim e devolvam-nos!

Com essas palavras, que foram ditas com toda tristeza, Oliver caiu de joelhos aos pés do velho em total desespero.

– Você está certo, Oliver. Eles pensarão que você os roubou. Ha! Ha! – zombou o velho. – E não poderia ter sido melhor!

– Claro que não! – replicou Sikes. – Soube disso assim que o vi descendo a Clerkenwell com os livros debaixo do braço. Perfeito.

Oliver olhava para um e para outro confuso, mal compreendendo o que se passava. Mas subitamente se levantou e saiu correndo da sala, gritando por socorro, que ecoou pela casa vazia.

– Segure o cachorro, Bill! – gritou Nancy correndo para fechar a porta, enquanto o velho e seus dois pupilos corriam em perseguição. – Segure o cachorro ou ele vai fazer o garoto em pedaços.

– É isso mesmo! – gritou Sikes. – Saia da minha frente ou vou quebrar sua cabeça na parede.

– Eu não me importo, Bill – berrou a garota. – O garoto não será despedaçado pelo cachorro, a menos que me mate primeiro.

– Não me irrite! – falou Sikes mostrando os dentes

O arrombador jogou a garota para o fundo da sala no momento em que o velho e os dois garotos retornavam arrastando Oliver.

– O que está acontecendo aqui? – quis saber Fagin.

– A garota ficou louca, eu acho – respondeu Sikes aos berros.

– Não, ela não ficou – disse Nancy.

– Então fique quieta, está bem? – replicou o velho com olhar ameaçador.

– Não, também não vou ficar – respondeu Nancy.

O Sr. Fagin conhecia muito bem os modos e costumes das mulheres para saber que não seria seguro prolongar a conversa agora. Então voltou-se para Oliver.

– Então queria fugir, meu rapaz, não é? – falou o velho pegando um bastão no canto da lareira.

Oliver não respondeu.

– Queria conseguir socorro, chamar a polícia, não é? – zombou o velho, agarrando-o pelo braço. – Vamos curar você, meu jovem.

O velho deu uma violenta pancada no ombro de Oliver com o taco e estava se preparando para uma segunda quando a garota, correndo em sua direção, arrancou a madeira da mão dele e a jogou no fogo.

– Não vou ficar aqui e ver isso, Fagin – gritou a garota. – Você já tem o menino, o que mais quer? Deixe-o... Ou eu vou denunciar vocês, mesmo que isso me leve para a forca mais cedo.

– Por quê, Nancy? – falou o velho em um som suave, após ele e Sikes se entreolharem. – Você... você foi a mais inteligente esta noite. Ha! Ha! Minha querida, está atuando lindamente.

– Estou? Cuidado para eu não extrapolar. Será pior para você, Fagin.

O Judeu viu que seria inútil induzir a raiva da Srta. Nancy a qualquer erro. E, encolhendo para trás alguns passos, olhou para Sikes, mostrando que ele era a pessoa para prosseguir com o diálogo.

– O que significa isso? – falou Sikes. – Maldição! Sabe quem e o que você é?

– Ah, sim. Sei muito bem – respondeu rindo histericamente e balançando a cabeça de um lado para o outro.

– Ora, então, fique quieta – retrucou Sikes. – Ou eu vou calar você por um bom longo tempo.

A garota riu novamente e virou o rosto para o lado.

– Você é uma boa garota – acrescentou Sikes olhando-a com desprezo – para enveredar por esse lado humano e gentil!

– Deus me ajude, eu sou! – gritou a garota com paixão. – E preferia ter morrido na rua a ter ajudado a trazê-lo aqui hoje. Ele é um ladrão, um demônio, um mentiroso, tudo isso. Não é o suficiente? Precisa que o velho desgraçado o triture?

– Calma, Sikes – falou Fagin. – Temos que ser civilizados, Bill.

– Civilizados? – gritou a garota, cuja paixão era aterrorizante. – Civilizados, seu vilão? Sim, você merece. Roubei para você quando era uma criança com a metade da idade dele! – apontou para Oliver. – Estou no mesmo negócio, fazendo o mesmo serviço há doze anos. Não sabia?

– Ora, ora – replicou o velho em uma tentativa de pacificação. –, é o seu trabalho!

– Ah, se é! – retrucou a garota, cuspindo as palavras em um contínuo e veemente grito. – É meu trabalho. E o frio, a umidade, as ruas sujas são o meu lar. E você foi o canalha que me arrastou para isso há muito tempo e que vai me manter aqui, dia e noite, até eu morrer!

– Vou acabar te machucando! – interrompeu o velho, irritado com aquelas acusações

A garota não disse mais nada, mas avançou contra o velho, e provavelmente lhe teria deixado marcas de sua ira, se Sikes não tivesse segurado seus punhos bem na hora. Ela se debateu sem sucesso e desmaiou.

– Ela está bem agora – falou Sikes deitando-a em um canto.

O velho secou a testa e sorriu como se fosse um alívio a confusão ter acabado. E todos pareciam considerar aquilo um incidente de negócios.

– Essa é a pior coisa de lidar com mulheres – falou Fagin. – Mas são espertas e não podemos viver sem elas. Charley, mostre a Oliver a cama.

– Suponho que é melhor ele não vestir as roupas finas amanhã, Fagin, não é? – perguntou.

– Certamente que não – respondeu o velho.

Mestre Bates, aparentemente se deliciando com a tarefa, levou Oliver para uma cozinha adjacente, onde estavam duas ou três das camas em que já havia dormido antes. E ali escolheu algumas peças idênticas às que Oliver tivera tanto prazer em se livrar. E o fato de elas terem sido vendidas a Fagin pelo mercador que as tinha comprado se tornara a primeira pista de onde se encontrava.

– Tire as roupas de missa – falou Charley – que vou entregá-las para Fagin guardar.

O pobre Oliver obedeceu a contragosto. Bates enrolou as roupas novas sob seu braço e saiu do quarto, deixando o garoto no escuro, com a porta trancada. E, como estava doente e amedrontado, logo caiu no sono.

CAPÍTULO 17
O destino desfavorável de Oliver traz um grande homem a Londres para manchar sua reputação

O Sr. Bumble saiu logo de manhã e andou de forma imponente pela High Street até chegar à fazenda onde a Sra. Mann tomava conta das crianças.

– Sra. Mann – falou o bedel –, bom dia.

– Espero que esteja bem, senhor – respondeu a mulher com muitos sorrisos.

– Mais ou menos, Sra. Mann – replicou o bedel –, estou indo para Londres. Está correndo uma ação legal sobre um problema e o conselho indicou-me para cuidar do assunto no tribunal em Clerkinwell.

– O senhor vai de diligência? – ela falou.

– Sim, Sra. Mann – disse o bedel. – Mas estamos esquecendo os negócios, madame. Eis seu soldo paroquial para o mês.

O Sr. Bumble pegou em sua carteira algumas moedas de prata enroladas em um papel e pediu um recibo, prontamente feito pela Sra. Mann. Então, ele perguntou como estavam as crianças.

– Estão bem, obrigada – falou a Sra. Mann. – É claro, a exceção dos dois que morreram semana passada. E do pequeno Dick.

– O menino não melhorou? É uma criança viciosa, com uma rebeldia inata – falou com raiva. – Onde está?

– Vou trazê-lo em um minuto, senhor – respondeu a mulher. – Aqui, Dick!

Dick foi encontrado. Seu rosto foi lavado e enxugado com a barra da saia da Sra. Mann, e então levado até a presença do Sr. Bumble.

A criança estava pálida e magra. A roupa surrada estava solta em seu corpo febril, e os lábios enrugados como os de um velho.

– Qual o seu problema, Dick? – perguntou o homem.

– Nada, senhor – respondeu o garoto com voz fraca. – Eu só gostaria de mandar meu amor para o pobre Oliver Twist, para que ele saiba

quantas vezes eu sento e choro pensando em como passa as noites escuras sem ninguém.

O Sr. Bumble olhou para o pequeno da cabeça aos pés com surpresa e, virando-se para a Sra. Mann, disse:

– Aquele vagabundo do Oliver influenciou todos eles!

Imediatamente Dick foi levado e trancado no quarto de carvão, e o Sr. Bumble saiu.

Às seis horas, na manhã seguinte, o bedel assumiu seu lugar na diligência. E, chegando a Londres, jantou, puxou uma cadeira para perto do fogo e pôs-se a ler o jornal.

A primeira coisa que chamou sua atenção foi o seguinte anúncio.

CINCO GUINÉUS DE RECOMPENSA

Um menino chamado Oliver Twist fugiu ou foi levado na última quinta-feira de sua residência em Pentonville e, desde então, não se soube mais notícias dele. O prêmio acima será pago a qualquer pessoa que forneça informações que levem à descoberta do paradeiro de Oliver Twist, ou que coloque alguma luz em sua história prévia, na qual o anunciante, por diversas razões, está interessado.

E então seguia uma descrição da roupa e da aparência de Oliver, com o nome e endereço do Sr. Brownlow.

Com os olhos arregalados, em pouco mais de cinco minutos, o homem pôs-se a caminho de Pentonville.

– O Sr. Brownlow está em casa? – perguntou o bedel à garota que abriu a porta.

A garota respondeu com um bem evasivo *Eu não sei*.

Mas assim que o Sr. Bumble citou o nome de Oliver, explicando o motivo de sua visita, a Sra. Bedwin, que estava escutando perto da porta, abriu passagem rapidamente.

– Entre – falou a senhora. – Eu sabia que teríamos notícias dele. Abençoado seja!

A garota correu nesse ínterim até o andar de cima e retornou com a ordem de encaminhá-lo a um pequeno escritório, onde estavam sentados o Sr. Brownlow e seu amigo, Sr. Grimwig.

– Então, senhor, veio por causa do anúncio?

– Sim, senhor – respondeu o bedel.

– E é um bedel, não é? – inquiriu o Sr. Grimwig.

– Sou um bedel paroquial, cavalheiros – falou com orgulho.

O Sr. Brownlow balançou a cabeça e retomou.

– Sabe onde está esse pobre garoto agora?

– Não – respondeu o Sr. Bumble.

O Sr. Brownlow pediu que contasse tudo o que sabia sobre Oliver em poucas palavras.

O Sr. Bumble começou a história, dizendo que Oliver era uma criança abandonada, nascida de pais baixos e imorais. Que tinha demonstrado, desde cedo, deslealdade, ingratidão e malícia. E, como prova de que era realmente quem dizia ser, colocou na mesa os papéis que trouxera para a cidade.

– Temo que seja tudo verdade – falou o cavalheiro tristemente, após examinar os papéis. – Ficaria feliz em dar-lhe o triplo do dinheiro se fosse favorável ao menino.

Não é improvável que, se o Sr. Bumble soubesse disso um pouco antes, teria transmitido um colorido diferente à história. Mas era tarde demais e, colocando os cinco guinéus no bolso, retirou-se.

O Sr. Brownlow andou pela sala por alguns minutos, tão perturbado com a história do bedel, que até mesmo Grimwig absteve-se de maltratá-lo mais.

– Sra. Bedwin – falou quando a empregada apareceu –, aquele garoto, Oliver, é um impostor.

– Não pode ser, senhor – falou a velha senhora energicamente. – Ele era uma criança doce, agradecida e gentil, senhor. Eu sei como são as crianças. Tenho cuidado delas há quarenta anos. E as pessoas que não conhecem não deveriam falar nada sobre elas. Essa é a minha opinião!

Foi um golpe duro no Sr. Grimwig, que era solteiro.

– Silêncio! – falou o Sr. Brownlow fingindo uma raiva que estava longe de sentir. – Não quero ouvir novamente o nome desse garoto. Nunca sob nenhum pretexto. Falo sério.

Havia corações pesados na casa do Sr. Brownlow naquela noite.

O coração de Oliver doía quando pensava em seus bons amigos. Foi melhor que não soubesse o que tinham ouvido, ou seu coração teria se partido na mesma hora.

CAPÍTULO 18
Como Oliver passou o tempo na companhia de seus respeitáveis amigos

No dia seguinte, quando o Trapaceiro e Bates estavam fora, Fagin aproveitou para fazer um longo discurso sobre o pecado da ingratidão e concluiu relatando um desagradável cenário dos desconfortos do enforcamento, expressando sua esperança de nunca precisar ser obrigado a submeter Oliver Twist a tal situação.

O garotou compreendeu as ameaças que se encontravam naquelas palavras. Então o homem saiu, trancando a porta.

E ali Oliver permaneceu o dia todo, e a maior parte de muitos dias, não vendo ninguém entre a manhã e a meia-noite. Deixado com seus próprios pensamentos durante longas horas.

Uma tarde, o Trapaceiro e Mestre Bates estavam preparando-se para sair. E, enquanto Oliver lustrava suas botas, o Trapaceiro soltou um suspiro discreto e falou, em parte de modo abstrato, em parte dirigindo-se para Mestre Bates:

– Uma pena ele não ser um gatuno!

– Ah! – respondeu Charles Bates. – Ele não sabe o que é bom para ele.

– Sabe o que é um gatuno, Oliver? – o Trapaceiro perguntou.

– Acho que sei. É o... Você é um, não é?

– Eu sou – respondeu o Trapaceiro. – E detestaria ser outra coisa. Charley também é. Fagin também é. E Sikes, e Nancy, e Bet. Todos somos, até o cachorro!

– Por que não entra para o serviço de Fagin, Oliver? – perguntou Charley. – E ganha um bom dinheiro? E então se aposenta na sua propriedade?

– Eu não gosto – replicou Oliver timidamente. – Eu queria que me deixassem ir. Eu... eu... preferia ir embora.

– E Fagin prefere que não.

Oliver sabia disso, então suspirou e voltou para a limpeza das botas.

– Fagin fará alguma coisa com você – falou o Trapaceiro –, ou seria o primeiro a não ser lucrativo. Está perdendo tempo, Oliver.

Então os dois começaram uma brilhante descrição dos prazeres da vida que levavam.

– E bote isso na cabeça, Nolly – disse o Trapaceiro quando ouviram o velho destrancando a porta –, se não pegar lenços e relógios, um outro malandro vai fazer, então será pior.

– Certamente! – falou o Judeu, que havia entrado sem que Oliver o visse. – Tudo se resume em poucas palavras, meu rapaz. Ouça o Trapaceiro. Ha! Ha! Ha! Ele entende do negócio.

A conversa não foi além, pois Fagin retornara acompanhado de Betsy e de um cavalheiro que Oliver nunca vira antes, mas a quem o Trapaceiro se referiu como Tom Chitling.

O Sr. Chitling tinha, talvez, uns dezoito anos e pediu desculpas, pois havia saído do seu "tempo" apenas uma hora atrás e não tivera a possibilidade de dar atenção à própria aparência.

– De onde acha que o cavalheiro veio, Oliver? – perguntou o velho, com um sorriso.

– Eu... eu... não sei, senhor – respondeu Oliver.

– Não importa de onde eu venho, garoto – comentou Tom –, você encontrará o caminho para lá logo, logo, aposto uma coroa!

Os garotos riram desse comentário e saíram.

A partir desse dia, raramente Oliver era deixado sozinho. Ficava na companhia dos dois garotos, que brincavam do velho jogo com Fagin todos os dias. Em outros momentos, o velho contava histórias de roubos que havia cometido quando era mais jovem de um jeito tão engraçado e curioso, que Oliver ria com vontade.

O velho astuto tinha o menino em sua armadilha. E, preparando sua cabeça pela solidão e pela amargura, estava lentamente injetando em sua alma o veneno que esperava enegrecê-la e mudar sua cor para sempre.

CAPÍTULO 19
Onde um plano notável é discutido e traçado

Era uma noite fria, quando o Judeu saiu de sua toca. Parou por um momento na esquina da rua e, olhando ao redor de modo suspeito, seguiu em direção a Spitalfields.

Manteve o curso através de muitas vielas estreitas e tortuosas e, finalmente, entrou em uma, iluminada apenas por um candeeiro lá longe. Bateu à porta de uma casa e subiu as escadas.

Um cachorro rosnou quando ele tocou a maçaneta da porta da sala e a voz de um homem perguntou quem estava ali.

– Apenas eu, Bill – respondeu o velho.

– Então, entre – falou Sikes. – Quieto, cachorro estúpido! Dê-lhe alguma coisa para beber, Nancy – falou o Sr. Sikes.

Rapidamente ela pegou uma garrafa. Sikes encheu um copo de conhaque e mandou que Fagin o bebesse.

– Muito bom, obrigado, Bill – respondeu o homem pousando o copo após ter apenas tocado seus lábios nele.

Com um rosnar de desprezo, o Sr. Sikes pegou o copo, jogou o resto de seu conteúdo nas cinzas e o encheu novamente para si.

– Agora estou pronto para os negócios – falou Sikes estalando os lábios.

– Sobre o *berço* em Chertsey, Bill? – começou Fagin. – Quando será executado, Bill? Que prataria!

– Não pode ser um trabalho interno como esperávamos – disse Sikes. – Toby Crackit está cercando o lugar há quinze dias e não consegue arregimentar um empregado.

– O que quer dizer, Bill? – falou Fagin suavizando a voz. – Que nenhum dos dois homens da casa pode ser subornado?

– Sim, é isso. A velha senhora mantém-nos há vinte anos e mesmo se oferecêssemos a eles quinhentas libras, não daria em nada

– Então quer dizer – protestou o velho – que as mulheres também não são subornáveis?

– Nem um pouco – respondeu Sikes.

O homem parecia estarrecido com a informação. Um longo silêncio seguiu-se, durante o qual o velho mergulhou em pensamentos, e Sikes o olhava furtivamente de tempos em tempos.

– Fagin – falou Sikes abruptamente –, valeria cinquenta peças[9] extras se pudesse ser feito com segurança pelo lado de fora?

– Sim.

– Então, que seja tão logo queira. Toby e eu sondamos os painéis das portas e persianas. O *berço* tranca-se à noite, como uma cadeia, mas há um ponto por onde podemos entrar.

– E qual é, Bill? – perguntou Fagin ansioso.

– Não importa como é. Precisaremos apenas de uma broca e um garoto. A primeira, nós temos. O segundo, você precisa encontrar para nós. E ele não pode ser grande.

Fagin acenou a cabeça em direção à Nancy e indicou com um sinal que ele deveria mandá-la sair da sala. Sikes encolheu os ombros como se achasse desnecessário, mas pediu à garota que buscasse uma jarra de cerveja.

– Você não quer cerveja alguma – falou Nancy. – Continue Fagin. Eu sei o que ele ia dizer, Bill. Não precisa se incomodar comigo.

O velho ainda hesitou. Sikes olhava um e outro com alguma surpresa.

– Você não se incomoda com a garota, não é, Fagin? – perguntou finalmente. – Conhece ela há tempo suficiente para confiar, que diabos. Ela não vai delatar. Não é, Nancy?

– Devia pensar que não! – respondeu a garota, puxando a cadeira e colocando os cotovelos sobre a mesa.

– Não, minha cara, eu sei que não – falou Fagin –, mas... – e novamente o velho fez uma pausa.

– Mas o quê? – perguntou Sikes.

– Eu não saberia se ela, talvez, ficaria fora de si, você sabe, meu caro, como aconteceu na outra noite – respondeu o Judeu.

Ouvindo essa confissão, a Srta. Nancy desatou a rir alto e, engolindo um copo de conhaque, balançou a cabeça com um ar de desafio, gritando frases diversas como “O jogo tem que continuar!”, “Nunca diga morra!” e

coisas parecidas. Aquilo pareceu ter um efeito de garantia para os dois homens.

– Então, Fagin – disse Nancy com uma gargalhada –, fale logo para o Bill sobre o Oliver!

– Você é muito esperta. Era sobre o Oliver que eu ia falar, com certeza. Ha! Ha! Ha!

– O que tem ele? – quis saber Sikes.

– É o garoto para você, meu caro – respondeu Fagin.

– Pegue-o, Bill! – disse Nancy. – Pode não ser treinado, mas só vai abrir a porta para vocês.

– E está na hora de começar a trabalhar pelo pão – replicou Fagin. – Além disso, os outros são todos muito grandes.

– Ele tem exatamente o tamanho que eu quero – falou Sikes ruminando a ideia.

– E vai fazer qualquer coisa que quiser, Bill. Não tem escolha. Quer dizer, se você amedrontá-lo o suficiente.

– Amedrontá-lo! – ecoou Sikes. – Não haverá nenhuma falsa ameaça, você sabe. Se houver qualquer coisa estranha com ele quando entrar no trabalho, não o verá vivo novamente, Fagin. Pense nisso!

– Já pensei – respondeu Fagin energicamente. – Se sentir que é um de nós, será nosso para o resto da vida. Isso não podia acontecer em melhor hora.

– E o que – falou Sikes encarando-o sério – faz você ter tanto cuidado com esse garoto quando existem cinquenta outros à sua escolha vadiando pelo Common Garden?

– Porque não me servem para nada, meu caro. A aparência deles os condena quando se metem em problemas. Com esse garoto, bem administrado, meus caros, poderia fazer o que não posso com vinte dos outros.

– Quando será? – perguntou Nancy.

– Combinei com Toby para a noite depois de amanhã – respondeu Sikes rudemente. – Se não ouvisse nada diferente da minha parte.

– Bom – comentou Fagin. – Sem lua.

– Sem lua – concordou Sikes.

– E está tudo certo para trazer a pilhagem, não é?

Sikes acenou afirmativamente.

– E sobre...

– Está tudo planejado – interrompeu Sikes. – Não se preocupe com os detalhes. Apenas me traga o garoto amanhã à noite. Devo sair uma hora antes do amanhecer. Então, segure sua língua e mantenha o caldeirão de fundir pronto. É tudo o que precisa fazer.

Ficou decidido que Nancy deveria ir até o esconderijo de Fagin na tarde seguinte para trazer Oliver. E também foi combinado que o menino deveria ficar sob a custódia e cuidado do Sr. William Sikes para os fins da expedição, que lidaria com ele como achasse melhor.

– Boa noite, Nancy – disse Fagin.

– Boa noite.

Seus olhos encontraram-se. O Fagin examinou-a atentamente. Não houve vacilo. Ela estava levando o assunto tão a sério quanto o próprio Toby Crackit.

O velho desejou-lhe boa-noite mais uma vez, desceu as escadas e seguiu o rumo pela lama até seu domicílio, onde o Trapaceiro aguardava o seu retorno.

– Oliver está na cama? Quero falar com ele. – Foi a primeira coisa que disse enquanto descia a escada.

– Há horas... – respondeu o Trapaceiro abrindo uma porta – ...está ali!

O garoto estava dormindo em uma cama improvisada no chão. Tão pálido de ansiedade e tristeza, e da clausura de sua prisão, que parecia morto.

– Não agora – falou Fagin virando-se suavemente. – Amanhã.

CAPÍTULO 20
No qual Oliver é entregue ao Sr. William Sikes

Quando Oliver acordou de manhã, encontrou um novo par de sapatos com solas grossas ao lado de sua cama. Primeiro ficou feliz na esperança de que fosse um sinal de sua soltura. Contudo, logo soube que seria levado para a residência de Bill Sikes naquela noite.

– Pa... para... ficar lá, senhor? – perguntou preocupado.

– Não para ficar lá – respondeu Fagin. – Ha! Ha! Ha! Não seríamos tão cruéis. Ah, não, não!

O velho riu, mostrando que sabia o quanto o menino ficaria feliz em fugir se pudesse.

– Suponho que você queira saber o porquê de ir para a casa do Bill, não é?

Oliver corou involuntariamente ao achar que o velho estava lendo seus pensamentos, mas disse corajosamente que sim.

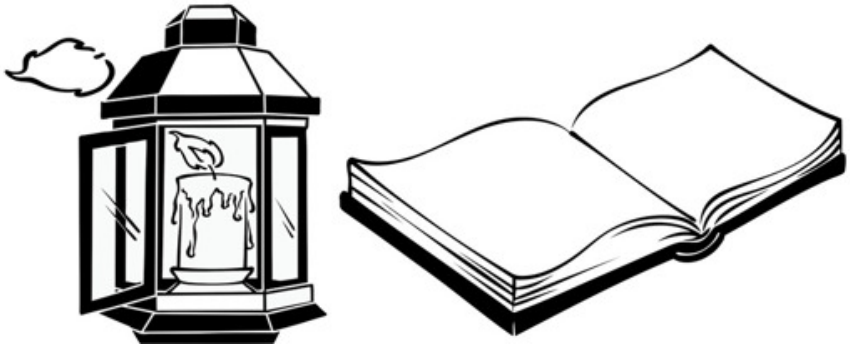
– O que acha? – perguntou o velho evitando a questão.

– Na verdade, eu não sei, senhor – respondeu Oliver.

– Ora! – falou o velho decepcionado. – Espere até Bill lhe dizer então.

Fagin pareceu muito contrariado por Oliver não expressar qualquer curiosidade maior sobre o assunto, e permaneceu rabugento e calado até a noite, quando se preparou para sair.

– Você pode acender uma vela – falou Fagin colocando uma sobre a mesa. – E eis aqui um livro para ler até que venham buscar você.



Fagin andou até a porta olhando o menino por sobre o ombro. De repente parou e o chamou pelo nome.

Oliver olhou para cima. O velho apontando a vela, fez sinal para que a acendesse. O garoto o fez e, quando colocou o candelabro sobre a mesa, viu que Fagin estava olhando fixamente para ele do canto escuro da sala, com as sobrancelhas contraídas.

– Tome cuidado, Oliver! E faça o que ele mandar. Lembre-se! – E foi embora.

Oliver inclinou o rosto sobre as mãos e ficou pensando, com o coração tremendo, nas palavras que acabara de ouvir. E, após meditar por muito tempo, concluiu que deveria ter sido escolhido para fazer algum serviço doméstico, até que outro garoto mais preparado chegasse. Pegou o livro e começou a ler.

Virou algumas páginas. Despreocupadamente primeiro. Era uma história sobre as vidas e os julgamentos de grandes criminosos. Ali, leu sobre crimes terríveis que fizeram seu sangue gelar. As descrições eram tão reais e vívidas que as páginas ensebadas pareciam ser vermelhas de sangue.

Em um ataque de medo, o garoto fechou o livro, caiu de joelhos e rezou aos céus pedindo que o poupasse de tal realidade; ele preferia morrer a levar uma vida de crimes. Aos poucos foi ficando mais calmo e suplicou em uma voz baixa e contrita que fosse resgatado dos perigos presentes.

Concluiu sua oração, mas ainda estava com a cabeça enterrada nas mãos quando um barulho sussurrado chamou sua atenção.

– Quem é? – gritou levantando-se. – Quem está aí?

– Eu – respondeu uma voz trêmula.

Oliver levantou a vela e olhou para a porta. Era Nancy.

– Abaixe a luz – falou a garota virando o rosto. – Machuca meus olhos.

Viu que ela estava muito pálida e perguntou se estava doente. A garota não respondeu.

– Que Deus me perdoe! – gritou depois de um tempo.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou Oliver. – Posso ajudar?

Levou a cadeira da menina para perto do fogo, onde ficou sentada por pouco tempo, sem falar. Mas finalmente levantou a cabeça e olhou ao redor.

– Não sei o que acontece comigo algumas vezes – ela disse ajeitando o vestido. – Acho que é esse quarto imundo. Está pronto?

– Eu vou com você? – perguntou Oliver.

– Sim – respondeu a garota.

– Para quê?

– Para quê? – ecoou a garota, levantando os olhos e desviando-os novamente no momento em que encarou o menino. – Ah! Nenhum mal.

– Eu não acredito – disse Oliver olhando-a bem de perto.

– Que seja do seu jeito – retrucou a menina rindo. – Nenhum bem então.

Oliver percebeu que tinha algum poder sobre os sentimentos dela e, por um momento, pensou em apelar para a compaixão, mas então lembrou que ainda havia muitas pessoas nas ruas que certamente acreditariam nele. Então disse que estava pronto.

Tudo isso não passou despercebido por sua companheira, que o encarou, mostrando que sabia o que passava pela sua cabeça.

– Silêncio! – disse a garota apontando a porta. – Você não pode se ajudar. Eu tentei muito, mas foi em vão. Se quer tentar sair daqui, essa não é a hora.

Ela parecia falar a verdade, seu rosto estava branco e tremia muito.

– Eu o salvei de ser maltratado uma vez, o farei novamente – continuou a garota em voz alta. – Teria sido muito pior. Comprometi-me que você ficaria quieto e, se não ficar, só vai prejudicar a você mesmo e a mim.

Ela apontou, rapidamente, para alguns machucados recentes em seu pescoço e braços, e continuou.

– Lembre-se disso! Eu ajudaria se pudesse, mas não tenho esse poder. Eles não querem machucá-lo. Silêncio! Qualquer palavra sua será uma desgraça para mim. Dê-me a sua mão.

Ela pegou a mão de Oliver e, apagando a luz, subiram as escadas. A porta foi aberta por alguém escondido na escuridão. Uma carruagem

estava esperando. O condutor não precisou de endereço e açoitou o cavalo a toda velocidade.

A garota continuou segurando a mão de Oliver e a despejar em seu ouvido as mesmas advertências. Tudo foi tão rápido, que ele mal teve tempo de reconhecer onde estava.

– Por aqui – disse a garota largando sua mão pela primeira vez. – Bill!

– Alô! – respondeu Sikes aparecendo no topo da escada com uma vela. – Oh! Essa é uma boa hora! Venham!

Aquela havia sido uma recepção calorosamente incomum vinda de uma pessoa com o temperamento do Sr. Sikes.

– Bull-Eye foi para casa com Tom – observou Sikes. – Deve estar a caminho. Então, o garoto veio quieto?

– Como um cordeiro.

– Bom saber – disse Sikes olhando para Oliver. – Venha cá, garoto, vou ensinar uma coisa de uma vez por todas.

Sikes, segurando-o pelos ombros, sentou-se perto da mesa e colocou o garoto à sua frente.

– Primeiro: você sabe o que é isso? – perguntou Sikes pegando uma pistola.

Oliver respondeu afirmativamente.

– Então, olhe – continuou Sikes. – Isso é pólvora, e aquilo é uma bala.

O Sr. Sikes carregou a pistola com grande habilidade.

– Agora está carregada – disse Sikes ao terminar.

– Sim, senhor – respondeu Oliver.

– Então – disse o ladrão segurando o pulso de Oliver e colocando o cano bem perto de sua têmpora –, se você falar uma palavra quando estiver lá fora comigo, exceto quando eu mandar, essa bala estará em sua cabeça sem aviso prévio.

E para aumentar o efeito do susto, continuou.

– Até onde sei, ninguém perguntará por você, então eu não precisaria me dar ao trabalho de explicar isso se não fosse para o seu próprio bem, entendeu?

– O que ele quis dizer – falou Nancy – é que se você criar problemas, lhe dará um tiro na cabeça. E isso pouco importa.

– É isso! – observou o Sr. Sikes. – As mulheres sempre conseguem colocar as coisas em poucas palavras. E agora que já entendeu o que precisava, vamos jantar e tirar um cochilo.

Nancy pôs a mesa e jantaram. Sikes bebeu ainda alguns copos de bebida alcoólica e foi para a cama ordenando que ela o chamasse precisamente às cinco horas. Oliver deitou-se em um colchão no chão, e a garota, ajeitando o fogo, deitou-se diante dele, de prontidão.

Quando acordou, a mesa estava coberta com coisas para o chá, e Sikes colocava diversos artigos nos bolsos de seu enorme casaco pendurado nas costas de uma cadeira. Ainda não havia amanhecido e uma chuva caía lá fora.

– Ora, ora! – rosnou Sikes quando Oliver se levantou. – Cinco e meia! Seja rápido porque está ficando tarde.

Oliver não demorou. Então, pronto, deu a mão para o ladrão, que, fazendo um gesto para mostrar que estava com a pistola no bolso, segurou-o firme, despediu-se de Nancy e saiu.

CAPÍTULO 21
A expedição

A manhã estava sombria. A noite fora muito úmida: havia grandes poças de água na rua e os canais transbordavam. As janelas das casas estavam fechadas, e as vias por onde passavam eram silenciosas e vazias.

Quando viraram na Bethnal Green Road, o dia mal começava a nascer. Algumas poucas carroças labutavam em direção a Londres. Aqui e ali, uma diligência passava rapidamente. Aos poucos, as lojas começaram a abrir e grupos de operários seguiam para o trabalho. Conforme se aproximavam da cidade, o barulho e o tráfego gradualmente aumentavam.

Chegaram a Smithfield. Era manhã de mercado. Puxando Oliver, o Sr. Sikes acotovelou-se pela densidade da multidão até que se livraram do tumulto e tomaram caminho pela Hosier Lane, em Holborn.

Mantiveram o curso nesse ritmo até passarem a esquina do Hyde Park e se colocarem a caminho de Kensington, quando Sikes relaxou o passo até que uma pequena carroça vazia se aproximasse. Vendo *Hounslow* escrito na lateral, perguntou ao condutor se lhes poderia dar uma carona até Isleworth.

– Subam – respondeu o homem. – É seu garoto?

– Sim, é meu garoto – respondeu Sikes olhando duro para Oliver.

Finalmente, chegaram a um estabelecimento chamado Coach and Horses. Um pouco além, outra estrada parecia seguir. E ali a carroça parou.

Sikes desceu rapidamente e, segurando a mão de Oliver o tempo todo, tirou-o da carroça.

– Adeus, garoto – disse o homem. – Está um belo dia. – E foi em frente.

Sikes esperou até que estivesse longe, e mais uma vez retomaram a jornada.

Demoraram pelos campos algumas horas. Finalmente, entrando em uma taverna com um letreiro desfigurado, pediram o jantar. O Sr. Sikes

bebeu três ou quatro garrafas de cerveja, e Oliver adormeceu de cansaço.

Estava bem escuro quando foi acordado por Sikes, que estava em uma conversa amigável com um trabalhador.

– Então, está indo para Lower Halliford, não é? Poderia dar uma carona para mim e meu garoto? – perguntou Sikes colocando uma cerveja na frente de seu novo amigo.

– Se estiverem indo agora, eu posso – respondeu o homem.

O cavalo, cujo dono bebera a cerveja, estava do lado de fora, devidamente atrelado à carroça. Oliver e Sikes subiram sem a menor cerimônia, e o dono, que demorou um minuto ou dois para "se aliviar", também subiu.

Quando passaram pela Igreja de Sunbury, o relógio bateu sete horas. E duas ou três milhas depois, a carroça parou. Os dois desceram e, mais uma vez, seguiram andando, até avistarem as luzes de uma cidade não muito longe. Pararam em frente a uma casa isolada e em ruínas. Sikes, ainda segurando a mão de Oliver, aproximou-se com cuidado da entrada e levantou o trinco. A porta rangeu e eles entraram.

CAPÍTULO 22
O assalto

– Alô! – gritou uma voz rouca assim que colocaram o pé na casa.

– Mostre a luz, Toby – falou Sikes trancando a porta.

– Barney, uma luz! Você ouviu? Bill Sikes está na porta sem ninguém para ajudá-lo, e você dormindo aí – gritou a voz.

– *Zenhor* Sikes! – exclamou Barney. – *Ente*, senhor, *ente*.

Entraram em uma sala escura com uma lareira, onde um homem estava deitado com as pernas para cima, fumando um cachimbo de barro: era o Sr. Crackit.

– Bill, meu garoto! – falou. – Ei!

Fazendo essa exclamação em tom de surpresa, enquanto seus olhos encaravam Oliver, o Sr. Toby Crackit perguntou quem era.

– Apenas o garoto! – respondeu Sikes.

– Um dos *abrendizes* do *Fagid* – explicou Barney.

– Ah, do Fagin! – exclamou Toby olhando para Oliver. – Que garoto valioso será para as bolsas das velhas senhoras nas igrejas! Vai lhe render uma fortuna.

– Ei, ei, chega disso – interrompeu Sikes impacientemente. – E, se nos der alguma coisa para comer e beber enquanto esperamos, será bom. Sente-se perto do fogo, menino, e descanse, porque vai sair conosco novamente hoje à noite.

Tendo Sikes saciado seu apetite, os dois homens deitaram-se nas cadeiras para um rápido cochilo. Oliver ficou no banquinho perto do fogo. Barney, enrolado em um cobertor, se esticou no chão bem perto da lareira.

Oliver caiu em um sono pesado e então foi despertado por Toby Crackit, que declarava ser uma e meia.

Sikes e seu companheiro envolveram o pescoço e queixo em grandes xales escuros e vestiram seus enormes casacos. Barney, abrindo um armário, trouxe diversos objetos, que colocava nos bolsos deles.

– Os trabucos, faixas, chaves, brocas, lanternas, nada esquecido? – perguntou Toby.

– Vamos! – falou Sikes esticando a mão.

Oliver colocou sua mão mecanicamente na que Sikes esticara.

– Pegue a outra mão dele, Toby – mandou Sikes. – Vá olhar, Barney.

O homem foi até a porta e voltou informando que estava tudo tranquilo. Os dois ladrões saíram, com Oliver entre eles.

Cruzaram a ponte e seguiram em direção às luzes que viram antes. E logo chegaram a Chertsey. Apressaram-se através da rua principal da pequena cidade, que, àquela hora da noite, estava completamente deserta. O sino da igreja tocou duas horas. Então, após andar cerca de um quarto de milha, pararam em frente a uma casa cercada por um muro. Toby Crackit pulou o muro num piscar de olhos.

– Agora o garoto – falou.

Antes que Oliver tivesse tempo de olhar em volta, Sikes pegou-o sob os braços e, em três ou quatro segundos, estava do outro lado do muro com Toby. Em seguida, Sikes pulou. E esgueiraram-se em direção à casa.

Então, pela primeira vez, Oliver, quase louco de terror, entendeu que arrombamento e roubo, talvez até assassinato, eram os objetivos da expedição. Uma névoa surgiu diante de seus olhos, o suor frio correu pelo seu rosto sujo, seus membros faltaram-lhe e caiu de joelhos.

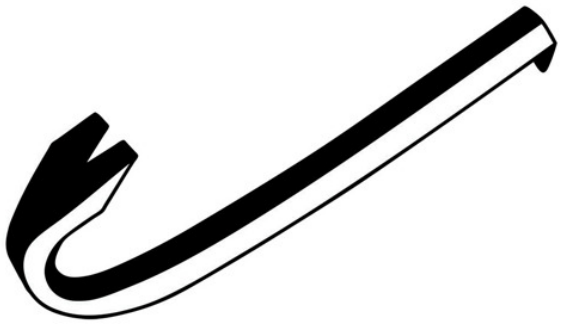
– Levante-se! – sussurrou Sikes com raiva, tirando a pistola do bolso.

– Oh! Pelo amor de Deus, deixe-me ir e morrer no campo – chorou Oliver. –Nunca vou chegar perto de Londres, nunca! Oh, por favor, não me faça roubar.

O homem engatilhou a pistola, mas Toby, tirando-a dele, tapou a boca do garoto com a mão e puxou-o para perto da casa.

– Silêncio! – disse. – Aqui, Bill, abra a veneziana. Ele está muito assustado, deixe que eu cuido.

Sikes pegou o pé de cabra com raiva, mas sem fazer barulho. Após um tempo, e com alguma ajuda de Toby, a janela cedeu. Era uma pequena janela de treliça, a cerca de um metro e meio do chão nos fundos da casa, que levava a uma copa.



– Agora ouça, seu moleque – sussurrou Sikes tirando uma lanterna do bolso. – Vou colocar você por aqui. Pegue esta luz, suba com cuidado os degraus logo à sua frente e ande por um pequeno corredor até a porta da rua. Destranque e deixe-nos entrar.

Toby se posicionou bem firme, com a cabeça contra a parede abaixo da janela e as mãos nos joelhos, fazendo de suas costas um degrau. Sikes, subiu e colocou Oliver suavemente pela janela: primeiro os pés, então, sem soltar seu colarinho, o pousou seguramente no chão, dentro da casa.

Sikes, apontando para a porta da rua com o cano da pistola, o avisou para prestar atenção, porque se vacilasse, cairia morto na mesma hora.

– Só leva um minuto – disse Sikes com o mesmo sussurro. – Vou soltá-lo. Ouça!

– O que foi isso? – sussurrou o outro homem.

Ouviram atentamente.

– Nada – falou Sikes soltando Oliver. – Agora!

No curto espaço de tempo que teve para recobrar os sentidos, o garoto resolveu que, mesmo morrendo na tentativa, faria um esforço para subir a escada do corredor e alertar a família. Com essa determinação, foi em frente, mas furtivo.

– Volte! – gritou subitamente Sikes em voz alta. – Volte!

Assustado com a repentina quebra do silêncio mortal do lugar, Oliver deixou a lanterna cair, sem saber se avançava ou fugia.

Uma luz apareceu. A visão de dois homens no topo da escada. Um clarão. Um barulho alto. Uma fumaça. Um estampido. E ele cambaleou para trás.

Sikes desapareceu por um instante, mas voltou e pegou-o pelo colarinho antes que a fumaça se dissipasse. Atirou com sua pistola contra

os homens, que já estavam recuando, e puxou o garoto.

– Aperte bem o seu braço – falou Sikes enquanto o puxava. – Eles atingiram o garoto. Rápido! Como sangra!

Então veio um toque de sino, misturado com o barulho de armas de fogo, gritos de homens e a sensação de ser carregado sobre um terreno irregular a passos rápidos. E então, os barulhos tornaram-se confusos e distantes e uma sensação de frio mortal penetrou no coração do menino. E ele não viu ou ouviu mais nada.

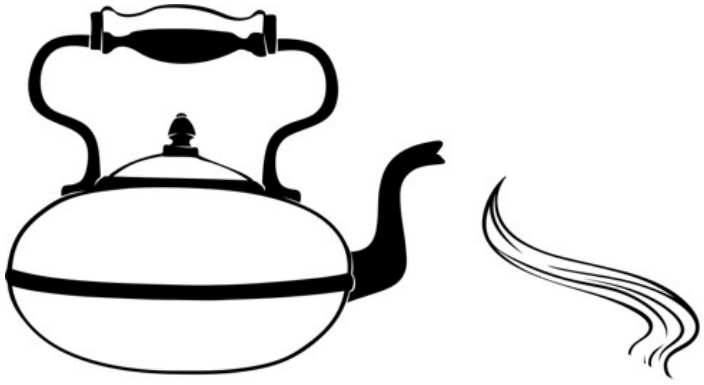
CAPÍTULO 23
Relata uma conversa entre o Sr. Bumble e uma senhora

A noite estava muito fria quando a Sra. Corney, enfermeira-chefe do abrigo onde nasceu Oliver Twist, sentou-se em frente à lareira em seu quarto e olhou para a mesa repleta de tudo o que era necessário para uma saborosa refeição.

Como uma mínima coisa pode perturbar a serenidade das mentes! A chaleira, sendo pequena, transbordou e a água queimou ligeiramente a mão da enfermeira.

– Maldita chaleira! Coisinha estúpida que só serve para uma pobre criatura desolada como eu. Oh céus!

O pequeno bule e a solitária xícara acordaram em sua mente memórias tristes do Sr. Corney, e ela rendeu-se.



– Nunca haverá outro como... como ele.

Acabara de dar o primeiro gole quando foi perturbada por uma batida na porta.

– Entre! – falou secamente. – O que houve agora?

– Nada, madame, nada – respondeu a voz masculina.

– Oh céus! – exclamou em um tom muito mais suave. – É o senhor, Sr. Bumble?

– Ao seu serviço, madame – falou o bedel, segurando o chapéu em uma mão e um embrulho na outra. – Devo fechar a porta?

A senhora hesitou, pensando ser impróprio ficar com o Sr. Bumble a portas fechadas. O homem, aproveitando a hesitação, não esperou pela permissão.

– Clima difícil, Sr. Bumble.

– Realmente difícil – respondeu. – Este é o vinho do Porto que o conselho encomendou para a enfermaria. Tirado do barril esta manhã!

O Sr. Bumble colocou as duas garrafas em cima de uma cômoda e pegou seu chapéu como se fosse embora.

A senhora olhou para a pequena chaleira e para o bedel que se dirigia para a porta e perguntou se ele não gostaria de uma xícara de chá.

Instantaneamente, o Sr. Bumble colocou seu chapéu e bengala sobre uma cadeira e puxou outra para perto da mesa.

O chá estava pronto e foi entregue em silêncio.

– Vejo que a senhora tem um gato – comentou o Sr. Bumble. – E filhotes!

– O senhor não sabe o quanto gosto deles – respondeu a mulher. – Me fazem companhia e gostam muito do lar.

– Sra. Corney – falou o bedel lentamente, marcando o tempo com a colher de chá –, qualquer gato ou filhote que viva com a senhora e que não goste de seu lar é um idiota.

– Ah, Sr. Bumble! – protestou a Sra. Corney.

Ele entregou sua xícara sem falar nada, apertou o dedo mindinho da Sra. Corney quando ela a pegou e, dando dois tapinhas com a mão aberta em seu próprio colete, deu um suspiro e afastou um pouco sua cadeira do fogo.

Quais fossem as intenções do Sr. Bumble, ao mover sua cadeira, diminuiu a distância entre os dois. E, se a enfermeira movesse a sua para a direita, cairia no fogo, e se o fizesse para a esquerda, cairia nos braços do Sr. Bumble. Então, ela permaneceu onde estava.

O bedel tomou seu chá até a última gota, terminou um pedaço de torrada, sacudiu as migalhas dos joelhos, limpou os lábios e, deliberadamente, beijou a enfermeira.

– Sr. Bumble! – gritou a senhora com um sussurro. – Então, de uma forma lenta e digna, ele colocou o braço em torno da cintura da

enfermeira.

Foi quando houve uma batida apressada na porta. O bedel, com grande agilidade, olhou para as garrafas de vinho e começou a espaná-las, enquanto a enfermeira perguntou rispidamente quem batia.

– Desculpe, senhora – falou uma velha muito magra –, a velha Sally está morrendo.

– Eu não posso mantê-la viva, posso?

– Não senhora – respondeu a mulher. – Ninguém pode, mas, quando fica lúcida, ela diz que tem algo a dizer, que precisa ouvir. Que não morrerá tranquila até que a senhora chegue.

A digna Sra. Corney, enrolando-se em um xale, pediu ao Sr. Bumble que ficasse ali até que voltasse. E foi até o quarto da mulher doente reclamando por todo o caminho.

A conduta do Sr. Bumble ao ficar sozinho foi inexplicável. Ele abriu o armário, contou as colheres de chá, pesou os torrões de açúcar, inspecionou atentamente a leiteira de prata, certificando-se de que era genuína.

Então, esticando-se com as costas para a lareira, começou a inventariar mentalmente a mobília.

CAPÍTULO 24
Um assunto breve e que talvez seja importante para esta história

Era um quarto no sótão, onde uma luz fraca queimava em um canto. Havia uma mulher ao lado da cama. O aprendiz de boticário da paróquia estava em pé perto do fogo.

– Noite fria, Sra. Corney – falou o jovem quando a enfermeira entrou.

– Realmente muito fria, senhor – ela respondeu.

A mulher doente gemeu.

– Oh! – falou o jovem como se tivesse esquecido a paciente. – Está perto do fim, Sra. Corney. Se ela durar umas duas horas, ficarei surpreso. É um colapso total do sistema.

E, desejando um bom trabalho à Sra. Corney, o jovem saiu na ponta dos pés.

Depois de ficarem algum tempo em silêncio, as duas mulheres levantaram-se e, encolhendo-se frente ao fogo, começaram a conversar em voz baixa.

– Anny querida, ela falou mais alguma coisa enquanto eu estava fora? – perguntou a mensageira.

– Nem uma palavra – respondeu a outra.

Enquanto estavam distraídas, a chefe, impaciente, juntou-se a elas perto do fogo e perguntou quanto tempo ainda teria de esperar.

– Não muito, senhora – respondeu uma delas. – Nenhuma de nós espera muito pela morte. Paciência!

– Martha, ela já esteve desse jeito antes? – falou a chefe severamente.

– Com frequência – respondeu.

– Mas não acontecerá de novo – acrescentou a outra. – E só acordará mais uma vez. Preste atenção, senhora, que não será por muito tempo!

– Muito ou pouco – disse a patroa de mau humor –, não me encontrará aqui quando acordar.

Ela estava saindo quando um grito das duas mulheres, que, agora, estavam de frente para a cama, a fez voltar. A paciente tinha se levantado e esticara os braços em sua direção.

– Quem está aí? – ela gritou com uma voz quase inaudível. – Eu vou contar a ela. Venha mais perto!

Ela agarrou a enfermeira-chefe pelo braço e forçou-a a sentar-se na cadeira ao lado da cama. Olhou ao redor e viu as duas mulheres inclinando-se para ouvir também.

– Mande-as embora – falou. – Rápido!

Ao serem excluídas, elas gritaram pelo buraco da fechadura que a velha Sally estava bêbada.

– Agora, preste atenção – falou a moribunda. – Aqui, nesta mesma cama, eu cuidei de uma jovem. Ela deu à luz um menino e morreu. Deixe-me pensar, qual foi mesmo o ano?

– Não importa o ano – falou a impaciente enfermeira. – O que tem ela?

– Ah... – murmurou a doente. – O que tem ela? O que tem… eu sei! – gritou. – Eu roubei-a! Ela ainda não estava fria... quando roubei.

– Roubou o quê, por Deus? – gritou a enfermeira-chefe.

– A única coisa que tinha. Ela precisava de roupas e comida, mas o mantinha seguro, perto do peito. Era de ouro! Ouro que poderia ter-lhe salvo a vida!

– Ouro! – ecoou a senhora inclinando-se. – Prossiga: quem era a mãe? Quando foi?

– Ela pediu-me para mantê-lo seguro – respondeu a mulher com um suspiro – e confiou em mim. E a morte da criança, talvez, esteja na minha conta. Eles a teriam tratado melhor se soubessem de tudo!

– Soubessem o quê? – perguntou a outra. – Fale!

– O garoto ficou igual à mãe – disse a mulher divagando –, e eu nunca consegui esquecer. Pobre garota! Era tão jovem! Espere, há mais. Não contei tudo, contei?

– Não, não – respondeu a enfermeira tentando entender as palavras, que vinham cada vez mais fracas. – Rápido.

– A mãe – falou –, a mãe sussurrou ao meu ouvido que, se o bebê sobrevivesse: *Seja menino ou menina, que tenha alguns amigos que ajudem uma criança sozinha e abandonada à mercê deste mundo turbulento.*

– E o nome do garoto? – perguntou a enfermeira.

– Eles chamaram-no de Oliver – respondeu fracamente. – O que eu roubei era...

– Sim, sim... o quê? – gritou a outra.

Mas, segurando a coberta com as duas mãos, a velha apenas murmurou alguns sons indistintos e caiu, sem vida, na cama.

– Morta – falou uma das mulheres, quando a porta foi aberta.

– E não disse nada – respondeu a chefe indo embora despreocupadamente.

As outras duas, aparentemente ocupadas demais com suas obrigações, não responderam e ficaram sozinhas rodeando o corpo.

CAPÍTULO 25
Onde esta história volta para o Sr. Fagin e companhia

Enquanto isso, o Sr. Fagin estava sentado no esconderijo, meditando sobre um fogo fumacento.

Na mesa atrás dele, estavam o Trapaceiro Astuto, Charles Bates e o Sr. Chitling. Os três jogavam uíste[10]: o Trapaceiro jogando contra a dupla Mestre Bates e Sr. Chitling.

Charley Bates, tendo uma natureza mais excitável, dedicava-se mais ao gim com água, além disso, mais afeito a brincadeiras e observações irrelevantes altamente inconvenientes para um jogo calculado.

– Nunca vi um camarada como você, Jack – falou o Sr. Chitling sério, enquanto tirava meia coroa do bolso. – Ganha tudo.

Fosse o tom ou a forma dessa observação, que foi feita de modo triste, divertiu tanto Charley, que sua crise de riso despertou o Judeu de seus devaneios e levou-o a perguntar qual era o problema.

– Problema, Fagin? – gritou. – Queria que estivesse vendo o jogo. Tommy Chitling não ganhou um ponto.

– Ah! – falou Fagin com um sorriso. – Tente novamente, Tom.

– Silêncio! – gritou o Trapaceiro. – Ouvi a sineta. – Pegou a luz e subiu cuidadosamente.

A sineta tocou novamente com certa impaciência, o Trapaceiro reapareceu e sussurrou algo para Fagin.

– O quê? – o velho gritou. – Sozinho? Onde ele está?

O Trapaceiro apontou o andar de cima e fez um gesto como se fosse sair da sala.

– Sim – falou Fagin respondendo à pergunta muda. – Traga-o para baixo. Quieto, Charley! Calma, Tom! Afastem-se!

Essa rápida instrução foi obedecida imediatamente. Não havia qualquer som no aposento quando o Trapaceiro desceu a escada, seguido por um homem vestido como um lavrador, e que, após olhar em volta, tirou o grande manto e revelou as feições de Toby Crackit: sujo, desfigurado e barbudo.

– Como está, Fagin? – perguntou, puxando uma cadeira para perto do fogo. – E não me olhe desse jeito. Não posso falar de negócios antes de comer e beber!

O velho fez sinal para que o Trapaceiro colocasse na mesa o que houvesse para comer e, sentando-se no lado oposto do arrombador, esperou.

Toby não estava com pressa. Parecia cansado e abatido. Fagin olhava impacientemente cada pedaço que ele colocava na boca. Quando se sentiu satisfeito, mandou Jack sair, fechou a porta e ajeitou-se para falar.

– Em primeiro lugar, Fagin, como está Bill?

– O quê? – gritou o Judeu pondo-se em pé.

– Por quê? Você não quer dizer... – Toby ficou pálido.

– Onde eles estão? – gritou Fagin batendo furiosamente no chão. – Sikes e o garoto? Para onde foram?

– O golpe falhou – disse Toby baixinho.

– Eu sei disso – respondeu tirando um jornal do bolso. – E o que mais?

– Eles atiraram. Acertaram o garoto. Nós corremos com ele entre nós... Estávamos sendo perseguidos, droga! O lugar todo acordou, e os cães estavam nos caçando.

– O garoto?

– Bill estava carregando ele nas costas. A cabeça dele caiu e estava frio. Então foi cada um por si, e todos pelas galés! Separamo-nos e deixamos o garoto deitado em um canto. Vivo ou morto, é tudo o que sei dele.

Fagin não quis ouvir mais nada. Soltou um urro pavoroso e saiu correndo da sala. E da casa.

CAPÍTULO 26
Um misterioso personagem aparece e muitas coisas, imprescindíveis, acontecem

O velho chegou até a esquina antes de começar a se recuperar do efeito da informação de Toby Crackit. Não diminuiu o passo e, evitando as ruas principais, chegou a Snow Hill.

Entrou num beco estreito e escuro, onde os comerciantes compravam a mercadoria dos ladrões. Era bem conhecido dos frequentadores do espaço e parou para falar com um vendedor que fumava cachimbo na porta de sua loja.

– Ora! Ver você, Sr. Fagin, é a cura para os meus olhos!

– A vizinhança estava quente demais, Lively – respondeu Fagin.

– Ouvi essa reclamação – disse o comerciante –, mas logo esfria, não acha?

Fagin apontou na direção de Saffron Hill e perguntou se alguém estava lá.

– No Cripples? – perguntou o homem. – Deixe-me ver. Não acho que seu amigo esteja lá.

– Sikes não está, eu suponho – perguntou Fagin desapontado.

– Como dizem os advogados: *non istwentus*[11] – respondeu o homem. – Tem algo na minha linha?

– Hoje não – respondeu Fagin indo embora.

O *Three Cripples*, ou apenas, *Cripples*, como era conhecido por seus clientes, é a taverna onde o Sr. Sikes e seu cachorro já estiveram em um capítulo anterior. Fazendo um sinal para o homem do bar, Fagin subiu, abriu a porta de uma sala e olhou para dentro como se estivesse à procura de alguém.

O lugar estava repleto de fumaça de tabaco e era quase impossível discernir alguma coisa. Fagin buscava ansiosamente, de rosto em rosto, até que conseguiu olhar nos olhos do homem que ocupava a cadeira na ponta da mesa. Acenou-lhe ligeiramente e saiu da sala.

– O que posso fazer por você, Sr. Fagin? – perguntou o homem que o havia seguido.

– Ele está aqui?

– Não – respondeu o homem.

– E notícias de Barney? – falou Fagin.

– Ele não vai aparecer até tudo estar tranquilo – informou o proprietário do Cripples. – Tenho certeza de que vai cuidar disso do jeito certo.

– Ele estará aqui hoje? – perguntou Fagin, enfatizando o pronome.

– Monks? – quis saber o senhorio hesitante. – Claro. Deve chegar a qualquer momento. Se esperar dez minutos, ele...

– Não, não – disse o velho. Embora desejasse ver a pessoa em questão, estava aliviado por sua ausência. – Diga-lhe que eu vim vê-lo e que precisa ir me encontrar amanhã.

O senhorio voltou aos seus convidados. E Fagin foi para Bethnal Green, onde ficava a residência de Sikes.

– Agora – murmurou Fagin –, se estão tramando alguma coisa, vou descobrir.

Fagin subiu as escadas silenciosamente e entrou sem bater. Nancy estava sozinha, com a cabeça sobre a mesa e o cabelo solto.

– Andou bebendo – pensou o Judeu.

O velho fechou a porta, e o barulho fez a garota levantar. Olhou para ele, enquanto perguntava sobre a versão de Toby Crackit. Quando terminou, ela mergulhou na postura anterior, mas não disse uma palavra.

Durante o silêncio, Fagin examinou atentamente o quarto, buscando sinais do retorno de Sikes.

– E onde você acha que Bill está agora, minha querida?

A garota murmurou que não sabia e, pelo som, ela parecia estar chorando.

– E o garoto? – disse Fagin tentando olhar o rosto dela. – Coitada da criança! Deixada em uma vala, Nancy...

– A criança – repetiu a garota olhando para cima – está melhor lá do que entre nós. E, se não prejudicar Bill, espero que esteja morta na vala. Não aguento tê-la por perto. Ela me faz me virar contra mim mesma e contra vocês.

– Ora! – falou o velho com desdém. – Você está bêbada.

– Estou? – gritou a garota amargamente. – Não é problema seu! Bem que você gostaria, só que agora... a brincadeira não agrada, não é?

– Ouça bem, sua vagabunda! – exclamou Fagin, irritado além dos limites. – Se Sikes voltar e deixar o garoto para trás, é melhor se matar, porque não vai escapar de Jack Ketch[12]! O menino vale centenas de libras para mim, e não vou perder essa oportunidade por causa de um bando de

bêbados! E eu me ligando a um demônio que só pensa em si próprio e que tem o poder de, de...

Ofegante, o velho balbuciou uma palavra. E, percebendo o furor de sua ira, afundou em uma cadeira, temendo ter revelado algo secreto. Após um rápido silêncio, aventurou-se a olhar para a garota. Pareceu-lhe estar seguro, pois ela continuava na mesma posição.

– Nancy, querida! – murmurou Fagin do seu jeito habitual.

– Não me amole, Fagin! – respondeu a garota levantando ligeiramente a cabeça. – Se Bill não conseguiu dessa vez, o fará em outra.

– Sobre o garoto, minha cara? – falou o homem nervosamente.

– O garoto... – interrompeu Nancy. – Espero que esteja morto... quer dizer, se Bill não se ferir. E se Toby conseguiu escapar, com certeza Bill está a salvo. Ele vale dois Tobys.

– E sobre o que eu estava dizendo, querida? – Fagin olhava fixamente para ela.

– Terá de dizer de novo se quiser que eu faça alguma coisa. – respondeu Nancy. – Mas é melhor esperar até amanhã. Eu já estou burra novamente.

Fagin fez diversas perguntas para saber se ela havia notado seu descuido, mas Nancy respondeu de forma tão levianamente insensível que ele teve certeza de que ela estava bêbada.

Tranquilizado, saiu da casa, deixando a jovem sonolenta com a cabeça sobre a mesa.

Era quase meia-noite. Chegou à esquina de sua rua e já estava procurando a chave no bolso, quando uma figura emergiu das sombras, cruzou a estrada e aproximou-se dele.

– Fagin! – sussurrou perto de seu ouvido. – Estou esperando aqui há duas horas. Onde diabos estava?

– Cuidando dos seus negócios, meu caro – respondeu, diminuindo o passo.

– Ah, claro! – falou o estranho com sarcasmo. – Bem, e então? Nada ruim, espero?

O velho estava prestes a responder quando o estranho apontou a casa, dizendo que seu sangue estava congelando por estar há tanto tempo na

rua.

Fagin procurou uma desculpa para não levar um visitante para casa àquela hora, mas, como o homem repetiu a proposta de forma categórica, destrancou a porta e pediu que a fechasse com cuidado, enquanto ia buscar uma luz.

– Esta escuro como um túmulo – disse o homem. – Seja rápido!

– Feche a porta – sussurrou Fagin do final do corredor. Quando falava, ela se fechou com muito barulho.

– Não fui eu – falou o homem desculpando-se. – O vento soprou forte e bateu a porta. Volte logo com uma luz.

Fagin desceu e logo voltou com uma vela acesa e a certeza de que Toby Crackit e os garotos estavam dormindo. Indicou para que o homem o seguisse e foram para o andar de cima.

– Podemos falar aqui, meu caro – disse o velho entrando por uma porta aberta no primeiro andar. – E, como há buracos nas janelas, deixaremos a vela na escada, para os vizinhos não verem luzes aqui.

Com essas palavras, Fagin colocou a vela em um degrau da escada, no lado oposto da porta. A porta parcialmente aberta e a vela na escada formavam um leve reflexo na parede oposta.

Por um tempo, conversaram em sussurros, mas um ouvinte teria percebido facilmente que Fagin parecia se defender das observações do estranho, que estava consideravelmente irritado. Após um quarto de hora de conversa, Monks, que era o nome pelo qual Fagin havia chamado o estranho diversas vezes, elevou um pouco a voz:

– Foi mal planejado. Por que não o manteve entre os outros e o transformou num ladrãozinho qualquer?

– Não o conhece! – exclamou o velho encolhendo os ombros. – Vi que não ia ser fácil treiná-lo para os negócios. Ele não era como os outros garotos em circunstâncias semelhantes.

– É claro que não! – murmurou o homem.

– Eu não tinha nenhum poder sobre ele – prosseguiu o velho. – Eu não tinha com o que amedrontá-lo. O que eu poderia fazer? Enviá-lo com o Trapaceiro e Charley? Uma vez foi o suficiente.

– Isso não é meu trabalho – observou Monks.

– Não, não é! – concordou o velho. – E se não houvesse acontecido, você talvez jamais teria posto os olhos nele para saber que era quem estava procurando. Ora! Eu usei a garota para trazê-lo de volta, e agora ela começa a defendê-lo.

– Esgane a garota – mandou Monks impaciente.

– Não podemos fazer isso agora – respondeu Fagin sorrindo. – Mas assim que o garoto começar a endurecer, ela não ligará mais para ele. Você quer que ele se transforme em um ladrão. Se estiver vivo, posso fazer isso, mas se... se... – falou o velho se aproximando do outro. – Não é o ideal, mas se acontecer o pior dos piores e ele estiver morto...

– Não é problema meu! – interpelou o outro homem com olhar de terror. – Lembre-se bem, Fagin! Qualquer coisa, menos morte, foi o que eu disse desde o início. Não vou derramar sangue, porque sempre é descoberto e assombra um homem pelo resto da vida. Se o mataram com um tiro, não é culpa minha, ouviu? O que foi isso?

– O quê? – gritou o velho. – Onde?

– A sombra! Eu vi a sombra de uma mulher, com uma capa e um gorro, passando pelos lambris!

Eles correram da sala. A vela, gasta, continuava onde havia sido colocada. Mostrava-lhes apenas a escada vazia e seus próprios rostos pálidos. Aguçaram atentamente os ouvidos: um profundo silêncio reinava por toda a casa.

– É sua imaginação – falou Fagin.

– Juro que vi! – respondeu Monks tremendo. – Estava inclinada para a frente da primeira vez que vi. E quando falei, sumiu.

Olharam em todos os quartos: eram frios e vazios. Desceram até a entrada e, então, aos porões. Havia apenas morte.

– O que acha agora? – perguntou o velho quando voltaram à entrada. – Além de nós, não há uma criatura nesta casa, exceto Toby e os garotos, e estão bem seguros. Veja!

Como prova, o velho tirou duas chaves do bolso e explicou que, quando desceu para buscar a vela, os havia trancado para evitar intrusos na conversa.

Tal prova fez o Sr. Monks confessar que poderia ter sido fruto de sua imaginação. Não quis continuar a conversa naquela noite, dizendo já ser tarde. Então, os cordiais amigos se despediram.

CAPÍTULO 27
Repara a indelicadeza de um capítulo anterior em que uma senhora saiu sem a menor cerimônia

Seria indelicado um humilde autor deixar esperando tão poderoso personagem como um bedel, e uma senhora, a quem o bedel olhou com ternura e afeição.

O Sr. Bumble começou a achar que já era hora da Sra. Corney voltar. Mas, como não havia sinal algum de sua aproximação, ocorreu-lhe que seria uma forma inocente e virtuosa de gastar o tempo e matar sua curiosidade dar uma olhada no interior do baú de gavetas da boa senhora. E o que viu pareceu deixá-lo cheio de satisfação. Então voltou para a lareira e disse, com um ar sério de determinação. *Eu farei!*

A Sra. Corney entrou no quarto correndo e, sem fôlego, jogou-se em uma cadeira. Cobriu os olhos com uma mão e colocou a outra no peito.

– Sra. Corney, o que houve? Por favor, me responda. Estou... estou...

– Oh, Sr. Bumble! Tenho tanto medo de ser mandada embora!

– Mandada embora, madame! – exclamou o bedel. – Quem teve a ousadia de...?

– É horrível pensar nisso! – falou a senhora, estremecendo.

– Então não pense, madame – retrucou o Sr. Bumble. – Tome um pouco de vinho.

– De jeito nenhum! Oh! Prateleira de cima no canto direito... Oh! – Ela apontou distraidamente para a cristaleira. O bedel correu até o armário e, pegando uma garrafa verde da prateleira indicada, encheu uma xícara e entregou aos lábios da senhora.

– Estou melhor agora – falou após beber metade do líquido.

O Sr. Bumble elevou os olhos devotamente para o teto em agradecimento e, baixando-os novamente para a borda da xícara, levou-a até o nariz.

– Hortelã – exclamou a Sra. Corney. – Experimente! Tem um pouquinho... um pouquinho de alguma outra coisa.

O Sr. Bumble provou o remédio com um olhar duvidoso, estalou os lábios e o provou novamente. E pousou a xícara vazia.

– É muito reconfortante – falou a Sra. Corney.

O bedel puxou uma cadeira para o lado da enfermeira e, carinhosamente, perguntou o que acontecera.

– Nada – suspirou.

– Aqui é muito confortável, madame – comentou o Sr. Bumble. – Mais um quarto e seria completo.

– Seria demais para uma pessoa – murmurou a senhora.

– Mas não para duas, madame – ele retrucou num tom suave.

A Sra. Corney deixou cair a cabeça quando o bedel disse aquilo. O bedel deixou cair a sua para olhar para o rosto da Sra. Corney.

– Carvão, velas e casa de graça – falou o Sr. Bumble. – Oh, que anjo a senhora é!

Ela mergulhou nos braços do Sr. Bumble, e o homem, em sua empolgação, aplicou-lhe um beijo apaixonado no nariz.

– Que perfeição! – exclamou o bedel. – Sabe que o Sr. Slout está piorando, não é, minha querida? Não viverá uma semana, segundo o doutor. Ele é o chefe deste estabelecimento, e sua morte abrirá uma vaga. Ah, Sra. Corney, que perspectiva isso nos traz! Que oportunidade para corações que desejam viver juntos!

– Si... si... sim! – soluçou a enfermeira.

Estando tudo arranjado, o contrato foi selado com outra xícara da mistura de hortelã e, enquanto servia, ela informou ao bedel sobre o falecimento da velha.

– Falarei com Sowerberry quando estiver voltando para casa – disse o homem. – Era isso que a estava assustando, meu amor?

– Não era nada em particular, querido – respondeu a mulher evasivamente.

– Com certeza é alguma coisa – insistiu o Sr. Bumble. – Por que não conta para o seu B.?

– Depois de nos casarmos, querido.

Ele então colocou o chapéu e se aventurou pelo vento frio da noite. Seguro de suas qualificações, deixou o prédio antevendo sua futura

promoção e mantendo sua mente ocupada até chegar à loja do agente funerário.

O Sr. e a Sra. Sowerberry haviam saído, e Noah Claypole não fechara a loja, embora já passasse da hora. O Sr. Bumble bateu com a bengala no balcão diversas vezes, mas, não tendo recebido atenção e percebendo uma luz através da janela de vidro da pequena sala nos fundos, resolveu entrar e ver o que estava acontecendo. E não ficou nem um pouco surpreso.

A mesa estava posta para o jantar. Na cabeceira, Noah Claypole reclinava-se displicentemente em uma cadeira com um canivete aberto em uma mão e um grande pedaço de pão com manteiga na outra. Ao seu lado estava Charlotte, abrindo ostras de um barril, as quais o garoto engolia com notável avidez.

– Coma mais uma – sugeriu Charlotte.

– Não aguento – respondeu Noah. – Venha aqui, que vou lhe dar um beijo.

– O que é isso? – gritou o Sr. Bumble entrando na sala.

Charlotte escondeu o rosto no avental. O Sr. Claypole, sem mudar de posição, olhou o bedel com terror de bêbado.

– Como ousa falar uma coisa dessas? – falou o Sr. Bumble. – E como ousa encorajá-lo, sua garota atrevida?

– Eu não tinha intenção! – disse Noah choramingando.

– Silêncio! – gritou o bedel irritado. – Desça agora, senhora. Noah, vá fechar a loja. E, quando seu patrão chegar, diga-lhe que mandei enviar um caixão para uma velha do abrigo amanhã de manhã. Ouviu? – E saiu.

E agora que o bedel, em seu caminho para casa, fez os preparativos para o funeral da velha senhora, voltemos para saber se Oliver Twist ainda está deitado na vala onde Toby Crackit o deixou.

CAPÍTULO 28
Cuida de Oliver e prossegue com suas aventuras

– Malditos lobos! – murmurou Sikes entre dentes.

Ele pousou o corpo do garoto ferido em seus joelhos e virou a cabeça para olhar seus perseguidores.

Havia pouco a ser feito na escuridão, mas o grito dos homens vibrava pelo ar, e o latido dos cachorros das redondezas, elevado pelo som do sino de alarme, ressoava em todas as direções.

– Pare, seu cão covarde! – gritou para Toby Crackit que estava bem à frente. – Pare!

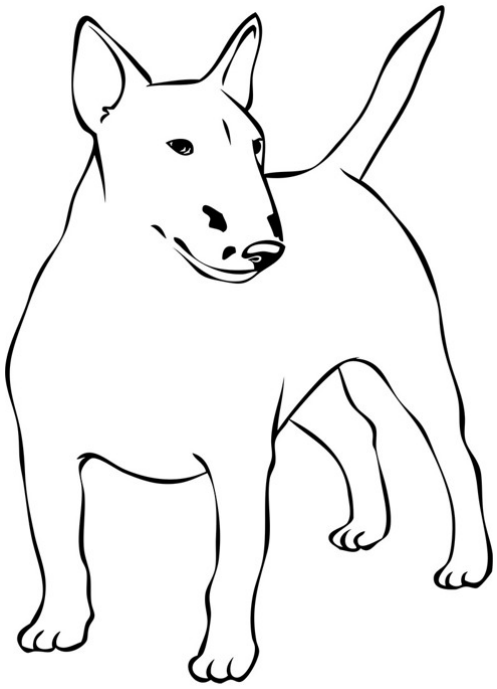
A repetição da palavra fez Toby ficar parado. Não estava satisfeito em se ver ao alcance dos tiros, e Sikes não estava com disposição para brincadeiras.

– Dê-me uma ajuda com o garoto – gritou. – Volte!

Toby ameaçou voltar lentamente.

– Mais rápido! – gritou Sikes deitando o garoto em uma parte seca de seus pés e pegando a pistola em seu bolso. – Não queira me enganar.

Nesse momento, o barulho ficou mais alto. E os cães estavam a alguns passos deles.



– Isso é tudo, Bill! Deixe o garoto e corra. – Com esse conselho, o Sr. Crackit, preferindo a possibilidade de levar um tiro do amigo à certeza de ser apanhado pelos inimigos, virou-se e saiu correndo a toda velocidade. Sikes jogou uma capa sobre o corpo prostrado de Oliver e correu como se quisesse distrair a atenção dos perseguidores do lugar onde estava o garoto. Parou por um segundo, antes de pular o muro, balançou a pistola no ar, disparou e foi-se.

– Ei, ei, aqui! – gritou uma voz trêmula ao fundo. – Pincher! Neptune! Aqui!

Os cães responderam ao comando. Três homens que, nesse momento, haviam avançado uma boa distância no campo pararam.

– Meu conselho é – falou o mais gordo do grupo – que voltemos imediatamente para casa.

– Estou de acordo com qualquer coisa que seja boa para o Sr. Giles – disse o mais baixo, que era uma figura magra, com rosto muito pálido e muito educado, como normalmente são os homens assustados.

– Não desejo parecer mal-educado, senhores – falou o terceiro, que havia chamado os cães de volta –, mas o Sr. Giles deve ter razão.

– Está com medo, Brittles? – falou o Sr. Giles.

– Eu não – disse Brittles.

– Está sim – comentou Giles.

O Sr. Giles estava indignado por ter de assumir a responsabilidade de voltarem, imposta a ele disfarçada de elogios. O terceiro homem trouxe a discussão para o campo mais filosófico.

– Digo-lhes o que é isso, senhores – falou –, estamos todos com medo.

– Fale por si, senhor – disse o Sr. Giles.

– Então que seja – respondeu o homem. – É natural estar com medo sob tais circunstâncias. Eu estou.

– Eu também – falou Brittles. – Mas não há necessidade de dizer a um homem que ele está.

Essas declarações francas suavizaram o Sr. Giles, que, finalmente, reconheceu que estava com medo. Então, os três olharam-se e voltaram correndo na mais completa unanimidade.

Este diálogo aconteceu entre os dois homens que surpreenderam os ladrões e um funileiro viajante que dormia num alpendre, e que fora acordado, assim como seus dois vira-latas, para juntar-se à perseguição. O Sr. Giles exercia a dupla função de mordomo e administrador para a senhora da mansão; Brittles era o faz-tudo.

O ar ficou mais frio conforme o dia clareava lentamente, e a névoa pairava sobre o chão como uma densa nuvem de fumaça. Oliver ainda jazia deitado, imóvel e inconsciente, no lugar onde Sikes o deixara.

A manhã nasceu. A chuva caiu grossa e rápida, e bateu ruidosamente nos arbustos sem folhas. Mas Oliver não sentiu nada, pois ainda estava esticado, indefeso e inconsciente em sua cama de barro.

Finalmente, um gemido de dor quebrou o silêncio e o garoto acordou. Seu braço esquerdo, envolvido em um xale, pendia pesado e sem vida, e o pano estava ensopado de sangue. Estava tão fraco que mal podia sentar-se. Quando conseguiu, olhou em volta em busca de ajuda e gemeu. Tremendo por todo o corpo, de frio e de cansaço, e impelido por uma terrível dor, se pôs de pé e tentou andar sem saber para onde.

Cambaleou e rastejou, quase que mecanicamente, até chegar à estrada. A chuva começou a cair tão forte que o despertou.

Percebeu que, não muito distante, havia uma casa que talvez conseguisse alcançar. Nas suas condições, era possível que tivessem pena

dele e, se não, achou que seria melhor morrer perto de seres humanos do que sozinho em campo aberto. Reuniu toda a sua força para esta última tentativa e arrastou seus passos fracos nessa direção.

Conforme ia se aproximando da casa, foi sendo invadido pela sensação de que já a tinha visto. Não lembrava nada em detalhes, mas o contorno e o aspecto do prédio pareceram-lhe familiares. Era a casa que tentaram roubar.

Oliver sentiu tanto medo que, por um momento, esqueceu a agonia de seu ferimento e pensou apenas em fugir. Fugir! Ele mal conseguia ficar em pé! Então, andou pelo gramado, subiu os degraus, bateu fracamente na porta com toda a força que ainda lhe restava e se encostou contra um dos pilares do pequeno pórtico.

Acontece que, nessa mesma hora, o Sr. Giles, Brittles e o funileiro estavam se revigorando na cozinha após a fadiga e o terror da noite. O Sr. Giles ilustrava um minuto circunstancial do assalto, o qual seus ouvintes (especialmente a cozinheira e a empregada) escutavam com muito interesse.

– Eram quase duas e meia, quando acordei e ouvi um barulho.

Nesse ponto da narrativa, a cozinheira ficou pálida e pediu à empregada que fechasse a porta; esta pediu a Brittles, que pediu ao funileiro, que fingiu não ouvir.

– ...Ouvi um barulho – continuou o Sr. Giles – e disse: "Deve ser uma ilusão". Então, ouvi o barulho de novo. Claramente.

– Que tipo de barulho? – perguntou a cozinheira.

– O barulho de algo arrebentando – respondeu.

– Mais parecido com o ruído de uma barra de ferro em um ralador – sugeriu Brittles.

– Afastei os lençóis – continuou o homem –, sentei na cama e fiquei ouvindo.

A cozinheira e a empregada gritaram simultaneamente *Senhor!* e puxaram suas cadeiras para mais perto.

– Ouvi o barulho novamente, bastante evidente – retomou o Sr. Giles. – *Alguém*, disse eu, *está forçando uma porta ou janela. O que fazer? Chamo o coitado do Brittles e o salvo de ser assassinado em sua cama ou*

de ter sua garganta cortada, talvez, da orelha direita até a esquerda, sem nem saber o que aconteceu?

Todos os olhos se voltaram para Brittles, que fixava os seus no locutor e o encarava com a boca totalmente aberta e uma expressão de terror no rosto.

– Saí silenciosamente da cama – falou Giles –, coloquei um par de...

– Senhoras presentes, Sr. Giles – murmurou o funileiro.

– ...de sapatos, senhor – disse Giles, virando-se para ele e dando grande ênfase à palavra. – Peguei a pistola carregada que mantenho no andar de cima, e fui até o quarto dele. *Brittles*, eu disse, *não tenha medo!*

– Ele estava com medo? – perguntou a cozinheira.

– Nem um pouco – respondeu o Sr. Giles. – Ele estava tão firme... Ah! Tão firme quanto eu.

O Sr. Giles tinha se levantado e dado dois passos com os olhos fechados, acompanhando sua descrição com uma encenação apropriada, quando parou de repente, junto aos outros, e voltou correndo para sua cadeira.

– Foi uma batida – falou, assumindo a serenidade. – Alguém abra a porta.

Ninguém se mexeu.

– Parece estranho uma batida a essa hora da manhã – disse o Sr. Giles, olhando os rostos pálidos que o cercavam. – Mas a porta precisa ser aberta. Alguém me ouviu?

Enquanto falava, o Sr. Giles olhou para Brittles, mas aquele jovem, sendo naturalmente modesto, provavelmente se considerou ninguém e entendeu que a pergunta não se aplicava a ele, então, não respondeu. O Sr. Giles direcionou um olhar simpático para o funileiro, mas ele tinha caído no sono repentinamente. As mulheres estavam fora de questão.

– Se Brittles quiser abrir a porta na presença de uma testemunha – falou após um rápido silêncio –, estou pronto a fazê-lo.

– Eu também – disse o funileiro, acordando tão subitamente quanto havia dormido.

Brittles capitulou a essa condição e o grupo subiu as escadas com os cães à frente. Aconselhados pelo Sr. Giles, todos falavam muito alto para

alertar qualquer pessoa mal-intencionada que estivesse lá fora de que estavam em grande número. E, ainda por sugestão do mesmo cavalheiro engenhoso, beliscaram a cauda dos cães no corredor, fazendo-os latir selvagemente.

Tomadas essas precauções, o Sr. Giles segurou no braço do funileiro (para evitar que ele fugisse, como informou) e deu a palavra de comando para abrir a porta. Brittles obedeceu. O grupo, olhando timidamente sobre os ombros uns dos outros, não viu nada além da formidável figura do pobre Oliver Twist, sem fala e exausto, que elevou seus olhos pesados e mudamente pediu sua compaixão.

– Um garoto! – exclamou o Sr. Giles valentemente empurrando o funileiro para os fundos. – Qual o problema com... Hein?... Brittles... olhe aqui… não vê?

Brittles, que ficara atrás da porta quando a abriu, não viu Oliver antes que ele gritasse. O Sr. Giles, pegando o garoto por uma perna e um braço (felizmente, não o ferido), carregou-o diretamente para o corredor e o depositou com toda a força no chão.

– Ei-lo! – berrou todo animado. – Eis um dos ladrões, madame! Eis o ladrão, senhorita! Ferido! Eu o acertei, senhorita, e Brittles segurou a luz.

– …uma lanterna, senhorita – gritou Brittles.

As duas empregadas correram para cima para informar que o Sr. Giles havia capturado o ladrão, e o funileiro ocupou-se de tratar de Oliver, pois não devia morrer antes de ser enforcado. No meio de todo esse barulho e comoção, ouviu-se uma suave voz feminina, que acalmou tudo em um instante.

– Giles! – sussurrou a voz do andar de cima.

– Estou aqui, senhorita – respondeu o homem. – Não tenha medo. Não estou ferido. Ele não resistiu! Fui demais para ele.

– Silêncio! – respondeu a jovem. – Você está assustando a minha tia. A pobre criatura está muito ferida?

– Muito ferido, senhorita – respondeu Giles.

– Ele parecia estar indo embora – berrou Brittles. – Gostaria de descer e olhá-lo, senhorita?

– Silêncio, por favor. É um bom homem! – retrucou a dama. – Espere um instante enquanto falo com minha tia.

Com os passos tão suaves e gentis quanto a voz, a interlocutora afastou-se. E logo retornou com a instrução de que a pessoa ferida deveria ser levada cuidadosamente para o quarto do Sr. Giles. E que Brittles deveria selar o pônei e ir imediatamente até Chertsey buscar um policial e um médico.

– Mas não quer olhá-lo primeiro, senhorita? – perguntou o Sr. Giles com tanto orgulho, como se Oliver fosse algum pássaro de rara plumagem que ele havia derrubado habilmente.

– Não agora, por favor – respondeu a jovem dama. – Pobre coitado! Oh! Trate-o com gentileza, Giles, por favor!

O velho empregado olhou para a interlocutora de um jeito tão orgulhoso e admirado, como se ela fosse sua própria filha. Então, inclinando-se sobre Oliver, ajudou a levá-lo para cima, com cuidado e atenção.

CAPÍTULO 29
Faz uma apresentação dos moradores da casa onde Oliver se refugiou

Em uma bela sala estavam sentadas duas senhoras em uma mesa de desjejum bem servida. O Sr. Giles, vestido com um completo traje preto, cuidava delas.

Uma das damas era bem avançada nos anos e sentava-se de forma imponente, com as mãos cruzadas na mesa à sua frente. Seus olhos estavam atentamente voltados para sua jovem companheira.

A mais jovem era uma linda flor na primavera da feminilidade. Era como se os anjos pudessem assumir formas mortais para cumprir os propósitos de Deus.

Não tinha mais de dezessete anos. Criada em molde tão leve e requintado, tão delicada e gentil, tão pura e bela, tinha um sorriso aconchegante e alegre.

– Brittles já saiu há uma hora, não foi? – perguntou a senhora.

– Uma hora e doze minutos, madame – respondeu o Sr. Giles, consultando um relógio de prata que puxou do bolso.

– Ele sempre é lento – observou a senhora.

– Brittles sempre foi um garoto lento, madame – comentou o empregado.

– É imperdoável se ele parar para brincar com qualquer garoto – disse a jovem sorrindo.

O Sr. Giles estava considerando se seria apropriado dar um sorriso respeitoso, quando um trole passou pelo portão. Dele, pulou um homem gordo, que, ao entrar correndo na sala, quase derrubou o Sr. Giles e a mesa juntos.

– Nunca ouvi tal coisa! – exclamou o cavalheiro. – Minha querida Sra. Maylie... santo Deus... no silêncio da noite... eu nunca ouvi tal coisa!

Com essas expressões de condolências, o cavalheiro apertou as mãos das duas damas e, puxando uma cadeira, perguntou como estavam.

– Vocês poderiam ter morrido – falou o cavalheiro. – Por que não mandou me chamar? Tão inesperado! No silêncio da noite!

O doutor parecia especialmente incomodado com o fato de o assalto ter sido inesperado, e de que a tentativa tenha sido durante a noite, como se fosse costume dos cavalheiros no mercado de arrombamento cuidarem dos negócios à tarde, e marcarem hora, pelo correio, com um dia ou dois de antecedência.

– E você, Srta. Rose? – falou o doutor.

– Oh! Muito bem, obrigada – ela o interrompeu. – Contudo, há uma pobre criatura que a tia gostaria que o senhor visse.

– Ah! Certamente – respondeu o médico –, que seja. Foi obra sua, Giles, eu entendo.

O Sr. Giles, que estava colocando as xícaras de chá no lugar, corou e disse que tinha tido a honra.

– Onde está ele? Mostre-me o caminho – disse o médico. – Volto aqui quando descer, Sra. Maylie. Foi por aquela pequena janela que ele entrou? Bem, eu não conseguiria acreditar!

O Sr. Losberne, um médico da vizinhança, conhecido em um raio de dez milhas como "o doutor", era tão gentil, bondoso e excêntrico como pode ser um velho solteirão.

O doutor ausentou-se por muito mais tempo do que poderia prever. Uma grande caixa foi retirada do trole, um sino de quarto tocava com frequência e os serviçais corriam para cima e para baixo o tempo todo. Finalmente ele retornou e, em resposta às perguntas ansiosas sobre o paciente, olhou muito misteriosamente e fechou a porta com cuidado.

– Esta é uma coisa extraordinária, Sra. Maylie – falou o doutor, de costas para a porta, como se quisesse mantê-la fechada.

– Ele não está em perigo, espero? – perguntou a senhora.

– Não acho que ele esteja – respondeu o doutor. – A senhora viu o ladrão? Não ouviu nada sobre ele?

– Não – ela respondeu.

– Perdão, madame – interrompeu o Sr. Giles –, mas eu estava prestes a lhe contar quando o dr. Losberne chegou.

O fato era que o Sr. Giles ainda não havia sido capaz de aceitar o fato de que tinha atirado em um menino.

– Rose quis ver o homem – falou a Sra. Maylie –, mas eu não permiti.

– Hum! – retrucou o doutor. – Tem alguma objeção em vê-lo na minha presença?

– Se for necessário, certamente não.

– Eu acho que é necessário – falou o doutor. – E tenho certeza de que a senhora ficará profundamente arrependida se adiar isso. Ele está tranquilo agora. Permita-me, Srta. Rose? Não há nada a temer, dou-lhe minha palavra!

CAPÍTULO 30
Relata o que os novos conhecidos de Oliver pensam sobre ele

Com a garantia de que ficariam agradavelmente surpresas, o doutor, de braço dado com a jovem dama e oferecendo sua outra mão à Sra. Maylie, as conduziu ao andar de cima.

– Agora – falou o doutor em um sussurro enquanto girava a maçaneta da porta –, diga-nos o que acha dele. Não fez a barba recentemente, entretanto não parece perigoso.

Dando um passo à frente, o doutor indicou para que entrassem, fechou a porta e gentilmente abriu as cortinas da cama. Nela, estava deitada uma criança, desgastada de dor e exaustão e mergulhada em sono profundo.

Enquanto olhava o paciente, a dama mais jovem sentou-se em uma cadeira ao lado da cama, tirou os cabelos de Oliver do rosto e suas lágrimas caíram na testa do menino.

Ele se mexeu e sorriu dormindo, como se essas marcas de piedade e compaixão tivessem acordado algum sonho agradável de amor e afeição que nunca conhecera.

– Essa pobre criança jamais poderia ser pupilo de ladrões! – exclamou a senhora mais idosa.

– O mal – falou o médico – faz sua morada em muitos templos.

– Mas tão novo! – insistiu Rose.

– Minha jovem senhorita – retrucou o médico –, o crime, como a morte, não está confinado apenas aos velhos e pobres. Os mais novos e mais justos também são suas vítimas.

– Mas o senhor realmente acredita que esse garoto se associou voluntariamente aos piores párias da sociedade? – perguntou Rose.

O médico balançou a cabeça indicando que temia tal possibilidade e as conduziu para um quarto adjacente.

– Mas, mesmo que tenha sido mau – prosseguiu Rose –, penso no quão jovem é. Talvez nunca tenha conhecido o amor de uma mãe ou o

conforto de um lar. Os maus-tratos ou a falta de um pão talvez o tenham levado a juntar-se a esses homens. Tia, se me ama, e sei disso, pois nunca senti a falta dos meus pais por causa de sua bondade e afeição e sem elas eu seria tão desprotegida quanto essa criança, tenha piedade dele antes que seja tarde demais!

– Minha querida – falou a senhora abraçando a garota –, acha que eu seria capaz de ferir um fio de cabelo do menino? Certamente não. O que posso fazer para salvá-lo, senhor?

– Deixe-me pensar, madame – falou o doutor.

O Sr. Losberne colocou as mãos nos bolsos e deu várias voltas pelo quarto. Finalmente parou e disse:

– Acho que, se me der permissão para provocar Giles e Brittles, posso cuidar disso. Giles é um camarada confiável e um empregado antigo, eu sei, mas há milhares de formas de fazê-lo e ainda o recompensar pelo belo tiro. Faz alguma objeção a isso?

– A menos que haja alguma outra forma de preservar a criança – respondeu a Sra. Maylie.

– Mas, por favor, não seja duro com os pobres homens – falou Rose sorrindo através das lágrimas – além do estritamente necessário.

– Bem – falou o doutor rindo –, ele acordará em aproximadamente uma hora. Então, coloco essa condição... que eu o examine na presença de vocês e se, a partir do que disser, nós julgarmos que ele realmente é um menino mau, o entregaremos ao seu destino.

– Ele não pode estar mergulhado na maldade – falou Rose. – É impossível.

– Muito bem – retrucou o doutor –, então mais um motivo para aceitar minha proposta.

O acordo foi feito, e eles esperaram, com alguma impaciência, até que Oliver acordasse.

Já havia se passado mais de quatro horas quando o doutor veio avisar que ele havia se restabelecido o suficiente para falar.

A conversa foi longa. Oliver contou-lhes toda a sua simples história, parando com frequência por causa da dor e da fraqueza. Tão logo concluída a entrevista, o doutor desceu para cuidar do Sr. Giles.

Estavam reunidos na cozinha as empregadas, o Sr. Brittles, o Sr. Giles, o funileiro e o policial que havia chegado. O Sr. Giles discorria sobre sua presença de espírito quando o doutor entrou.

– Como está o paciente, senhor? – perguntou Giles.

– Mais ou menos – respondeu o doutor. – Temo que o senhor tenha se colocado em uma situação difícil, Sr. Giles.

– Espero que não queira dizer, senhor – falou o Sr. Giles tremendo –, que ele vai morrer.

– Não é essa a questão – disse o doutor misteriosamente. – Sr. Giles, o senhor é protestante?

– Sim, senhor – falou o mordomo empalidecendo.

– E você, rapaz? – perguntou o doutor a Brittles.

– Sou o mesmo que o Sr. Giles, senhor – respondeu Brittles.

– Então me digam – continuou o doutor –, os dois! São capazes de jurar que aquele garoto lá em cima é o mesmo que foi colocado aqui dentro na noite passada? Sejam sinceros!

O médico, que era considerado uma das criaturas mais bem-humoradas da face da terra, fez essa pergunta com tal tom de raiva que Giles e Brittles se entreolharam estupefatos.

– Eis uma casa invadida – começou o médico. – E dois homens que vislumbraram um menino no meio da fumaça de pólvora, com toda a confusão e escuridão. Eis um garoto que chega a esta mesma casa na manhã seguinte e, porque ele tem um ferimento no braço, esses homens agarram-lhe violentamente porque acham que sua vida corre perigo e juram que é o ladrão. Agora, a questão é, se esses homens estão justificados pelo fato e, se não, em que situação se colocaram?

O policial acenou profundamente com a cabeça. Disse que, se isso não fosse a lei, ficaria feliz em saber o que era.

– Pergunto-lhes novamente – trovejou o doutor –, vocês juram que são capazes de identificar o garoto?

Brittles olhou para o Sr. Giles com dúvidas. O Sr. Giles olhou para Brittles com dúvidas. O policial colocou a mão atrás da orelha para escutar a resposta. O doutor olhou avidamente em volta. E uma campainha foi ouvida no portão.

– É a polícia! – gritou Brittles aparentando alívio.

– O quê? – exclamou o doutor engasgando.

– Os oficiais da Bow Street[13], senhor – respondeu Brittles, pegando uma vela. – Enviei uma mensagem pelo cocheiro e já estava pensando por que ainda não haviam chegado.

– Ah, mandou, não é? Então que os policiais parem seus coches aí, é isso – falou o médico indo embora.

CAPÍTULO 31
Envolve uma situação crítica

– Quem está aí? – perguntou Brittles, sem tirar a corrente da porta e espiando com uma vela na mão.

– São os oficiais da Bow Street – respondeu o homem lá fora.

Reconfortado com a afirmação, Brittles abriu a porta e viu um portentoso homem, que entrou sem falar nada mais e limpou os sapatos no capacho, tão íntimo como se morasse ali.

– Poderia mandar alguém para ajudar meu companheiro, meu jovem? – falou o oficial. – Tem uma cocheira aqui onde possa pôr os cavalos por cinco ou dez minutos?

Brittles respondeu afirmativamente e, apontando para fora do prédio, o homem voltou e ajudou o companheiro a liberar o cavalo. Isso feito, entraram na casa e foram levados para a sala.

– Pode dizer ao seu patrão que Blathers e Duff estão aqui, por favor? – falou o homem. – Oh! Boa noite, senhor. Posso ter uma ou duas palavras com o senhor em particular, por favor?

Essas palavras foram ditas ao Sr. Losberne. Então, fazendo sinal para Brittles sair, trouxe as duas senhoras e fechou a porta.

– Esta é a senhora da casa – falou o Sr. Losberne indicando a Sra. Maylie.

O Sr. Blathers fez uma reverência.

– Então, sobre o roubo que aconteceu, patrão – falou Blathers –, quais foram as circunstâncias?

O Sr. Losberne, que parecia querer ganhar tempo, recontou longamente e com detalhes o ocorrido. O Srs. Blaters e Duff olhavam parecendo muito conhecedores e, ocasionalmente, faziam um gesto com a cabeça.

– Não posso afirmar nada até ver o local, é claro – falou Blathers –, mas a minha opinião, em um primeiro momento, é que não foi trabalho de um caipira, não é, Duff?

– Certamente que não – respondeu Duff.

– E, traduzindo a palavra caipira para a compreensão das senhoras, entendo que quer dizer que não foi um camponês? – falou o Sr. Losberne com um sorriso.

– É isso, patrão. E sobre esse garoto que os serviçais dizem que está aqui? – perguntou Blathers.

– Não há nada – falou o doutor. – Um dos serviçais assustado colocou na cabeça que ele tinha algo a ver com a tentativa de invasão, mas é bobagem.

– Será fácil resolver, se for – observou Duff.

– O que ele diz é fato – observou Blathers. – Quem é o menino? Qual a história dele? De onde veio? Ele não caiu das nuvens, não é, patrão?

– Claro que não – respondeu o doutor olhando nervosamente para as duas senhoras. – Conheço toda a sua história, mas podemos falar sobre isso depois. Primeiro gostariam de ver o lugar onde os ladrões fizeram sua tentativa, eu suponho?

– Certamente – concordou o Sr. Blathers. – É melhor inspecionarmos o lugar primeiro e depois conversarmos com os serviçais. É o procedimento usual.

Luzes foram providenciadas, e os Srs. Blathers e Duff, assistidos pelo policial local, Brittles, Giles e, em resumo, todo o resto, foram para a pequena sala ao final do corredor, olharam para fora pela janela e examinaram todos os detalhes, além de ouvirem os Srs. Giles e Brittles relatarem diversas vezes o ocorrido.

Enquanto isso, o doutor andava para cima e para baixo na sala ao lado de forma muito preocupada, e Sra. Maylie e Rose olhavam assustadas.

– Dou minha palavra – ele disse –, não sei o que fazer.

– Certamente – falou Rose –, a história dessa pobre criança, sinceramente relatada a esses homens, será o suficiente para inocentá-lo.

– Duvido, minha cara senhorita – o doutor balançou a cabeça. – Não acho que vá inocentá-lo, nem com eles, nem com funcionários jurídicos de postos mais altos. *O que é ele, afinal de contas?*, eles dirão. Julgando por simples considerações e probabilidades mundanas, a história dele é bem duvidosa.

– O senhor acredita? De verdade? – interrompeu Rose.

– Eu acredito, por mais estranha que pareça – retrucou o doutor. – Mas não acho que seja exatamente a história para um policial.

– Por que não? – perguntou Rose.

– Porque, minha bela questionadora, olhando pelos olhos deles, existem muitos pontos duvidosos. Ele pode provar apenas as partes onde parece mau, mas nenhuma das que parece bom. Aqueles homens terão a forma e os meios para confrontá-lo e não acreditarão em nada.

– Mas ainda não vejo nada nessa história que incrimine a pobre criança – respondeu Rose sorrindo.

– Quanto mais eu penso nisso – falou –, mais vejo que, se contarmos a história real do garoto para esses homens, ocasionaremos problemas ainda maiores.

– Oh! Céus! Por que mandaram chamar essas pessoas? – gritou Rose.

– É verdade! – exclamou a Sra. Maylie. – Eu não os chamaria aqui por nada.

– Tudo o que sei – falou o Sr. Losberne – é que precisamos cuidar disso com valentia. O garoto tem sintomas fortes de febre e não está mais em condições de falar, o que é um alívio. Entrem!

– Bem, patrão – disse Blathers –, isso parece coisa interna.

– O que diabos é uma coisa interna? – perguntou o doutor impacientemente.

– Chamamos de assalto interno, senhoras – falou Blathers virando-se para elas, como se tivesse pena de sua ignorância, mas com desprezo pela do médico –, quando os serviçais participam.

– Ninguém suspeitou deles – disse a Sra. Maylie.

– Provavelmente não, madame – respondeu o oficial. – Mas por tudo o que vimos, devem ter participado.

– Achamos que é trabalho da cidade – continuou Blathers –, pelo estilo do serviço. Eram dois – prosseguiu – e mais um garoto, tendo em vista o tamanho da janela. Isso é tudo o que podemos dizer no momento. Veremos esse menino que vocês têm lá em cima agora, por favor.

– Talvez eles queiram algo para beber antes, Sra. Maylie? – disse o doutor com o rosto iluminado, como se uma nova ideia houvesse lhe ocorrido.

– Oh! Claro! – exclamou Rose.

– Obrigada, senhorita! – falou Blathers. – É um trabalho árduo esse nosso. Qualquer coisa que estiver à mão, senhorita.

– O que será? – perguntou o doutor seguindo a jovem até o aparador.

– Um golinho de bebida, patrão, é tudo igual – respondeu Blathers. – É uma cavalgada fria de Londres, madame, e acho que a bebida sempre aquece o coração.

Essa comunicação interessante foi endereçada à Sra. Maylie, que a recebeu muito graciosamente, enquanto estava sendo conveniente a ela. E o doutor escapuliu da sala.

– Ah! – disse o Sr. Blathers. – Tenho visto muitas coisas desse tipo em meu trabalho, senhoras.

– O golpe em Edmonton, Blathers – falou Duff ajudando a memória do colega.

– Foi algo mais ou menos assim, não foi? – retrucou o Sr. Blathers. – Foi armado pelo Abelhudo Chickweed.

E o oficial começou a relatar a intrincada história do Abelhudo Chickweed e o golpe de Edmonton.

– Realmente muito curioso – observou o médico, que havia retornado à sala logo após o começo da história. – Agora, por favor, podem subir.

Seguindo o Sr. Losberne de perto, os dois oficiais subiram até o quarto de Oliver. O Sr. Giles ia na frente com uma vela acesa.

Oliver havia cochilado, mas estava com mais febre do que antes. Ajudado pelo doutor, sentou-se na cama e olhou para os estranhos sem entender nada do que estava acontecendo... na verdade, parecia nem se lembrar de onde estava ou do que tinha passado.

– Este – falou o Sr. Losberne, com voz suave, mas com veemência –, este é o camarada que, ferido acidentalmente por uma arma em alguma transgressão juvenil no terreno detrás desta casa, do Sr... como ele se chama mesmo?, veio aqui pedir socorro esta manhã e foi imediatamente agarrado e maltratado pelo habilidoso cavalheiro com a vela na mão, o que colocou sua vida em perigo, como eu posso atestar profissionalmente.

Os Srs. Blathers e Duff olharam para o Sr. Giles quando este foi citado. O confuso mordomo olhou para eles, e para Oliver, e para o Sr. Losberne, com uma mistura de medo e perplexidade.

– O senhor não negará isso, suponho? – disse o doutor, gentilmente deitando Oliver de novo.

– Tudo foi feito com... com a melhor das intenções, senhor – respondeu Giles. – Asseguro-lhe de que pensei que fosse o garoto, ou não teria tocado nele.

– Pensou que era que garoto? – perguntou o oficial mais velho.

– O garoto dos arrombadores, senhor! – respondeu Giles. – Eles... eles tinham um garoto, com certeza.

– Pensa que é o mesmo garoto? – insistiu Blathers impacientemente.

– Eu não sei. Realmente, não sei – falou Giles com ar pesaroso. – Não poderia jurar que é.

– Este homem andou bebendo, senhor? – indagou Blathers dirigindo-se ao médico.

O Sr. Losberne estava medindo o pulso do paciente durante este rápido diálogo. Então, levantou-se da cadeira ao lado da cama e observou que, se os oficiais tivessem qualquer dúvida sobre o assunto, poderiam talvez ir para o quarto ao lado falar com Brittles.

Acatando tal sugestão, dirigiram-se para o aposento vizinho, onde o Sr. Brittles, tendo sido chamado, declarou que não poderia reconhecer o garoto se ele fosse colocado à sua frente naquela hora.

E foi levantada a questão: o Sr. Giles teria realmente atingido alguém? E, sendo examinada a pistola com a qual atirara, constatou-se que estava carregada apenas com pólvora seca e papel: uma descoberta que impressionou a todos, com exceção do doutor, que retirara a bala cerca de dez minutos antes. Finalmente os oficiais, sem se importar muito com Oliver, foram passar o resto da noite na cidade, prometendo retornar na manhã seguinte.

Em resumo, após mais alguns exames e muita conversa, um magistrado da vizinhança foi chamado a autorizar a custódia conjunta da Sra. Maylie e do Sr. Losberne sobre Oliver, que assumiriam a

responsabilidade dele perante a justiça, caso fosse necessário. Blathers e Duff, tendo sido premiados com alguns guinéus, retornaram à cidade.

Enquanto isso, Oliver gradualmente se recuperava sob os cuidados da Sra. Maylie, Rose e do bondoso Sr. Losberne. Se as orações fervorosas de corações transbordados de gratidão são ouvidas no céu (e se essas não forem, quais serão!), as bênçãos que o garoto órfão pediu para eles mergulharam em suas almas, inundando-as de paz e felicidade.

CAPÍTULO 32
Sobre a vida feliz que Oliver começa a levar com seus bondosos amigos

Os males de Oliver não eram leves e nem poucos. Mas, finalmente, começou a melhorar e a poder falar, em meio às lágrimas, o quão profundamente estava agradecido pela bondade das senhoras e o quanto estava ansioso para servi-las com todo o seu coração.

– Você terá muitas oportunidades de nos servir se quiser. Estamos indo para o interior, e minha tia pretende que nos acompanhe – falou Rose. – O lugar tranquilo, o ar puro e as belezas da primavera irão restaurá-lo em poucos dias. Iremos empregá-lo de cem maneiras quando puder aguentar o trabalho.

– O trabalho! – gritou Oliver. – Oh! Querida senhora, se eu puder trabalhar para a senhora, eu o farei!

– Se puder fazer apenas metade do que promete agora para nos satisfazer, me fará muito feliz – falou a Sra. Maylie sorrindo.

– Vai me fazer mais feliz do que imagina – respondeu a jovem. – Pensar que a minha tia podia ter os meios para resgatar alguém de tamanha penúria já seria um prazer indescritível. Mas saber que você está sinceramente grato me encantaria mais do que pode imaginar. Entende o que eu digo? – perguntou olhando o rosto pensativo de Oliver.

– Oh, sim, madame, sim! – respondeu Oliver prontamente. – Mas eu estava me achando um ingrato agora.

– Com quem? – indagou a jovem.

– Com o gentil cavalheiro e a boa senhora que cuidaram tanto de mim antes – respondeu Oliver. – Se soubessem como estou feliz, tenho certeza de que ficariam contentes.

– Tenho certeza que sim – retrucou a benfeitora de Oliver. – E o Sr. Losberne já se prontificou a levá-lo para vê-los quando você estiver bem para aguentar a viagem.

Em pouco tempo, Oliver estava suficientemente recuperado, e então, certa manhã, ele e o Sr. Losberne saíram na pequena carruagem. Quando chegaram a Chertsey Bridge, Oliver empalideceu e soltou uma exclamação.

– Qual o problema, garoto? – perguntou o doutor, alvoroçado como sempre. – Você viu alguma coisa... sentiu alguma coisa?

– Aquela, senhor – falou Oliver apontando para fora. – Aquela casa!

– Sim. O que tem ela? Pare, cocheiro. Pare aqui! – gritou o doutor.

– Os ladrões... a casa para onde me levaram! – sussurrou Oliver.

– Que diabos! – exclamou o doutor. – Alô!!! Deixe-me sair!

Mas, antes mesmo que o cocheiro descesse de seu assento, o médico já havia saído da carruagem e, correndo até a frente do cortiço, começou a chutar a porta como um louco.

– Qual o problema aqui? – falou o homem meio corcunda que abriu a porta.

– Onde está… como é mesmo o nome do meliante… Sikes, é isso. Onde está Sikes, seu ladrão?

– O quê? – falou o corcunda. – O que pretende entrando na minha casa desse jeito violento? Quer me roubar ou me matar?

– Isso é muito estúpido – murmurou o doutor consigo mesmo –, o garoto deve ter se enganado. Aqui! Coloque isso no seu bolso e se recomponha. – Com essas palavras, ele jogou uma moeda para o corcunda e voltou para o coche.

O homem seguiu-o até a porta da carruagem gritando terríveis pragas.

– Sou um asno! – falou o doutor após um longo silêncio. – Mesmo se fosse o lugar certo e eles estivessem lá, o que eu poderia fazer sozinho?

O fato é que, em toda a sua vida, o bom doutor nunca agiu de outra forma que não fosse por impulso. Se a verdade deve ser dita, ele ficou um pouco mal-humorado quando se viu desapontado por não encontrar qualquer evidência que confirmasse a história de Oliver na primeira oportunidade que teve. Logo voltou a si e, vendo que as respostas de Oliver às suas perguntas continuavam diretas e consistentes, e ainda dadas com sinceridade e verdade aparentes como foram desde o início, decidiu que confiaria plenamente nelas daquele dia em diante.

Oliver sabia o nome da rua onde morava o Sr. Brownlow, e foram para lá.

– Agora, meu garoto, qual é a casa? – indagou o Sr. Losberne.

– Aquela! – respondeu Oliver apontando ansiosamente. – A casa branca.

– Calma! – falou o bom doutor batendo em seu ombro. – Logo os verá, e ficarão felizes em ver que está salvo e bem.

A carruagem parou. A casa branca estava vazia com um anúncio na janela: "Para alugar".

– O que aconteceu ao Sr. Brownlow, que morava na casa ao lado, você sabe? – indagou o Sr. Losberne à pessoa da casa ao lado.

A empregada disse que o Sr. Brownlow tinha se mudado para as Índias Orientais havia seis semanas.

– E a empregada também foi? – perguntou o doutor.

– Sim, senhor – respondeu a moça. – O cavalheiro, a empregada e um outro cavalheiro, amigo do Sr. Brownlow.

– Então, vamos voltar para casa – o Sr. Losberne falou para o cocheiro.

– O dono da banca de livros, senhor? – falou Oliver. – Eu sei o caminho. Por favor, senhor! Fale com ele!

– Meu pobre garoto, é desapontamento demais para um dia – falou o doutor. – Não. Direto para casa! – E, obedecendo ao impulso do médico, para casa eles foram.

Essa amarga decepção causou muita tristeza a Oliver, mesmo em meio à sua felicidade. E a ideia de terem ido para tão longe e levado consigo a crença de que era um ladrão era quase mais do que ele podia suportar.

Entretanto, o ocorrido não ocasionou nenhuma mudança no comportamento de seus benfeitores. E, após quinze dias, se prepararam para deixar a casa de Chertsey por alguns meses.

Enviando a prata, que havia excitado a cobiça de Fagin, para o banco, e deixando a casa aos cuidados de Giles e de um outro empregado, partiram para um chalé um pouco distante, no interior, levando Oliver com eles.

Era um recanto adorável. Bem perto, havia um pequeno cemitério, não cheio de desagradáveis lápides altas, mas repleto de humildes montes

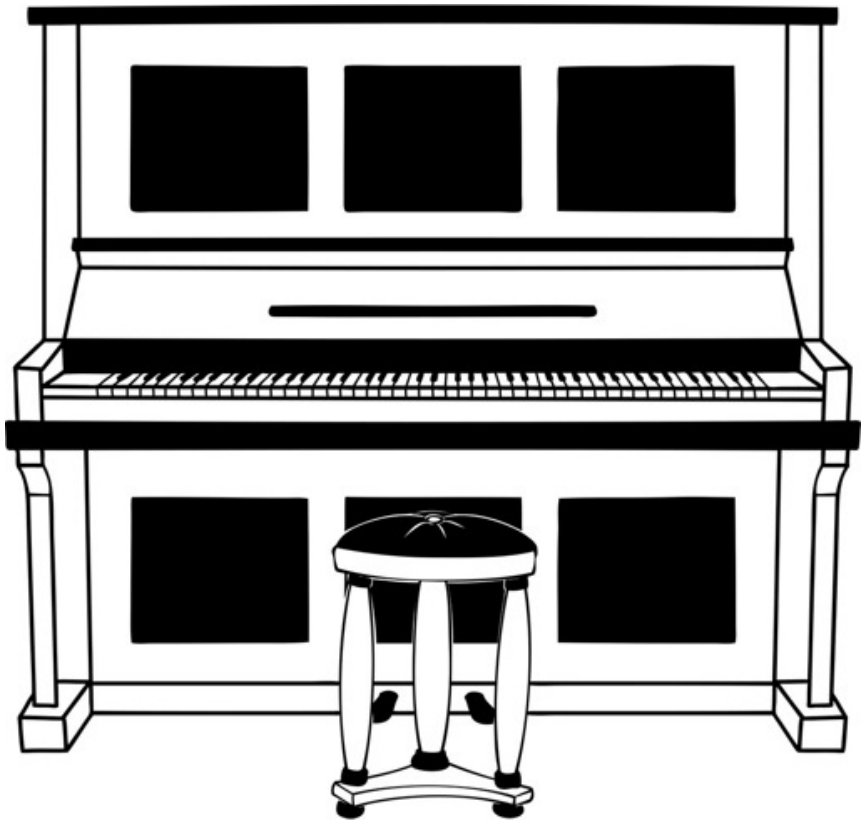
cobertos de relva fresca. Oliver vinha ali frequentemente e, pensando em que túmulo miserável sua mãe deveria estar, sentava-se algumas vezes e soluçava escondido. Mas, quando elevava seus olhos para o céu, parava de pensar nela enterrada no chão e chorava com tristeza, porém sem dor.

Foi uma época feliz. Todas as manhãs ele encontrava-se com um cavalheiro de cabeça branca que o ensinava a ler melhor e a escrever. Então, andava com a Sra. Maylie e com Rose e as ouvia falar de livros. Depois, tinha a sua própria lição a preparar e, nisso, trabalhava duro, em um pequeno quarto no jardim, até que a noite chegasse, quando as damas saíam novamente para andar. E ele, com elas, prestando atenção a tudo o que diziam e feliz ao subir para alcançar uma flor ou correr para buscar algo que tivessem esquecido. Quando voltavam para casa, a jovem sentava-se ao piano e tocava ou cantava alguma canção antiga que agradasse à tia.

Aos domingos pela manhã, havia a pequena igreja. Os pobres eram arrumados e limpos e ajoelhavam-se reverentemente em oração, parecendo felizes. Depois, havia as caminhadas e as muitas visitas às casas limpas dos trabalhadores. À noite, Oliver lia um capítulo ou dois da Bíblia, que havia estudado toda a semana.

De manhã, Oliver levantava-se às seis horas e corria pelos campos, vasculhando muros e colhendo flores silvestres que traria para casa e arrumaria com muito cuidado para embelezar a mesa do desjejum.

Então, três meses se passaram. Três meses que, na vida do mais abençoado e afortunado dos mortais, poderiam ter sido pura alegria e que, na de Oliver, foram verdadeira felicidade.



CAPÍTULO 33
Quando a felicidade de Oliver e seus amigos é posta à prova

O verão chegou. E ainda a mesma vida tranquila seguia no pequeno chalé. Oliver crescera forte e saudável, mas continuava a mesma criatura gentil, apegada e afeiçoada que fora quando a dor e o sofrimento lhe roubaram a forma e dependia da mínima atenção e conforto daqueles que cuidavam dele.

Uma bela noite fizeram uma caminhada mais longa do que o normal. Como a Sra. Maylie ficou cansada, retornaram mais lentamente para casa. A jovem sentou-se ao piano como sempre. Após correr os dedos pelas teclas distraidamente durante alguns minutos, ficou muito séria e, enquanto tocava, pareceu estar chorando.

– Rose, meu amor! – gritou a Sra. Maylie levantando-se rapidamente – Em lágrimas? Minha querida criança, o que está incomodando você?

– Nada, tia. Não sei o que é, não consigo descrever, mas eu sinto... – falou Rose estremecendo como se uma frieza mortal tivesse passado por ela. – Vou ficar melhor logo. Feche a janela, por favor!

Oliver levantou-se para fazer o que ela havia pedido. A jovem, em um esforço para recobrar a alegria, tentou tocar uma melodia mais animada, mas seus dedos caíram sem forças sobre as teclas.

– Minha criança! – falou a senhora abraçando-a. – Nunca a vi assim.

– Não queria preocupá-la – respondeu Rose –, mas não estou conseguindo. Temo estar doente, tia.

Realmente estava. Seu rosto ganhara uma cor branca como o mármore. Sua expressão não perdera a beleza, mas seu olhar estava muito abatido. E então ficou vermelha como carmim. E novamente estava mortalmente pálida.

Rose foi deitar-se, garantindo que acordaria bem na manhã seguinte.

A senhora sentou-se em um canto escuro da sala e permaneceu em silêncio por algum tempo.

Finalmente, falou com a voz trêmula.

– Ela está muito doente agora – retrucou a Sra. Maylie – e, certamente, ficará pior. Minha querida Rose! Oh, o que farei sem ela?

Ela entregou-se a uma tristeza tão grande que Oliver, suprimindo a própria emoção, se aventurou a protestar, implorando que ficasse mais calma.

– Oh! Considere o quão jovem e boa ela é – falou Oliver em lágrimas. – E quanta alegria e conforto dá a todos. Os céus jamais a deixariam morrer tão jovem.

– Shhh! – falou a Sra. Maylie colocando a mão sobre a cabeça de Oliver. – Você pensa como uma criança, meu pobre garoto. E, apesar disso, ensina o meu dever. Eu o havia esquecido por um momento. Já vi também o bastante para saber que nem sempre os mais jovens e melhores são poupados. Que a vontade de Deus seja feita! Eu a amo e Ele sabe disso muito bem!

Oliver ficou surpreso em ver o esforço que a Sra. Maylie fez para se recompor e se manter firme.

Uma noite inquieta seguiu-se. E quando chegou a manhã, Rose encontrava-se no primeiro estágio de uma febre alta e perigosa.

– Precisamos ser ativos, Oliver, e não nos entregarmos a sofrimentos desnecessários – disse a Sra. Maylie. – Esta carta precisa ser enviada ao Sr. Losberne com a maior urgência. Deve ser levada até o mercado da cidade, que não fica a mais de quatro milhas a pé pelos campos, e então despachada por via expressa montada diretamente a Chertsey. As pessoas da pousada farão isso, e eu sei que posso confiar em você.

Oliver parecia ansioso para sair logo.

– Eis aqui uma outra carta – prosseguiu a Sra. Maylie, pausando para refletir –, mas não sei se vale a pena enviá-la agora. Não a enviarei, a menos que tema pelo pior.

Oliver olhou e viu que estava endereçada a "Harry Maylie, Escudeiro", em alguma grande casa de lordes no interior.

– Devo levá-la também, madame? – quis saber Oliver.

– Não – disse a Sra. Maylie pegando-a de volta. – Vou esperar até amanhã.

Então entregou a Oliver sua bolsa, e ele saiu correndo o mais que podia.

Não parou nenhuma vez, exceto por alguns segundos aqui e ali para recobrar o fôlego, até que chegasse no pequeno mercado da cidade. Em uma esquina, encontrava-se uma grande casa, com uma placa que anunciava "The George".

Lá chegando, falou com o garoto do correio, que indicou que falasse com o moço da estrebaria, que, por sua vez, o mandou falar com o patrão. Este andou com muita segurança até o bar para fazer a nota, um cavalo foi selado e um homem que levou mais de dez minutos para se aprontar foi chamado. Enquanto isso, Oliver estava em tal estado de desespero e impaciência que desejava montar no cavalo ele mesmo e sair galopando a toda velocidade. Finalmente, tudo ficou pronto, o pequeno envelope foi entregue e, em poucos minutos, deixava a cidade.

Com uma certa sensação de dever cumprido e sem tempo a perder, Oliver saiu do estabelecimento com o coração mais leve. Estava virando no portão quando, acidentalmente, esbarrou contra um homem alto, envolto em uma capa, que entrava na pousada.

– Ei! – gritou o homem, olhando fixamente nos olhos de Oliver e subitamente recuando. – Que diabos é isso?

– Perdoe-me, senhor – falou o menino. – Eu estava muito apressado para voltar para casa e não o vi entrando.

– Diabos! – murmurou olhando para o menino com os olhos arregalados. – Ergueu-se da cova para me atormentar?

O homem balançava o punho enquanto rosnava palavras incoerentes. Então, avançou em direção a Oliver como se fosse atacá-lo, mas caiu no chão, contorcendo-se e espumando.

Oliver olhou para o louco que se debatia (ele supôs que era um louco) e então correu em busca de socorro. Quando o homem foi levado a salvo para dentro do hotel, o garoto voltou rapidamente para casa.

O ocorrido não ficou muito tempo em sua cabeça e, quando chegou ao chalé, havia o suficiente para ocupar sua mente.

Rose Maylie piorara. Antes da meia-noite, estava delirando. Um médico do lugar foi chamado e, após o primeiro exame, puxou a Sra.

Maylie para o lado e informou que sua doença era de natureza extremamente alarmante.

– Na verdade – ele disse –, será um pequeno milagre se ela se recuperar.

Quantas vezes Oliver levantou-se da cama durante a noite e desceu a escada em silêncio para ouvir o mínimo som do quarto da doente! E quão fervorosas foram todas as orações que murmurou pela vida e saúde da gentil criatura, que oscilava em direção à sepultura!

De manhã, o pequeno chalé estava solitário e calmo. As pessoas falavam aos sussurros, rostos preocupados apareciam no portão de tempos em tempos; mulheres e crianças iam embora em lágrimas. Bem tarde, naquela noite, o Sr. Losberne chegou.

– É difícil – falou o bom doutor. – Tão jovem, tão querida, mas há muito pouca esperança.

Mais uma manhã. O sol brilhou, tão brilhante como se não visse tristeza e dor. E cada folha e cada flor desabrocharam com vida e saúde, e sons e visões de alegria, cercaram por todos os lados o lugar onde a jovem jazia, esvaindo-se rapidamente. Oliver foi até o velho cemitério e, sentado em um dos montinhos verdes, chorou e orou por ela em silêncio.

Retornou à casa pensando em quanta bondade havia recebido dela, desejando que aquele tempo voltasse e que ele nunca cessasse de mostrar a ela o quão grato e apegado estava.

Quando chegou, a Sra. Maylie estava sentada na sala. O coração de Oliver quase parou, pois ela nunca se afastava da cabeceira da cama de sua sobrinha, e tremeu ao imaginar que mudança poderia ter ocorrido. Soube que Rose caíra em sono profundo, do qual acordaria para a recuperação e vida ou para a despedida e morte.

Ficaram sentados por horas. Seus ouvidos atentos escutaram o som de passos aproximando-se. Involuntariamente, olharam para a porta quando o Sr. Losberne entrou.

– Como está Rose? – perguntou a senhora. – Diga-me logo! Eu aguento! Em nome de Deus!

– Fique calma, minha querida madame, por favor – falou o doutor segurando-a. – Como Ele é bom e misericordioso, ela viverá para

abençoar a todos nós por anos.

A senhora caiu de joelhos e tentou juntar as mãos, mas a energia que a tinha mantido por tanto tempo subiu aos céus em seu primeiro agradecimento. E afundou nos braços amigos que estavam estendidos para recebê-la.

CAPÍTULO 34
Algumas particularidades do jovem cavalheiro que agora chega à cena e uma nova aventura que aconteceu com Oliver

Era quase felicidade demais para aguentar. Oliver mal havia conseguido compreender o que acontecera até que, após uma longa caminhada na tranquilidade da tarde, uma explosão de lágrimas veio para seu alívio.

A noite estava caindo quando voltou para casa carregado de flores que colhera para adornar o quarto da doente. Enquanto andava rapidamente pela estrada, ouviu o barulho de um veículo se aproximando furiosamente. Oliver conseguiu dar uma olhada no homem com uma touca branca, cuja face lhe pareceu familiar. Em mais um segundo ou dois, a touca apareceu pela janela do coche, e uma voz retumbante mandou que o condutor parasse.

– Oliver, quais são as novidades? – gritou a voz. – A Srta. Rose?

– É você, Giles? – gritou Oliver correndo em direção ao coche.

Giles colocou novamente o gorro para fora preparando-se para dar uma resposta, quando foi subitamente puxado para trás por um jovem cavalheiro que ocupava o outro assento e que, ansiosamente, perguntou por notícias.

– Em uma palavra! – gritou o cavalheiro. – Melhor ou pior?

– Melhor! Muito melhor! – respondeu o menino.

O cavalheiro abriu a porta do coche, saiu e, pegando Oliver rapidamente pelo braço, puxou-o para o lado.

– Tem certeza? – disse o homem com a voz trêmula. – Não me engane despertando esperanças que não são reais.

– Jamais faria isso, senhor – respondeu Oliver. – As palavras do Sr. Losberne foram que ela viveria para abençoar-nos todos por muitos anos. Eu o ouvi dizer.

As lágrimas encheram os olhos de Oliver quando se lembrou da cena que foi o início de tanta felicidade. E o cavalheiro virou o rosto e permaneceu em silêncio por alguns minutos.

Todo esse tempo o Sr. Giles, com seu capuz branco, ficou sentado no degrau do coche, secando os olhos com um lenço.

– Acho melhor você seguir para a casa da minha mãe no coche, Giles – ele sugeriu. – Vou andar mais devagar, para ganhar um pouco mais de tempo antes de vê-la. Pode dizer que estou chegando.

– Com licença, Sr. Harry – falou Giles –, mas se permitir que o mensageiro faça isso, eu lhe seria muito grato. Não seria apropriado que as empregadas me vissem neste estado, senhor, pois perderia a minha autoridade com elas.

– Faça o que achar melhor – retrucou Harry Maylie sorrindo. – Deixe que ele vá com a bagagem e siga conosco. Apenas troque esse capuz por algo mais apropriado.

O Sr. Giles guardou seu capuz no bolso e substituiu-o por um chapéu mais sóbrio, que tirou do coche.

Enquanto andavam, Oliver olhava de tempos em tempos com curiosidade para o recém-chegado. Parecia ter em torno de vinte e cinco anos de idade. Seu rosto era franco e bonito, e tinha tão forte semelhança com a senhora que não seria difícil para Oliver imaginar o relacionamento deles, se já não tivesse se referido a ela como sua mãe.

A Sra. Maylie estava esperando ansiosamente pelo filho quando chegaram ao chalé. Foi uma grande emoção de ambos os lados.

– Mãe! – sussurrou o jovem. – Por que não me escreveu antes?

– Eu escrevi – respondeu a Sra. Maylie –, mas pensei melhor e decidi guardar a carta até ouvir a opinião do Sr. Losberne.

– Mas por quê? – falou o jovem. – Por que correr o risco? Se Rose tivesse... não consigo falar a palavra... se esta doença terminasse de outra forma, como poderia se perdoar? Como eu poderia conhecer a felicidade novamente?

– Eu sei que ela merece o melhor e mais puro amor que o coração de um homem possa lhe oferecer – disse a Sra. Maylie. – Sei que a devoção

e a afeição de sua natureza não exigem um retorno comum, mas de um que seja profundo e duradouro.

– A senhora ainda supõe que sou um garoto inconsequente e que confundo os impulsos da própria alma? – perguntou Harry.

– Eu acho, querido filho – retrucou a Sra. Maylie –, que a juventude tem muitos impulsos generosos, mas não duradouros, e entre eles existem alguns que, uma vez realizados, se tornam mais fugazes. Acima de tudo, penso que, se um homem ambicioso se casa com uma esposa cujo nome tem uma mancha que possa vir a assombrá-la e a seus filhos, embora não seja culpa sua, isso faz com que, não importa o quanto seja generoso ou de bom coração, ele se arrependa do compromisso assumido no início da vida. Assim, ela sofrerá.

– Mãe – disse o jovem, impacientemente –, a agonia mental que sofri durante os dois últimos dias extrai de mim a confissão de uma paixão que, como bem sabe, não nasceu ontem. Para Rose, garota doce e gentil, meu coração está pronto, tão firme como o coração de um homem deve estar para uma mulher. Não tenho qualquer pensamento, visão e esperança na vida, além dela. Mãe, pense melhor nisso e em mim. E não despreze a felicidade que parece acreditar ser tão pequena.

– Harry – ela respondeu –, é porque penso muito nos corações sensíveis e apaixonados que os pouparia do sofrimento. Mas já falamos mais do que o suficiente sobre esse assunto.

– Deixe que Rose decida, então – interrompeu Harry. – Promete não impor suas opiniões exageradas para criar um obstáculo em meu caminho?

– Prometo – respondeu a Sra. Maylie. – Mas você deve considerar...

– Eu já considerei! – foi sua resposta impaciente. – Mãe, eu tenho considerado por anos e anos. Meus sentimentos permanecem inalterados, como sempre serão. Antes de ir embora, Rose deverá me ouvir.

– Ela vai – falou a Sra. Maylie.

– Há algo na sua postura que quase indica que ela me ouvirá friamente, mãe – falou o jovem.

– Friamente, não – respondeu a senhora. – Longe disso. Você já tem, ou estou em erro, um forte domínio sobre a afeição dela. O que eu digo é que – continuou a senhora interrompendo o filho que estava prestes a falar –, antes de se entregar completamente a esta oportunidade, antes de se encher de toda esperança, reflita por um momento, meu querido, sobre a história de Rose, e considere o efeito que o conhecimento de seu nascimento duvidoso pode ter sobre a decisão dela. Agora devo voltar a ficar com ela. Deus te abençoe!

– Irá dizer-lhe que estou aqui?

– É claro – ela respondeu. – Dir-lhe-ei tudo. – E, apertando a mão do filho carinhosamente, ela saiu da sala.

O Sr. Losberne e Oliver permaneceram no outro canto da sala enquanto esta conversa se desenvolvia. O primeiro estendeu a mão para Harry Maylie, trocou com ele saudações e informou, em resposta às diversas perguntas do jovem amigo, a exata situação da paciente, que era bem animadora e promissora, conforme Oliver havia dito. A tudo isso o Sr. Giles, que estava cuidando da bagagem, ouviu com atenção.

– Isso me lembra, Giles – disse o doutor –, que, no dia anterior ao que fui chamado com tanta urgência, providenciei, a pedido de sua boa patroa, uma pequena retribuição a seu favor.

O Sr. Giles andou até o canto com alguma curiosidade, e foi agraciado com uma rápida conversa sussurrada com o doutor, ao final da qual fez diversas reverências e retirou-se mais orgulhoso do que o normal. O fato é que a patroa, em reconhecimento ao seu comportamento durante a tentativa de assalto, havia depositado no banco local em seu favor a soma de vinte e cinco libras.

Oliver levantou-se na manhã seguinte mais tranquilo e foi executar suas funções com mais esperança e prazer do que tivera por muitos dias.

Vale comentar que ele não fazia mais seus passeios matinais sozinho. Harry Maylie, após a primeira manhã em que viu Oliver chegar em casa carregado, foi tomado por tamanha paixão por flores e demonstrou tal bom gosto em arrumá-las que deixou seu jovem companheiro para trás. Oliver podia estar em desvantagem nessas questões, mas sabia onde encontrar as melhores flores e, manhã após manhã, saíam para o campo

juntos e traziam para casa os mais belos buquês. A janela do quarto da jovem agora ficava aberta, os dias voavam, e Rose se recuperava rapidamente.

Oliver dedicava-se com assiduidade redobrada às aulas do cavalheiro de cabelos brancos, e trabalhava tão duro que seu rápido progresso surpreendeu até ele próprio. E foi quando estava envolvido nessa atividade que ficou muito assustado com um fato extremamente inesperado.

O pequeno quarto onde costumava estudar ficava no térreo, nos fundos da casa. O quarto dava para um jardim onde um portão se abria para um pequeno cercado. Tudo além era prado e bosque. Não havia qualquer habitação perto naquela direção e a paisagem era muito extensa.

Uma bela tarde, quando as primeiras sombras do crepúsculo começavam a refletir sobre a terra, Oliver estava concentrado em seus livros havia algum tempo e gradualmente caiu no sono.

Há um tipo de sono que recai sobre nós algumas vezes que, enquanto mantém prisioneiro o corpo, não liberta a mente de um certo sentido das coisas, de modo que realidade e imaginação se mesclam tão completamente que se torna quase impossível a sua separação.

Oliver sabia que estava em seu próprio quartinho, que seus livros estavam sobre a mesa e que o ar doce balançava as plantas rasteiras lá fora. E estava dormindo. Subitamente, o cenário mudou: o ar se tornou limitado, e pensou, com um brilho de terror, que estava novamente na casa do Judeu. Lá estava sentado o terrível velho, no mesmo canto, apontando para ele e sussurrando para um outro homem que se sentava ao seu lado, com o rosto escondido.

– Silêncio, meu caro! – pensou ter ouvido o Judeu dizer. – É ele, tenho certeza. Vamos embora.

– Poderia eu errar? – o outro homem parecia responder. – Se uma multidão de fantasmas se colocassem exatamente com seu rosto, e ele estivesse no meio deles, eu saberia quem era o verdadeiro.

O homem parecia dizer isso com tanto ódio que Oliver acordou com medo e levantou-se.

Deus do céu! O que foi aquilo que fez seu sangue gelar, que o deixou sem voz e sem conseguir se mexer! Ali... ali... na janela... perto dele... tão perto que quase poderia tê-lo tocado antes de dar um passo atrás. Ali estava o Judeu! E ao lado dele estava a estranha figura do homem em quem havia esbarrado na porta da pousada.

Não foi mais que um instante, um relance, e eles se foram. E o olhar deles ficou impresso em sua memória como se gravado na pedra. Ele ficou paralisado por um momento. E então, pulando a janela para o jardim, gritou bem alto por socorro.

CAPÍTULO 35
O resultado insatisfatório da aventura de Oliver e uma conversa importante entre Harry Maylie e Rose

Quando os moradores da casa, atraídos pelos gritos de Oliver, correram até o quarto, encontraram-no pálido e agitado, apontando na direção dos prados atrás do chalé e mal conseguindo articular as palavras: *O Judeu! O Judeu*.

Harry Maylie, que ouvira de sua mãe a história de Oliver, entendeu de imediato.

– Em que direção ele foi? – perguntou pegando um pedaço de pau.

– Naquela – respondeu Oliver apontando para o caminho que o homem havia tomado.

– Então, estão no fosso! – falou Harry. – Sigam-me! – E, dizendo isso, pulou o muro e correu.

Giles o seguiu e Oliver também. E, em questão de um minuto ou dois, o Sr. Losberne pulou o muro para segui-los com mais agilidade do que se esperaria dele, que queria saber qual era o problema.

A busca foi em vão. Não havia nem traços de pegadas recentes.

– Só pode ter sido um sonho, Oliver – falou Harry Maylie.

– Oh, não, senhor – respondeu o menino tremendo pela simples lembrança do rosto do velho. – Vi os dois, tão claramente como estou vendo o senhor agora.

– Quem era o outro? – indagaram Harry e o Sr. Losberne juntos.

– O mesmo que me atacou de repente na pousada – falou Oliver. – O mais alto pulou bem ali, e o velho correu um pouco mais para a direita e pulou por aquela falha.

Os dois homens olhavam Oliver atentamente enquanto ele falava e pareciam satisfeitos com a precisão do que dizia. Ainda assim, não havia qualquer sinal de que os tais malfeitores tivessem corrido para qualquer direção.

– Isso é estranho! – comentou Harry.

– Estranho? – ecoou o doutor. – Nem mesmo Blathers e Duff poderiam fazer nada.

Apesar da evidente inutilidade da busca, não desistiram até que o cair da noite lhes tirasse as esperanças.

No dia seguinte, uma nova busca foi efetuada e mais perguntas foram feitas, mas sem melhor resultado. Após alguns dias, o caso começou a ser esquecido e, como acontece com a maioria dos casos quando nada ocorre para alimentá-los, acabou morrendo.

Enquanto isso, Rose deixara o quarto e podia ficar mais tempo com a família, alegrando o coração de todos.

Mas, embora essa feliz mudança tivesse um efeito visível no pequeno círculo, a Sra. Maylie e seu filho conversavam a sós por longos períodos e, mais de uma vez, Rose pareceu chorar. Depois que o Sr. Losberne marcou a data para seu retorno a Chertsey, esses sintomas aumentaram e ficou evidente que algo estava acontecendo.

Finalmente, numa manhã, quando Rose estava sozinha na sala de desjejum, Harry Maylie entrou.

– O que vou dizer já deve ter sido notado por você – disse o jovem puxando uma cadeira para perto dela. – Conhece os desejos do meu coração, embora ainda não os tenha ouvido dos meus lábios.

Ela apenas fez uma reverência e esperou que ele prosseguisse.

– Eu... eu... deveria ter ido embora antes – falou Harry. – Fui trazido aqui pelo medo de perder alguém querido, em quem estão fixados meus profundos desejos e esperanças.

Havia lágrimas nos olhos da garota enquanto essas palavras eram ditas.

– Uma criatura – ele continuou apaixonadamente –, uma criatura tão pura e inocente quanto um anjo tremulou entre a vida e a morte. Oh! Rose, saber que você estava morrendo foi quase grande demais para suportar. Eram meus os desejos egoístas de que você não deveria morrer sem jamais saber o quão devotamente eu a amo. Vi você sair da quase morte para a vida, com olhos que estão cegos de profunda afeição. Não me diga que gostaria que eu tivesse perdido isso.

– Apenas queria que tivesse voltado para os altos círculos nobres, em busca de objetivos mais dignos para você – falou Rose chorando.

– Nada é mais valoroso do que a luta para ganhar o seu coração – respondeu o jovem pegando a mão dela. – Rose, minha querida! Há anos... anos... eu busco meu caminho para a fama, apenas para voltar orgulhosamente e dizer-lhe que o fiz para compartilhar com você. Mas agora, com nenhuma fama conquistada, eu ofereço-lhe o coração que há tanto tempo é seu.

– Seu comportamento sempre foi bom e nobre – falou Rose controlando as emoções. – Mas deve me esquecer. Tenha outro tipo de paixão por mim, pois serei a amiga mais confiável e verdadeira que jamais terá.

– E as suas razões, Rose? – falou em voz baixa.

– Você tem o direito de saber – respondeu Rose. – É um dever que preciso cumprir. Eu devo isso a mim mesma, assim como aos outros.

– A si mesma?

– Sim, Harry. Devo isso a mim. Eu, uma garota sem dotes, com uma mancha sobre o nome. Devo isso a você e a sua família, para evitar que tenha esse grande obstáculo em seu caminho.

– Então você corresponde o meu amor? – falou Harry.

– Se eu pudesse, sem fazer um grande mal àquele que amo – retrucou Rose –, eu teria...

– Teria recebido esta declaração de modo diferente? – perguntou Harry.

– Pare! – falou Rose soltando a mão. – Por que devemos prolongar esta dolorosa conversa? Adeus, Harry! Como nos encontramos hoje, não nos encontraremos mais, apenas em outras situações. A perspectiva à sua frente é brilhante. Todos os grandes talentos e ligações poderosas que podem ajudar os homens na vida pública estão ao seu dispor. Mas essas pessoas são orgulhosas, e eu não vou querer me misturar com alguém que despreza a mãe que me deu a vida, nem trarei desgraça ou fracasso ao filho de quem supriu tão bem o lugar daquela mãe.

– Uma palavra mais, Rose – falou Harry inclinando-se sobre ela. – Se meu destino fosse uma vida obscura e tranquila... você teria me aceitado?

– Não me obrigue a responder – falou Rose.

– Oh, Rose, em nome do meu ardente e duradouro apreço – retrucou Harry –, responda a esta única pergunta!

– Então, se eu pudesse ajudá-lo e confortá-lo em qualquer lugar de paz e tranquilidade, e não ser uma mancha e um empecilho em seu caminho de ambição e fama – respondeu –, reconheço que seria muito mais feliz.

– Peço-lhe apenas mais uma coisa. Digamos que em um ano, ou um pouco antes, eu venha lhe falar sobre esse assunto pela última vez. Se você ainda estiver firme em sua decisão, não tentarei mudá-la.

– Então que seja – respondeu Rose.

Ela estendeu a mão. Mas o jovem a abraçou e, dando-lhe um beijo na testa, saiu da sala.

CAPÍTULO 36
É bem pequeno e pode parecer sem importância, mas é uma chave para o que se seguirá quando chegar a hora

– Então você está decidido a ser meu companheiro de viagem esta manhã, não é? – falou o doutor quando Harry se juntou a ele e Oliver na mesa do desjejum. – Você não tinha essa intenção duas horas e meia atrás!

– O senhor me contará uma história diferente um dia desses – disse Harry corando sem razão aparente.

– Espero ter um bom motivo para isso – respondeu o Sr. Losberne. – Ontem pela manhã você estava decidido a ficar aqui e acompanhar a sua mãe até o mar. E à noite me diz misteriosamente para me levantar antes das senhoras. Harry, alguma mensagem dos grandes aristocratas resultou nessa ansiedade súbita por partir?

– Os grandes aristocratas – respondeu Harry –, entre os quais, eu suponho, você inclui meu digníssimo tio, não enviaram nenhuma mensagem desde que estou aqui.

– Então – disse o doutor –, você é um rapaz estranho. Mas é claro que eles o colocarão no parlamento na eleição de antes do Natal. Há algo aí.

Harry Maylie se contentou em dizer "Veremos" e não estendeu o assunto. Logo em seguida, o coche parou na porta e, vendo Giles chegar com a bagagem, o bom doutor saiu.

– Oliver – falou Harry Maylie baixinho –, escreve bem?

– Espero que sim, senhor – respondeu Oliver.

– Não devo voltar para casa por algum tempo. Quero que me escreva a cada quinze dias.

– Oh! Ficarei orgulhoso em fazê-lo – exclamou Oliver, feliz com a incumbência.

– Quero saber como... como estão minha mãe e a Srta. Maylie – falou o jovem. – Mas que isso seja um segredo entre nós dois. E quero que me conte tudo!

Oliver, honrado pela sensação de importância, prometeu segredo e ser claro em suas mensagens. O Sr. Maylie despediu-se, garantindo-lhe seu cuidado e proteção.

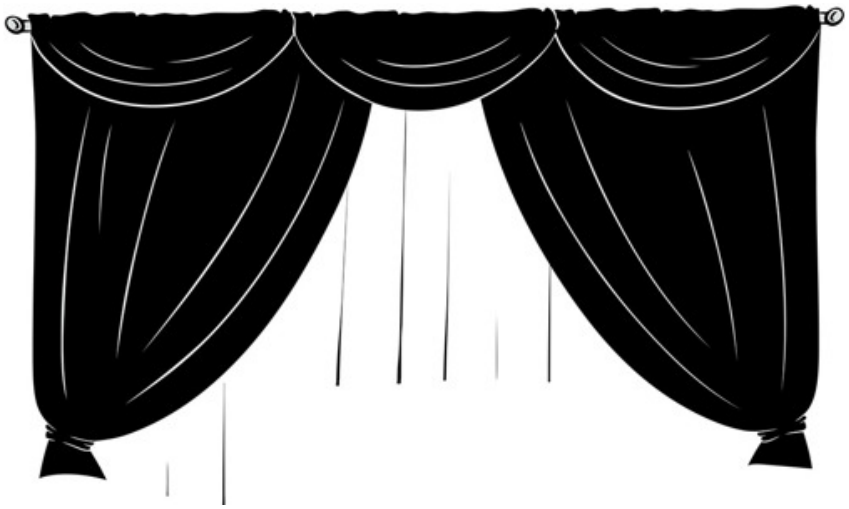
O doutor estava no coche. Harry olhou mais uma vez a janela de treliças e entrou na carruagem.

– Vamos! – gritou.

O veículo seguiu pela estrada, quase escondido por uma nuvem de poeira, e, quando não era mais possível vê-lo, todos se dispersaram.

Mas havia um observador que continuou com os olhos fixos no ponto onde a carruagem desapareceu por muito mais tempo. Atrás da cortina branca estava Rose.

Lágrimas são sinais tanto de felicidade quanto de dor, mas as que corriam pelo rosto de Rose enquanto continuava sentada pensativamente à janela, com o olhar fixo, pareciam falar mais sobre tristeza do que sobre alegria.



CAPÍTULO 37
Em que o leitor poderá perceber um contraste não incomum no matrimônio

O Sr. Bumble estava sentado na sala suspirando profundamente. Não era mais um bedel. Casara-se com a Sra. Corney e agora era diretor do abrigo.

– E amanhã fará dois meses! – falou o Sr. Bumble. – Parece uma eternidade.

Talvez quisesse dizer que havia concentrado toda uma existência de felicidade no curto espaço de oito semanas, mas o suspiro... havia muita significação no suspiro.

– Vendi-me – continuou no mesmo tom de reflexão. – E fui terrivelmente barato!

– Barato? – gritou uma voz aguda. – Qualquer preço teria sido caro, e eu paguei muito caro por você!

Ele virou-se e encontrou o rosto da esposa que, entendendo mal as poucas palavras de queixa que escutara, arriscara tal declaração.

– Sra. Bumble! – falou com uma austeridade sentimental.

– Sim! – gritou a senhora.

– Tenha a bondade de olhar para mim – falou o homem, olhando fixamente para ela. ("Esse olhar nunca falhou com os pobres", falou o Sr. Bumble para si mesmo. "Se falhar com ela, adeus à minha autoridade.")

Ao ouvir aquele som tão inesperado, o homem ficou incrédulo e assustado. Então voltou à posição anterior até que sua atenção foi despertada pela voz da esposa.

– Vai ficar aí sentado roncando o dia todo? – ela indagou.

– Vou ficar sentado aqui até quanto quiser, madame. A prerrogativa de um homem é mandar, madame. E a da mulher é obedecer.

A Sra. Bumble, percebendo o momento decisivo, caiu em um choro convulsivo.

Mas o coração do Sr. Bumble era à prova d'água. Ele olhou a boa senhora com grande satisfação e falou que deveria chorar muito:

– Abre os pulmões, lava o rosto, exercita os olhos e suaviza o caráter.

Após essa brincadeira, dirigiu-se para a porta, com a tranquilidade e felicidade estampadas no rosto.

Mas a Sra. Corney estava preparada para proceder de outra forma. Então, apertando fortemente o pescoço do marido com uma mão, infligiu-lhe uma chuva de socos com a outra. E, achando que já era o suficiente, o empurrou sobre uma cadeira e o desafiou a falar sobre a prerrogativa, se ousasse.

– Vá para longe daqui, a menos que queira que eu faça algo desesperado.

– Não tive a intenção de... – falou o Sr. Bumble dirigindo-se rapidamente para a porta. – estou indo, querida! Você está tão violenta...

O Sr. Bumble foi pego de surpresa e apanhou bastante, mas assim como tinha um considerável prazer pelo exercício da crueldade mesquinha, é desnecessário dizer que era um covarde.

Então, pensando pela primeira vez que aqueles homens que fugiam de suas esposas não mereciam punição, passou por uma sala onde algumas mulheres lavavam as vestimentas da paróquia e ouviu o som de vozes em uma animada conversa.

– Ora! – falou o Sr. Bumble retomando sua dignidade natural. – Essas mulheres pelo menos devem respeitar a prerrogativa. Alô! Ei, vocês! O que significa todo esse barulho, suas malditas?

Com essas palavras, o Sr. Bumble abriu a porta e entrou com uma atitude furiosa. Mas tal postura foi transformada da forma mais humilhante e covarde assim que seus olhos, inesperadamente, encontraram os de sua esposa.

– Minha querida – falou o homem. – Não sabia que estava aqui.

– E o que você faz aqui? – ela perguntou. – Você pensou que elas estavam falando demais? E o que tem com isso? Pode sair!

Havia perdido o respeito e a posição perante os pobres. Tinha caído do alto da pompa do cargo de bedel à mais humilhante situação de marido dominado.

– Tudo isso em dois meses! – falou.

Era demais. E foi, distraidamente, para a rua. Finalmente, parou em frente a uma taverna numa rua secundária e cujo salão, pelo que pôde conferir ao olhar pela janela, tinha apenas um cliente solitário. Entrou e, pedindo uma bebida ao passar pelo balcão, foi direto para o recinto que vira pelo lado de fora.

O homem que lá estava sentado olhou o Sr. Bumble de soslaio e não se dignou a acenar com a cabeça em retorno à saudação do ex-bedel.

O Sr. Bumble tinha dignidade o suficiente pelos dois, então, bebeu seu gim com água em silêncio e leu o jornal. Entretanto, sentiu-se instigado a olhar para o estranho e, quando o fez, desviou os olhos, confuso ao ver que, naquele momento, o estranho também o olhava.

E então, o estranho quebrou o silêncio.

– Estava procurando por mim?

– Não que eu saiba, a menos que você seja o senhor... – parou, pois queria saber o nome do desconhecido.

– Vejo que não – falou o estranho com sarcasmo. – Ou saberia o meu nome.

Outro silêncio. Que novamente foi quebrado pelo estranho.

– Acho que já o vi antes – disse. – Você era o bedel daqui, não era?

– Agora sou o diretor do abrigo – falou o Sr. Bumble.

– E tem o mesmo olho para o próprio interesse que sempre teve, não duvido – retomou o estranho.

– Oficiais paroquiais não são tão bem pagos que possam se recusar a ganhar alguma coisa extra quando lhes chega de forma apropriada – respondeu, perplexo.

O estranho sorriu. Não tinha errado o homem.

– Vim até aqui hoje para encontrá-lo e – falou após fechar a porta e a janela –, por um desses acasos que o diabo joga na frente dos amigos, você entrou no lugar onde eu estava. Eu quero informações. E não as peço de graça.

Enquanto falava, deslizou sobre a mesa dois soberanos[14] e prosseguiu.

– Busque em sua memória... uns doze anos desde o último inverno. O cenário: o abrigo, à noite. E o lugar: o buraco no qual miseráveis vadias

davam à luz e escondiam sua vergonha em um túmulo!

– A sala de parto?

– Um garoto nasceu ali – gritou o homem. – Um, de olhar manso que foi aprendiz aqui de um construtor de caixões... e que fugiu para Londres, como se supõe.

– Você está falando de Oliver Twist! – disse o Sr. Bumble. – É claro que lembro. Não havia um patife tão obstinado...

– Quero saber sobre a mulher que cuidou da mãe dele – falou interrompendo. – Onde ela está?

– Morreu no inverno passado.

O homem pareceu respirar com mais liberdade. Com isso, levantou-se como se fosse partir.

Mas o Sr. Bumble era muito esperto e viu uma oportunidade de lucrar com um segredo que possuía. Rapidamente informou ao estranho, com um ar de mistério, que uma mulher havia estado com a velha parteira antes de sua morte; e que talvez tivesse alguma informação útil.

– Como e quando posso encontrá-la? – perguntou deixando transparecer que seus temores haviam reaparecido.

– Apenas por meu intermédio – respondeu o Sr. Bumble. – Amanhã.

– Às nove da noite – disse o homem escrevendo em um pedaço de papel um endereço –, neste lugar. Traga-a em segredo.

Com essas palavras, ele seguiu para a porta e partiu.

Ao olhar para o endereço, o funcionário paroquial viu que não havia nome, então correu para perguntar.

– Por que nome devo procurar?

– Monks!

CAPÍTULO 38
O que aconteceu entre o Sr. e a Sra. Bumble e o Sr. Monks durante seu encontro noturno

O Sr. e a Sra. Bumble, virando a rua principal da cidade, dirigiram-se para o pequeno amontoado de casas arruinadas que ficava a uma milha e meia de distância, perto do rio.

Ambos estavam enrolados em capas velhas e surradas, que serviam ao duplo propósito de protegê-los da chuva e da curiosidade alheia.

Margeando o rio, havia um grande edifício, usado anteriormente como uma fábrica. Foi diante desse prédio em ruínas que o valoroso casal parou quando o primeiro som de um distante trovão reverberou no ar, e a chuva começou a cair violentamente.

– Deve ser por aqui – falou Bumble consultando o papel que tinha na mão.

– Alô, vocês! – gritou uma voz de cima.

O Sr. Bumble levantou a cabeça e avistou um homem no segundo andar.

– Já vou descer – gritou a voz.

– Lembre-se do que lhe disse – falou a senhora. – Fale o mínimo ou nos entregará de uma vez só.

Monks os chamou para entrar.

– Esta é a mulher? – falou Monks.

– Sim. É a mulher.

Lançando sobre os dois algo entre um sorriso e um franzir de testa, chamou-os para segui-lo subindo uma escada que levava a um outro andar.

Então, fechou a persiana da janela da sala onde chegaram e baixou uma lanterna que estava pendurada na ponta de uma corda, jogando uma fraca luz sobre uma velha mesa e três cadeiras.

– Agora – disse Monks –, quanto mais rápido, melhor. A mulher sabe do que se trata, não sabe?

– Sobre a mãe do rapaz que você mencionou – interrompeu a enfermeira.

– A primeira pergunta é: qual foi a natureza do que ela falou? – disse Monks.

– Essa é a segunda – observou a mulher. – A primeira é: o que vale a informação?

– Quem pode dizer isso sem saber qual é? – perguntou Monks.

– Ninguém melhor do que você, estou certa – respondeu a Sra. Bumble, a quem não faltava coragem.

– Algo que foi tirado dela – disse Monks. – Algo que ela usava. Algo que...

– É melhor fazer uma oferta – interrompeu a Sra. Bumble. – O que isso vale para você?

– Pode não valer nada, pode valer vinte libras – respondeu Monks.

– Me pague vinte e cinco libras em ouro – falou a mulher – e lhe direi tudo o que sei.

– E se eu pagar por nada? – perguntou Monks hesitante.

– Pode tomar de volta facilmente – ponderou a mulher. – Sou apenas uma mulher sozinha e desprotegida.

– Não sozinha, querida, nem desprotegida – balbuciou o Sr. Bumble, com a voz trêmula.

– Você é um tolo – falou a Sra. Bumble.

– Então! Ele é seu marido, né? – comentou Monks.

– Sim! – riu a mulher fugindo do assunto.

Ele colocou vinte e cinco libras na mesa e empurrou-as para a mulher.

– Agora guarde-as. E ouçamos a sua história – disse ele, inclinando-se para a frente para escutar o que ela tinha a dizer.

– Quando essa mulher, a quem chamávamos velha Sally morreu – ela começou –, estávamos a sós. Ela falou de uma jovem criatura que tinha dado à luz alguns anos antes. A criança era a que você mencionou ontem à noite – acenou para o marido –, a mãe foi roubada por essa enfermeira.

– Em vida? – perguntou Monks.

– Na morte – respondeu. – Contou-me com grande dificuldade o que havia feito e morreu.

– Sem dizer mais nada? – gritou Monks parecendo furioso. – É mentira!

– Ela não pronunciou mais nenhuma palavra – respondeu a mulher aparentando estar impassível (ao contrário do marido) à violência do estranho. –, mas agarrou violentamente minha roupa com uma mão que estava parcialmente fechada. Precisei fazer força para me soltar e descobri que segurava um pedaço de papel. Era uma cautela de penhor. Faltavam dois dias para vencer, então achei que pudesse valer alguma coisa e resgatei o badulaque.

– Onde está agora? – perguntou Monks rapidamente.

– Aqui.

E jogou sobre a mesa um pequeno saquinho com um pequeno medalhão de ouro fechado, com dois pedaços de cabelo e uma aliança.

– Está gravado "Agnes" dentro – continuou. – E tem um espaço em branco para o sobrenome. E uma data, que é mais ou menos de um ano antes do garoto ter nascido. Fui conferir.

– E isso é tudo? – perguntou Monks.

– Tudo – respondeu a mulher. – Não sei nada além do que posso imaginar. E não quero saber. Mas gostaria de fazer duas perguntas, posso?

– Pode perguntar – falou Monks demonstrando surpresa.

– Era isso o que esperava?

– Sim – respondeu Monks. – A outra pergunta?

– Pode ser usado contra mim?

– Nunca – falou. – Nem contra mim. Veja! Mas não se mexa.

Ele jogou a mesa para o lado e, puxando o anel de ferro de uma tábua, abriu um grande alçapão aos pés do Sr. Bumble.

– Olhe para baixo – falou Monks baixando a lanterna. – Não tenha medo. Eu poderia tê-la jogado antes, se esse fosse o meu propósito.

A água turva, acrescida da chuva pesada, corria rapidamente abaixo, e o som era abafado pelo barulho da correnteza chocando-se contra as pedras. Ali houvera, no passado, um moinho.

Monks pegou o pequeno pacote e, amarrando-o ao pedaço de uma polia que estava no chão, jogou-o na torrente. Caiu em linha reta, atingiu a água e foi-se.

Os três se entreolharam parecendo respirar mais livremente.

– Aí está! – falou Monks fechando a porta do alçapão. – Não temos mais nada a dizer. E saiam daqui o mais rápido que puderem.

O portão por onde haviam entrado foi destrancado. E, simplesmente trocando um aceno de cabeças, o casal foi embora.

CAPÍTULO 39
Mostra como Monks e Fagin associaram-se

Na noite seguinte ao encontro relatado no capítulo anterior, o Sr. William Sikes, acordando de um cochilo, rosnou sonolento, querendo saber as horas. O quarto não era o mesmo onde estivera antes da expedição a Chertsey, embora se localizasse na mesma parte da cidade.

O assaltante estava deitado na cama, enrolado em seu grande casaco branco, aparentando um estado cadavérico de doença. O cachorro estava ao lado da cama. Sentada perto da janela, ocupada em cerzir um velho colete do ladrão, estava uma mulher, tão pálida e magra pela privação que seria difícil reconhecê-la como a mesma Nancy que já apareceu nesta história.

– Um pouco mais de sete – disse ela. – Como se sente, Bill?

– Fraco como a água – respondeu o Sr. Sikes. – Aqui, dê-me a mão e ajude-me a sair desta maldita cama.

A doença não havia melhorado o temperamento do homem. Quando a garota o levantou e o colocou na cadeira, murmurou diversas pragas sobre sua inabilidade e deu-lhe um tapa.

– Por que está chorosa? – disse Sikes. – Venha! Não fique aí choramingando.

– Não é nada – ela respondeu jogando-se na cadeira. – Não precisa se preocupar comigo. Logo estará acabado.

– O que estará acabado? – gritou o Sr. Sikes de um jeito selvagem. – Que maluquice você está aprontado agora? Levante-se e mexa-se. E não me venha com essas bobagens de mulher.

Em qualquer outro momento, essa ameaça e o tom com que foi feita teriam surtido o efeito desejado, mas a garota estava realmente fraca e exausta, e desmaiou. Sem saber o que fazer nessa emergência incomum, já que os ataques histéricos da Srta. Nancy eram em geral violentos, o Sr. Sikes chamou por socorro.

– Qual o problema aqui, meu caro? – disse Fagin olhando para dentro do quarto.

– Ajude a garota – respondeu impacientemente. – Não fique aí parado!

Com uma exclamação de surpresa, Fagin correu para ajudar.

– Abane-a um pouco, Charley – disse o Sr. Dawkins –, e bata nas mãos dela, Fagin, enquanto Bill desaperta a anágua.

Nancy gradualmente recobrou a consciência e, cambaleando até a cadeira ao lado da cama, afundou o rosto no travesseiro, deixando o Sr. Sikes com os recém-chegados.

– Que vento dos diabos os trouxe até aqui? – perguntou para Fagin.

– Nenhum vento diabólico, meu caro, já que o diabo não traz nada de bom. Trapaceiro abra o pacote e entregue a Bill as pequenas bobagens em que gastamos todo o nosso dinheiro.

Obedecendo ao pedido, o Astuto desamarrou o pacote, que era grande e feito com uma velha toalha de mesa, e foi entregando a Charley Bates, um a um, os artigos que ali estavam contidos. Este, por sua vez, foi dispondo-os sobre a mesa, tecendo elogios à sua raridade e excelência.

– Sinta a torta de coelho, Bill – exclamou o garoto –, com chá verde, açúcar mascavo, pães frescos, um pedaço do melhor queijo Glocester e, para completar tudo isso, um pouco do melhor que você já bebeu!

Mestre Bates tirou de um de seus profundos bolsos uma grande garrafa de vinho cuidadosamente arrolhada, e o Sr. Dawkins, no mesmo instante, encheu um copo, que o doente virou sem hesitação.

– Ah! – disse Fagin. – Você vai ficar bom, Bill.

– Ficar!? – exclamou o Sr. Sikes. – O que significa deixar um homem neste estado por mais de três semanas, seu vagabundo?

– E nós viemos aqui para trazer-lhe todas essas coisas! – falou Fagin encolhendo os ombros.

– As coisas estão entregues – observou o Sr. Sikes olhando aliviado para a mesa –, mas o que tem a dizer em seu favor? Por que me deixou aqui, sem comida, sem saúde, enfraquecido e tudo o mais todo esse tempo?

– Estive fora de Londres, meu caro – respondeu Fagin.

– Se não fosse pela garota, eu teria morrido – respondeu Sikes.

– Mas foi o velho Fagin que trouxe a garota, não foi? – protestou.

– Está tudo muito bem – disse o Sr. Sikes –, mas preciso de dinheiro.

– Não tenho nem uma moeda comigo – respondeu o velho.

– Mas tem muitas em casa – retrucou Sikes. – E eu preciso de algumas. Nancy irá com você até o esconderijo e as trará.

Fagin negociou para três libras, quatro xelins e seis *pence*, protestando que isso o deixaria sem dinheiro, e voltou para a toca acompanhado de Nancy e dos garotos.

– Não apareceu ninguém, Toby? – perguntou ao chegar.

– Nem uma perna – respondeu o Sr. Crackit, e foi embora.

– Tom! Trapaceiro! Charley! É hora de trabalhar.

Eles foram.

– Agora – disse Fagin quando saíram –, vou pegar aquele dinheiro para você, Nancy. É um negócio pobre e... Silêncio! – falou de repente. – Quem está aí?

A garota, que estava sentada na mesa com os braços cruzados, não aparentou estar interessada, até que o murmúrio do homem chegou aos seus ouvidos. Então, ela arrancou sua touca e xale com a rapidez de um raio e escondeu-os debaixo da mesa e sussurrou uma reclamação sobre calor, em um tom que contrastava com a extrema rapidez de sua ação. Mas Fagin não notou.

– É o homem que eu estava esperando – ele falou baixinho. – Está descendo. Nem uma palavra sobre dinheiro, Nancy. Ele não vai demorar.

O velho levou uma vela até a porta quando ouviu os passos do homem na escada. Era Monks.

– Apenas um dos meus jovens – falou Fagin vendo que Monks dera um passo para trás. – Não se mexa, Nancy.

A garota inclinou-se sobre a mesa, olhou Monks com um ar displicente e baixou os olhos novamente.

– Alguma novidade? – indagou Fagin.

– Muitas. Bem importantes desta vez.

A garota inclinou-se mais ainda na mesa e não se ofereceu para sair, embora percebesse que Monks havia apontado para ela. O velho apontou para cima e o levou para fora da sala.

Enquanto o som dos passos ainda ecoava pela casa, a garota tirou seus sapatos e se colocou na porta. No momento em que o barulho cessou, ela

esgueirou-se do quarto e subiu os degraus com incrível leveza e silêncio.

A sala ficou deserta por cerca de um quarto de hora. A garota retornou com a mesma destreza e, logo depois, foi possível ouvir os dois homens descendo. Monks foi direto para a rua e Fagin subiu novamente para pegar o dinheiro. Quando voltou, Nancy estava ajeitando seu xale e touca, como se estivesse se preparando para ir embora.

– Nancy! – exclamou o velho assustando-se ao pousar a vela. – Como você está pálida! O que fez?

– Nada que eu saiba, deve ser ter ficado neste lugar fechado por tanto tempo – respondeu a garota.

Fagin colocou a quantia na mão dela. E se despediram com um "boa-noite".

Quando saiu para a rua, a garota parecia estar totalmente confusa e incapaz de seguir seu caminho. Subitamente começou a andar em uma direção oposta, foi apressando o passo até começar a correr. Parou para tomar fôlego e, como se percebesse sua total incapacidade para fazer algo, caiu em prantos.

Talvez porque as lágrimas a tenham aliviado, ou por ter percebido a completa desesperança de sua condição, ela deu meia-volta e logo chegou ao lugar onde havia deixado o assaltante.

Por sorte o dinheiro manteve o homem de tão bom humor no dia seguinte que não teve tempo para criticar o comportamento dela. Estava distraída e nervosa, como alguém que está prestes a dar um passo ousado e perigoso. Teria sido óbvio ao olhar de lince de Fagin. Mas o Sr. Sikes, na verdade, incomodava-se muito pouco com ela.

Com o final do dia, a excitação da garota aumentou, seu rosto estava mais pálido do que o normal e havia um fogo em seus olhos que deixou até Sikes surpreso.

– Que inferno! – ele disse. – Você parece um defunto que ganhou vida. Qual o problema?

– Problema? – respondeu a garota. – Nada.

– Se não estiver com febre ou passando mal, existe algo a mais no ar – falou. – E algo perigoso também. Você não vai... Não, diabos! Você não faria isso!

– Fazer o quê? – ela perguntou.

– Não há… – falou Sikes fixando os olhos nela e murmurando as palavras para si mesmo –, não está acontecendo uma quebra de confiança. Ela está pegando a febre. É isso.

Tranquilizado por essa certeza, Sikes pediu seu remédio. A garota o preparou de costas para ele e segurou o copo em seus lábios, enquanto ele bebia.

– Agora – disse o ladrão –, venha sentar-se ao meu lado e melhore essa cara.

A garota obedeceu. Sikes, segurando as mãos dela, voltou para o travesseiro. Seus olhos fecharam, abriram, fecharam mais uma vez, abriram de novo, até que caiu em sono profundo.

– Finalmente o láudano fez efeito – ela murmurou enquanto se levantava. – Pode ser tarde demais.

Vestiu rapidamente a touca e o xale, olhando em volta como se, apesar do sono pesado, esperasse sentir a qualquer momento a pressão da mão de Sikes sobre seu ombro. Então, abrindo e fechando a porta sem fazer barulho, saiu da casa.

– E não conseguirei chegar lá em menos de uma hora – murmurou Nancy.

Muitas das lojas já estavam fechadas no caminho entre Spitalfields e o West-End[15] de Londres. Ela esgueirou-se por vielas estreitas. Esbarrando nos transeuntes e quase pulando sobre as cabeças dos cavalos, cruzou ruas movimentadas.

– A mulher é louca! – dizia o povo olhando enquanto ela corria.

Quando chegou ao bairro mais rico da cidade, encontrou as ruas praticamente desertas, e sua corrida chamou ainda mais atenção das poucas pessoas por quem passava. Até que chegou ao seu destino.

Era um hotel residencial perto do Hyde Park. Entrou na portaria. A cadeira do porteiro estava vazia. Olhou em volta com um ar de incerteza e seguiu em direção à escada.

– Ei, minha jovem! – falou uma mulher elegantemente vestida de uma porta atrás da garota. – O que quer aqui?

– Falar com uma senhora que está hospedada nesta casa – respondeu. – Srta. Maylie.

A jovem respondeu com um olhar de claro desdém e indicou um homem. A ele, Nancy repetiu o pedido.

– E a quem devo anunciar? – perguntou o serviçal. – E o assunto?

– Desnecessário dizer – respondeu Nancy. – Eu preciso ver a senhorita.

– Ora! – falou o homem empurrando-a em direção à porta. – Vá embora.

– Só se for carregada – respondeu a garota violentamente. – E garanto que dois de vocês não conseguirão fazer isso. Tem alguém aí – ela falou olhando em volta – que possa levar uma simples mensagem trazida por uma pobre coitada como eu?

Esse apelo afetou o bem-humorado cozinheiro que, como alguns outros serviçais, estava observando a cena e resolveu interferir.

– Leve a mensagem para ela, Joe, por favor.

– Você não acha que a senhorita receberá alguém como ela, acha? – respondeu o homem.

Essa alusão ao caráter duvidoso de Nancy despertou uma grande ira entre as empregadas, que defendiam que fosse jogada aos cães.

– Façam o que quiserem comigo – ela falou –, mas primeiro o que eu pedi.

O bondoso cozinheiro intercedeu novamente e o resultado foi que o primeiro homem assumiu a responsabilidade.

– E qual seria? – perguntou com um pé na escada.

– Que peço encarecidamente para falar a sós com a Srta. Maylie – disse Nancy. – E que se a senhorita ouvir apenas a primeira palavra do que tenho a dizer, saberá o assunto, ou me mandará embora como uma impostora.

O homem subiu. Nancy permaneceu, pálida e quase sem fôlego, com os lábios tremendo, ouvindo as expressões de desprezo das empregadas, que aumentaram ainda mais quando o homem voltou chamando-a para subir.

Nancy seguiu o homem até uma pequena antessala, iluminada por um candeeiro no teto. Ali ele a deixou e saiu.

CAPÍTULO 40
Uma conversa estranha que é sequência do capítulo anterior

A vida da garota havia sido desperdiçada nos antros mais perniciosos de Londres, mas ainda restava algo de sua natureza original e, quando ouviu os passos leves aproximando-se pela porta oposta à que entrara, sentiu o peso de sua própria vergonha e encolheu-se, como se mal pudesse suportar a presença daquela com quem iria falar.

Levantou os olhos o suficiente para ver que a figura que se apresentava era uma garota esguia e bela. Então, curvando-se, disse:

– É um assunto sério que me trouxe para vê-la, senhorita. Se eu tivesse me ofendido e ido embora, talvez um dia você lamentasse e não sem motivo.

– Lamento que alguém a tenha tratado mal – respondeu Rose. – Mas, diga-me, porque desejava me ver? Sou a pessoa por quem perguntou.

O tom bondoso da resposta, a voz suave, os modos gentis, a ausência de qualquer indicação de rispidez ou desgosto surpreenderam completamente a garota, e ela caiu em prantos.

– Ah, senhorita! – falou. – Se houvesse mais pessoas como a senhora no mundo, haveria menos como eu!

– Sente-se – falou Rose.

– Prefiro ficar de pé, senhorita – falou a garota ainda chorando. – E não fale comigo assim tão bondosamente até me conhecer melhor. Aquela porta está fechada?

– Sim – disse Rose recuando alguns passos, como se quisesse ficar mais próxima do socorro caso fosse necessário. – Por quê?

– Porque – começou a garota – estou prestes a colocar a minha vida e a de outros em suas mãos. Sou a garota que arrastou Oliver Twist de volta para o velho Fagin na noite em que saiu da casa de Pentonville.

– Você? – exclamou Rose Maylie.

– Eu, senhorita! – respondeu. – Sou a infame criatura de quem ouviu falar, que vive entre os ladrões e nunca conheceu vida melhor ou palavras mais gentis do que as deles. Fugi daqueles que certamente me matarão se souberem que estive aqui para lhe contar o que ouvi. Conhece um homem chamado Monks?

– Não – disse Rose.

– Ele conhece a senhorita – respondeu a garota. – E sabia onde estava, pois foi assim que a encontrei.

– Nunca ouvi esse nome – afirmou Rose.

– Algum tempo atrás, logo depois que Oliver foi colocado em sua casa na noite do assalto – continuou Nancy –, eu... suspeitando desse homem... ouvi uma conversa entre ele e Fagin. Descobri, pelo que escutei, que Monks o tinha visto acidentalmente com dois dos nossos garotos no dia em que o perdemos pela primeira vez. E que o havia reconhecido como o mesmo garoto que ele procurava, mas eu não sabia o porquê. Ele negociou com Fagin que, se Oliver fosse capturado de volta, pagaria uma determinada quantia. Além disso, o velho teria de transformar o menino em um ladrão, que era o que Monks queria por algum motivo.

– Qual o motivo? – perguntou Rose.

– Ele viu a minha sombra na parede enquanto eu tentava descobrir mais – falou a garota. – Mas eu consegui fugir e não o tinha visto até ontem à noite.

– E o que aconteceu então?

– Noite passada ele veio novamente. E consegui ouvi-lo através da porta, dizendo: *Então, a única prova da identidade do garoto se perdeu no fundo do rio, e a velha que o tirou da mãe está apodrecendo no caixão.* Eles riram e falaram sobre a investida de sucesso. Então Monks disse que, embora tivesse todo o dinheiro do pequeno diabo bem guardado, precisava derrubar o testamento do pai, deixando o garoto apodrecer em alguma cadeia da cidade, e então jogar sobre ele uma pena capital, o que Fagin poderia facilitar, após ganhar um bom lucro à sua custa.

– O que é tudo isso? – exclamou Rose.

– A verdade, senhorita – respondeu a garota. – Então, ele disse que só satisfaria o seu ódio se conseguisse tirar a vida do garoto sem colocar o

próprio pescoço em risco. *Em resumo, Fagin*, ele disse, *não imagina as armadilhas que vou colocar no caminho do meu irmãozinho Oliver.*

– Seu irmão? – gritou Rose.

– Foram essas as palavras – confirmou Nancy sem parar de olhar ao redor, como se estivesse assombrada pela visão de Sikes. – E mais. Quando falou de você e da outra senhora, disse que parecia que os céus, ou o inferno, estavam conspirando contra ele por terem colocado Oliver justamente em suas mãos. Ele deu uma gargalhada e disse que isso era uma tranquilidade também, pois quantos muitos milhares de libras você não daria, se os tivesse, para saber quem era o seu protegido.

– Você não quer dizer – falou Rose empalidecendo –, não vai me dizer que isso foi dito a sério?

– Ele falou tão sério e com tanta raiva como pode ter um homem – respondeu a garota. – É um homem cheio de ódio. Está ficando tarde e preciso voltar para casa sem despertar suspeitas.

– Mas o que posso fazer? – perguntou Rose. – Como posso usar essa informação sem você? Se puder repetir essa informação para um cavalheiro que está no quarto ao lado, poderá ser encaminhada a um lugar seguro em menos de meia hora.

– Quero voltar – ela falou. – Preciso voltar, porque... como posso dizer uma coisa dessas para uma senhorita inocente como você? Porque entre os homens de quem lhe falei, existe um, o pior de todos, que não posso deixar, nem mesmo para estar a salvo da vida que levo agora.

– Tendo já interferido em favor desse querido garoto antes – disse Rose –, vindo aqui correndo tanto risco para me contar o que ouviu. Seus modos, que me convencem da verdade do que diz, sua contrição e senso de vergonha evidentes. Tudo isso me leva a crer que você ainda pode se recuperar – falou a moça enquanto as lágrimas corriam por sua face.

– Senhorita – gritou a garota caindo de joelhos –, que doce anjo. É a primeira a me abençoar com palavras como essas e, se as tivesse ouvido anos atrás, talvez houvessem me tirado da vida de pecado e tristeza, mas é tarde demais.

– É possível – gritou Rose – que por tal homem você possa renunciar a qualquer esperança de futuro e a um resgate imediato? Isso é loucura.

– Não sei o que é – ela falou. – Sei apenas que é isso e não só comigo, mas com centenas de outras pessoas tão ruins e estragadas quanto eu.

– O que posso fazer? – disse Rose. – Não deveria deixar você ir embora.

– Deveria, senhorita, como sabe que deixará – respondeu a garota. – Não irá me impedir porque acreditei em sua bondade e não cobrei de você nenhuma promessa, como poderia ter feito.

– Qual a utilidade, então, dessa informação que me deu? – perguntou Rose. – Esse mistério precisa ser investigado, ou como essa informação beneficiará Oliver, que é quem você quer proteger.

– Você deve conhecer algum bondoso cavalheiro, que ouvirá isso em segredo e a aconselhará sobre o que fazer.

– Mas onde posso encontrá-la quando for necessário? – indagou Rose. – Não quero saber onde vivem essas pessoas terríveis, mas por onde você andará ou estará passando alguma hora.

– Promete que guardará o meu segredo e virá sozinha, ou apenas com a única pessoa a quem confiar isso, e que eu não serei seguida?

– Prometo – respondeu Rose.

– Todas as noites de domingo, entre onze e doze horas – falou sem hesitar –, andarei pela Ponte de Londres se estiver viva.

– Fique mais um pouco – pediu Rose enquanto a garota corria em direção à porta. – Pense mais uma vez na sua condição e na oportunidade que tem de escapar dela.

– Quando as moças são tão jovens, boas e belas como você – respondeu a garota secamente –, entregam seus corações, e o amor as levará a todos os lugares, pois têm tudo para preenchê-lo. Quando se é como eu, que não tem teto seguro além da tampa do caixão e nenhum amigo na doença e na morte além da enfermeira do hospital, entregamos nossos corações podres a qualquer homem. Quem pode curar-nos?

– Você aceitará – disse Rose – algum dinheiro de mim, que vai lhe permitir viver honestamente até que nos encontremos de novo?

– Nem um centavo – respondeu a garota.

Assim falando, e soluçando, a infeliz criatura foi embora, enquanto Rose Maylie, dominada pela conversa que mais parecia um rápido sonho

do que um fato real, afundou em uma cadeira e se pôs a reunir as ideias que vagavam em sua mente.

CAPÍTULO 41
Contém novas descobertas e mostra que surpresas, assim como infortúnios, nunca vêm sozinhas

A situação dela era, na verdade, a de um julgamento de dificuldade incomum.

Se por um lado sentia-se ansiosa em desvendar o mistério da história de Oliver, precisava manter a sagrada confiança que aquela mulher havia depositado nela.

Permaneceriam em Londres por apenas três dias antes de seguirem para uma parte distante da costa. Agora era a meia-noite do primeiro dia. O que poderia ser feito em quarenta e oito horas? Ou como seria possível adiar a viagem sem despertar suspeitas?

O Sr. Losberne estava com elas, mas Rose conhecia sua impetuosidade. Pelo mesmo motivo precisaria de enorme cuidado ao relatar aquilo para a tia, cujo primeiro impulso seria discutir o assunto com o ilustre doutor. Por um momento ocorreu-lhe a ideia de procurar Harry, mas isso despertou a lembrança de seu último encontro e pareceu-lhe insensato chamá-lo de volta.

Perturbada por todas essas reflexões, inclinando-se para uma decisão, depois para outra, e novamente desistindo de todas, Rose passou a noite sem dormir. E, após pensar muito, chegou à conclusão desesperada de consultar Harry.

Estava considerando e reconsiderando a primeira linha de sua carta quando Oliver, que estava andando pelas ruas com o Sr. Giles, entrou na sala com tamanha agitação que parecia sinalizar um novo motivo de preocupação.

– O que o deixou tão agitado? – perguntou Rose indo ao seu encontro.

– Oh céus! Você poderá confirmar que contei a verdade! – respondeu.

– Nunca duvidei – disse Rose acalmando-o. – De quem você está falando?

– Eu vi o cavalheiro – falou Oliver derramando lágrimas de alegria. – O Sr. Brownlow. Saindo de uma carruagem e entrando numa casa. Ele não me viu, mas Giles perguntou se ele morava ali, e disseram que sim. Olhe aqui – continuou abrindo um pedaço de papel. – É onde ele mora. Estou indo lá agora!

Rose leu o endereço e decidiu conferir.

– Rápido! – ela disse. – Diga-lhes para preparar uma carruagem. Apenas avisarei à minha tia que sairemos.

E em pouco mais de cinco minutos, estavam a caminho. Rose deixou Oliver na carruagem e, enviando seu cartão pelo empregado, pediu para encontrar-se com o Sr. Brownlow sobre um assunto muito importante. O empregado retornou solicitando que ela o acompanhasse até a sala no andar superior.

– Ora! – falou o cavalheiro com grande educação. – Sente-se, por favor.

– Sr. Brownlow, eu creio? – falou Rose.

– Este é o meu nome – ele respondeu. – Este é o meu amigo, Sr. Grimwig. Grimwig, poderia nos deixar por alguns minutos?

– Eu creio – interrompeu a Srta. Maylie – que neste ponto não será preciso. Se estou corretamente informada, ele está ciente do assunto sobre o qual desejo lhe falar.

O Sr. Brownlow inclinou a cabeça.

– Mas, como o senhor demonstrou grande bondade certa vez a um amigo meu muito querido – começou Rose –, tenho certeza de que estará interessado em saber dele. Oliver Twist, foi como o conheceu.

Mal as palavras haviam escapado dos lábios dela, o Sr. Grimwig, que parecia entretido com um livro que estava sobre a mesa, soltou um grande assovio.

O Sr. Brownlow não estava menos surpreso. Puxou a cadeira para mais perto da Srta. Maylie e disse:

– Faça-me um favor, minha cara senhorita, de deixar fora de questão essa bondade que mencionou e deixe-me saber. Permita-me assegurar-lhe que esgotei todos os meios ao meu alcance para descobrir seu paradeiro.

Rose relatou em poucas palavras o que acontecera a Oliver desde que saíra da casa do Sr. Brownlow, reservando a informação de Nancy apenas para os ouvidos do cavalheiro.

– Graças a Deus! – falou o homem. – Mas você não me disse onde ele está agora, Srta. Maylie.

– Ele está esperando na carruagem, na porta – respondeu Rose.

– Nesta porta? – gritou o cavalheiro. E saiu correndo da sala, desceu as escadas e entrou na carruagem sem falar mais nada.

Quando a porta da sala se fechou atrás dele, o Sr. Grimwig levantou a cabeça e, fazendo de uma das pernas de sua cadeira um pivô, deu três voltas com a ajuda de sua bengala e da mesa, o tempo todo sentado e, então, parando subitamente em frente à Rose, deu-lhe um beijo sem a menor cerimônia.

– Calma! – ele disse. – Não tenha medo. Tenho idade para ser seu avô. Você é uma garota doce. Gosto de você. Ei-los!

O Sr. Brownlow retornava, acompanhado de Oliver, a quem o Sr. Grimwig recebeu muito graciosamente.

– Há alguém que não pode ser esquecida – falou o Sr. Brownlow tocando o sino. – Por favor, chame a Sra. Bedwin aqui.

A velha empregada respondeu ao chamado com toda rapidez e, fazendo uma reverência na porta, aguardou por ordens.

– Ora! Você está ficando mais cega a cada dia, Bedwin – falou o Sr. Brownlow bem impaciente. – Coloque os seus óculos e veja se descobre por que foi chamada.

A senhora começou a procurar pelos óculos. Mas o menino jogou-se em seus braços.

– Deus seja louvado! – gritou abraçando-o – É o meu garoto!

– Minha querida governanta! – gritou Oliver.

Deixando que ela e Oliver colocassem o assunto em dia, o Sr. Brownlow mostrou o caminho para uma outra sala e lá ouviu de Rose a completa narração de sua conversa com Nancy, o que o deixou muito surpreso e perplexo. Rose também explicou as razões pelas quais não havia confidenciado aquilo ao amigo Sr. Losberne. O cavalheiro prontamente se comprometeu a falar, ele mesmo, com o médico. Então ficou combinado que deveria encontrá-los no hotel às oito horas daquela noite, e que, nesse meio-tempo, a Sra. Maylie seria informada de todo o ocorrido. Ajustadas essas questões, Rose e Oliver voltaram para casa.

De forma alguma Rose havia exagerado a medida da fúria do bom doutor. Mal a história de Nancy foi revelada, sua reação foi a de denunciar Nancy aos Srs. Blathers e Duff. Mas foi detido pelo Sr. Brownlow.

– Então, que diabos deve ser feito? – perguntou o doutor.

– Precisamos proceder com calma e cuidado – respondeu o Sr. Brownlow. – Primeiro temos que alcançar nosso objetivo. Descobrir o parentesco de Oliver e recuperar-lhe a herança que, se essa história for verdadeira, lhe foi fraudulentamente tirada.

– Ah! – falou o Sr. Losberne. – Quase me esqueci disso.

– Está bem claro que teremos extrema dificuldade para chegar ao fundo desse mistério a menos que consigamos colocar esse homem,

Monks, de joelhos. Isso só poderá ser feito com um plano para pegá-lo. E, supondo que seja detido, não temos nenhuma prova contra ele.

– Então – disse o doutor –, vou colocar a questão novamente: você pensa ser razoável que a promessa feita à essa garota deva ser considerada, mas que realmente...

– Uma promessa deve ser mantida – falou o Sr. Brownlow interrompendo Rose quando ela estava prestes a falar. – Eu não acho que interferirá em nossos planos. Mas antes será necessário saber se a garota é capaz de nos apontar esse Monks ou nos dar uma descrição que nos permita identificá-lo. Não poderemos vê-la até o próximo domingo à noite, hoje é terça-feira. Minha sugestão é que, nesse ínterim, mantenhamos esse assunto em segredo, até mesmo de Oliver.

Todos apoiaram o Sr. Brownlow, e ficou decidido por tal proposta.

– Eu gostaria – continuou – de pedir a ajuda do meu amigo Grimwig. Ele é uma criatura estranha, mas é um advogado formado.

– Não tenho nenhuma objeção se eu puder chamar o meu – falou o doutor. – O filho da senhora e amigo de longa data da senhorita.

Harry Maylie e o Sr. Grimwig foram devidamente acrescentados ao comitê.

– Ficamos na cidade, é claro – falou a Sra. Maylie –, enquanto houver qualquer esperança. Não pouparei esforços nem recursos para atingir o objetivo com o qual todos estamos comprometidos.

– Ótimo! – animou-se o Sr. Brownlow. – E, como vejo nas expressões ao meu redor uma vontade de perguntar o motivo de ter deixado o reino tão subitamente, preciso deixar claro que não devem me fazer perguntas até que eu julgue conveniente contar a minha própria história. Venham! O jantar está servido, e o jovem Oliver, que está sozinho na sala ao lado, começará a pensar que estamos planejando alguma conspiração macabra para jogá-lo no mundo novamente.

Com essas palavras, o cavalheiro ofereceu o braço para a Sra. Maylie e a acompanhou até a sala de jantar. O Sr. Losberne o seguiu, acompanhado de Rose. E a reunião foi encerrada.

CAPÍTULO 42
Um velho conhecido de Oliver torna-se uma figura pública na metrópole

Na noite em que Nancy se encontrou com Rose Maylie, seguiam em direção a Londres um macho e uma fêmea, as quais é conveniente que esta história dê alguma atenção.

– Que vagarosa você é, Charlotte.

– É uma carga pesada. Está muito longe?

– Um bom bocado – falou o vagabundo apontando para a frente. – Olhe lá! Aquelas são as luzes de Londres.

– Onde vamos passar a noite, Noah? – ela perguntou.

– Vou me perder nas ruas mais estreitas e não vou parar até chegarmos a casa mais escondida que achar, porque se o Sowerberry vier atrás de nós, pode nos levar de volta algemados – falou o Sr. Claypole. – Você pegou o dinheiro da gaveta.

– Peguei para você, Noah. E confiou em mim e me deixou levá-lo – falou a moça dando-lhe o braço.

Na verdade esse era o caso: ele havia confiado em Charlotte porque, se fossem perseguidos, o dinheiro seria encontrado com ela, o que lhe possibilitaria reclamar sua inocência.

O Sr. Claypole continuou sem parar até chegar a obscuridade das vielas intrincadas e sujas entre Gray's Inn Lane e Smithfield, onde ficava um dos piores lugares da cidade.

Pararam em frente a uma taverna, de aparência mais humilde e mais suja do que qualquer outra, e resolveram passar a noite ali.

– Não fale, exceto quando eu disser – falou Noah. – Qual é mesmo o nome da casa... Thre… Three o quê?

– Cripples – ela falou.

Não havia ninguém no bar, exceto um jovem que, com os dois cotovelos no balcão, lia um jornal. Ele encarou duramente Noah, e Noah o encarou duramente.

– Este é o Three Cripples? – perguntou Noah.

– Esse é o *dome desta asa* – respondeu o rapaz.

– Um senhor que encontramos na estrada nos recomendou – afirmou Noah. – Queremos passar a noite aqui.

– Vou perguntar se podem – disse Barney, o atendente do local.

– Mostre-nos a torneira e dê-nos um pouco de carne e cerveja enquanto isso, pode ser? – indagou Noah.

Barney levou-os para uma pequena sala nos fundos e serviu os alimentos. E então informou que poderiam se hospedar aquela noite.

Ora, essa sala dos fundos ficava atrás do bar, e havia um painel de vidro fixado na parede, de onde se podia ver qualquer cliente na sala sem ser visto. E de onde também se poderia, colocando o ouvido na parede, ouvir com razoável clareza a conversa. Barney tinha acabado de retornar ao balcão, quando Fagin chegou à procura de seus jovens pupilos.

– *Estanhos* na *dala* ao lado! – falou Barney. – Do *inderior*, acho que interessam.

Fagin olhou pelo vidro.

– A-há! – sussurrou, olhando para Barney. – Gosto do jeito do rapaz. Pode ser útil para nós. Deixe-me ouvi-los falar.

Novamente voltou a observar e, colocando o ouvido na parede, escutou atentamente.

– Quero uma vida boa – falou o Sr. Claypole –, e você poderá ser uma dama.

– Adoraria ser, querido – respondeu Charlotte –, mas não existem gavetas a ser esvaziadas todos os dias.

– Danem-se as gavetas! – disse o Sr. Claypole. – Existem bolsos, bolsas de mulheres, casas, carruagens, bancos! Vou entrar em um bando. E, se nós conseguirmos conhecer gente desse tipo, valeria aquela nota de vinte libras que você pegou.

Então a porta abriu subitamente, e o Sr. Fagin apareceu. Parecia muito amigável.

– Pelo que vejo é do campo, senhor? – falou apontando para os sapatos de Noah. – Não temos tanta terra assim em Londres.

– Você é um camarada esperto – falou Noah rindo.

– Ora, é preciso ser esperto nesta cidade, meu caro – respondeu o velho. – Um homem precisa estar sempre esvaziando gavetas, bolsos, casas, carruagens, ou bancos, se quiser beber regularmente.

O Sr. Claypole reclinou para trás na cadeira e olhou o velho com uma expressão de terror.

– Não fique com medo. – Fagin puxou a cadeira mais para perto. – Eu só tive a sorte de ouvi-lo por acaso. E sorte sua ter sido apenas eu.

– Foi ela quem fez tudo e está com ela agora – gaguejou Noah.

– Não importa com quem está ou quem a pegou, meu caro – respondeu Fagin. – Estou nesse ramo de negócios. Vocês vieram ao lugar certo e estão seguros. Tenho um amigo que acho que pode realizar o seu desejo e colocá-lo no caminho certo. Deixe-me dar uma palavra com você lá fora.

– Não é preciso – falou Noah. – Ela levará a bagagem lá para cima.

A ordem, dada com autoridade, foi obedecida sem a menor contestação.

– Ela é bem obediente, não é? – ele falou.

– Perfeita – riu Fagin. – Você é um gênio, meu caro. Então, o que acha?

– Se estiver em um bom nível de trabalho! – falou Noah. – Vou ter de pagar?

– Não poderia ser de outra forma – confirmou Fagin.

– Vinte libras é muito dinheiro!

– Não quando é uma nota da qual não se pode livrar-se – retrucou Fagin.

– Quando poderia vê-lo? – perguntou Noah.

– Amanhã de manhã. Aqui.

– Hum! – murmurou Noah. – E qual é o salário?

– Viver como um cavalheiro, casa e comida, fumo e bebida de graça, metade de tudo o que ganhar e metade de tudo o que a mulher ganhar.

– Mas veja – observou Noah –, como ela poderá trabalhar bem, eu gostaria de fazer algo leve.

Com isso, Fagin colocou o Sr. Claypole no bolso e ficaram gargalhando juntos por um bom tempo.

– A que horas nos encontramos amanhã? – perguntou Noah.

– Às dez. E que nome devo dizer ao meu bom amigo?

– Sr. Bolter – respondeu Noah. – Sr. Morris Bolter. E esta é a Sra. Bolter.

– Seu humilde servo, Sra. Bolter – disse Fagin. – Boa noite!

CAPÍTULO 43
Onde é mostrado como o Trapaceiro Astuto meteu-se em problemas

– Então o senhor era o seu próprio amigo? – perguntou o Sr. Claypole, ou melhor, Bolter, quando se mudou no dia seguinte para a casa de Fagin.

– Cada homem é seu próprio amigo, meu caro. O número mágico é o um. Em uma pequena comunidade como a nossa – continuou Fagin, que sentiu necessidade de marcar posição –, temos um general número um e somos tão ligados quanto é preciso. É sua função cuidar do número um, ou seja, você mesmo. Mas você não pode cuidar de si mesmo, número um, sem cuidar de mim, número um.

– É um homem muito bom e gosto de você – interrompeu Bolter –, mas não estamos tão ligados assim.

– Apenas pense – disse Fagin. – O que você fez foi muito bonito, mas colocaria a gravata em seu pescoço. Em linguagem clara: forca! O jeito mais fácil de mantê-la a distância é cuidando de quem está com você. É essa confiança mútua que temos uns nos outros que me consola nas grandes perdas. Meu braço direito foi-me tirado ontem pela manhã.

– Ele morreu? – gritou o Sr. Bolter.

– Não, não. Foi pego, acusado de furto. Se conseguirem alguma prova, é xadrez, e pegará o resto da vida.

– O que quer dizer com xadrez e resto da vida? – perguntou Bolter. – Por que não fala de um jeito que eu entenda?

Fagin estava prestes a traduzir as expressões misteriosas quando foi interrompido pela chegada de Mestre Bates.

– Tudo acabado, Fagin – disse Charley. – Encontraram o dono da lata, e duas testemunhas estão vindo para identificá-lo. Reservaram a passagem[16] do Astuto. E pensar que Jack Dawkins, o grande Trapaceiro Astuto, está sendo mandado para fora por causa de uma simples lata de rapé de dois *pence* e meio!

– Ele sempre foi o melhor entre todos nós! – exclamou Fagin. – Precisamos saber como ele está.

– Devo ir até lá? – perguntou Charley.

– De jeito nenhum – respondeu Fagin. – Está louco, meu caro? Quer entrar em um lugar onde... Não, Charley.

– Então por que não manda esse novato? – perguntou Bates, colocando a mão no braço de Noah. – Ninguém o conhece.

– Não, não... nada disso – observou Noah indo em direção à porta. – Não é meu departamento.

– Qual é o departamento dele, Fagin? – Bates olhou Noah com repulsa. – Sair fora quando algo está errado e comer todas as sobras quando tudo está certo?

Fagin informou ao Sr. Bolter que ele não corria qualquer perigo ao visitar a delegacia, principalmente se estivesse disfarçado.

Persuadido em parte por esses argumentos, mas dominado em um grau muito maior pelo medo de Fagin, Noah concordou e vestiu-se como um camponês. Foi informado dos detalhes para reconhecer o Trapaceiro Astuto e conduzido por Charley Bates até bem perto de Bow Street.

Noah Claypole, ou Morris Bolter, como preferir o leitor, seguiu as instruções recebidas e chegou até a sala do magistrado.

Esperou em estado de suspense e ficou muito aliviado com a aparição de um prisioneiro que correspondia à descrição que recebera.

– Sou um homem inglês, não sou? – falou o Trapaceiro. – Onde estão os meus direitos?

– Logo terá seus direitos – respondeu o carcereiro – e surras com eles.

– Veremos o que o Secretário de Estado para Assuntos Domésticos tem a dizer – respondeu o Sr. Dawkins, continuando a fazer ameaças.

– Silêncio! – gritou o carcereiro.

– Do que se trata? – indagou um dos magistrados.

– Um caso de furto, excelência.

– Então, onde estão as testemunhas? – falou o oficial.

– Ah! Muito bem! – acrescentou o Trapaceiro. – Onde elas estão? Gostaria muito de ver.

Esse desejo foi imediatamente atendido, pois um policial deu um passo à frente informando que tinha visto o prisioneiro colocar a mão no bolso de um cavalheiro. E que, sendo revistado, tinha consigo uma lata de rapé de prata, cujo nome do dono estava gravado na tampa.

– Tem algo a dizer, garoto? – indagou o magistrado.

– Não – respondeu o Trapaceiro. – Meu advogado está tomando café da manhã com o vice-presidente da Câmara dos Comuns. Eu vou...

– Chega! É culpado! – interrompeu o oficial. – Levem-no.

– Ah! Já vou – respondeu o Trapaceiro limpando o chapéu com a palma da mão. – Vocês vão pagar por isso!

Com essas palavras, o Trapaceiro foi levado pelo colarinho, gritando ameaças até chegar ao pátio, e então riu na cara do oficial.

Noah e o Sr. Bates voltaram para informar Fagin que o Trapaceiro havia feito justiça à sua fama e estabelecido para si mesmo uma gloriosa reputação.

CAPÍTULO 44
Chega a hora de Nancy cumprir sua promessa a Rose Maylie, e ela falha

Perita que era na arte de dissimulação, Nancy não poderia conceber o efeito que o passo que havia dado teria sobre sua mente. Seus temores por Sikes teriam sido poderosos motivos para desistir, mas estava decidida.

Porém suas batalhas mentais acabaram deixando seus rastros. Ela ficou mais pálida e magra. Às vezes não prestava atenção no que acontecia à sua frente, e outras, ria sem motivo e calava-se em seguida, dizendo que estava doente.

Era noite de domingo, e o sino da igreja mais próxima anunciou a hora. Onze.

– Uma boa noite para negócios – disse Sikes. – Precisaremos descontar o tempo perdido quando tudo estiver nos eixos.

– É assim que se fala, meu caro – respondeu Fagin.

E, puxando Sikes pela manga, apontou o dedo para Nancy, que estava saindo.

– Onde diabos está indo a essa hora? – gritou Sikes. – Não vai a lugar nenhum.

– Não estou bem – reclamou a garota. – Preciso respirar.

– Coloca a cabeça na janela – respondeu Sikes.

– Quero respirar na rua.

Ele levantou-se, trancou a porta, tirou a chave.

– O que é isso, Bill? – disse ficando muito pálida.

– Ela está fora de si – gritou Sikes virando-se para Fagin.

– Diga a ele para me deixar ir, Fagin. Ele está melhor – gritou Nancy batendo o pé no chão.

– O que aconteceu com você, sua vagabunda? – Sikes virou a cadeira para confrontá-la. – Levante-se.

– Não até você me deixar ir... – berrou a garota.

Ele agarrou as mãos dela e puxou-a para um pequeno quarto adjacente. Ela se debateu e implorou até o relógio bater doze horas e então, exausta, parou de brigar.

Sikes a deixou lá e voltou a Fagin.

– Acho que ainda tem alguma coisa daquela febre no sangue – falou.

Fagin acenou uma aprovação.

– Ela ficou comigo dia e noite quando eu estava na cama – disse Sikes. – Ficar presa aqui por tanto tempo, acabou deixando ela assim.

E então a garota apareceu. Seus olhos estavam inchados e vermelhos. Ela ficou se balançando para a frente e para trás e, após um tempo, explodiu numa gargalhada.

– Veja, agora está no outro extremo! – exclamou Sikes.

Fagin acenou para que ele não tomasse conhecimento e, em alguns minutos, a garota voltou ao seu comportamento normal. Então o velho pegou o chapéu e perguntou se ela poderia iluminar a escada escura para ele.

Quando chegaram à porta ele sussurrou.

– O que há, Nancy? Ele está sendo duro demais com você? Se quiser se vingar de quem a trata como um cachorro... como um cachorro!

– Conheço você – respondeu a garota sem demonstrar emoção. – Boa noite.

Fagin foi para casa, meditando sobre aquilo. Chegara à conclusão de que Nancy havia se apaixonado por alguém que não estava entre os seus lacaios. Além disso, Sikes sabia demais.

– Com um pouco de persuasão – pensou Fagin –, seria bem provável que ela consentisse em envenená-lo. Estaria o homem que odeio fora...

Mas talvez ela se negasse a executar um plano para tirar a vida de Sikes. "Como", pensou Fagin, "posso aumentar minha influência sobre ela?"

E se a vigiasse? Descobrindo o motivo de seu comportamento alterado, não garantiria sua cumplicidade?

– Eu posso – falou quase em voz alta. – Os meios eu tenho, basta colocar em prática.

CAPÍTULO 45
Noah Claypole é usado por Fagin em uma missão secreta

O velho levantou cedo no dia seguinte e esperou impacientemente seu novo pupilo, que finalmente se apresentou e começou um assalto voraz ao café da manhã.

– Bolter – disse Fagin puxando uma cadeira.

– Bem, estou aqui – respondeu Noah. – Qual o problema? Não me peça para fazer nada antes de terminar de comer.

– Você pode falar enquanto come, não pode? – falou Fagin.

– Ah, sim – disse Noah cortando uma fatia monstruosa de pão. – Onde está Charlotte?

– Saiu – respondeu Fagin. – Eu queria que ficássemos a sós. Você foi bem ontem. Seis xelins e nove *pence* e meio no primeiro dia!

– Muito bom, eu acho, para um iniciante – observou.

– Bolter, eu quero que você – falou inclinando-se sobre a mesa – faça um trabalho para mim que precisa de muito cuidado. Quero que vigie uma mulher. Me diga aonde ela vai, quem encontra e, se possível, o que diz.

– E o que você vai me dar? – perguntou Noah.

– Se fizer bem, uma libra – falou.

– Quem é ela? – indagou Noah.

– Uma de nós. Está preocupada com novos amigos, e eu preciso saber quem são – respondeu Fagin. – Fique pronto e deixe o resto comigo.

Seis noites se passaram. Mas na sétima voltou mais cedo. Era domingo.

– Ela vai sair esta noite – disse Fagin. – Venha.

Andaram até o Cripples, onde entraram sem fazer barulho, e Fagin apontou o painel de vidro para Noah, indicando que ele deveria observar a pessoa que estava na sala adjacente.

– Não consigo ver o rosto dela direito – sussurrou Noah.

Em um instante, Barney entrou na sala e falou com a garota, fazendo que levantasse o rosto.

– Agora sim – disse o espião.

A porta da sala foi aberta, e a garota saiu. Noah trocou um olhar com Fagin e a seguiu sem tirar os olhos da moça.

CAPÍTULO 46
O encontro mantido

O relógio da igreja mostrava onze horas e quarenta e cinco minutos quando duas silhuetas apareceram na Ponte de Londres. Uma era a de uma mulher que olhava ansiosamente em volta, como se procurasse por alguém. A outra era de um homem que se escondia nas sombras e sincronizava seu passo com o dela.

Era uma noite muito escura.

A garota andou algumas vezes pela ponte, para cima e para baixo, sem parar, observada de perto pelo homem, quando o pesado sino de St. Paul informou o fim de mais um dia.

Não havia se passado dois minutos quando uma jovem dama acompanhada por um cavalheiro grisalho desceu de uma carruagem e andou em sua direção.

– Tenho medo de falar com vocês aqui – disse Nancy. – Venham, descendo as escadas!

Os degraus apontados pela garota ficavam na margem de Surrey, no mesmo lado da ponte onde ficava a Igreja de Saint Saviour. Para esse ponto, o homem com aparência de camponês correu sem ser visto e, após observar o lugar, começou a descer.

Essas escadas fazem parte da ponte. Consistem em três lances. Bem abaixo do final do segundo lance, a parede de pedra à esquerda termina em um pilar ornamental de frente para o Tâmisa. Ali os degraus mais baixos se alargam de modo que uma pessoa nesse ângulo da parede está necessariamente fora da visão de qualquer um que esteja nas escadas de cima. O camponês esgueirou-se para o lado, com as costas para a pilastra.

Tão lentamente passou o tempo, que considerou o assunto por encerrado. Estava pronto a sair de seu esconderijo quando escutou o som de vozes bem próximas.

– Aqui está bom – falou a voz do cavalheiro. – Por que nos trouxe até este estranho lugar?

– Eu lhe disse – respondeu Nancy – que tinha medo de falar lá em cima.

– Seja gentil com ela – disse a jovem ao seu acompanhante. – Parece precisar disso.

– Oh, querida senhorita, por que aqueles que se dizem amigos de Deus não são tão bondosos e gentis com pobres diabos como nós do jeito que você é? – gritou a garota.

– Bom – falou o cavalheiro. – Esta jovem me informou o que lhe disse há umas duas semanas. Confesso que tive dúvidas, mas agora acredito firmemente. E digo-lhe sem reservas que pretendemos extorquir o segredo, seja ele qual for, desse Monks. Mas se... se... – continuou o homem – não conseguirmos que seja preso, você precisará entregar o Judeu.

– Fagin? – falou a garota encolhendo-se. – Isso eu não vou fazer!

– Pode me dizer por quê?

– Por uma razão – respondeu firmemente. – Nenhum deles se virou contra mim embora pudessem ter feito.

– Então – falou o homem rapidamente –, coloque Monks em minhas mãos e deixe-me lidar com ele.

– E se ele entregar os outros?

– Prometo que nesse caso, se ele falar a verdade, eles sairão impunes.

– Monks nunca vai descobrir como vocês ficaram sabendo o que sabem? – indagou Nancy.

– Nunca – garantiu o homem.

Explicou minuciosamente a localização do lugar, a melhor posição para observar e a noite e hora em que Monks costumava frequentá-lo.

– Ele é alto – falou a garota – e bem forte, mas não robusto. Seu rosto é escuro como seu cabelo e olhos. Os lábios dele estão quase sempre sem cor ou desfigurados com marcas de dentes porque tem ataques desesperados e... O que está olhando? – perguntou a garota subitamente.

– Desculpe – ele falou e pediu que prosseguisse.

– Parte disso, eu soube de outras pessoas, porque só o vi duas vezes. Ah! E ainda – ela acrescentou –, em sua garganta, quando ele vira o rosto, é possível ver sob o lenço de pescoço uma...

– Uma grande marca vermelha, como uma queimadura? – disse o cavalheiro.

– Você o conhece! – falou Nancy.

A jovem dama deu um grito de surpresa, e, por alguns momentos, eles ficaram calados.

– Acho que sim – falou o homem quebrando o silêncio. – Vamos ver. Talvez não seja o mesmo.

Quando falou isso, deu um passo ou dois mais para perto do espião oculto, de forma que este claramente ouviu o homem murmurar. “Só pode ser ele!”

– Você nos deu um auxílio valioso, minha jovem – ele disse. – O que posso fazer por você?

– Nada – respondeu Nancy.

– Isso é inaceitável – disse o homem. – Não digo que temos o poder de lhe oferecer paz de espírito, mas um lugar tranquilo aqui na Inglaterra ou em algum país estrangeiro. Você precisa ser posta fora do alcance de seus antigos parceiros e deixar-nos apagar os seus rastros. Venha enquanto há tempo e oportunidade!

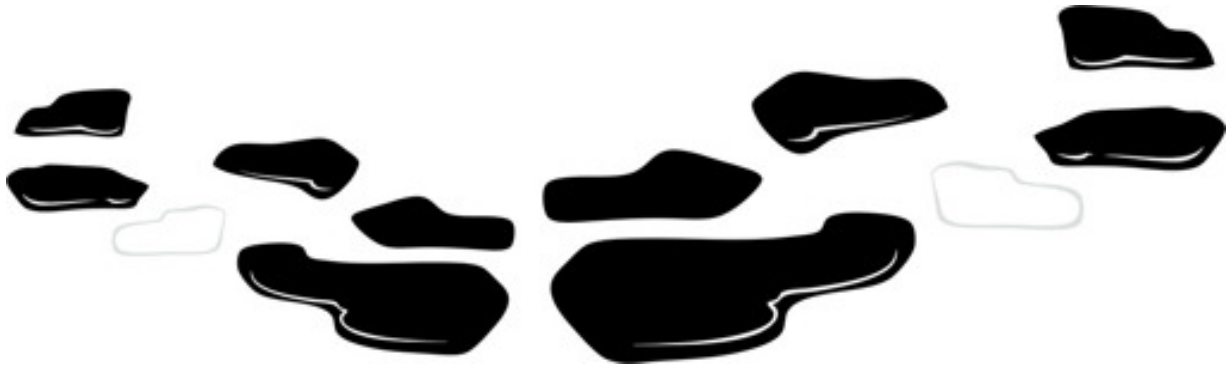
– Não senhor – respondeu Nancy após uma rápida batalha interna. – Fui longe demais para voltar atrás... Preciso ir para casa.

– Esta bolsa – gritou Rose. – Aceite-a, por mim. Para que tenha algum recurso numa hora de necessidade.

– Não – disse Nancy. – Não fiz isso por dinheiro. Mas... me dê algo que use: gostaria de ter alguma coisa… suas luvas ou lenço... algo que eu possa manter comigo e que foi seu. Isso. Deus lhe abençoe!

Rose Maylie hesitou, mas o cavalheiro a levou embora. Quando desapareceram, a garota encolheu-se quase completamente em um dos degraus de pedra e chorou.

Após um tempo, levantou-se e subiu a rua. O atônito ouvinte saiu de seu esconderijo e foi embora a toda velocidade.



CAPÍTULO 47
Consequências fatais

Faltava umas duas horas para o dia nascer. Fagin estava sentado em seu covil com o rosto tão pálido e distorcido, os olhos tão vermelhos e cheios de sangue, que mais parecia um fantasma.

Esticado sobre um colchão estava Noah Claypole, dormindo profundamente. O velho não mudou de posição até que seu atento ouvido foi atraído pelo barulho de passos na rua.

– Finalmente!

O sino tocou. Subiu as escadas para abrir a porta e rapidamente voltou acompanhado de Sikes.

– Aí está! – falou colocando o pacote sobre a mesa.

Fagin pegou o pacote, trancou-o no armário e sentou-se, olhando tão fixamente o outro que o assaltante, involuntariamente, puxou sua cadeira para trás.

– Preciso dizer algo, Bill – começou Fagin –, que será pior para você do que para mim.

– Desembucha!

– Supondo que aquele rapaz que está deitado ali... – Fagin começou – fosse delatar... entregar a todos nós... Procurando as pessoas certas para esse propósito e então, encontrando com elas para dizer como somos, descrevesse cada detalhe sobre nós e o lugar onde pudéssemos ser encontrados. Não preso, encurralado, julgado, interrogado, mas por capricho. E então?

– E então? – respondeu Sikes rogando uma praga. – Eu iria moer seu crânio no inferno.

– E se fosse eu? – falou Fagin quase gritando.

– Não sei – Sikes ficou branco ante a simples sugestão. – Eu faria alguma coisa para me colocar na prisão e, se fosse julgado com você, o atacaria dentro do tribunal e arrancaria seus miolos na frente das pessoas.

– E se fosse Charley, ou o Trapaceiro, ou Bet, ou...?

– Não importa quem – respondeu Sikes impacientemente –, eu faria o mesmo.

Fagin olhou duro para o ladrão e sacudiu o rapaz para acordá-lo.

– Bolter! Pobre rapaz! – disse Fagin. Olhando para cima com uma expressão diabólica, falou lentamente com ênfase nas palavras: – Ele está cansado... cansado de vigiá-la por tanto tempo... vigiá-la, Bill.

– O que quer dizer? – perguntou Sikes afastando-se.

Noah coçou os olhos e, dando um grande bocejo, olhou sonolento ao redor.

– Conte-me aquilo novamente... para ele ouvir – falou o velho. – Aquilo sobre... Nancy – falou segurando Sikes. – Você a seguiu? Até a Ponte de Londres? Onde ela encontrou duas pessoas?

– Sim.

– Um cavalheiro e uma dama que já havia procurado antes, que pediu que ela entregasse todos os seus colegas, e primeiro Monks, o que ela fez... Ela o descreveu e contou os locais que frequentamos, de onde ele poderia ser melhor observado e... Contou tudo sem uma ameaça, não foi? – gritou Fagin meio louco de raiva.

– Exatamente – respondeu Noah.

– O que disseram sobre domingo passado?

– Eles perguntaram – falou Noah, ficando mais desperto – por que ela não foi no domingo anterior como tinha prometido. Ela disse que foi mantida em casa à força por Bill, o homem de quem ela tinha falado antes.

– E o que mais? – gritou Fagin. – Conte!

– Que na primeira vez que tinha ido ver a dama, ela... – ele riu – tinha lhe dado uma bebida com láudano.

– Que inferno! – gritou Sikes soltando-se com raiva do Judeu. – Preciso ir!

Saiu correndo da sala e foi, descontrolada e furiosamente, em direção às escadas.

– Bill, Bill! – gritou Fagin. – Uma palavra. Você não será... muito... violento, Bill?

O dia estava nascendo e havia um fogo nos olhos de ambos que não podia ser confundido.

Sem dar nenhuma resposta, Sikes mergulhou nas ruas silenciosas.

Com os dentes tão trincados que a mandíbula parecia que ia romper a pele, o ladrão seguiu, sem relaxar um músculo, até chegar à sua casa. Entrou na sala em silêncio, trancou a porta, empurrou uma pesada mesa contra ela e puxou a cortina da cama.

A garota estava deitada.

– Levante! – gritou.

– Bill – disse a garota assustada –, por que está me olhando desse jeito?

O ladrão, segurando-a pela cabeça, jogou-a no meio da sala e cobriu a boca de Nancy com a mão.

– Bill, Bill! – falou ofegante, lutando com a força do medo mortal. – Eu... eu não vou gritar... ouça-me... fale comigo... diga-me o que eu fiz!

– Você foi vigiada. Tudo o que disse foi ouvido.

– Então poupe a minha vida, como eu poupei a sua. – retrucou a garota agarrando-se a ele. – Pense em tudo o que eu renunciei por você.

O homem debateu-se violentamente para soltar seus braços, mas não conseguiu.

– Bill – ela chorou –, o cavalheiro e a jovem dama falaram-me de uma casa no estrangeiro onde eu poderia viver em solidão e paz. Deixe-me vê-los novamente. Nunca é tarde demais para se arrepender. Eles me disseram... Eu percebo isso agora… Nós ainda temos tempo…

O arrombador libertou um braço e pegou sua pistola. A certeza da imediata prisão se ele atirasse passou por sua cabeça, então bateu com ela com toda força no rosto da menina.

Ela cambaleou e caiu quase cega pelo sangue que descia do corte profundo em sua testa, mas ficou de joelhos com dificuldade e tirou de seu peito o lenço branco de Rose Maylie. E, segurando-o com as mãos juntas, pediu misericórdia ao seu executor.

Era uma cena medonha de olhar. Ele cambaleou em direção à parede tapando os olhos com a mão, pegou um pesado taco e golpeou-a até a morte.

CAPÍTULO 48
A fuga de Sikes

De todas as coisas ruins que aconteceram na grande Londres naquela noite, aquela tinha sido a mais abominável e cruel.

O brilhante sol iluminou a sala onde estava a mulher assassinada. O homem não se movera. Tivera medo. Houve um gemido e um mexer de mão, e, com terror e raiva misturados, ele havia batido e batido novamente. Então jogou um tapete sobre o corpo, mas foi pior. Tirou-o. E lá estava apenas carne e sangue!

Ele acendeu o fogo e queimou o taco. Lavou-se e esfregou suas roupas. E, em todo esse tempo, não virou as costas para o corpo nem uma vez. Então saiu da casa. De costas.

Atravessou a rua e olhou para a janela. Tinha sido um alívio sentir-se livre da sala. Assoviou para o cachorro e foi rapidamente para longe.

Passou por Islington. Subiu a colina de Highgate, onde ficava a pedra em homenagem a Whittington, desceu para Highgate Hill, sem saber o

que fazer ou aonde ir. Fez uma longa caminhada até campos saudáveis de North End, onde se deitou debaixo de uma cerca viva e dormiu.

Logo estava novamente andando de volta em direção a Londres pela estrada principal, e de volta, por uma outra parte de um mesmo lugar que já atravessara. Então de um lado para o outro pelos campos, e descansando a beira de valas, e levantando-se para ir até um outro ponto. E de novo.

Não comia ou bebia havia muitas horas e não sabia para onde ir.

Vagou por milhas e milhas e voltou para o mesmo lugar. Manhã e tarde haviam passado e o dia estava acabando. Finalmente traçou seu rumo para Hartfield.

Eram nove da noite quando o homem e o cachorro, bem cansados, viraram o vale do tranquilo vilarejo e entraram em uma taverna. Havia uma lareira no bar, e alguns trabalhadores do campo estavam bebendo. Sentou-se no canto mais afastado. Comeu e bebeu.

A conversa dos homens reunidos ali era sobre as terras e fazendeiros. Nada com o que se alarmar. O ladrão pagou sua conta e ficou sentado em seu canto. Estava quase caindo no sono quando foi despertado pela entrada barulhenta de um recém-chegado.

Era um camarada grotesco, meio mascate, meio charlatão, que viajava pelo campo a pé, vendendo todo tipo de bugiganga, que carregava em uma caixa presa às suas costas. Ele jantou e abriu sua caixa de tesouros, misturando negócios com diversão.

– Isto – falou o homem pegando um cubo que parecia um pedaço de bolo –, isto é um composto infalível para tirar qualquer tipo de mancha, ferrugem, sujeira, mofo, tinta ou respingo, em seda, cetim, linho, cambraia, roupa, crepe, coisas, carpete, lã, musselina, algodão, sangue! Eis uma mancha no chapéu do cavalheiro – apontou para Sikes. – Vou limpá-la mais rápido do que ele pede uma cerveja para mim.

Sikes derrubou a mesa e, arrancando o chapéu da mão dele, saiu do lugar.

Com o mesmo sentimento de indecisão que o havia perseguido o dia inteiro, deu as costas ao vilarejo. Viu o brilho das luzes de uma

carruagem que estava parada na rua, e reconheceu o carteiro de Londres. Atravessou e ficou ouvindo.

O guarda estava em pé na porta. Um homem, vestido como um guarda-caça, saiu e ele lhe entregou uma cesta que estava no chão.

– Alguma novidade na cidade, Ben? – perguntou o guarda-caça.

– O milho subiu um pouco – respondeu o homem. – E ouvi falarem de um assassinato, no caminho de Spitalfields, mas não sei muito sobre isso.

– Ah, verdade – falou o cavalheiro que estava dentro da carruagem. – Um terrível assassinato. Uma mulher.

Mas a buzina soou, o coche partiu, e Sikes ficou em pé na rua, agitado, sem saber para onde ir.

Seguiu obstinadamente até deixar a cidade, e, quando mergulhou na solidão e escuridão da estrada, sentiu um pavor que o abalou até a raiz. Cada objeto à sua frente assumiu a semelhança de algo temeroso. Mas não eram nada se comparados a sensação daquela figura fantasmagórica seguindo seus passos, que o assombrava. Podia ouvir suas roupas roçando nas folhas, e cada sopro de vento parecia seu último choro. Se parasse, era a mesma coisa. Se corresse, o seguia.

Às vezes se virava com determinação desesperada e resolvia espantar o fantasma, seu sangue congelava, pois continuava à sua frente e nas suas costas. Manteve-se em sua cabeça, silencioso, ereto e parado: uma lápide viva com o epitáfio escrito em sangue.

Um galpão em um campo oferecia abrigo para a noite. Não podia andar mais até que a luz do dia chegasse, e ali se esticou perto da parede, para submeter-se a nova tortura.

Primeiro, a visão daqueles olhos esbugalhados, tão sem brilho e vidrados, que apareciam no meio da escuridão, iluminados, mas não iluminando. E estavam em todos os lugares. Ele levantou-se e correu pelo campo. A figura atrás dele. Entrou novamente no galpão e encolheu-se mais uma vez. Os olhos estavam lá.

E ali permaneceu aterrorizado, quando de repente ouviu o barulho de gritos distantes. Recuperou a força ao prospectar perigo e correu para o campo aberto.

Erguendo-se no ar com chuvas de fagulhas e subindo uma após a outra, labaredas iluminavam a atmosfera por milhas ao redor e soltavam nuvens de fumaça na direção onde ele estava. Conseguiu distinguir o grito de *Fogo!* misturado ao som de um sino. Havia gente ali, homens e mulheres, luz, alvoroço. Era como uma nova vida. Correu naquela direção.

Havia pessoas correndo de um lado para o outro, tentando tirar cavalos dos estábulos, afastando o gado e algumas saindo do lugar que ardia. Paredes racharam e desmoronaram. Mulheres e crianças gritavam, e homens encorajavam uns aos outros. Ele gritou até ficar rouco e, fugindo da lembrança e de si mesmo, mergulhou na multidão. Ora trabalhando nas bombas, ora correndo por causa da fumaça, mas nunca deixando de estar onde os homens e o barulho fossem mais intensos.

Essa louca excitação acabada fez retornar com toda força a consciência de seu crime. Olhou com suspeita ao seu redor. Alguns homens que estavam sentados chamaram-no para compartilhar o que comiam. Pegou um pouco de pão e carne e tomou um gole de cerveja, ouviu os bombeiros, que eram de Londres, falando sobre o assassinato.

– Dizem que foi para Birmingham – comentou um –, mas ainda não o pegaram. Até amanhã à noite haverá um alerta em todo o país.

Saiu rapidamente e andou até quase cair no chão. Estava vagando de novo, irresoluto e indeciso, oprimido pelo medo de outra noite solitária.

De repente, tomou a decisão desesperada de voltar a Londres.

Agiu por impulso. Mas havia o cachorro. Se qualquer descrição sua tivesse sido espalhada, certamente incluiria o cachorro. Decidiu afogá-lo e procurou um lago. Pegou uma pedra pesada e a amarrou ao seu lenço.

Se por causa do instinto, ou se porque o olhar do ladrão estava mais ameaçador do que o normal, o cão encolheu-se quando ele diminuiu o passo. O dono avistou um charco e o chamou.

– Venha!

E quando Sikes se abaixou para amarrar o lenço em seu pescoço, ele rosnou baixinho, andou para trás e fugiu correndo.

O homem assoviou diversas vezes. Mas cão nenhum apareceu, e ele retomou sua jornada.

CAPÍTULO 49
Monks e o Sr. Brownlow finalmente se encontram: a conversa e a informação que a interrompeu

O crepúsculo findava quando o Sr. Brownlow desceu de uma carruagem em frente à sua casa. Dois grandes homens desceram e se postaram de cada lado dos degraus. Com um sinal do cavalheiro, eles ajudaram um terceiro homem a sair e, levando-o entre eles, entraram rapidamente. Era Monks.

Subiram as escadas e foram para um quarto nos fundos. Na porta desse cômodo, Monks, que havia subido com muita relutância, parou. Os dois homens olharam para o cavalheiro aguardando instruções.

– Ele sabe a alternativa – disse. – Se hesitar ou mover um dedo, joguem-no na rua, chamem a polícia e o acusem de crime em meu nome.

– Como ousa falar assim de mim? – perguntou Monks.

– É louco o suficiente para sair? – respondeu o Sr. Brownlow confrontando-o com um olhar sério. – Larguem-no. Aí está. É livre para ir, e nós para o seguirmos. Mas aviso-lhe, em nome de tudo o que me é mais caro e sagrado, no mesmo instante, será preso acusado de fraude e roubo!

– Com que autoridade fui trazido aqui?

– Com a minha – respondeu o Sr. Brownlow. – Se reclama, repito, coloque-se sob proteção da lei. Apelarei para a lei também. E não diga que eu o joguei no abismo para onde você mesmo correu.

Monks estava claramente assustado. Hesitou.

– Você decidirá – falou o Sr. Brownlow com firmeza e compostura. – Se deseja que eu o acuse publicamente e entregue a uma punição que, embora possa prever, não posso controlar, conhece o caminho. Mas, se deseja apelar para a minha paciência, sente-se sem dizer uma palavra.

Monks murmurou alguma coisa, mas ainda vacilou.

– Seja rápido – falou o Sr. Brownlow.

O homem ainda hesitou.

– Não há... – perguntou Monks gaguejando – não há... uma terceira alternativa?

– Não.

Monks olhou para o cavalheiro com um jeito aflito, mas percebendo apenas severidade e determinação, entrou no quarto e sentou-se.

– Tranquem a porta por fora – disse o Sr. Brownlow aos empregados – e entrem quando eu tocar o sino.

Os homens obedeceram, e os dois ficaram sozinhos.

– Que belo tratamento, senhor – falou Monks –, do melhor amigo de meu pai.

– Exatamente por ter sido o melhor amigo de seu pai, jovem – retrucou o Sr. Brownlow. – Por causa das esperanças da juventude que compartilhei com ele e com a irmã, que Deus levou ainda jovem e que me deixou aqui solitário. É por causa dele que trato-lhe gentilmente agora. Sim, Edward Leeford. E me envergonho da sua indignidade em usar esse nome.

– O que tem o nome a ver com isso? – perguntou o outro. – O que é o nome para mim?

– Nada para você – respondeu o Sr. Brownlow. – E fico feliz que tenha trocado de nome. Muito.

– Mas o que quer comigo?

– Você tem um irmão – falou o cavalheiro levantando-se – cujo nome que lhe sussurrei ao ouvido na rua foi o suficiente para fazê-lo vir até aqui comigo surpreso e assustado.

– Sabe que sou filho único!

– Sei que, do casamento infeliz que o orgulho e a mais sórdida ambição da família impuseram ao seu pai quando era apenas um garoto, você foi o único resultado desnaturado.

– Você conhece a história e isso é o suficiente – interrompeu Monks.

– Mas eu também conheço – continuou o cavalheiro – a infelicidade e a lenta tortura daquela união desastrosa que acabou envenenando os dois. Vi despedaçar o vínculo. E, depois de estarem separados há algum tempo, sua mãe entregar-se às frivolidades do continente e esquecer totalmente o marido dez anos mais novo que ela. Ele, com as

perspectivas arruinadas, viu-se em meio a novos amigos. Até aí você sabe.

– Eu não – falou Monks desviando os olhos, determinado a negar tudo.

– Sua atitude, não menos que suas ações, me garante que nunca parou de pensar nisso com amargura. Preciso voltar a fatos que lançam uma sombra sobre a memória de seu pai, ou você vai me revelar a verdade?

– Não tenho nada a revelar – respondeu Monks.

– Entre esses novos amigos – continuou o cavalheiro –, havia um oficial reformado da marinha cuja esposa falecera deixando-o com duas meninas: uma bela criatura com dezenove anos e a outra apenas uma pequena criança de dois ou três. Conheceram-se e tornaram-se amigos. Quanto mais o oficial o conhecia, mais gostava dele. E sua filha também.

O cavalheiro fez uma pausa. Monks estava mordendo os lábios com os olhos fixos no chão.

– Em um ano ele estava completamente ligado àquela moça. Apaixonado pela primeira vez.

– Sua história é longa demais – observou Monks mexendo-se inquieto na cadeira.

– É uma história real de sofrimento, provação e tristeza, meu jovem – retrucou o Sr. Brownlow. – Se houvesse uma de pura alegria e felicidade, seria muito breve. Finalmente, um daqueles parentes ricos, por quem seu pai havia se sacrificado, morreu. E, para compensar a infelicidade, deixou-lhe dinheiro. Precisou ir a Roma. Lá contraiu uma doença mortal. A notícia chegou a Paris, onde você vivia com sua mãe, e ele morreu no dia seguinte à chegada dela, não deixando nenhum testamento. Nenhum. De modo que a fortuna ficaria para vocês dois.

Nesse momento, Monks prendeu a respiração e passou a ouvir com interesse, embora não olhasse para o cavalheiro.

– Antes de ir para o exterior, ele passou por Londres e – falou o Sr. Brownlow lentamente – procurou-me.

– Nunca soube disso – interrompeu Monks.

– Procurou-me e deixou comigo, entre outras coisas, um retrato da garota pintado por ele mesmo. Estava corroído de remorso e falou sobre

ter causado uma ruína e desonra. Confidenciou-me sua intenção de converter todos os bens em dinheiro, deixar uma parte com a esposa e com você, e fugir do país, imagino que não fugiria sozinho, e nunca mais voltar. Mesmo de mim, seu amigo cuja forte ligação ficou enraizada profundamente, ele sonegou qualquer detalhe, prometendo escrever e contar-me tudo. Não houve carta e nunca mais o vi.

– Quando tudo acabou – continuou o Sr. Brownlow após uma rápida pausa –, eu fui ao lugar do seu amor proibido, decidido a dar abrigo e cuidado àquela criança que estava para nascer. A família havia se mudado uma semana antes. Por que ou para onde, ninguém soube dizer.

Monks respirava ainda mais levemente e olhava com um sorriso de triunfo.

– Quando seu irmão – falou o cavalheiro chegando mais perto do outro –, uma criança fraca, maltratada e negligenciada, foi colocada em meu caminho pela mão do destino e resgatada por mim...

– O quê?! – gritou Monks.

– Por mim! – repetiu o Sr. Brownlow. – Eu disse que você ficaria interessado. Vejo que seu comparsa suprimiu o meu nome. Quando ficou se recuperando de uma doença em minha casa, sua incrível semelhança com o quadro do qual falei deixou-me assombrado. Não preciso lhe dizer que foi sequestrado antes que eu conhecesse sua história...

– Por que não? – perguntou Monks apressadamente.

– Porque você sabe muito bem.

– Você... você... não pode provar nada contra mim. Eu o desafio a fazer isso!

– Veremos – falou o cavalheiro. – Perdi o garoto e nenhum dos meus esforços para recuperá-lo teve sucesso. Com sua mãe falecida, eu sabia que apenas você poderia resolver o mistério. A última notícia sua que tivera foi que tinha ido para as Índias Ocidentais esconder-se das consequências de seus atos. Eu fiz a viagem. Você havia saído de lá meses antes e acreditava-se que estava em Londres. Eu voltei. Seus procuradores não conheciam sua residência. Algumas vezes sumia por dias ou por meses, deixando a impressão de estar envolvido com uma

corja infame. Andei pelas ruas noite e dia, mas, até duas horas atrás, tudo havia sido infrutífero.

– E agora me encontrou – falou Monks levantando-se audaciosamente. – E então? Fraude e roubo são palavras muito pomposas... Você nem sabe se uma criança nasceu desse romance grotesco.

– Eu não sabia – respondeu o Sr. Brownlow também se levantando –, mas há uns quinze dias confirmei. Você tem um irmão e sabe quem é. Houve um testamento que sua mãe destruiu, deixando o segredo e o ganho para você. Ele faz referência a uma criança que seria o fruto da triste relação. Você encontrou a criança acidentalmente, quando suas suspeitas foram despertadas devido à semelhança dele com o seu pai. Você descobriu o lugar onde ele nasceu. Havia provas de seu parentesco que, como você mesmo contou ao seu cúmplice, Fagin, *estão no fundo do rio e a velha que a recebeu da mãe está apodrecendo em um caixão*. Filho indigno, covarde, mentiroso. Você, cujas intrigas e artimanhas levaram uma morte violenta a quem valia muito mais que você... Você, Edward Leeford, ainda me enfrenta!

– Não, não, não! – respondeu o covarde oprimido pelas acusações.

– Cada palavra! – gritou o cavalheiro. – Cada palavra que foi dita entre você e esse terrível vilão é conhecida por mim. Sombras na parede escutaram seus sussurros e trouxeram-nos aos meus ouvidos. Um assassinato aconteceu do qual você tomou parte moral, se não real.

– Não – interrompeu Monks. – Eu... eu não sabia. Estava indo indagar a verdade quando você me capturou.

– Foi uma revelação parcial de seus segredos – respondeu o Sr. Brownlow. – Vai revelar o todo?

– Sim, vou.

– Fará uma declaração da verdade e dos fatos, e a repetirá em frente a testemunhas?

– Prometo.

– Ficará aí quieto até que um documento seja feito e irá comigo a um lugar que eu julgue conveniente com o propósito de atestá-lo?

– Se insiste – respondeu Monks.

– Precisa fazer mais que isso – falou o Sr. Brownlow. – Compensar uma criança inocente e indefesa. Você não esqueceu os termos do testamento. Faça-o ser respeitado no que diz respeito ao seu irmão e então vá para onde quiser. Não preciso vê-lo nunca mais.

Enquanto Monks andava de um lado para o outro pensando na proposta e nas possibilidades de fugir dela, a porta foi destrancada, e um cavalheiro (o Sr. Losberne) entrou na sala extremamente agitado.

– O homem será preso esta noite! – gritava. – O cachorro dele foi visto perto de algum esconderijo e desconfiam que o dono está ou chegará lá disfarçado pela escuridão. Espiões estão escondidos em todas as direções. Uma recompensa de cem libras será anunciada pelo Governo esta noite.

– Darei mais cinquenta – falou o Sr. Brownlow – e anunciarei isso eu mesmo no local. Onde está o Sr. Maylie?

– Harry? Assim que viu o seu amigo na carruagem com você – respondeu o doutor –, montou em seu cavalo para juntar-se ao primeiro grupo em algum lugar nos arredores.

– Fagin? – disse o Sr. Brownlow. – Alguma notícia?

– Ainda não tinha sido pego, mas será, ou já foi a essa hora.

– Está convencido? – perguntou o Sr. Brownlow a Monks em voz baixa.

– Sim – ele respondeu. – Você... você... me manterá em segredo?

– Fique aqui. É a sua única esperança.

Eles saíram da sala, e a porta novamente foi trancada.

– O que você fez? – perguntou o doutor em um sussurro.

– Tudo o que esperava e mais um pouco. Juntando a informação da pobre garota com o meu conhecimento prévio, e o resultado das indagações do nosso bom amigo, eu o deixei sem saída. Marque o encontro para a noite de depois de amanhã. Precisaremos estar lá algumas horas antes, mas é preciso cautela. Que caminho tomaram?

– Siga direto para a delegacia e chegará a tempo – respondeu o Sr. Losberne. – Eu ficarei aqui.

Os dois homens separaram-se rapidamente. Cada um com uma ansiedade quase incontrolável.

CAPÍTULO 50
Perseguição e fuga

Perto daquela parte do Tâmisa onde a igreja de Rotherhithe se confina, fica o mais sujo e mais estranho dos muitos locais escondidos em Londres, desconhecido, mesmo de nome, da maior parte dos habitantes da cidade.

Nessa vizinhança fica a ilha de Jacob, cercada por um pântano de seis a oito pés de profundidade e quinze ou vinte de largura quando a maré está cheia, conhecido, no tempo em que se passa esta história, como Folly Ditch. Todos os indícios repulsivos da pobreza, toda indicação de sujeira, podridão e lixo. Tudo isso ornamentava as margens de Folly Ditch. Para buscar refúgio na ilha, é preciso ter fortes motivos para residir secretamente ou não ter qualquer condição para viver em outro lugar.

Em um andar superior de uma dessas construções, fortemente resguardada por portas e janelas, estavam reunidos três homens, que permaneciam em profundo silêncio há um bom tempo. Um deles era Toby Crackit; o outro, o Sr. Chitling; e o terceiro, um ladrão de cinquenta anos, de nome Kags.

– Quando pegaram Fagin?

– Na hora do almoço. Charley e eu tivemos sorte de sair pela chaminé. Bolter entrou de cabeça naquele galão de água vazio, mas as pernas dele eram tão longas que ficaram para fora, então o pegaram.

– E Bet?

– Ela foi ver o corpo – respondeu Chitling – e ficou louca, gritando e batendo com a cabeça nas paredes. Então eles a colocaram numa camisa de força e levaram para o hospital.

– E o jovem Bates? – perguntou Kags.

– Está andando por aí e não virá antes de escurecer. – falou Chitling. – Não há para onde ir. As pessoas do Cripples estão todas sob custódia.

– A sessão está aberta – falou Kags –, e, se eles interrogarem Bolter, podem provar que Fagin foi a causa, e ele balançará daí a cinco dias.

Um barulho foi ouvido nas escadas, e o cachorro de Sikes entrou na sala.

– Ele não pode vir aqui – falou Toby.

– Dê um pouco de água que o cão está esgotado – comentou Kags, parando para examinar o animal.

– Ele... (ninguém chamava o assassino pelo nome) teria acabado consigo mesmo? O que acha? – perguntou Chitling.

Toby balançou a cabeça.

– O cachorro nos levaria até o lugar – respondeu Kags – Não. Acho que saiu do país e deixou o cão para trás.

Essa opção parecia ser a mais provável.

Estava escuro, a persiana fechada, e uma vela acesa foi colocada sobre a mesa. Os terríveis eventos dos dois últimos dias haviam marcado os três, e ficaram prestando atenção a qualquer som. De repente, ouviram o barulho de batidas apressadas na porta lá embaixo.

– Jovem Bates – falou Kags.

A batida foi repetida. Não. Não era ele. Ele nunca batia daquele jeito.

Crackit foi até a janela e colocou a cabeça para fora, tremendo. Seu rosto pálido foi o suficiente para dizer quem era.

– Temos de deixar ele entrar.

Crackit desceu até a porta e retornou seguido pelo fantasma de Sikes.

Nenhuma palavra dita. Quando sua voz rouca quebrou o silêncio, os três assustaram-se. Pareciam nunca ter ouvido aquela voz antes.

– O jornal diz que Fagin foi pego.

– É verdade.

Ficaram em silêncio novamente.

– Droga! – falou Sikes. – Vocês não têm nada para me dizer?

Ficaram inquietos, mas ninguém falou.

– Você – disse olhando para Crackit – quer me vender essa casa ou deixar-me ficar aqui até que a caçada acabe?

– Pode ficar se acha que é seguro – ele respondeu após alguma hesitação.

Sikes virou a cabeça para a parede e falou:

– O... o... corpo já… foi enterrado?

Eles acenaram negativamente.

– Por que não? – continuou ainda olhando para trás. – Quem está batendo?

Crackit fez um sinal que não havia nada a temer e rapidamente voltou com Charley Bates. Sikes estava sentado na porta oposta.

– Toby – falou caindo para trás –, por que não me disse isso lá embaixo?

– Charley! – Sikes deu um passo para a frente. – Você não... não me conhece?

– Não chegue perto de mim – respondeu o garoto, recuando e olhando para o assassino com horror. – Monstro!

O homem parou no meio do caminho e eles olharam um para o outro, mas os olhos de Sikes foram gradualmente baixando para o chão.

– Vocês três são testemunhas... Eu não tenho medo dele... Se vierem atrás de mim, vou entregá-lo. Eu vou. Assassino! Socorro! Se tiverem coragem, vão me ajudar. Assassino! Socorro! Derrubem-no!

Soltando esses gritos com gestos violentos, o garoto realmente se jogou, sozinho, sobre o forte homem, e, na intensidade de sua energia e surpresa, derrubou-o.

Os três espectadores, estupefatos, não interferiram, e o garoto e o homem rolaram no chão.

Entretanto, a briga era desigual demais. Sikes o havia derrubado e colocado o joelho em seu pescoço quando Crackit o puxou com um olhar assustado, apontando para a janela. Havia luzes lá fora, vozes, barulho de passos cruzando a ponte de madeira. Ouviram um homem a cavalo no meio do grupo. Então veio uma batida forte na porta.

– Socorro! – gritou o rapaz com a voz meio em falso. – Ele está aqui! Derrubem a porta!

– Em nome do rei – gritaram as vozes.

– Derrubem a porta! – gritou o garoto. – Eles não vão abrir. Corram para a sala onde está a luz!

Um grande grito de satisfação deu uma ideia da imensa quantidade de homens.

– Abram a porta de algum lugar onde eu possa trancar essa criança mimada – gritou Sikes correndo de um lado para o outro, puxando o garoto como se fosse um saco vazio. – Aquela porta! Rápido! – Ele o jogou lá dentro, fechou e virou a chave. – A porta de baixo está aberta?

– Trancada com duas voltas e acorrentada – respondeu Crackit.

– Os painéis... são fortes?

– Forrados com chapa de ferro.

De todos os gritos terríveis que já caíram sobre ouvidos mortais, nenhum poderia superar o grito da turba enfurecida. Alguns berravam para que colocassem fogo na casa. Outros, para que os policiais atirassem para matar. Entre todos eles, o homem a cavalo gritava.

– Vinte guinéus para quem trouxer uma escada!

As vozes mais próximas repetiram o grito, e centenas ecoaram-no.

– A maré estava alta quando cheguei. – gritou o assassino. – Dê-me uma corda. Estão todos na frente. Posso mergulhar no Folly Ditch e fugir.

Os homens apavorados apontaram para o canto, e o assassino, escolhendo a corda mais longa e forte, subiu para o telhado.

Toda a janela na parte traseira da casa tinha sido fechada com tijolos havia muito tempo, exceto um pequeno pedaço no quarto onde o garoto fora trancado. E dessa pequena abertura, não parou de gritar para que vigiassem a traseira da casa.

Já no telhado, Sikes olhou sobre o parapeito baixo. A maré havia baixado, e o fosso era um leito de lama.

A multidão silenciara observando o movimento dele, mas logo recomeçou a gritar.

– Eles pegaram-no! – gritou um homem na ponte mais próxima.

Chapéus foram jogados para cima, e novamente um grito se sobrepôs.

– Darei cinquenta libras – gritou um cavalheiro – ao homem que o pegar vivo.

Houve um novo urro. A notícia de que a porta fora aberta correu a multidão. A atenção imediata foi desviada do assassino. E o homem, que havia se encolhido completamente pela impossibilidade da fuga, vendo essa súbita mudança, ficou de pé determinado a fazer um último esforço por sua vida.

Levantou-se e colocou o pé contra a chaminé, apertou bem uma ponta da corda ao redor dela e, na outra ponta, fez um nó corrediço. Poderia descer seu corpo pela corda até bem perto do chão e então cortá-la.

No instante em que passou o laço pela cabeça, e antes de deslizá-lo para baixo dos braços, um cavalheiro alertou que o homem estava prestes a descer do telhado. Nesse mesmo momento o assassino, olhando atrás de si, levantou os braços e deu um grito de terror.

– Os olhos de novo!

Cambaleando como se tivesse sido atingido por um raio, perdeu o equilíbrio e caiu sobre o parapeito. O nó ainda estava em seu pescoço. Houve um tranco repentino, uma terrível convulsão dos membros, e lá se enforcou.

O assassino bateu sem vida contra a parede, e o garoto, empurrando para o lado o corpo que balançava, pediu que as pessoas o tirassem dali.

Um cachorro que estava escondido até então correu de um lado para outro no parapeito com um uivo sofrido e pulou para os ombros do homem morto. Errando o alvo, caiu na vala que estava completamente seca e bateu com a cabeça contra uma pedra.

CAPÍTULO 51
A explicação para mais de um mistério e uma proposta de casamento sem dote ou dinheiro

Os eventos narrados no último capítulo tinham acontecido havia apenas dois dias quando Oliver se viu em uma carruagem seguindo para sua cidade natal. A Sra. Maylie, Rose, a Sra. Bedwin e o bom doutor estavam com ele. O Sr. Brownlow seguia em um outro veículo acompanhado de uma pessoa cujo nome não fora mencionado.

Ele e as duas senhoras haviam sido informados pelo Sr. Brownlow sobre a natureza das afirmações que tirara à força de Monks, mas o assunto ainda estava envolto em muita dúvida e mistério.

Viajavam em silêncio. Ninguém disposto a dar voz a pensamentos que passavam pela cabeça de todos.

– Olha lá! – gritou Oliver batendo na mão de Rose e apontando pela janela. – Aquele é o degrau onde eu subi, os muros onde me escondi! Lá longe é o caminho que leva até a casa onde fiquei quando era pequeno! Ah, Dick, meu amigo. Se eu pudesse vê-lo!

– Você o verá logo – respondeu Rose segurando as mãos dele.

– E nós vamos... – falou Oliver. – levá-lo embora, e vesti-lo e ensiná-lo, e o mandar para algum lugar tranquilo no campo onde possa crescer forte e bem... Podemos?

Rose acenou "sim", pois não conseguiu falar.

– Ele me disse "Deus te abençoe", quando eu fugi – gritou o garoto cheio de emoção –, e eu agora mostrarei quanto o amo por isso!

Conforme aproximavam-se da cidade, começou a ficar difícil controlar o menino. Lá estava a agência funerária de Sowerberry, a carroça de Gamfield, o abrigo... Lá estava quase tudo como se ele tivesse ido embora ontem e como se toda a sua vida recente fosse apenas um sonho feliz.

Os carros foram diretamente para a porta do melhor hotel, onde o Sr. Grimwig os esperava. O jantar estava preparado e os quartos prontos, e tudo havia sido organizado como em um passe de mágica.

Mas quando a excitação da primeira meia hora passou, caiu sobre eles o mesmo silêncio que prevaleceu durante a viagem.

Finalmente, quando bateu nove horas, o Sr. Losberne e o Sr. Grimwig entraram na sala seguidos do Sr. Brownlow e de um homem que quase fez Oliver gritar de susto. Disseram-lhe que era seu irmão, mas era o mesmo em quem esbarrara na cidade e que estava com Fagin quando o viu na janela de seu quarto de estudos: Monks. O Sr. Brownlow, com alguns papéis nas mãos, andou até a mesa.

– Esta é uma tarefa dolorosa – falou –, mas estas declarações que foram assinadas em Londres perante muitos cavalheiros precisam ser repetidas aqui.

– Seja rápido – disse Monks virando o rosto. – Não me prenda aqui.

– Esta criança – falou o Sr. Brownlow apontando Oliver – é seu meio-irmão, o filho ilegítimo de seu pai, meu amigo Edwin Leeford, com a jovem Agnes Fleming, que morreu dando-lhe a vida.

– Sim – disse Monks. – Esta é a criança bastarda.

– Ele nasceu nesta cidade – continuou o Sr. Brownlow.

– A história está aí – e apontou para os papéis.

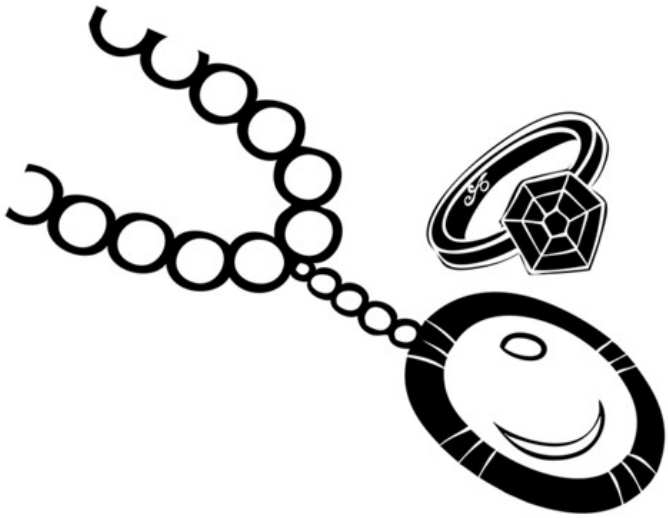
– Preciso confirmar isso aqui também – disse o Sr. Brownlow olhando para os ouvintes.

– Então ouçam! – continuou Monks – O pai dele ficou doente em Roma e foi acompanhado pela minha mãe, de quem estava separado havia muito tempo e que saiu de Paris me levando com ela... Ele nem percebeu a nossa presença, ficou dormitando até o dia seguinte, quando morreu. Encontramos em sua mesa dois papéis datados da noite em que ficou doente, em um envelope endereçado a você – olhou para o Sr. Brownlow. – Algumas poucas linhas e uma observação do lado de fora dizendo que não deveria ser encaminhado até que tivesse morrido. Um dos papéis era uma carta para essa garota Agnes, e o outro, um testamento.

– O que aconteceu com a carta? – perguntou o Sr. Brownlow.

– A carta? Uma folha de papel muito dobrada com uma confissão de que tinha enganado a garota dizendo que um segredo não permitia que se casasse com ela de imediato, e então ela, acreditando, acabou

perdendo aquilo que nunca poderia ter de volta. Ele sentia-se culpado. Ele lembrava o dia que havia lhe dado uma pequena medalha de fecho e um anel gravado com seu nome de batismo e com um espaço para colocar o seu sobrenome. E então repetia as mesmas palavras muitas e muitas vezes, como se estivesse delirando.



– O testamento – falou o Sr. Brownlow enquanto as lágrimas de Oliver corriam.

Monks ficou em silêncio.

– O testamento – repetiu o Sr. Brownlow – falava da infelicidade que sua esposa lhe tinha trazido, da disposição maliciosa de seu único filho, e deixava para você e sua mãe, uma anuidade de oitocentas libras para cada. O resto, ele dividiu em duas partes iguais: uma para Agnes Fleming e a outra para seu filho, se nascesse vivo e crescesse. Se fosse uma menina, deveria herdar o dinheiro; mas se fosse um menino, apenas herdaria se jamais manchasse seu nome durante a minoridade. Se isso acontecesse, o dinheiro iria para você.

– Minha mãe – falou Monks bem alto – queimou esse testamento. A carta nunca chegou ao seu destino, mas ela a manteve, junto a outras provas para o caso de algum dia tentarem nos tirar aquilo. Contou tudo ao pai da garota com todos os detalhes sórdidos. Arrasado pela vergonha, ele fugiu com as crianças para um canto remoto de Gales e mudou de nome. Não muito tempo depois, foi encontrado morto. A garota tinha

fugido de casa algumas semanas antes. Ele a procurou a pé em cada vilarejo por perto, e foi na noite em que retornou para casa que seu coração parou.

Houve um pequeno silêncio até que o Sr. Brownlow retomou a narrativa.

– Anos depois disso – ele falou –, a mãe deste homem, Edward Leeford, procurou-me. Ele a tinha deixado aos dezoito anos e roubado suas joias e dinheiro. Fugiu para Londres, onde, durante dois anos, viveu associado a pior escória. Ela estava muito doente e queria recuperá-lo antes de morrer. E após muitas buscas, ele voltou com ela para a França.

– Onde morreu – falou Monks – e, em seu leito de morte, revelou esses segredos, assim como o seu ódio mortal por todos os envolvidos. Ela não acreditava que a garota tivesse se matado. Eu jurei que se um dia a criança cruzasse o meu caminho, eu a caçaria sem trégua. Ela estava certa. Finalmente ele cruzou o meu caminho. Começou bem, e, se não fosse por uma vadia, eu teria terminado o que comecei!

O Sr. Brownlow então explicou que Fagin receberia uma recompensa para pegar Oliver em uma armadilha. E por isso eles foram até a casa de campo identificá-lo.

– O medalhão e o anel? – perguntou o Sr. Brownlon para Monks.

– Eu os comprei do homem e da mulher, que o tinham roubado da enfermeira, que os roubou do cadáver – respondeu sem levantar os olhos.

O Sr. Brownlow acenou para o Sr. Grimwig que trouxe para a sala o Sr. Bumble e sua relutante esposa.

– Meus olhos estão me enganando – gritou o Sr. Bumble tentando fingir entusiasmo – ou aquele é o pequeno Oliver?

– Calado, idiota – murmurou a Sra. Bumble.

– Ora, senhor – falou o Sr. Grimwig, sarcasticamente –, contenha os seus sentimentos.

O Sr. Brownlow, que havia parado próximo ao respeitável casal, indagou apontando para Monks.

– Conhecem essa pessoa?

– Não – respondeu a Sra. Bumble secamente.

– Nunca o vi em toda a minha vida – respondeu o homem.

– Nem vendeu nada a ele?

– Não – falou a Sra. Bumble.

– Uma certa medalha de ouro e um anel? – insistiu o Sr. Brownlow.

– Claro que não – falou a enfermeira. – Por que fomos trazidos para responder, perguntas tão descabidas?

Novamente o Sr. Brownlow acenou para o Sr. Grimwig, que, dessa vez, conduziu à sala duas mulheres quase paralíticas.

– Você fechou a porta na noite em que a velha Sally morreu – falou a primeira –, mas não conseguiu abafar o som, nem tapar as fendas. Nós ouvimos tudo e vimos você tirar um papel da mão dela. E vimos também você ir à loja de penhores.

– Era um medalhão e um anel de ouro – acrescentou a segunda. – Nós vimos.

– Ela nos tinha contado havia muito tempo que a jovem mãe lhe dissera – continuou a primeira – que, quando ficou doente, estava a caminho para morrer perto do túmulo do pai da criança.

– Gostaria de ver o dono da loja de penhores? – perguntou o Sr. Grimwig.

– Não. Se ele – a Sra. Bumble apontou para Monks – foi covarde para confessar, não tenho nada a dizer. Eu os vendi sim e vocês nunca conseguirão pegá-los. E agora?

– Nada – respondeu o Sr. Brownlow. – Mas cuidaremos para que nenhum de vocês tenha crédito novamente.

– Espero... – falou o Sr. Bumble com grande aflição – que este infeliz incidente não me destitua do meu escritório paroquial.

– Na verdade, irá – respondeu o Sr. Brownlow.

Então o Sr. Bumble colocou seu chapéu e, enfiando as mãos nos bolsos, seguiu sua companheira.

– Minha jovem – falou o Sr. Brownlow para Rose –, dê-me a sua mão. Não precisa ficar com medo de ouvir algumas palavras que ainda restam dizer. Conhece essa jovem, senhor?

– Sim – respondeu Monks.

– Eu nunca o vi antes – falou Rose timidamente.

– O pai de Agnes teve duas filhas – falou o Sr. Brownlow. – Qual foi o destino da outra... a criança?

– Quando o pai morreu sob um nome estranho, sem nada que pudesse levar aos seus amigos ou parentes – respondeu Monks –, a criança foi levada por uns aldeões que a criaram.

– Prossiga – falou o Sr. Brownlow fazendo um sinal para a Sra. Maylie. – Prossiga!

– Você não conseguiu achar aquela gente. Mas onde a amizade falha, o ódio sempre encontra um caminho. Minha mãe os encontrou e, então, achou a criança. Minha mãe contou aos aldeões a história da vergonha da irmã do jeito que lhe convinha. Mandou que cuidassem da criança, porque era ilegítima e certamente se perderia em algum momento. As pessoas acreditaram, e a criança levou uma vida miserável que nos satisfez muito, até que uma viúva, que morava na época em Chester, viu a garota por acaso, ficou com pena e a levou para casa. Perdi ela de vista há uns dois ou três anos, e a vi algumas semanas atrás. E agora está apoiando em seu braço.

– Mas não deixa de ser minha sobrinha – gritou a Sra. Maylie abraçando a garota. – Não vou perdê-la, nem por todos os tesouros do mundo.

– Meu coração vai explodir – falou Rose apertando-a carinhosamente. – Não aguento mais nada.

– Você suportou mais, e mesmo assim é a mais gentil criatura – falou a Sra. Maylie. – Venha, minha querida, lembra quem é esse?

– Tia não! – gritou Oliver jogando os braços em volta de seu pescoço. – Irmã, minha irmã! Querida Rose!

Que as lágrimas que caíam e as palavras esparsas que foram trocadas durante o longo abraço entre os órfãos sejam sagradas. Um pai, irmã e mãe foram ganhos e perdidos no mesmo momento.

Uma suave batida na porta finalmente anunciou que alguém estava faltando. Oliver a abriu, deslizou para trás e deu lugar a Harry Maylie.

– Eu sei de tudo – ele falou sentando-se ao lado da garota. – Não estou aqui por acaso. Soube ontem. Pode imaginar que vim para lembrá-la de uma promessa?

– Os mesmos motivos que me influenciaram então, me influenciam hoje – falou Rose com firmeza. – O desfecho desta noite deixa-me na mesma posição com relação a você.

– Pense, querida Rose, pense no que ouviu esta noite. – disse Harry pegando sua mão.

– Quanta coisa ouvi! – falou Rose. – Que o senso de sua desgraça recaiu de tal forma sobre meu próprio pai que ele sucumbiu. Então, já falamos o suficiente, Harry.

– Não, ainda não – respondeu o jovem impedindo-a de levantar. – Minhas esperanças, desejos e perspectivas, exceto o meu amor por você, passaram por uma mudança. Ofereço-lhe apenas um lar e um coração.

– O que quer dizer?

– Quando a deixei pela última vez, resolvi que nenhum orgulho deveria virar-se contra você, pois eu me viraria contra ele. Eu fiz isso. Tais relações de influência e distinção que sorriam para mim, agora me olham friamente. Mas existem campos lindos e belas árvores no rico interior da Inglaterra e uma igreja em uma aldeia... é minha, Rose! Lá, uma rústica casa onde você pode me deixar mais orgulhoso do que todas as esperanças a que eu renunciei após considerar milhares de vezes. Esta é a minha situação agora. E aqui estou!

. . . . . .

O jantar estava esperando por um tempo maior do que o razoável. E nem a Sra. Maylie, nem Harry, nem Rose poderiam dizer alguma palavra de desculpa.

– Oliver, meu querido – perguntou a Sra. Maylie –, qual o motivo das lágrimas em seu rosto?

É um mundo de desilusões: o pobre Dick tinha morrido!

CAPÍTULO 52
A última noite de Fagin

A corte estava repleta. Olhos inquisidores estavam fixos em um homem: Fagin.

Lá estava ele, com uma mão no apoio de madeira à sua frente, a outra segurando o ouvido e a cabeça inclinada para a frente para ouvir claramente as palavras do juiz. De vez em quando, virava-lhe seu olhar afiado para observar qualquer leve efeito que lhe fosse favorável. E, quando os pontos contra ele foram descritos com terrível precisão, olhou para seu advogado num apelo mudo por algo a seu favor. Fora isso, não se movia. E, agora que o juiz parara de falar, permanecia na mesma posição estática, como se ainda o estivesse ouvindo.

Uma ligeira agitação na corte o acordou para si mesmo. Viu que os jurados haviam saído juntos para decidir o veredicto. Seus olhos passearam pela galeria, via as pessoas, mas em nenhum rosto leu qualquer sentimento além do desejo de que fosse condenado.

Olhava ao redor e mantinha um fluxo fútil de pensamentos, como a roupa do juiz, ou se o desenho que estava sendo feito por um rapaz lhe faria jus. Mas sua mente não estava livre da devastadora opressão da cova que se abria sob seus pés.

Finalmente um grito por silêncio. O júri retornara. A quietude perfeita se seguiu... nem um rumor... nem uma respiração... Culpado.

O edifício foi tomado por um tremendo grito, e outro, e mais outro, e então ganhou força como um trovão raivoso. E a população do lado de fora comemorou a notícia de que ele morreria na segunda-feira.

Perguntaram-lhe se tinha algo a dizer em sua defesa. Ele voltou à sua posição de ouvinte, olhou intensamente para o seu inquisidor e apenas murmurou que era um velho... um velho…

O juiz colocou o chapéu preto[17] e o prisioneiro permaneceu com a mesma postura. A forma era solene; a sentença, terrível.

Foi levado por uma sala cimentada sob a corte onde prisioneiros falavam com amigos que se amontoavam em uma grade. Não havia

ninguém para falar com ele, mas, conforme passava, os prisioneiros afastavam-se para que ficasse mais visível ao povo que olhava pelas grades.

Conduziram-no para uma das celas de condenados e deixaram-no ali... sozinho.

Ele sentou-se em um banco de pedra e, com os olhos fixos no chão, tentou juntar os pensamentos. Após um tempo, começou a lembrar de fragmentos esparsos do que o juiz dissera. Ser pendurado pelo pescoço até estar morto... esse era o final. Ser pendurado pelo pescoço até estar morto.

Quando ficou muito escuro, pensou nos homens que conhecera que morreram no cadafalso: alguns por sua causa. Eles foram surgindo numa sucessão tão rápida que mal podia contá-los. Alguns talvez tenham estado naquela mesma cela. Incontáveis homens devem ter passado suas últimas horas ali. Era como estar sentado em uma tumba repleta de corpos mortos... o capuz, o nó, os braços imobilizados, os rostos que conhecia. Luz! Luz!

Finalmente dois homens apareceram: um trazia uma vela; o outro, um colchão para passar a noite, pois o prisioneiro não deveria ficar sozinho.

E chegou a escura, triste, silenciosa noite. A batida do relógio da igreja lhe trouxe desespero. O retumbar de cada uma vinha acompanhada de um som profundo e seco: morte.

E mais uma noite chegou. Tão longa e, ainda assim, tão curta. Longa em silêncio mortal e curta em efêmeras horas. Em uma hora ele bradou e blasfemou, e em outra chorou e puxou seus cabelos. Levantava-se a cada minuto e, com a boca seca e a pele queimando, andava rapidamente de um lado para o outro, em um paradoxo de medo e raiva.

Aquelas paredes de Newgate que escondem tanta tristeza e angústia indescritíveis não apenas dos olhos, mas dos pensamentos de homens, nunca tinham sido palco de um espetáculo tão aterrorizante.

O lugar em frente à prisão fora esvaziado, e barreiras pintadas de preto já haviam sido postas na rua para conter a pressão da multidão, quando o Sr. Brownlow e Oliver apareceram na cancela com uma permissão para ver o prisioneiro. Imediatamente entraram no prédio.

– O jovem também vem? – perguntou o homem que os conduzia. – Não é uma visão para crianças, senhor.

– Realmente não é, meu amigo – concordou o Sr. Brownlow –, mas o meu assunto com este homem está ligado a ele e, como esta criança o viu durante sua carreira de vilania, penso que deve vê-lo agora.

Essas poucas palavras foram ditas de modo que Oliver não as escutasse.

Eles passaram por diversos portões até chegarem a um pátio. Subiram alguns degraus e entraram por um corredor com uma série de pesadas portas à esquerda. Fazendo sinal para que esperassem, o porteiro bateu numa delas. Os dois vigias saíram para o corredor, esticando-se como se estivessem felizes pela rendição temporária e fizeram sinal aos visitantes que seguissem o carcereiro.

O criminoso estava sentado em sua cama, balançando-se de um lado para o outro, mais lembrando uma fera enjaulada. Sua mente parecia considerar os visitantes parte de seu delírio.

– Bom garoto, Charley... muito bem... – murmurou. – Oliver também! – riu.

O carcereiro pegou a mão livre de Oliver e sussurrou para que não se assustasse.

– Levem-no para a cama! – gritava. – Não me ouviram? Ele foi de... de... alguma forma a causa de tudo. Vale a pena trazê-lo para cá pelo dinheiro... a garganta de Bolter, Bill. Não importa a garota... a garganta de Bolter, corte o mais fundo que puder. Arranque a sua cabeça!

– Fagin – falou o carcereiro.

– Sou eu! – gritou o Judeu, assumindo imediatamente a atitude de atenção que manteve durante o julgamento. – Um velho, meu lorde, muito velho!

– Tem alguém aqui para lhe fazer algumas perguntas. Fagin! Você é um homem?

– Não por muito tempo – ele respondeu olhando para cima em uma expressão de raiva e terror. – Matem-nos todos!

Enquanto falava, percebeu Oliver e o Sr. Brownlow. Encolheu-se no canto mais afastado da cama e perguntou o que estavam fazendo ali.

– Acalme-se – falou o carcereiro segurando-o. – Agora, senhor, diga-lhe o que quer. Rápido, por favor, porque ele vai ficar pior.

– Você tem alguns papéis – falou o Sr. Brownlow – que lhe foram entregues por Monks.

– Não tenho nada... nada.

– Pelo amor de Deus – insistiu o Sr. Brownlow seriamente –, sabe que Monks confessou. Onde estão?

– Oliver! – gritou Fagin acenando para o garoto. – Aqui, aqui! Deixe-me falar ao seu ouvido.

– Não estou com medo – falou Oliver baixinho.

– Os papéis – disse Fagin puxando Oliver para perto – estão na sacola de lona, em um buraco pouco acima da chaminé na sala da frente.

– Deixe-me fazer uma oração – respondeu Oliver. – Por favor!

– Para fora!– retrucou Fagin empurrando o garoto em direção à porta. – Diga que fui dormir... eles acreditarão. Você pode me tirar daqui. Agora!

– Oh, Deus, perdoe esse homem infeliz – disse o garoto.

– Isso mesmo, isso mesmo – falou Fagin. – Que nos ajude a todos. Essa porta primeiro. Ande rápido. Agora, agora!

– Tem mais alguma coisa a perguntar a ele, senhor? – perguntou o carcereiro.

A porta da cela foi aberta, e os vigias retornaram.

Os homens seguraram-no. Ele debateu-se com o poder do desespero por um momento, e então começou a chorar um pranto que penetrou por aquelas paredes maciças.

O dia estava amanhecendo. Uma grande multidão já havia se juntado. Tudo lembrava vida e animação, exceto um sombrio conjunto de objetos ao centro: a plataforma negra, a viga mestra, a corda e todos os horrendos aparatos da morte.

CAPÍTULO 53
Finalmente

O destino daqueles que apareceram nesta história está quase selado. O pouco que resta a relatar pode ser dito em poucas e simples palavras.

Três meses depois, Rose Fleming e Harry Maylie casaram-se na igreja da aldeia que passaria a ser o lugar de trabalho do jovem sacerdote.

A Sra. Maylie foi morar com o filho e a nora para desfrutar o resto de seus dias com a maior felicidade que a idade e a riqueza podem conhecer: a contemplação da alegria daqueles com quem passou sua vida.

Parece que se o que sobrou da fortuna que se manteve sob a custódia de Monks (que não prosperou nem em suas mãos, nem nas de sua mãe) fosse dividido igualmente entre ele e Oliver, teria rendido a cada um pouco mais de três mil libras. Pelas determinações do testamento do pai, Oliver teria direito ao todo, mas o Sr. Brownlow, não querendo destituir o filho mais velho da oportunidade de buscar uma carreira honesta, procedeu a essa forma de distribuição aceita pelo mais jovem.

Monks, ainda usando esse nome, fugiu para um lugar distante do Novo Mundo, onde, tendo rapidamente desperdiçado sua parte, voltou aos velhos hábitos e, após ficar confinado por fraude, morreu na prisão. Tão longe de casa, também morreram os membros remanescentes da gangue de Fagin.

O Sr. Brownlow adotou Oliver como filho. Mudou-se com ele e com a Sra. Bedwin para uma milha de distância da casa presbiterial onde seus amigos moravam. Assim satisfez o único desejo restante no coração de Oliver e manteve unido o pequeno grupo.

Logo após o casamento dos jovens, o bom doutor voltou para Chertsey, onde, privado de seus amigos, ficou tão rabugento que, percebendo que aquele não era mais o seu lugar, passou o negócio para o seu assistente, comprou uma cabana de solteiro na aldeia onde seu jovem amigo era pastor e se recuperou. Ali cuida do jardim, planta, pesca, faz carpintaria e muitas outras coisas do mesmo tipo; tudo mantendo sua impetuosa característica. Ele recebe a visita do Sr. Grimwig muitas vezes.

O Sr. Noah Claypole, recebendo perdão da Coroa por ter testemunhado contra Fagin e vendo que aquela profissão não era tão segura, ficou por algum tempo sem meios de subsistência. Após algumas considerações, voltou ao negócio como informante, no que descobriu uma boa forma de ganho.

O Sr. e a Sra. Bumble, destituídos de suas funções, foram gradualmente reduzidos a tal estado de pobreza que, finalmente, tornaram-se pobres no mesmo abrigo onde tinham sido diretores.

Quanto ao Sr. Giles e Brittles, ainda continuam em suas antigas funções. Eles vivem no presbitério, mas dividem sua atenção de forma igualitária entre seus moradores, Oliver e o Sr. Brownlow, e o Sr. Losberne.

Charles Bates, horrorizado com o crime de Sikes, concluiu que uma vida honesta seria melhor e deu as costas ao seu passado. Depois de trabalhar muito no campo, agora é o mais feliz jovem pecuarista de Northamptonshire.

No cemitério da velha aldeia, ergue-se uma placa de mármore branco que ostenta apenas uma palavra: AGNES. Não há caixão naquela tumba. Mas se os espíritos dos mortos alguma vez voltam à Terra para visitar os lugares preenchidos pelo amor... amor além do túmulo... daqueles que conheceram em vida, a sombra de Agnes deve, às vezes, passear no entorno daquele lugar solene.

Notas da tradução

1 Pence: Plural de *penny* (ver nota 6).

2 Farthing: Moeda inglesa de cobre equivalente a um quarto de *penny*. Já em desuso.

3 Mudo: No período vitoriano, os *mudos* eram pessoas pagas para ficarem em enterros e velórios com expressões de tristeza.

4 Bridewell foi um palácio construído pelo rei Henrique VIII no século XVI, mas, na época em que Dickens escreveu *Oliver Twist*, funcionava como um tipo de prisão.

5 Na época, prisioneiros sentenciados eram enviados de navio para colônias penais que ficavam nos territórios colonizados da Grã-Bretanha. Primeiramente para a América, depois para a Austrália.

6 Penny: Fração monetária inglesa, equivalente à centésima parte de uma libra.

7 Charles Dickens foi muito criticado por ter caracterizado como judeu o personagem maléfico de Fagin. Em sua defesa, o autor declarou que estaria apenas retratando uma realidade da época, em que muitos líderes/mentores de quadrilhas de meninos eram judeus.

8 Cribbage: Jogo tradicional de cartas inventado pelo poeta inglês Sir John Suckling, no início do século XVII.

9 Peças: No original a palavra usada é *shiners*, uma gíria para especificar determinada quantia em dinheiro.

10 Uíste: Jogo de cartas considerado por muitos o precursor do *bridge*. É jogado em duplas.

11 Non istwentus: Trata-se de uma corruptela da expressão em latim *non est inventus*, que quer dizer "não foi encontrado".

12 Jack Ketch foi um cruel carrasco inglês do século XVII que ganhou fama pela forma sádica com que executava suas vítimas, fazendo-as sofrer imensamente antes de morrer. Sua fama foi tão grande que o

nome Jack Ketch passou a ser associado a carrascos que não queriam ter a identidade revelada, ou mesmo à própria morte.

13 **Bow Street Runners:** Criada em 1749 por Henry Fielding, essa organização foi o embrião da força policial britânica e permaneceu em operação até 1839, dez anos após a criação da Polícia Metropolitana.

14 **Soberano:** Moeda de ouro inglesa no valor de uma libra, ou vinte xelins.

15 O termo West-End começou a ser usado no século XIX para designar uma região de Londres considerada a área mais elegante da cidade.

16 A passagem mencionada é para uma das viagens de navio que levam os prisioneiros para as colônias penais da Grã-Bretanha.

17 Na corte inglesa, o juiz colocava o chapéu preto (ou *black cap*) quando ia proclamar uma sentença de morte. A pena de morte foi abolida na Inglaterra e no País de Gales, mas os juízes ainda fazem uso do chapéu por tradição.

BAGAGEM DE INFORMAÇÕES
momento histórico

Quando Charles Dickens começou a publicar *Oliver Twist* na revista *Bentley's Miscellany*, em 1837, a Revolução Industrial iniciada no século XVIII já havia transformado o cenário socioeconômico europeu.

Na Inglaterra, berço da Revolução Industrial e onde se passa a história do pequeno Oliver, a rainha Vitória I chegara ao trono, de onde sairia mais de seis décadas depois (1837-1901). A produção artesanal tinha praticamente sido substituída pela maquinofatureira. O intenso êxodo rural havia formado um verdadeiro exército de mão de obra disponível. Em busca de trabalho a qualquer preço, milhares de pessoas viviam em condições precárias, amontoados em cortiços insalubres, espalhados em meio ao caos urbano.

Homens e mulheres trabalhavam 16 horas por dia; até as crianças passavam, no mínimo, 10 horas por dia dentro das fábricas. Os salários eram baixíssimos, e não havia nenhum tipo de direito trabalhista. Nesse contexto, a burguesia industrial ascendia economicamente, e a classe

operária, cada vez mais oprimida, começava a se rebelar, trazendo à tona ao mesmo tempo as grandes desigualdades e contradições da próspera era vitoriana.

1840

O movimento cartista, organizado pela classe operária, exigia melhores condições de trabalho, como jornada diária de 8 horas, folga semanal e extinção do trabalho infantil.

1850

Tem início a segunda fase da Revolução Industrial. Com a difusão do aço e a descoberta de novas fontes de energia, o processo de industrialização entra em ritmo acelerado, espalhando-se por todo o continente europeu.

1860

Com o fim da Guerra de Secessão, a economia dos Estados Unidos começa a decolar. O fim da escravidão e o advento de grandes inovações tecnológicas irão transformar o país na maior potência industrial do globo.

1870

Com a expansão cafeeira e a imigração em massa, a industrialização no Brasil também ganha impulso, substituindo as antigas oficinas artesanais pelas primeiras fábricas.

BAGAGEM DE INFORMAÇÕES
momento literário

Charles Dickens (1812-1870) foi um dos mais populares romancistas ingleses da era vitoriana. Marcado pelo progresso e pela ascensão da burguesia, mas também pelo drama social da classe trabalhadora, esse período inspirou a maioria das histórias de Dickens.

Embora criticasse as mazelas da sociedade inglesa da época, o romancista agradou o público burguês ao retratar as consequências da Revolução Industrial – inclusive as precárias condições a que estava submetida a classe trabalhadora –, com bastante realismo e boa dose de humor, sem deixar de lado a moral puritana, que pregava o trabalho árduo, o patriotismo e a retidão.

Dessa maneira, Dickens não ataca o "sistema", nem se porta como um revolucionário. Afinal, os maus são punidos, e os bons, que resistem ao sofrimento e às injustiças – como o pequeno Oliver –, recompensados.

Além de Dickens, outros grandes romancistas surgiram durante a era vitoriana, entre eles George Eliot, Sir Arthur Conan Doyle, as irmãs

Brontë (Charlotte, Anne e Emily), Robert Louis Stevenson e Lewis Carroll.

“Oliver Twist” foi adaptado inúmeras vezes para o cinema: destacam-se a versão de 1948 do aclamado cineasta britânico David Lean (1908-1991) e a recente adaptação de 2005 dirigida pelo franco-polonês Roman Polanski.

Durante a Era Vitoriana, vieram a público dois grandes lançamentos que mudariam a história das ciências biológicas e sociais: “A origem das espécies” (1859), de Charles Darwin, e “O capital” (1867), de Karl Marx.

“Oliver Twist” foi o primeiro romance em língua inglesa a ter uma criança como protagonista, mas o tema da orfandade apareceu em outras obras de Dickens, como “David Copperfield” (1850) e “Grandes esperanças” (1861), que também ganharam adaptações para o cinema.

Tanto “Oliver Twist” quanto “David Copperfield” têm um tom autobiográfico. Quando criança, Dickens também foi obrigado a trabalhar numa fábrica de graxa, a fim de ajudar o pai a saldar dívidas.

Obra conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Produção editorial: carochinha editorial
Tradução e adaptação: Sandra Pina
Projeto gráfico: Naiara Raggiotti
Bagagem de informações: Naiara Raggiotti, Fernando Mello e Diego Rodrigues
Ilustrações: Kerem Freitas
Revisão: Bruna Lasevicius, Guta Gouveia e Simone Oliveira
Capa: Fernando Mello
Conversão em epub: {kolekto}

Direitos de publicação:
© 2012 Editora Melhoramentos Ltda.

1.ª edição digital, dezembro de 2015
ISBN: 978-85-06-06981-3 (digital)
ISBN: 978-85-06-00699-3 (impresso)

Atendimento ao consumidor:
Editora Melhoramentos Ltda.
Caixa Postal 11541 – CEP 05049-970
São Paulo – SP – Brasil
Tel.: (11) 3874-0880
www.editoramelhoramentos.com.br
sac@melhoramentos.com.br